

SS

EVEM

LA

056

A

FÉ

Christo ;
nismo e o
ual conce-
a ; A ideia
A religião
Origem dos
a terra ; A
o homem ;
l, etc., etc.

H CHARDRON,

irmão — Rua das

s, 144 — PORTO.





ESCLARECENDO

Quem é Louis Narval, o auctor da traducção franceza de que nos servimos para darmos ao publico portuguez este livro de Strauss ?

Esta pergunta nos faziamos ha perto de dois annos, quando traduzimos a *Antiga e a Nova Fé*. E só agora, poucos dias antes d'ella correr mundo, casualmente, ficamos em condições de lhe dar resposta. No jornal francez *L'Aurore* de 26 de Fevereiro do anno presente, em artigo de fundo assignado pelo sur. Marcel Husart, dá-se noticia do apparecimento de uma nova edição do livro de Strauss, em que seu traductor Ernest Lesigne conta porque avelára a mascara Louis Narval. Merece archivo essa narração, porque ella mostra o que era a terceira Republica franceza, enquanto a acção de Waldeck e Combes, de Briand e Clemenceau, não pôde manifestar-se.

Lesigne, em 1874, regia uma cadeira, a cadeira de historia, na Escola normal de professores de Blois. Lembrou-se de escrever um livro de philosophia que synthetisasse e completasse, com o auxilio dos conhecimentos novos, a obra de Augusto Comte e de Herbert Spencer. Littré, com quem Lesigne tinha relações, concorda e ap-



plaude. Mas quem não concordava nem applaudia era o ministro da Instrução publica, Fourtou. Não se sabe como, a carta que Lesigne escrevera a Littré, foi primeiro lida por Fourtou. De sorte que poucos dias depois da resposta de Littré, Lesigne era abordado por um delegado do ministro que vinha saber se era certo ter elle, Lesigne, ideias de fazer uma obra em desharmonia com a orthodoxia. Se tinha, que ficasse sabendo que perdia o lugar de professor.

Lesigne ficou surprehendido com que outrem soubesse o que só a Littré dissera. E confessou a verdade.

O delegado abalou. E passados tempos, por vias indirectas, fez-se saber a Lesigne que se elle passasse a frequentar a igreja e o confessionário, isso se consideraria nos meios competentes como uma sufficiente retaliação.

Como Lesigne se mantivesse na sua antiga attitudo absteneionista, o successor de Fourtou, A. de Cumont, pôl-o na inactividade. Obrigado a procurar, por outros caminhos, meios de subsistência, lançou mão de traducções. E foi então que trasladou para francez a *Antiga e a Nova Fé*. E para que se não dissesse que queria abusar da sua situação, Lesigne escolheu o pseudonymo Louis Narval.

Parlo — 1910.

ALFREDO PIMENTA.



PREFACIO

O joven traductor da última obra de Strauss *A Antiga e a Nova Fé, Confissão*, pediu ao velho traductor da *Vida de Jesus* puzesse á frente do seu trabalho algumas palavras, á laia de introdução, mareando o fim e o alcance d'uma obra que já conta, na Allemanha, oito edições, e que resuseitou, na polemica religiosa, o nome do temivel athleta.

O proprio Strauss indicou o que desejava fazer: «Conduzir-nos á elara consciencia do que possuimos, independentemente da Igreja, e fazer com que nada desejemos do que ella nos promette, tal foi a minha intenção escrevendo e publicando a minha *Confissão*». A *Vida de Jesus* é um grande livro que fez muito ruido e que abalou profundamente as consciencias christãs. O seu auctor compara os effeitos da obra á emoção de alarme e de curiosidade que produz num bairro populoso, um tiro disparado inopinadamente. E' preciso distinguir, todavia, entre os paizes protestantes e os paizes catholicos. Naquelles, a theologia christã está em todas as cabeças e em todas as bocas, graças á leitura geral da Biblia; porisso o livro de Strauss, nesses, fez com que alguns passassem da fé para o livre-pensamento. Nos paizes catholicos, falta, pelo contrario, a um livro d'esses, o intermediario que aeabo de notar, que o leve ao espirito dos crentes e modifique a sua maneira de pensár. Quanto aos emancipados ou indifferentes (socialmente é tudo

um), esses não precisam das sabias demonstrações do auctor; a critica dissolvente do seculo xviii que serviu para os pais, é o bastante para os filhos. Strauss notou essa differença dos dois meios: «Na Inglaterra, deu-se o primeiro ataque e a preparação das armas, devido aos livres-pensadores ou deistas. Os Francezes trouxeram essas armas para cá do estreito e souberam manejal-as com coragem e dextreza em muitos combates incessantes; emquanto que na Allemanha, um homem, principalmente, começava a investida e o cereo da orthodoxa Sião. Os papeis da França e da Allemanha dividiram-se, como o brincalhão e o grave; numa, Voltaire, noutra, Hermann Samuel Reimarus serviram de typos para as duas nações». Sem duvida; mas a acção de Voltaire foi, no meio francez, d'um resultado differente, ainda que decisivo, do de Reimarus no meio allemão. Em todo o caso, a simultaneidade de um egual phenomeno em tres grandes paizes, mostra que não houve nada de fortuito nem de arbitrario na diminuição do credito mental da theologia.

Todavia, seria injusto considerar a *Vida de Jesus* sómente como um livro de polemica, esquecendo que é ao mesmo tempo um bellissimo livro de erudição e de interpretação historica que revelou claramente o caracter mythico dos Evangelhos. Não que Strauss contestasse a existencia pessoal de Jesus, não porque haja, nesse livro, occasião de contestal-a; mas porque entre a recusa formal da razão moderna em acceitar os factos milagrosos que formam o tecido da historia evangelhica, e a possibilidade de lhe dar uma explicação natural, Strauss abriu o caminho que os liberta das nevoas, transportando-os da região historica para a região mythica. E' isso que faz do seu livro um livro universal. O mytho tem raizes antigas na tradição, e basta-lhe um terreno propicio para germinar, e produzir fruetos novos e esplendidos. E que terreno mais proprio haveria para uma egual fruetificação que as primeiras communitades christãs, completamente impregnadas de judaismo e de messianismo, ligeiramente tocadas pelas grandes religiões que floresciaam no Egypto, na Persia, e na Grecia?

Ninguém está pois mais auctorizado que Strauss, a di-



zer, como o faz hoje, que o Jesus da historia e da critica é um problema, e que o tornar-se problema é deixar de ser objecto de erença e modelo de vida. Jesus não conserva o seu antigo poder religioso se não para aquelles que, por todos os lados, se têm subtrahido ás duvidas da discussão e aos facteaementos da investigação. Mas discutido, e fóra da aureola dogmatica, enfileira-se ao lado dos outros personagens que influiram nos destinos da humanidade. Isso é muito, mas não é o bastante para ser o *logos* do mundo.

Depois da sua *Vida de Jesus*, Strauss compoz um outro livro muito importante que eu, egualmente, muito considero: é a sua *Dogmatica*, que é uma historia dos dogmas do christianismo. Mas uma historia em que sentido? Eil-o: Strauss segue passo a passo o nascimento e a formação de cada dogma (porque tudo na origem foi embryonario); mostra conscienciosamente o espirito dos seculos e das culturas d'onde estes dogmas sahiram organicamente, e não deixa de fazer destaear a verdade, a grandeza, e o bello que encontra no seu caminho. Quando acompanhou um dogma até ao seu ultiimo desenvolvimento, logo começa o papel ulterior de descobrir, nessa suprema perfeição, os germens da decadencia. Morrer é a sorte de todos os dogmas theologicos submettidos ao *contrôle* de uma cultura progressiva. Ao contrario da elaboração organica que tinha composto, a elaboração critica que Strauss traça em todas as suas phases, decompõe até á completa dissolução que é o estado presente. Quiz fazer, como elle proprio o confessa, com a sua nitidez habitual, o balanço da dogmatica christã, estabelecendo-lhe o activo e o passivo, e notando, d'um lado, as perdas soffridas, e, d'outro lado, os valores reputados bons; porque, nesse tempo, Strauss pensava que alguma coisa tinha escapado ao naufragio, e merecia subsistir. Já este mesmo sentimento, fortemente marcado, se manifestava na *Vida de Jesus*, quando accusava a critica franceza do seculo xviii de ter sido apenas uma selvagem empreza de demolidores.

E' que então tinha-se feito na Allemauha um tal ou qual accordo entre a metaphysica e a theologia. Strauss



desereve d'um modo tão original quão espirituoso esse outro *beijo Lamourette*: como a longa inimizade entre a philosophia e a religião parece ler acabado felizmente, graças a um tratado de alliança dos dois poderes; como a philosophia, a orgulhosa pagã, se submetteu humildemente ao baptismo e fez uma profissão de fé orthodoxa, enquanto, pelo seu lado, a orthodoxia lhe passava um alledado de christianismo, e levava a communitade a acolhet-a com benevolencia; como, finalmente, os jovens theologos deixavam brincar ao pescoço e sobre o peilo a serpente da duvida, certos de que poderiam afugent-a com a formula de exorcismo que possuíam. ¹ Tudo isto é dito excellentemente: mas essa phase do espirito metaphysico allemão, na sua fórma mais avançada, a de Hegel, não é curiosa? Strauss foi, dentre os hegelianos, um dos que, com mais estrondo, rompeu o tratado.

Hoje, passou além da *Vida de Jesus* e da *Historia da dogmatica* no caminho que simultaneamente é critico e organico; porque a ideia principal do seu livro está na pergunta:—somos christãos?— e na resposta:— não somos.

Nós? Mas nós quem? pergunta Strauss. E nesta pergunta devemos acompanhal-o; porque é certo que, nos paizes christãos, um grande numero é ainda christão. Mas apesar d'este facto incontestavel, o nós de Strauss nem porisso deixa de ser a expressão da situação moderna. O que a caracteriza com effeito é mais a concepção do mundo que propriamente a enumeração de maiorias, umas compactas, outras não.

A concepção do mundo, tal como as descobertas certas da Astronomia, da Physica, da Chimica, da Biologia, da Sociologia a estabelecem, nada tem de commum com a concepção do mundo que os dogmas da theologia christã tradicionalmente apresentam. Strauss tem razão: já não somos christãos; porque, para sel-o, seria preciso acreditar que a terra é o opposto do céo; que uma multidão

¹ Comprehende-se que se trata aqui da mocidade das escolas theologicas protestantes da Allemanha.

de espiritos, uns bons, outros maus, vagueiam indo do céo e dos abysmos á terra, estes para nos protegerem, aquelles para nos prejudicarem; que a terra é de origem recente, e que o homem começou a sua existencia por uma condição paradisiaca e pela perfeição da sua natureza. Tudo isto pertence agora ao dominio dos mythos que, aperfeiçoando-se, fizeram as religiões e disciplinaram a humanidade.

Deve notar-se que a doutrina scientifica, assim opposta á doutrina theologica, anda, presentemente, espalhada no ar intellectual que respiramos, e que ha poucas intelligencias que, directamente ou indirectamente, não tenham d'ella algumas noções.

A razão, quando applica a erudição e a critica ás Escripturas, e trabalha não sómente para lhes determinar o sentido, mas tambem para lhes encontrar a origem, o grau de credulidade e a medida de valor, a razão, dizia eu, põe-se, por isso mesmo, acima do texto sagrado. A nota d'este facto é de Strauss. Desde que a cultura dos povos se torna cultura intellectual e particularmente desde que toma por agente a observação da natureza e das suas leis, então uma opposição se levanta que invade constantemente o dominio da theologia. Tambem esta nota é de Strauss. Mas ha muitissimo tempo, e muito antes da acção de Strauss na polemica suscitada pelo estado dos espiritos, que a Philosophia Positiva estabeleceu com mais amplos desenvolvimentos, que na balança social, a causa que produz a descida progressiva do prato que contém a theologia, está na subida, progressiva tambem, do prato que leva as sciencias positivas. Por um resultado perpetuo, que nos sentimos tentado a chamar um facto expresso, todas as vezes que a sciencia positiva descobre alguma coisa nova, essa alguma coisa nova vem destruir directamente uma concepção theologica, e produz uma lesão irremediavel. De todas essas vezes, os espiritos intermediarios, que abundam num tempo de transição, ensaiam uma conciliação que, prejudicando egualmente quer a noção positiva, quer a noção theologica, nada concilia.

«Copernico representa-se algumas vezes, diz Strauss,

como aquelle que, com o seu novo systema do mundo, quebrou a cadeira onde se sentava o velho deus dos judens e dos christãos. Ha nisso um erro não sómente pelo que se refere ao proprio Copernico, que como Kepler e Newton, nunca deixou de ser um christão fervoroso, mas tambem pelo que se refere á sua theoria». Segue a exposição das suas theorias. Este juizo é acanhado. Com quanta mais razão e profundeza a philosophia positiva faz observar que não se trata d'aquillo em que acreditaram esses grandes homens nem das hypotheses que propuzeram, mas simplesmente das descobertas effectivas de que são os auctores. Estas descobertas, tomando no systema da sciencia positiva, o logar que lhes pertence, fôram os mais poderosos agentes da decadencia das doutrinas theologicas.

Num artigo cheio de verve philosophica ¹, um joven russo, M. de Roberty, a proposito de Strauss e d'esse seu livro actual, traçou os caracteres do semi-positivismo ou neo-metaphysica, que nasce espontaneamente entre a metaphysica tradicional e o positivismo renovador. «Este papel, diz elle, é essencialmente um papel de transição, uma função de traço de união, de compromisso passageiro. Isto quer dizer que não é proprio o disculir a necessidade d'esta função e, portanto, a sua utilidade. Basta notar que esta ultima é muito relativa e varia sensivelmente segundo os differentes meios em que se exerce. Nos paizes, assim como nas classes sociaes em atrazo, ella attinge o seu maximo; ella desce até ao minimo, pelo contrario, e torna-se quasi nulla nos meios que têm sido longamente trabalhados por uma elaboração intellectual mais effcaz, ainda que d'um genero differente, e que por consequencia não saberiam que fazer d'uma preparação de que não precisam. No primeiro caso esta função pôde ser considerada como um verdadeiro apostolado inconsciente, um ensino tanto mais fecundo quanto elle se dobra naturalmente ás exigencias de espiritos ainda fortemente animados de tendencias contrarias. No segundo,

¹ *A Philosophia Positiva*, julho-agosto, 1874.

é uma pura perda de tempo e de forças, e muitas vezes um elemento de confusão que se não é, quasi nunca, perigoso, é, sempre, lamentavel. Entre estes limites extremos, ha lugar para todos os graus de inieiação, e por consequente, de fecundidade pratica».

Depois de ter notado assim com precisão os serviços prestados pelo semi-positivismo, é impiedoso para essa mistura philosophica, perturbadora, inconsciente, julgando-se muitas vezes o que não é, ignorando ou fingindo ignorar as suas origens. Depois, voltando a Strauss, e tomando-o á parte: «Aspirou simplesmente, diz elle, o ar do tempo; e este ar fel-o o que faz toda a gente nesta hora: um phenomeno curioso de equilibrio mental, um composto de principios contradictorios pondo-se mutuamente em cheque, um positivista nos grandes traços, no esboço fundamental da nova concepção do mundo, e nas formulas geraes que d'ahi derivam; mas um metaphysico quanto aos mil e um detalhes da sciencia, da philosophia, da moral, e principalmente quanto aos methodos ou habitos inveterados do espirito. Fallamos do ar do tempo; e realmente ha alguma coisa no ar moderno que o torna particularmente apto para transportar de lugar em lugar, de paiz em paiz, o que poderia chamar-se o contagio positivista».

Não tenho intenção de refutar aqui a metaphysica que Strauss misturou com as noções positivas que vivificam a sua nova obra. Todavia ha um ponto que me é caro, porque seduz facilmente mesmo bons espiritos: é crêr que, porque os nossos telescopios e os nossos methodos vão longe, concebemos o mundo. Concepção do mundo é um termo que eu emprego muitas vezes em nome da philosophia positiva, mas que, nesta philosophia, apenas tem um sentido relativo. Comte distinguia, não sem utilidade para a precisão da linguagem, o mundo e o universo; o mundo, o nosso systema solar; o universo, o systema estellar. Mas, qualquer que seja o nome de que nos servamos, o que é certo é que apenas um limite, uma fracção de uma extensão e d'uma duração que nos é impossivel abraçar, é tudo quanto conhecemos do tempo e do espaço. Que ha além d'isso? E' o mesmo systema

que se continúa? São outros systemas? As coisas começaram ou não? Que havia antes de os nossos soes se terem accendido? Que haverá depois de se apagarem? A theologia e a metaphysica respondem a estas questões; a sciencia positiva não, impedindo com firmeza a nossa intelligencia de ir além da porta que lhe é dado passar.

Como concebemos o mundo? diz Strauss. Muito bem, se elle entende a concepção do mundo segundo a philosophia positiva, concepção toda experimental que apenas recebe os dados dos factos e das suas leis e que, sabendo-se limitada, se abstem rigorosamente de se dizer universal; mas muito mal, se se trata de uma concepção metaphysica do mundo que não sendo sujeita ao limite dos factos se lança audazmente no espaço aberto a esta especie de especulação.

«Vamos, diz Strauss, dos phenomenos particulares, da base fixa e das forças elementares para a vida vegetal e animal, para a vida geral do globo terrestre, d'esta para a do nosso systema solar, e sempre assim, até que tenhamos abraçado todo o *Sér* numa só ideia. Esta ideia é o universo». Mas não, fraco mortal, tu não comprehendeste na tua concepção tudo o que existe; e o que é tudo o que existe; ignoral-o absolutamente. Por mais que faças, a tua concepção fica trunçada e impotente, sem que tu possas jámais saber em que relação ella está com a immensidade do desconhecido.

«Que o todo, continúa elle, seja apenas um, isso entende-se por si mesmo e é apenas um juizo analyticoo». Que sabes tu d'isso? Que vale a tua ideia metaphysica da unidade quando a passeias no espaço e no tempo illimitados? E o que é o teu *juizo analytico*, fôsse elle emanado do arsenal logico de Kant, para se pronunciar em tal assumpto?

«O universo, prosegue elle, é ao mesmo tempo causa e effeito, exterior e interior». Causa e effeito? Exterior e interior? Ainda uma vez: que sabes tu d'isso?

A theologia professa que um dos attributos de Deus é a personalidade. Strauss, como bom hegeliano, dissolve este dogma, mostrando ou julgando mostrar que a personalidade é contradictoria com a influidade, outro attri-

buto. Mas a theologia dissolveria egualmente o dogma pantheista mostrando ou julgando mostrar que a impersonalidade é contradictoria eom a intencionalidade aparente das obras divinas. Confesso que me sentiria embaraçado para me pronunciar entre os dois argumentos, se a philosophia positiva não me advertisse a não me comprometter com a personalidade ou impersonalidade controvertidas, emquanto a experiencia scientifica, tornada agora a unica instruetora de razão humana, não tiver enecontrado, no seu dominio, uma eausa suprema. Então será licito diseutir se ella é ou não pessoal, ou mesmo qualquer outra coisa.

Os que lêm hoje Luerecio, espantam-se, sem deixar de admirar o genio do poeta latino, da intrepidez inconsciente com que, servindo-se apenas de uma astronomia imperfeita e d'uma ainda mais imperfeita physica, elle explica, sem hesitar, os grandes phenomenos da natureza e o jogo das forças cosmieas. Nós somos mais sabios que elle; e o que nós explicamos, fazemol-o com methodos precisos e eom uma segurança de que podemos, resultado maravilhoso do espirito scientifico criticando-se a si mesmo, determinar os graus. Mas, desde que, deixando o terreno em que somos habeis e poderosos, pretendemos penetrar metaphysieamente onde a experiencia não penetra, então tornamo-nos tão fracos e incoherentes como Epieuro e o seu diseipulo; e fallamos então como elles não do que sabemos, mas do que imaginamos. E' tão facil imaginar! E' tão difficil saber! Renunciar ao que é tão facil, e seguir o que é tão difficil é a disciplina a que a philosophia positiva nos submette invariavelmente. E aqui tambem, o *nós* de Strauss volta com força. Muitos repontam com esta disciplina ou são-lhe extranhos; mas uma grande verdade d'este genero, estabeleeida uma vez nos cumes do saber, torna-se um consenso indefeetivel, e o *nós*, neste ponto de vista, convem-lhe desde então.

A uma philosophia corresponde uma politica. Com effeito, ha uma politica no livro de Strauss. Não tem de modo nenhum o caracter da que a philosophia positiva préga; quero dizer que não tem caracter universal, e que se eoneentra na Allemanha, tal como a fizeram a victoria



de 1870 e a paz de 1871. Assim, não fallarei d'ella; isso interessa os Allemães. Ainda menos me convem fallar do odio á França que é nelle um fundo permanente de sentimento. «Na guerra de 1870, diz elle, encontramos uma materia inexgotavel para meditar sobre as causas da salvação ou da perda dos povos e dos individuos». Isto é verdadeiro tanto para os vencidos como para os vencedores. Emquanto os Allemães se deliciam em considerar a grandeza da sua nação, nós pensamos na profundidade da nossa queda. Ella foi ignominiosa; a palavra é dolorosa, mas eu escrevo-a. O incapaz imperador, que em volta de si tinha feilo tudo á sua imagem, perdeu a França num mez. fez prisioneiros 250.000 soldados bravos e aguerridos, e deixou sem officiaes, sem quadros, sem canhões, sem espingardas os que, depois de Sedan, quizeram defender-se. Mas depois de uma ruina d'essa ordem, a nação franceza encontrou, para lhe supportar as consequencias, coragem e dignidade. Estamos a caminho de experimentar o que essas qualidades hão-de produzir agora que estamos livres do sceptro delestavel dos Bonapartes.

Num livro que se occupa de Jesus e da sua doutrina, o povo hebreu é, por mais de uma vez, mencionado. Strauss observa que nesse tempo a situação da Judeia era quasi a da Polonia actual sob a authoridade da Russia. Verdadeiramente admiravel! Não parece que fôram os Russos os unicos a partilhar da Polonia e que os innocentes allemães não existiram para esta espoliação, ou que os polacos que têm leulado por varias vezes sacudir o jugo moscovita, supportam mais pacientemente o jugo allemão? Os combates sangrenlos de que a Posnania tem sido o theatro desde a revolução de 1848, lestemunham que, apesar de uma posse secular, os Allemães não conquistaram o coração dos polacos. Os Russos, não posso rejeitar a expressão popular que me salta da penna, os Russos tem, nesta questão, costas largas para ludo.

Strauss faz um grande elogio da lingua allemã. Não o contradigo. Goslo muito d'essa lingua; reconheço as suas eminentes qualidades; tenho-as pesado muitas vezes; mas nunca me veio ao espirito invejal-a pelas superiori-

dades que tenha, nisto ou naquillo, sobre a minha lingua materna; Strauss, não o entende completamente assim; e quando diz que o francez soube impôr-se ou insinuar-se como lingua universal entre todos os povos, lamenta esta ligeireza de mãos (pois o que significa insinuar-se?) e afirma que esse papel pertence ao allemão que, traduzindo sem se alterar, verso por verso e metro por metro, é o unico que pôde dar na sua verdadeira fôrma e assimilar as mais nobres producções de todas as outras linguas. Elle confunde eoisas muito distinctas; mas, sem entrar numa discussão que não está na minha intenção, pergunto o que diria elle se, vivendo ainda, soubesse que no janlar de Milão em que tomaram logar o imperador da Allemanha e o rei da Italia, toda a gente fallou francez.

Cada civilisação que acaba deixa perdas, lacunas, tristezas. Schiller tem um brilhante poema em que pinta tudo quanto falta, depois que morreram os deuses da Grecia. O poeta tem razão; esta civilisação pagã tinha eneantos que jámais se encontraram, mas que a eivilisação progressiva compensou, e bem. Isto mesmo se dá agora, neste momento, em que se passa da theologia christã para a sciencia e para a moral positivas. Ha perdas. é incontestavel; e como outr'ora, a civilisação progressiva está no caminho de compensal-as e ultrapassal-as. Ha, em cada occasião, um partido a tomar; uns atizam-se, outros avançam e assim, de transição em transição, vai-se de um regime mental a outro.

Sobre as compensações e beneficios, Strauss tem paginas vigorosas e bem sentidas. Toda a gente ha-de lê-las com interesse e utilidade. Todavia, mesmo onde é firme e eloquente, não equivale os ensinamentos da philosophia positiva que, de resto, lhe são bem anteriores. E' com mais amplidão e um sentimento mais preciso dos nossos destinos que esta philosophia ehama cada homem a tomar a sua parte na obra permanente e grandiosa da humanidade. Ella dirige-nos para o trabalho, para a equidade social, para a paz internacional pela industria, pela extensão das sciencias e das luzes, pela cultura das bellas-artes, pelo aperfeiçoamento gradual da moral.

Compensações e beneficios! Strauss com razão diz

que os processos de feitiçaria fôrnam uma das paginas mais odiosas, e o papel do diabo um dos mais dolorosos episodios na historia do christianismo; e elle quer que se avalie da cultura das pessoas, pela dose de eredito que prestam a essas coneepções. Quem nos liberta de eguaes phantasmas, senão a Razão moderna apoiada na sciencia? E da companheira do diabo, a intolerancia, quem nos liberta se não uma moralidade melhor e mais alta?

Olhae em volta, e vereis por toda a parte as compensações e os beneficios. Esetuae a philosophia positiva e trabalhareis para o renovamento das coisas com uma vista mais clara e uma direecção mais segura.

Schiller, que eu já eitei (não é natural que eu invoque um grande poeta allemão a proposito de um livro allemão?) Schiller, na sua *Festa da Victoria*, em que pinta os guerreiros gregos cantando os seus feitos, põe na bocca de Ajax, filho de Oilée, estas palavras: «Que se regosije quem ganhou o premio da vida». Strauss e eu eramos quasi da mesma idade, elle todavia um pouco mais novo, e fui eu quem sobreviveu e ganhou o *premio da vida* nesta batalha que nos leva todos uns após outros. Não que eu tenha a regosijar-me muito por ter ganho alguns annos de velhice; sinto-lhes de mais o peso. Não que se não deva deplorar o desaparecimento d'este vigoroso eriteio; se me é licito crêr que elle uão me considera seu companheiro, eondereei-me eu como tal (até um certo ponto, entende-se), e aproveitei immenso, traduzindo-o e estudando-o. Mas não pude afastar esta homenagem do meu pensamento, vendo que outr'ora traduzi a *Vida de Jesus* e que hoje, morto elle, prefaeo a sua *Confissão*.

A mesma situação produz palavras bem semelhantes: «Eu não quero, diz Strauss, perturbar nenhuma con-fiança, nenhuma fé; mas onde ellas estão já abaladas, eu quero mostrar a direecção que, segundo a minha convicção, pôde levar a terra firme». Eu tambem escrevi, muito tempo antes d'elle: «Que se me perguntassem, porque eu m'ò disse tambem, porque inquietar almas pacificas a quem as erenças antigas são caras?, eu responderia

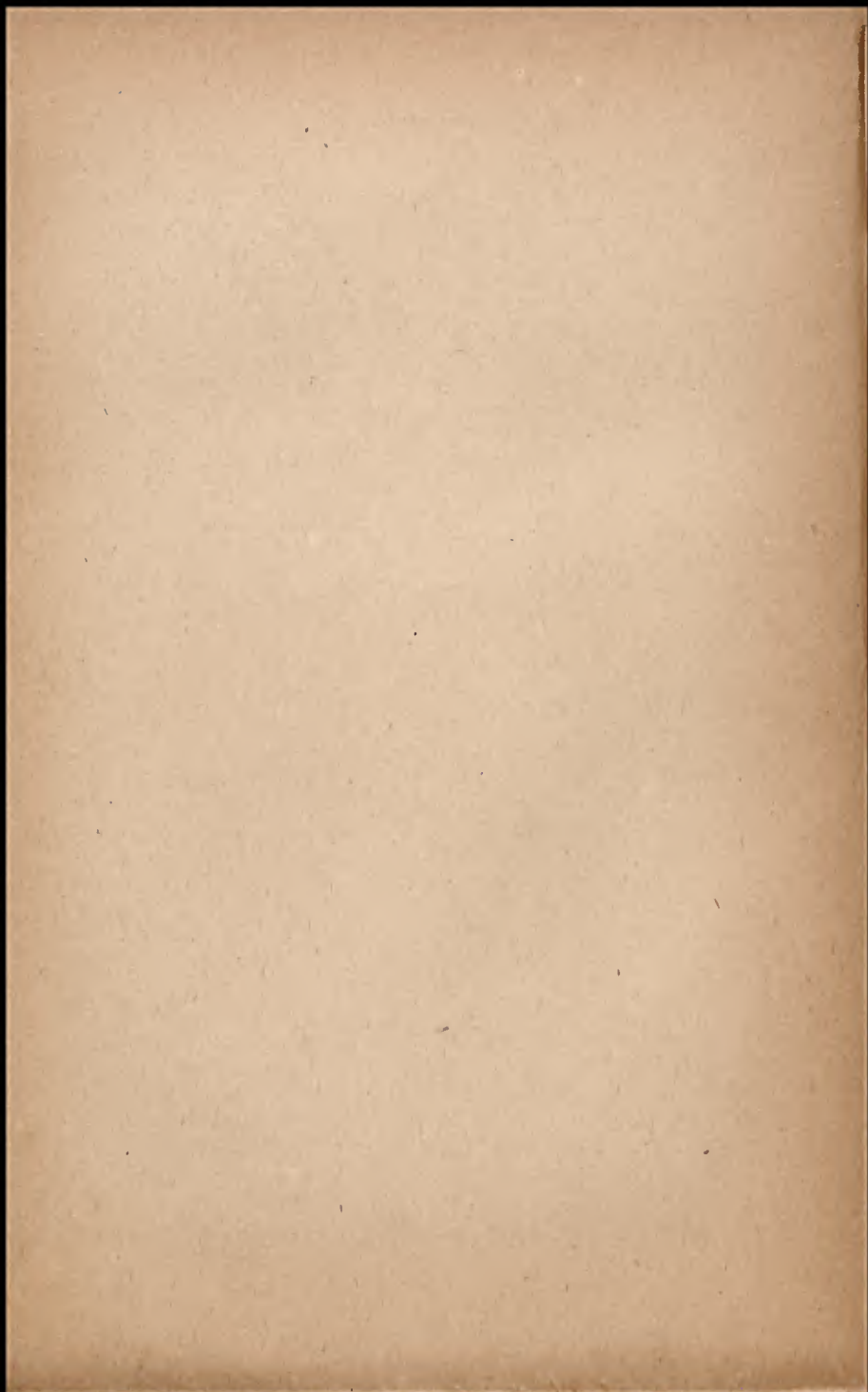
que não tenho, a esse respeito, escrupulo algum. Este escripto não lics é destinado; o peccado recahirá sobre a sua consciencia se o lèrem e se se perturbarem. E se passarem mesmo além d'isso, é que já eram prezas das suggestões que enfraquecem pouco a pouco e por todos os lados, os laços theologicos. Este trabalho, repito-o, é destinado aos espiritos que, tendo-se libertado d'esses laços, longe de correrem algum risco perturbando-se, têm uma grande necessidade dos horisontes da philosophia positiva». ¹

Termino por esta identidade de opinião entre Strauss e a minha pessoa. Nem perturbar, nem deixar-nos perturbar, eis a situação que ella indica. O que se fez far-se-ha ainda; por toda a parte a sciencia trabalha, e por toda a parte trabalha para nós. Os theologos nunca conseguirão pôr a terra no centro do mundo.

Novembro, 1875.

E. LITINÉ.

¹ *Paroles de Philosophia Positive*, 2.^a edição, 1873, p. 14.



PREFACIO DO AUCTOR

PUBLICADO COM A QUARTA EDIÇÃO

Tenho deixado desde o principio sem prefacio este livro que, tres mezes depois da sua primeira appareição, se dispõe a entrar no mundo pela quarta vez. Elle fallará por si mesmo, pensava eu; e, com effeito, não podia haver duvidas nem sobre o seu objecto nem sobre o seu fim. Mas eis que de muitos lados veiu a contestação, e tão forte e tão aspera que se espera nma resposta do auctor. Haveria ali materia para toda uma serie de escriptos polemicos, que iriam até aos mais differentes dominios, desde a philosophia e a hercologia até ás sciencias naturaes e a politica. Não só a vasta extensão de uma tal empreza, mas tambem a natureza do que tenho a dizer, convidam-me a restringir-me. Isto é uma confissão, que não quer disputar o logar a qualquer outra, que quer sómente velar pelo seu. Todavia por mais conciso que eu possa ser nestas paginas, juntal-as como supplemento ao meu trabalho que eu quiz de um formato ligeiro, seria tornal-o mais pezado; publico-o pois separadamente, tanto mais que ellas não devem servir sómente de prefacio para a edição nova, mas ainda de post-facio para os leitores das edições precedentes.

Contrariamente a Klopstock, Lessing preferia ser menos elogiado e ser lido mais attentamente. Nós sabemos



egualmente que elle não se contrariava quando, em certas circumstancias, esta reserva se mudava numa accusação judiciosa. Neste sentido, eu não podia estar muito descontente com a opinião que a minha profissão de fé encontrou. Condemna, mas escuta, dizia ao seu adversario, o genial homem de Estado alheniense. Certamente todo aquelle que é condemnado depois de ter sido ouvido, tem bem menos desculpas. Eu não teria nenhuma se todos os que me lêram me condemnassem; mas tenho razões para duvidar de que assim succedesse. Em face dos milhares dos meus leilores, as duas duzias dos meus censores publicos são uma minoria infima, e ha-de custar-lhes provar que são em tudo os fiéis interpretes dos primeiros. Num caso como este, são sobretudo os reprovadores que fallam, visto que os que approvam se contentam com uma adhesão silenciosa. Eis o que está na natureza das coisas, taes como as conhecemos. Quando me põem a questão: onde estão pois esses Nós?, os meus interrogadores querem atirar-me com uma setta; mas elles sabem, tambem como eu, a verdade.

Em todo o caso, ainda d'esta vez puz de lado um expédiente que seria todo em meu favor, e da parte d'um velho guerreiro litterario, repular-se-ha imperdoavel uma tal negligencia. O apóstolo Paulo (pelo menos como nolo-o representam os Actos dos Apóstolos) era um outro estrategista. Quando, em Jerusalem, compareceu deante do grande conselho e viu reunidos contra si aquelles que sempre eram seus inimigos, os phariseos e os saduceos, allegou como defeza que o crime de que o accusavam era a sua doutrina da ressurreição dos mortos — pelo que soube assim dissotver a união ameaçadora, e pôr do seu lado os phariseus. Quem, á imitação do prudente apóstolo dos gentios, gritar deante do mundo theologico: é por eu negar a divindade do Christo, que aquelles me condemnam, quando eu não hesito um só instante em reconhecer Jesus homem como o salvador e o chefe eterno da sociedade — esse conseguiu uma numerosa reserva no partido da união protestante, contra os ataques dos vellos creutes. Do mesmo modo, aquelle que defendeu a causa da explicação scientifica do mundo e chega assim até ao

homem, sem se atemorisar com a qualificação de materialista, a esse, se não quer fallar em favor de certas coisas e de certas tendencias, custa-lhe simplesmente nada dizer contra ellas, e póde estar certo de que tem do seu lado todos os demócratas e todos os socialistas. Mas como se avalia da intelligencia de um homem que sempre se malquista com os dois partidos, que se expõe ao fogo conjugado dos orthodoxos e dos theologos progressistas, dos conservadores e dos socialistas? Da sua intelligencia, pensar-se-ha o que se quizer; mas ninguem poderá ignorar a sua lealdade.

O meu livro, diz o auctor de uma noticia da Gazeta da Weser, apresenta-se como uma declaração de guerra contra a união protestante e os velhos catholicos. Certamente, isto é o mais inexacto possível, como veremos mais adiante; mas se uma vez o livro foi comprehendido assim, é natural que elle tenha sido julgado tão desfavoravelmente pelos partidarios da união protestante que escreveram na Gazeta geral e na Gazeta de Weser, e pelo professor velho catholico da Gazeta de Augsburg, sem falar dos jornaes protestantes, como pela Gazeta da Cruz e os jornaes orthodoxos. Sob este ponto de vista, algumas folhas socialistas fôram mais justas, e não deixaram, apesar da sua revolta contra as minhas ideias politicas, de approvar a parte critica e philosophica do meu trabalho. Se os escriptores e os publicistas que têm estas ultimas tendencias, não têm por habito servirem-se nos seus escriptos d'uma linguagem inspirada por o que se considera o bom-tom, o dever social para o adversario, pelo menos não contradizem os seus habitos. E por outro lado, não nos tornamos sómente insensíveis á linguagem analoga dos clericos, mas concebemos muito bem que a delicadeza e o respeito por um individuo que elles consideram condemnado por toda a eternidade, pódem parecer-lhes como hypocrisia. Os partidos moderados ou cultivados, ao contrario, tem costume de se vangloriar em um tom conveniente. Abandonaram-n'o tambem em grande parte, na sua polemica contra mim, e é preciso que para isso haja uma razão particular.

Comparando o tom que domina a maior parte das

opinões emitidas sobre o meu novo livro com o que foi empregado a meu respeito na litteratura allemã nos annos precedentes, ninguem poderia extranhar que eu me sentisse profundamente ferido com uma mudança tão subita. Quando o tumulto dos primeiros combates abrandou, habituaram-se a testemunhar-me alguma estima; davam-me, mesmo, de differentes lados, a honra não solicitada, de me tratarem como uma especie de prosador classico. Parece que com o meu ultimo trabalho, perdi bruscamente o direito a essa estima. Os jornalistas julgam dever consideral-o de muito alto, como se faz a um principiante ou com um assumpto batido. O melhor da coisa é que este novo tom não tem, na realidade, nada de novo. É antes o mais antigo, o que me acolheu á entrada na carreira litteraria com a *Vida de Jesus*. Ouvit-o ainda uma vez, agora que estou no fim, é, pelo menos para mim (do que nem todos os escriptores que tem conhecido a velhice se 'pódem gabar) a prova de que fiquei sempre o mesmo e de que não abandonei o meu caminho.

Haveria affectação da minha parte se eu quizesse negar a profunda satisfação que experimentei com a approvação completa que obtiveram os meus trabalhos sobre Ulrich de Hutten e Voltaire, nos circulos mais afastados, a calorosa adhesão que as minhas cartas a Ernesto Renan provocaram em todos os districtos da patria allemã. É uma grande alegria para mim sentir-me em communidade de sentimentos com os meus contemporaneos e os meus compatriotas, communidade de sentimentos que é, em ultima analyse, o fim dos melhores esforços do escriptor. Todavia, — acreditem-me ou não, o resultado attesta-o —, eu trazia sempre em mim alguma coisa que me gritava: «Não farás mais tacs bagatellas, porque isso pódem outros fazel-o». Longe de mim a intenção de rebaixar esses trabalhos que me valeram tantas e tão dignas sympathias; haveria nisso tambem ingratidão para a minha natureza, se eu não me felicitasse por encontrar em mim, ao lado da aptidão para a critica dissolvente, a affectação calma para as fórmas artisticas; mas a minha vocação real não está neste ultimo dominio, e se, retomando-a, de novo

alienasse essas sympathias, accitaria a situação com a consciencia de ter cumprido o meu dever.

Certamente, é uma função amarga e ingrata dizer ao mundo o que precisamente elle está menos disposto a ouvir. Elle leva a vida larga dos grandes senhores, recebe e dá também quando lhe fica alguma coisa a dar; mas se alguém lhe estabelece as contas e lhe apresenta um balanço exacto, recebe-o como um importuno. É eis ao que me têm levado, sempre, tanto as minhas ideias como os meus sentimentos. Ha quarenta annos, antes da appareição da minha *Vida de Jesus*, começava a despontar, entre os pensadores theologos, o pensamento de que o sobrenatural não podia ter caracterisado todos os actos do Christo, como nol-o contam os Evangelhos e como a Igreja o tinha acreditado até'ahi; mas também que as interpretações dos commentadores racionalistas não eram acceptaveis. Depois, levantavam-se duvidas, aqui e alli, sobre a origem apostolica dos evangelhos, sobre o caracter realmente historico das suas narrações. E todavia, quando reuno estes fragmentos de pensamentos, quando os torno publicos, mostrando que as narrações dos Evangelhos não são nem apostolicas nem historicas, que os milagres que elles relatam pertencem á lenda e não á historia, que na realidade, para Jesus, tudo se passou segundo a ordem natural, bem que saibamos muito pouco dos factos particulares; quando dei as provas d'isso na minha *Vida de Jesus*, então um grito de terror se ergueu no peito dos velhos e dos mancebos, e o nome do auctor tornou-se «o *mot-d'ordre* para todo o acto maldito».

Tinha passado mais que a idade de um homem; as conclusões d'este escripto, muitas vezes tornadas mais precisas, mas confirmadas por outros investigadores nas suas linhas principaes, tinham penetrado não sómente a sciencia theologica, mas também as convicções dos espiritos cultos. Começavam a deixar-me em repouso com a minha incredulidade, como eu deixava em repouso, com a sua credulidade em via de decomposição, o mundo que aliaz se entretinha com os productos da minha paixão de pintar e contar fructos de um periodo de calma e de paz. Então o desenvolvimento da sciencia forneceram-me

uma vez ainda a occasião de reunir ideias esparsas, de trabalhar assim pelo progresso, mas sendo de novo um objecto de escandalo. D'esla vez, não se tratava mais de questões puramente theologicas, mas de uma combinação entre os resultados adquiridos neste dominio, e as conquistas, principalmente das sciencias naturaes. D'um lado tinha-se um Christo que não podia vollar a ser o filho de Deus, mas um homem no verdadeiro sentido da palavra, e que, além d'isso, devia continuar a ser honrado numa Igreja instituida pelo Homem-Deus; do outro lado, via-se a gente cada vez mais preparada para explicar a constituição da natureza na sua diversidade e na sua gradação até ao homem, sem o socorro de um creador, e sem ter de lançar mão do milagre. Muitos sabios e amadores inclinavam-se para estas conclusões da sciencia natural, sem pensarem nas consequencias que deviam ter para a religião e para a theologia, enquanto que os theologos e os laicos, animados das crencas modernas, assistiam tranquilllos ás investigações e ás descobertas da sciencia, sem fazerem caso do dominio ecclesiastico. Uma vez ainda, o que eslava separado precisava de ser unido, e eu não soube resistir á attracção d'este papel, mais do que teria feito num caso precedente. Quando, dia a dia, cresce em nós a esperanza de mostrar as condições sob as quaes, segundo leis naturaes, o vivo se formou do não-vivo, o consciencie do inconsciencie; quando, além d'isso, tudo nos convida a conceber o mundo na sua totalidade, o Sér, como existindo por si mesmo, sem que o nosso pensamento possa ir mais acima; em que fica então o creador pessoal que teria produzido a maravilha de dar existencia primeiro ao mundo, e em seguida a todos os élos particulares da cadeia da vida? E em que fica, em face de uma tal concepção de todas as coisas se desenvolverem numa ordem constantemente natural, a Igreja, cujo systema de crencas repousa sobre um principio maravilhoso, uma destruição violenta, e uma recrudescencia igualmente maravilhosa no desenvolvimento do mundo e da humanidade?

Outros, sem duvida, tiveram a consciencia d'esle papel e sentiram-se certamente capazes de cumpril-o, o que não



os impediu de passarem além, no que fôram, pelo menos, prudentes. Não se deve despertar o leão adormecido se se não está disposto a sustentar com elle o combate sem treguas. A humanidade, é verdade, civilisou-se. Não sómente podemos hoje affirmar o movimento da terra em volta do sol sem receio da prisão e da tortura; como tambem se pôde negar a divindade do Christo sem correr o risco da fogueira. Mas o limite está em vespervas de ser attingido. Não é queimado quem viu em Jesus apenas um homem, quem não reconheceu em Deus personalidade alguma, quem não conservou para si mesmo a esperança de uma outra vida, e quem não quizer nesta alliar-se a qualquer confissão da communidade christã; mas é observado, e se traz para publico as suas ideias com as suas provas, perde toda a consideração. Não attendeu ao modo convencional de pensar e de viver a que a multidão se dedica; faltou ao bom tom e deve preparar-se para que em relação a si mesmo o abandone o bom tom tambem. Como escriptor está fóra da lei; nada deve esperar pois do que é julgado em materia de critica litteraria como o direito das gentes. Experimentei isto depois da minha *Vida de Jesus*; experimento-o ainda hoje.

Reconhece-se tambem quanto ha de vã phraseologia na cultura de nosso tempo. Quantas vezes e com que emphase não se tem ouvido repetir durante estes ultimos annos que, no futuro, ninguem se importaria com as crencas do individuo, mas simplesmente com as suas accões, e que não se pedia mais ao escriptor que dissesse o que deviam os homens crêr, mas sim o que deviam fazer! Muito bem. Aparece um que trabalha para que se não repare nas crencas; repelle tudo o que reconhece como velho nos sustentaculos da fé, nada muda nas relações moraes da humanidade; mas acantelando-a contra os moeis egoistas, dirige-a para essas mesmas virtudes que de todos os tempos lhe pareceram santas. Segundo as premissas, esse devia ser deixado em paz, ser estimado depois como antes. Sim, se houvesse alguma cousa mais que não fôsse phraseologia. Mas na grande estrada da litteratura, quem desejar injurial-o pôde fazel-o. No resto, eu estou longe de querer mal a esses senhores da

critica litteraria. Habitados a viver dia a dia, obrigados a fazel-o, em geral applicam-se a dar um juizo rapido e simples, mais sobre as particularidades que sobre o conjunto de uma theoria cosmica. E' maravilhoso o accordo que se faz na sua maneira de pensar entre o antigo e o novo, entre a fé e as luzes. Por causa da multiplicidade das suas occupações, as mais das vezes, não possuem toda a liberdade de apreciação. Depois, durante o deccorrer do anno, são de tal modo opprimidos por uma multidão de considerações de toda a natureza, quanto a mestres consagrados, *edteries* poderosas, preconceitos dominantes, etc., que deve ser para elles um allivio verdadeiro, quando lhes cae sob as mãos um escriptor com quem não precisam de ter precaução alguma, que pôdem maltratar á vontade, certos da approvação da massa dos seus leitores. Como já disse, não quero mal a esses senhores, se bem que não possa achar nem corajoso nem nobre gritar «aqui d'el-rei» contra um homem, porque se sabe que elle não terá quem o defenda.

Porque, neste sentido, um grande numero de criticos atirou-se de coração alegre contra mim. Discutir comigo põe-nos do melhor humor possivel porque as circumstancias presentes tornam-lhe facil a tarefa. E' inutil estudar tão minuciosamente os seus golpes quando se sabe ter por juiz uma galeria favoravel. Se entre outras criticas, eu faço, por exemplo, á doutrina de Jesus, ess'outra de attribuir-lhe a reprovação da industria, em logar de ennobrecel-a, collocando-a no seu logar ao lado de esforços mais elevados, não mostrando nenhum conhecimento da efficacia d'esta industria no desenvolvimento da civilização e da humanidade; se eu faço esta critica, basta dizer com M. Dove que «eu peço ao fundador da religião conselhos pecuniarios» ou mais espirituosamente ainda basta fallar «na incapacidade desesperadora de Jesus em negocios de bolsa» e eis-me refutado no meio de satisfação geral. Outro caso. Quem não sentir que as simples palavras consagradas a Lessing, no numero 90, vêm do coração, esse, posso affirmal-o bem, deve ser estudado. M. Dove não o é; e todavia, no bom humor em que está á minha custa, tem a ousadia de fallar nas mi-

nhas «reverencias deante de Lessing». E não é só este rapaz cheio de futuro que tão agilmente dirige a revista «No novo imperio»; tambem o professor de philosophia da *Gazeta de Augsbourg*, velho catholico grave, me trata no mesmo tom. Se para inspirar o medo deante de certos crimes, peço a manutenção da pena de morte, elle sustenta ligeiramente que poderiamos chegar assim muito bem á barbarie da pena de morte qualificada que agiria então de um modo bem mais certo. Estou presuadido de que pela sua parte, M. Huber sabe muito bem que esta consequencia é falsa, que nada faz nascer tanto o medo como a morte, como *ultima linea rerum*, e tudo o que, pelo endurecimento do sentimento humano, destruiria, por um lado, o que, pelo outro, a pena de morte simples póde ter de effcaz, isto, digo eu, sabe-o muito bem M. Huber; mas elle julga taes argumentos como sufficientes para o adversario reprovado. Se as minhas memorias não me enganam, é o critico do *Correspondente de Hamburgo* quem diz desdenhosamente do meu livro que é uma leitura agradavel para depois do jantar, á hora do café e do cigarro. Elle não foi pensado numa situação d'essas; se é essa a que mais convém para se entender, não quero decidil-o; mas as elocubrações deste senhor são de tal natureza que bem parece terem nascido numa situação identica á referida. O primeiro ministro inglez não parece ter tomado o meu livro tão ligeiramente, pois que o achou digno de ser longamente combatido num discurso pronuneiado, nestes ultimos dias, em Liverpool. M. Gladstone não abrangeu bem as minhas intenções e respondeu-me de uma maneira que muitos dos meus proprios criticos allemães hão de reputar fraca. Mas os meus patricios poderiam aprender no estrangeiro como o politico de grande intelligencia deseobre uma faculdade similhante num escriptor cuja acção julga, aliás, pernicioso, como o verdadeiro gentleman falla d'um homem que reconhece ter consagrado toda a vida á busca da verdade, sacrificando todas as considerações ordinarias da existencia, para confessar o que lhe pareceu ser a verdade. Ha tambem no que o *Daily News* oppõe ao disenserro de Gladstone, mais intelligeneia e um tacto mais seguro

que em tudo quanto conheço nas discussões allemãs a proposito do meu trabalho. ¹

Como a minha renuncia á religião existente se funda ao menos mediatamente sobre os resultados da moderna historia natural, os esforços dos meus adversarios deviam tender a tirar-me este apoio, a tentar demonstrar que nesta faculdade, eu não tinha a meu favor, de maneira alguma, as melhores auctoridades. Quasi ao mesmo tempo que o meu livro, appareceu o trabalho de Dubois-Reymond «Sobre os limites do conhecimento da natureza» que vejo oppôrem-me de diferentes lados como a cabeça de Medusa. M. Dove, alludindo a este trabalho, dá ao seu artigo sobre o meu livro o titulo de: «Confissão ou modestia?», como se quizesse dizer: «Vêde, meus bons leitores, d'um lado, um grande naturalista que se resigna a não saber além de um certo ponto, que, por conseguinte, além d'este ponto vos dá liberdade de crença; e do outro lado, um pseudo-philosopho que, esquecido d'esses limites, quer veneel-os e impôr-nos a sua profissão de ineredulidade». Toda a restricção posta pelo naturalista é invocada por M. Dove que lhe dá o honroso nome de «acto kantista». Sem duvida, ao tempo de Kant, não faltavam individuos que aeolhessem bem a sua limitação critica do uso da razão, com a esperanza de poder continuar em paz, com o favor d'estes limites, toda a phantasmagoria da velha fé e da velha superstição. Certamente Kant não reconhecia como seus esta especie de adeptos; a critica da razão pura não queria vir em soccorro da razão pervertida. Duvido igualmente que seja intenção de Dubois-Reymond, dar um novo logar, atraz das barreiras por elle traçadas, quanto ao conhecimento da natureza, não sómente ao antigo dualismo, mas tambem aos sonhos do seu joven admirador referentes á preexistencia das almas e suas transmigrações.

Em todo o caso, a hypothese fundamental de todo o dualismo, a concepção do corpo e da alma como duas

¹ A «Critica contra a critica», da Gazeta geral o o estudo da Imprensa allemã só chegaram ao meu conhecimento depois de escriptas estas paginas.

substancias differentes, apparece ao nosso naturalista como um erro igualmente fundamental. Em deducções tão contrarias á realidade como as theorias de Descartes e de Leibniz sobre a união do corpo e da alma, elle vê «uma apagogia contra o bem fundado da hypothese que ahí conduz». Com Fechner, diz elle: «Na sua comparação dos dois relógios, Leibniz esqueceu a possibilidade mais simples, aquella em que os dois relógios estivessem ligados juntos e não formassem, no fundo, mais do que um». Como já demonstrei á face de outros escriptos seus, Dubois-Reymond acha scientificamente explicavel que o organico tenha a sua origem no inorganico. «Ha um mal entendido, diz elle no seu novo trabalho, em vêr na primeira apparição dos seres vivos, alguma coisa de sobrenatural, outra coisa que não seja um problema de mechanica excessivamente complicado». Aquí não ha ainda, segundo elle, o limite do nosso conhecimento; mas não está longe o momento em que o fio se quebra, e em que devemos confessar a nossa ignorancia, e uma ignorancia invencivel. Este momento é aquelle em que se penetra no dominio da consciencia, não só do pensamento humano, mas da consciencia no sentido mais extenso, desde as suas manifestações mais simples até ás mais elevadas. «A mais alta faculdade da alma, diz elle á Voltaire, resultando de condições materiaes, é tão incomprehensivel como a consciencia no seu mais baixo grau, a sensação; o abysmo invencivel mostra-se com a primeira impressão de bem-estar ou de dôr que sente o ser mais abrazado no principio da vida animal sobre a terra».

Sabe-se que ha tres pontos principalmente, na evolução ascendente da natureza, que apparecem com o caracter de incomprehensivel. São estes tres: como sahio o vivo do não-vivo? como o sensivel sahio do insensivel? e o intelligente do inintelligente? que tornam igualmente o nosso pensamento perplexo, e lhe arrancam esta palavra fim de toda a perplexidade: Dens. Como vimos já, o naturalista de que nos occupamos não reputa insolavel o primeiro: o nascimento do organico sahindo do inorganico parece-lhe comprehensivel. Houve um tempo, pelo que elle proprio nos diz, em que julgou encontrar o limite

do nosso saber no problema do livre arbitrio considerado como começo da intelligencia; desde então, é preciso que o segundo problema, o da consciencia e da sensação, lhe lenha parecido capaz de receber uma solução. Estou certo de que não está na ideia de um investigador como Dubois-Reymond, bem que M. Dove queira fazel-o acreditar, o ser sempre tratado como auctoridade; o verdadeiro pensador gosta de examinar-se pelo pensamento de outrem. E' eu não o esconderei: possam ou não estas questões ser resolvidas, não posso deixar de vê-las, sob este aspecto, como equivalentes. Se a fé tem razão quando introduz, nos tres casos, Deus e o milagre, parece-me que a sciencia tem também razão, quando lenta dispensar o seu socorro superfluo. De resto, o proprio Dubois-Reymond acaba por não o negar; elle diz sómente: a sciencia póde, no primeiro e no terceiro caso, ajudar-nos; não póde fazel-o no segundo, e deve renunciar para sempre a conseguil-o. Confesso que comprehenderia muito melhor se alguém me dissesse: A, isto é a vida, fica inexplicavel; mas, explicada ella, B e C, isto é, a sensação e o pensamento, tornam-se o seu desenvolvimento natural. Ou antes: A e B deixam-se explicar, mas C, a consciencia de si mesmo, não está ao alcance do nosso entendimento. Repito: preferiria estas duas formulas á que nos dá como invencivel a estação intermedia.

A sciencia actual chega á solução do primeiro dos tres problemas, concebendo-o, é a expressão de Dubois-Reymond, como um problema difficil, mas de mechanica pura. Trata-se, é verdade, de um modo de movimento differente e muito complicado; mas que continua, todavia, a ser um movimento, não sendo nada de absolutamente novo ou differente. Para Dubois-Reymond, a solução d'este terceiro problema, a intelligencia e o livre arbitrio, é possivel, porque uma vez dado o conhecimento da consciencia, estas duas faculdades são como o seu mais alto grau. Mas no seu trabalho, declara insolvel esta segunda questão: O conhecimento profundo da organização material da alma não nos mostra nunca senão uma materia em movimento; entre este movimento material e este facto, eu sinto a dôr ou o desejo, gosto de um ali-

mento assucarado e vejo vermelho, d'onde esta conclusão: existo, — fica o abysmo insondavel, é «completamente e para sempre incomprehensivel que uma materia carbonada aquosa ou outra seja indifferente á posição ou ao movimento dos seus atomos; não se concebe de maneira alguma como pôde a consciencia nascer d'este conjuncto de movimentos». Só o futuro pôde decidir se esta affirmacão do mestre é realmente a ultima palavra na questãõ; felizmente, posso acceital-a provisoriamente, sem considerar a minha causa comprometida. Como continúa, com effeito, Dubois-Reymond?

A nosso vêr, diz elle, esta questãõ; as funcções espirituales poderãõ algum dia ser concebidas como nascendo de condições materiaes? — é differente d'ess'outra: estas funcções em si não são o producto de condições materiaes? Ainda que negativamente se respondesse á primeira, como elle o faz, nada estaria decidido quanto á segunda e, portanto, com mais forte razão, nada se podria negar. O fundamento de toda a investigacão é, pelo contrario, acceitar como causa de um phenomeno a apparencia mais simples, até que se prove a sua falsidade. Desde então, se tivessesemos sómente a noção da essencia da materia e da força (e ahí Dubois-Reymond encontra o outro, digamos antes o primeiro limite eterno do nosso conhecimento) o nosso pensamento obedeceria a esta regra logica e comprehenderiamos «como a substancia que está no fundo d'esta materia e d'esta força pôde sentir, desejar e pensar sob certas condições determinadas». Já-mais, é certo, teremos uma ideia exacta d'ella; mas quanto mais o naturalista reconhecer este duplo limite do seu saber, mais elle será livre e se verá seguro em face de todo o dogma e de toda a questãõ philosophica, nas suas opiniões sobre as relações que unem o espirito e a materia. Elle verá claramente a vida espiritual do homem depender numa multidão de casos das propriedades do seu organismo; nenhum preconceito theologico o impedirá, como impediu a Descartes, de vêr nas almas animaes parentesco com as almas humanas, membros menos desenvolvidos de uma mesma serie evolucionaria. Emfim a theoria da hereditariedade, unida á noção da selecção natural impôr-

lhe-ha esta ideia «que a alma nasceu como resultado de certas combinações materiaes successivas, que, enquanto outras desapareciam, se elevavam e aperfeiçoavam trazendo, pela concorrência vital do individuo, preciosas qualidades, atravez uma immensa serie de gerações».

Agora, pergunto se póde ser dos desejos de um investigador que se exprime assim, porque traçou limites ao saber humano, o deixar-se collocar no meio de um montão de hypoteses envelhecidas e de dogmas usados? Depois elle projecta ainda n'essas regiões um verdadeiro clarão. Que ninguem, nota elle precisamente no seu famoso discurso de Leipzig, acuse o naturalista de não conceder a vida da alma á planta, porque não lhe encontra systema nervoso. «Mas que poderíamos responder-lhe, prosegue o orador, se, antes de aceitar a noção de uma alma do mundo, elle pedisse que lhe mostrassemos algum logar no mundo, alimentando-se de sangue arterial no sentido proprio da palavra, um feixe de ganglios ou de filetes nervosos eujas dimensões correspondessem ao poder espirital de uma tal alma?» Aeutellar-me-hia bem de attribuir a quem quer que fósse, e muito menos a um homem tão importante, numa occasião tão delicada, um pensamento que elle não tivesse expressamente formulado; mas elle não póde prohibir-me de voltar de novo, por minha conta, á sua proposição e de applical-a á noção de um Deus pessoal.

As outras objecções tiradas pelos meus criticos á historia natural (os especialistas não se fizeram ainda ouvir, e eu espero o seu juizo com confluência) são de menor importancia. Ellas referem-se, na maior parte, ás lacunas que se fazem notar entre os termos da progressão na natureza, lacunas que são devidas, em parte, á pequenez necessaria do meu trabalho, em parte, á fraca quantidade de observações feitas até agora, e, em parte, á imperfeição dos nossos meios de conhecimento. Outras ha ainda que foram feitas ligeiramente, e que não me passaram despercebidas, mas que não posso olhar como victoriosas. Dá-se o mesmo com a conclusão de Olbers segundo a qual, sendo o numero dos mundos, julgado, por causa das estrellas fixas, infinito, o eonjuncto da abobada celeste

devia emittir tanta luz e calor como o sol. Aqui, o profano em astronomia, quero dizer o snr. professor Huber, vç, como eu, que ao lado do numero infinito, o afastamento infinito tem sido desprezado e por conseguinte o enfraquecimento do poder luminoso. Não me colloco, como pretende o mesmo critico, em contradicção directa com o calculo de Clausius, concluindo pela paralyxia final do movimento no Universo. A contradicção é, até nova ordem, indirecta; porque, conforme o conjuncto da minha concepção, eu limito os periodos de paragem nos mundos tomados á parte, olhando-os, assim como a tudo no Universo, como fórmãs transitorias. Posso deixar sem inconveniente aos representantes especiaes da theoria de Darwin o cuidado de defendel-a dos erros dos meus juizes. Não foi, de resto, irreflectidamente, que oppuz, no titulo da minha obra, á antiga fé, não uma nova sciencia, mas uma nova fé. Para constituir ùma vasta concepção do mundo destinada a substituir a vasta fé da Igreja, não podemos contentar-nos com o que nos prova uma inducção severa; devemos acceitar ainda no nosso quadro as hypotheses legitimas e as conclusões logicas. Foi neste sentido que chamei á minha obra confissão; esta palavra forneceu-me occasião para attrahir immediatamente criticas theologicas contra este livro.

A este respeito, vejo antes de tudo, erguida contra mim, — e em particular por M. Huber na *Gazeta Geral* — a accusação de que abandonei, no meu novo trabalho, a minha apreciação precedente mais favoravel da pessoa de Jesus Christo e do Christianismo. O defensor inquieto do velho catholicismo sabe, por experiencias feitas bem perto d'elle, que todo o abandono tem o seu motivo determinante. Depois, em geral, ha cõstume de proceder d'um modo diverso do que eu suppuz ter empregado; sae-se de uma situação extrema e perigosa para se ficar mais a coberto e menos compromettido. Pela minha parte, uma mudança de direcção não teria razão de ser se estas considerações, que outr'ora me teriam tirado a liberdade de me exprimir á vontade, não tivessem recentemente desaparecido. Mas não se trata d'isso; quando da composição dos meus escriptos anteriores, gosava da mesma

independeueia completa que goso hoje. O meu pretendido abandono resultaria pois de razões intimas, de uma mudança nas minhas convicções e que não teria nada em si de repreheusivel. Logo não ha aqui abaudono algum.

E' verdade que nos meus trabalhos precedentes, e particularmente ainda na minha nova redacção da *Vida de Jesus*, fiz grandes esforços para junlar os traços dispersos pelos evangelhos, querendo formar com elles uma figura que podesse dar, sob o ponto de visla humano, uma ideia interessante da natureza e das doutrinas de Jesus. Os meus adversarios encontraram pallido e indeciso o meu esboço de Jesus, pediram traços mais vivos, mais correctos, emquanto que me era preciso, pelo contrario, confessar-me a mim mesmo que em face do que sabemos realmente de Jesus, eu o tinha desenhado com contornos por demais ousados e definidos. Eis a razão de eu lamentar na conclusão d'esse livro, a penuria e a incerteza dos documentos historicos referentes a Jesus, e de eu pensar que nenhum homem competente e sincero poderia contradizer-me quando eu affirmava «que ha poucos grandes homens na história a respeito dos quaes estejamos tão pouco sufficientemente informados». D'esta vez já os discursos de Jesus sobre a sua vinda uas nuvens do céu me tinham dado muito trabalho; e eu soube, á força de labor e arle, afastar d'elle a acusação de visionario e de exaltado. Quando, no meu novo livro, declaro que estamos impossibilitados de reconhecer Jesus como o centro e o ponto de apoio de uma vida religiosa por duas razões principaes, primeira porque possuimos sobre elle muitos poucos documentos concordantes, e segunda porque notamos no que uos chegou, um elemento enthusiasta e phantastico — não ha apparencia de abandono, mas sómente um resultado iuteiramente normal de um desenvolvimento de convicções scientificas. Deixei o campo iuteiramente livre a escrupulos de que eu julgava outr'ora poder defender-me.

Para certas pessoas nunca é demais que se repilam muitas vezes certas coisas; volto pois ao que já muitas vezes teuhô dito. Nunca tive a inlenção de disculir a excellencia da pessoa de Jesus; o que sustento é que o fizeram o centro de uma egreja, d'um culto, não pelo que elle foi, mas

pelo que elle não foi, não pelo que elle ensinou de verdadeiro, mas sim por predicções que se não cumpriram e que eram falsas portanto. Depois que reconhecemos que não ha verdade no que lhe valeu para se tornar esse centro, toda a razão, e se queremos ser sinceros, todo o direito de pertencer a uma tal igreja, desapareceram. A excellencia puramente humana, ainda que elevada ao mais alto grau (a impeceabilidade; mas esta desapareceu com o sobrenatural, e só por um espirito de vertigem pôde ser attribuida a quem quer que seja) não auctorisa nenhuma pretensão á adoração de uma igreja; principalmente quando esta excellencia, tomando a sua origem em condições e ideias que estão longe de nós e mesmo até certo ponto oppostas ás nossas, as torna cada vez menos proprias a servir-nos de exemplo nos diversos momentos da nossa vida.

«Que com taes ideias sobre a pessoa de Jesus», ideias que eu tinha antes desenvolvido como resultado de novas investigações, «esta pessoa não podia de modo algum ser objecto de fé religiosa», eis o que disse na minha *Dogmatica*, isto é ha uns trinta annos, como correspondendo então á minha convicção. Então, egualmente, declaro como um erro «pensar que só a moral de Jesus, comprehendendo nella um pouco da parte divina e remuneradora da doutrina, seja ainda o christianismo. A essencia d'esta religião é antes representar Jesus como mediador para todas as suas ideias, alienar nas suas mãos tudo o que dê um alto valor á humanidade, e mesmo todas as dôres de que ella soffre, para as obter d'elle, como graças á força de orações». E concluia assim: «Quem se não submete a esta alienação, fundo do christianismo, pôde ter ainda razões para se dizer christão, mas não as tem para sê-lo». Quanto ás nossas relações com o christianismo, M. Dove perguntou-nos «se o movimento religioso emanado de Jesus e todas as suas consequencias penetram a nossa concepção do mundo e da vida, o bastante para que liguemos ao seu nome os nossos principios religiosos». Não ha aqui só uma pergunta, mas sim duas; pôde dizer-se que nem a uma nem a outra ha que responder que não. Ninguém negará que o movimento religioso emanado de Jesus exerça ainda na nossa epocha uma acção poderosa; sómente, esta acção

entra cada anno mais em lueta, por um lado, com as verdades scientificas, por outro com as maximas praticas dos tempos modernos. Mas, «ligar os nossos principios religiosos ao seu nome», diz muito menos do que seria preciso no caso presente. A questão é se podemos ainda consagrar-lhe um culto, consideral-o como chefe de uma instituição especial de salvação. E ahí sustento que, com a nossa maneira de vêr, não encontramos mais as condições necessarias.

Desde que fujo de exaltar particularmente na minha obra uma vantagem do christianismo, o auctor do artigo da *Gazeta Geral* declara immediatamente que não tenho «sentimento algum» dos meritos d'esta religião para a cultura moral da humanidade. Mas esses meritos de modo algum me escaparam. Se apenas de longe a longe os assignalei, foi que a natureza da minha obra não permitiu que o fizesse mais. Como disse, é uma confissão e não um tratado de historia. Não se tratava de examinar qual tenha sido a acção do christianismo na humanidade, mas sim o saber se o que elle produziu — e continua a produzir ainda — pôde, por motivo de certas das suas convicções, pertencer-lhe ainda como a uma egreja. Eu leria a dar uma semelhante resposta ao critico da *Gazeta de Colonia* quando elle me accusa de não tomar sufficientemente em consideração a influencia da imaginação no dominio religioso. Eu poderia mostrar a Mr. Baumeister que sei apreciar essa influencia, indicando-lhe o meu trabalho sobre Reimarus. Mas aquelle que reconheceu o papel poderoso da imaginação na religião, escapou, por isso mesmo, ás illusões religiosas; e o fim do meu livro é precisamente examinar se essas illusões mortas devem continuar a governar o mundo como se ainda fôsem vivas.

Já disse que o critico da *Gazeta de Weser* interpreta o meu trabalho como uma declaração de guerra á união protestante e ao velho catholicismo. Elle afirma mesmo que eu «nego muito categoricamente a ambos o direito á vida». Todavia, eu não fiz mais que passar por um e por outro, e quando na minha introdução confessei que elles possuíam a grande maioria entre a massa dos

descontentes que aspiram a melhor estado, penso ter sufficientemente reconhecido, com isso, o seu direito á existencia historica. Este direito não pôde consistir em outra coisa que não seja isto: para um grande numero dos nossos contemporaneos, a força das ideias novas, por um lado, por outro lado, o peso das antigas convicções e dos antigos habitos, collocam a balança na posição precisa que corresponde aos pontos de vista do velho catholicismo e da união protestante. Se eu proprio e os que pensam como eu, nos não collocamos em nenhum d'esses pontos de vista, não é por lhe negarmos o direito á existencia logica, é porque lhe reconhecemos apenas um caracter de transição, além do qual não temos podido ir.

Pôde ser o caso, diz-se-me, de certas individualidades; não é o da maioria, e nós não devemos querer separar-nos d'essa maioria dos nossos semelhantes, querer romper o laço da communidade religiosa que a elle nos une. «Porque, pergunta M. Dove, nós que temos repellido para longe todas as phantasmagorias das revelações e dos milagres, porque conservamos, tão zelosamente, o nosso nome de christãos?» E responde: «Porque não quieriamos nunca destruir a nossa alliança com a dos nossos irmãos que se ligam a tudo isto como a alguma coisa real; porque, não por causa mas apesar d'essa illusão, reconheciamos nelles ainda christãos». Mas fallai uma vez ainda nesse tom a esse irmãos christãos, confessae-lhes sem rodeios que julgaes phantasmagoria pura a revelação e o milagre, que os consideraes «ainda» como christãos «apesar» da fé que elles juntam, e vereis se elles querem, elles, conservar-nos na sua igreja. Assim vão as coisas: sem accordo, sem rebuço ou dissimulação, sem enganos de parte a parte, sem falsidade emfim, taes compromissos não são possiveis; e se a sinceridade e a veracidade devem reinar em alguma parte, é no dominio da religião. No da politica não se pôde passar sem compromisso; mas ahí não ha nem segundo pensamento nem mentira, porque em politica trata-se não de convicções, mas de meios, não da verdade, mas do util.

«Que se possa viver sem igreja, escrevia Dahlmann a Gervinus, por occasião da obra d'este sobre a missão dos

catholicos allemães, concebo muito bem; eu proprio vivo assim, apesar de desejar proceder de outra maneira. Mas que se possa estabelecer uma igreja só sobre a moral christã, eis o que não posso conceber. Parece-me que a Igreja se compõe dos (ecclesiasticos) que se ligam ao proprio Christo, que se instruem sobre os segredos do seu nascimento, da sua ressurreição, sobre as suas promessas, e da multidão credula que os escuta; quando entramos ou quando saímos, produzimos, é certo, uma corrente, mas não trazemos calor algum». E' essa a minha opinião, salvo o desejo de proceder differentemente. Sabemos da Igreja lealmente, e não sentimos falla alguma; porque então lamentar não fazer parle d'ella? Conduzimos á clara consciencia do que possuímos independentemente da Igreja, e ficamos seguros de nada desejar do que ella promette, tal foi a intenção principal que me dirigiu fazendo e publicando a minha Confissão. E eis que nos vem em auxilio a lembrança de todas as inverosimilhanças e de todas as contradicções que deixamos atraz de nós com a Igreja, de todas as torturas da nossa intelligencia, e do nosso sentimento da verdade, a que escapamos. Como já o lenho dito varias vezes, esta exposição nunca teve por fim causar o desgosto da Igreja a quem ainda se sente bem nella, mas sómente determinar e reunir os motivos que nos levaram á separação. Eu não quiz estabelecer uma polemica com quem pensa de um modo diverso do meu, quiz sim um entendimento com quem pensa como eu.

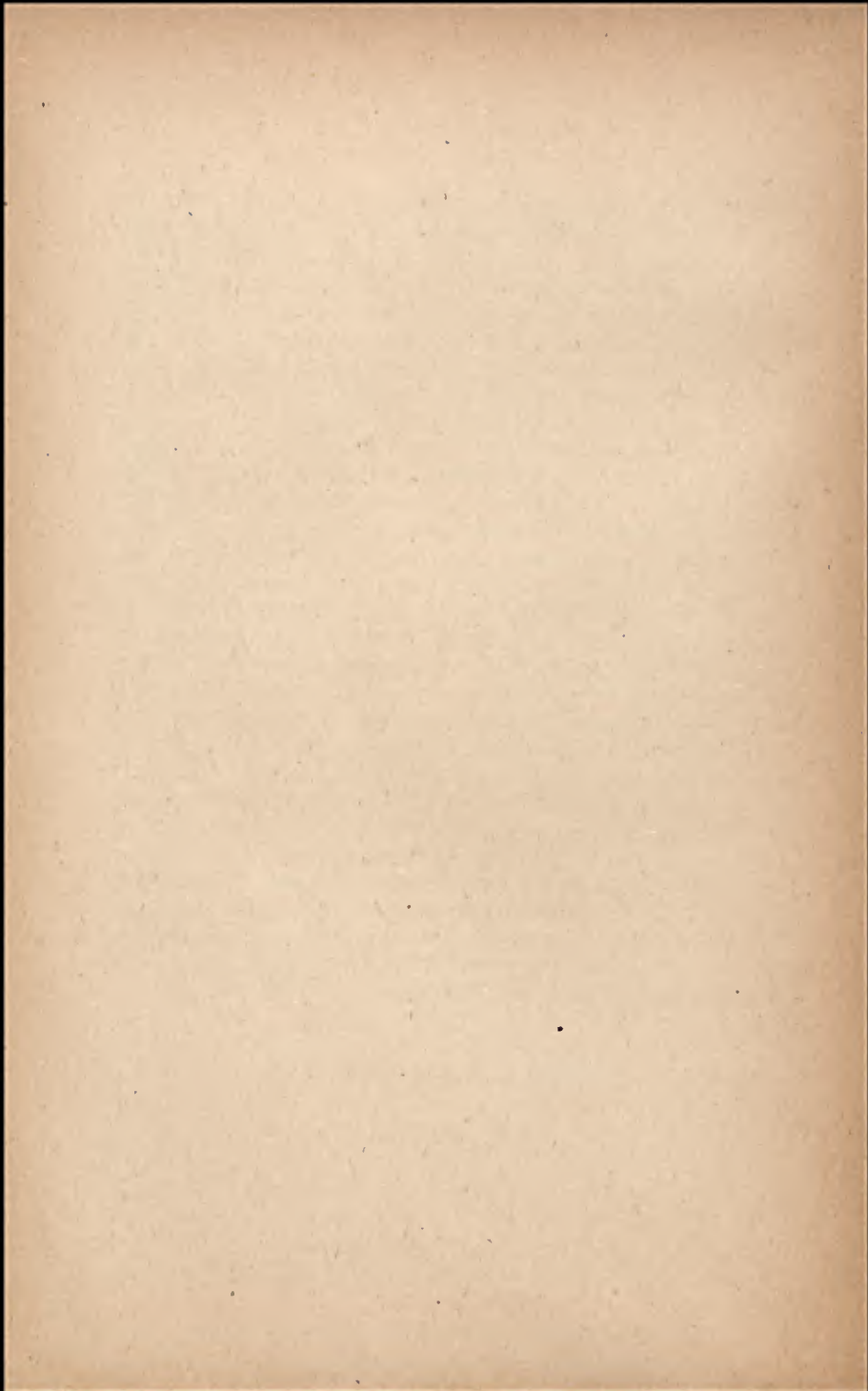
E não sómente fazer conhecer a estes ultimos o que nós possuímos, mas tambem o que não possuímos. Ao mesmo tempo que lhes expunha a somma actual dos nossos conhecimentos, das nossas ideias, dos nossos desejos e das nossas consolações, tinha egualmente em vista excital-os a ajudar-nos segundo a sua força na multiplicação dos nossos meios. O edificio das nossas ideias sobre o mundo, não é só para mostrar as suas lacunas escaucaradas, e estamos muito atrasados na construcção da nossa doutrina sobre o dever e a virtude. Aqui indiquei os logares onde deviamos pôr as pedras angulares, sem estar em condições de mostrar já alguma coisa completa, acabada.

Acontece isto, porque estamos habituados ainda a apoiar-nos, na pratica, sobre as antigas ideias, a tirar-lhes quasi inconscientemente os motivos dos nossos actos. Precisamos de nos convencermos, para sempre, da fragilidade d'essas ideias, para nos obrigarmos a procurar e a encontrar pontos de apoio solidos para a nossa moral, não mais numa pretendida revelação sobre-humana, mas sobre o terreno da nossa nova concepção do mundo, isto é sobre o conhecimento exacto do homem.

A tendencia natural da nossa epocha a alargar o laço que une o Estado e a Igreja, a inevitavel disseminação das egrejas do Estado em seitas e communhões livres, produzirão, para um grande numero de cidadãos, a possibilidade de ficarem sem nenhuma ligação exterior com qualquer igreja. O desenvolvimento de um tal grupo é provocado, principalmente depois das ultimas dezenas de annos, pela marcha da cultura intellectual, e quanto mais regular fôr este desenvolvimento, menos falseado e desnaturado será pelos accordos com outros pontos de vista, e mais acção exercerá sobre a situação geral dos espiritos e dos costumes. Não temos, absolutamente, razão alguma para nos opprimirmos reciprocamente; a vida commum no presente, principalmente na Allemanha, offerece espaço bastante para podermos mover-nos todos e produzirmos ao lado uns dos outros. Foi unicamente para affirmar este direito que escrevi esta confissão, persuadido, apesar de todas as invectivas, de ter feito uma boa obra e de ter merecido a gratidão de um futuro menos desconfiado. O tempo de me comprehenderem, virá, como veio para a *Vida de Jesus*; sómente esse já o não verei.

Acabado no ultimo dia do anno de 1872.





A ANTIGA E A NOVA FÉ

Introdução

1

O grande movimento politico guerreiro que, nos seis ultimos annos, transformou a situação externa e interna da Allemanha, foi seguido immediatamente de um movimento religioso que se annuncia como devendo ser pouco menos bellicosos.

Já o augmento de forças que a victoria da Prussia sobre a Austria e a formação da Confederação do Norte tinham parecido dar ao protestantismo, foi considerado pelo catholicismo como uma advertencia para reunir todo o seu poder espirital e temporal na mão do papa dictador, proclamado infallivel. No proprio seio da Igreja catholica, o novo dogma offendeu-se com os protestos que se formaram no partido dos velhos catholicos; emquanto que o governo ultimamente instituido na Allemanha, depois de ter muito tempo obedecido ao «não-te-rales» que ha trinta annos caracterisava a politica prussiana, parece enfim decidido a uma vigorosa defeza contra os ataques da Igreja ameaçadora.

Este movimento no seio da Igreja catholica pôde, á primeira vista, parecer mostrar a Igreja protestante como a mais estavel. Todavia, ella propria não deixa de ter uma fermentação interior; mas em conformidade com a natureza do protestantismo, tem um caracter mais reli-

gioso que politico ou ecclesiastico. O antigo regime consistorial e as tendencias para uma constituição synodal fórman um contraste que sob aspirações hierarchicas d'um lado, democraticas do outro, tem por fundamento real uma controversia dogmatica. Os velhos Inlherianos, os amigos da união, e mais além os homens da união protestante, combatem com effeito por questões religiosas, por uma concepção differente do christianismo e do proprio protestantismo. Se esta agitação protestante não é tão apparente como a agitação catholica, a razão está apenas em que as questões de poder fazem, por sua natureza, ainda mais barulho que as questões de fé, por muito tempo que estas nllimas conservem o seu verdadeiro character.

Ainda que seja assim, ha agitação de todos os lados. ha declarações, ha preparalivos; só nós, parece, ficamos mudos e de braços crusados.

Nós quem? Até nova ordem só um *Eu* falla aqui e mesmo um *Eu*, tanto quanto o sabemos, que, sem alliaucas, sem partido, occupa um logar o mais isolado possivel.

Oh! menos que isso; elle não tem mesmo um logar, esse *Eu*, e não tem outro valor além do que queiram conceder á sua palavra. E ainda é uma palavra escripta, pois que não tem doles para orador das assembleias ou para missionario viajando para espalhar as suas convicções, e não se sente disposto a vir a tel-os. Mas póde-se não ter logar e não estar cahido por terra, como se póde não ter partido, sem se estar isolado. Quando digo Nós, sei que tenho o direito de dizel-o. Não nos contamos sómente por milhares. Não formamos nem uma Igreja, nem uma communnidade, nem mesmo uma sociedade; mas sabemos bem porquê.

Em todo o caso, não se deve contar a multidão inleira dos que não estão satisfeitos com a antiga fé da antiga Igreja, seja ella evangelica ou catholica e dos que sentem mais ou menos claramente a contradicção em que ambas cahem cada vez mais em face da sciencia, do conhecimento do mundo e da vida, das constituições sociaes e politicas do presente, e que olham como urgente a necessidade de um remedio, de uma reforma.

Neste ponto, a massa dos descontentes que aspiram a um melhor estado, toma duas direcções. Uns — e, não mintamos, fórman nas duas confissões a grande maioria — acham sufficiente cortar na velha arvore os ramos notoriamente seccos, esperando dar-lhe assim a força e a fecundidade. Ahi, tolera-se um papa, mas não infallivel; aqui, fica-se fiel ao Christo, mas com a condição de não ser dado como o filho de Deus. Para o resto, tudo deve andar como deante das duas Igrejas: numa, os padres e os bispos oppondo-se aos laicos como dispensadores sagrados das graças ecclesiasticas; na outra, ainda que com pastores livremente eleitos e segundo regras voluntariamente aceites, a prégacao de Christo, a administração dos sacramentos instituidos por elle, a celebração das festas que nos lembrem as principaes scenas da sua vida.

Ao lado, todavia, d'esla maioria, ha uma minoria que não é para desprezar. Liga grande importancia á íntima cohesão do systema da Igreja, no que se refere, principalmente, ás consequencias. Segundo ella, quem admittir a distincção de clérigos e de laicos, quem reconhecer a necessidade para a humanidade de poder encontrar, junto de uma auctoridade instituida pelo Christo em nome de Deus, um ensinamento indubitavel das questões religiosas e moraes, não póde recusar a sua adhesão a um papa infallivel exigido por esla mesma necessidade. Em compensação, desde que se não olha Jesus como filho de Deus, mas como um homem, por muito excellentes que seja, não ha o direito de lhe rezar, de o conservar como objecto de culto, de prégar todo o anno sobre elle, as suas acções, as suas aventuras e as suas maximas; principalmente se entre estas acções e estas aventuras, as mais importantes têm sido reconhecidas como fabulosas, e essas maximas ou doutrinas incompativeis com as nossas opiniões actuaes sobre o mundo e a vida. Quando esta minoria vê assim romper-se o circulo outr'ora fechado do culto da Igreja, reconheee ignorar para que poderia servir ainda um culto, para que serviria uma sociedade particular como a Igreja, ao lado do Estado, da escola, da sciencia, da arte, de que todos fazemos parte.

Nós somos a minoria que pensa assim, e é em seu nome que tento fallar.

2

Nada se pôde fazer no mundo sem união, sem entendimento e, conforme a este entendimento, não se agindo conjuntamente. Nós deveríamos pois, parecee, contra a antiga e a nova união ecclesiastica, fundar uma união anti-ecclesiastica, toda humanitaria e racional. Mas a gente não o faz e quando alguém o tenta, torna-se ridiculo. Não seria isto o que nos metteria medo, se devessemos triumphar. Muitos o julgam, mas não nós. Reconhecemos antes como contradictorio fundar uma união para destruir uma união. Se queremos provar que já não temos necessidade de Igreja, não devemos nós mesmos estabelecer uma especie de Igreja.

Devemos, todavia, e queremos, entender-nos. E isto pôde dar-se na nossa epocha sem união. Temos os discursos publicados, temos a imprensa. E' precisamente por este ultimo meio que eu faço uma tentativa para me pôr de accordo com os que pensam como eu. E para o que primeiro desejamos, este meio basta amplamente. Para agora, não queremos transformação alguma do mundo. Não temos a intenção de destruir qualquer Igreja, porque sabemos que ha muita gente que precisa d'ella ainda. Para a edificação, não de uma Igreja, mas, depois da queda definitiva d'esta, d'un ideal novo na vida dos povos, não nos parece que livesse chegado a occasião. Não queremos, tão pouco, melhorar ou renovar o velho edificio, porque reconhecemos nelle um obstaculo ao progresso. Quereríamos sómente agir sem brilho, de tal maneira que no futuro, o novo saia, por si mesmo, da inevitavel dissolução do antigo. Para isto, é sufficiente o entendimento sem união, o estímulo pela palavra livre.

O que com este fim penso em fazer, sei-o bem, um grande numero, muitos, o fariam tão bem, muito melhor. Alguns fallaram já. Devo calar-me por isso? Não o creio.



Se um outro sabe muito, eu sei talvez um pouco. E muitas coisas sei-as de outra maneira, vejo-as de outra maneira que o resto dos homens. Logo, fallemos sem receio. Desfraldemos a nossa bandeira, para os outros a experimentarem.

Algumas palavras mais em meu nome pessoal. Ha quarenta annos que, auctor, entrei neste camiuho, que sempre e sempre combati pelo que me parecia a verdade, talvez ainda mais contra o que me parecia mentira; e assim cheguei ás portas da velhice; passei-as mesmo, já. Nesta altura o homem serio ouve esta voz interior: «Prepara as contas da tua gerencia, porque já não serás muito tempo gerente».

Se eu fui infiel, não o sei; um inhabil ás vezes, talvez tambem um pouco indolente, sabe-o o Céu; mas em summa fiz o que estava nas minhas forças e nas minhas tendencias, e fil-o sem olhar para a direita ou para a esquerda, sem buscar ou temer o favor ou desfavor de quem quer que fôsse. Mas que fiz eu? Em ultima analyse, tem-se sempre um todo no pensamento; e enunciam-se sempre particularidades d'elle; concordam sempre estas particularidades? Cheios de zelo, fazemos ruinas do que era velho; mas o que é novo estará sempre apto a substituir esse velho?

E' principalmente esta accusação de destruir sem reedificar a que se faz sem cessar aos valentes que seguem tal caminho. Pois, por mim, não me defendo d'ella. Sómente não a julgo accusação. Como disse já, não me propuz construir nada de novo no mundo, porque eu não creio chegada ainda a hora de fazel-o. Só pôde tratar-se de uma intima preparação, justamente para aquelles a quem o antigo já não satisfaz, e a quem as meias-medidas não soccgam. Não queria nem quero destruir qualquer confiança, qualquer fé; mas onde ellas estão já abaladas, quero mostrar a direcção que, segundo a minha convicção, pôde levar-nos a terra firme.

Esta terra, no meu pensamento, não pôde ser outra que o que se chama a moderna concepção do mundo, resultado custosamente adquirido, perscrutado sem repouso a natureza e a historia, contrariamente ao que faz



a Igreja Christã. Mas esta moderna concepção do mundo, como eu a compreendo, não tem sido até aqui por mim exposta senão em algumas indicações parciais, e nunca com detalhes d'uma maneira quasi completa. Nunca, sufficientemente, teutei mostrar se ella possui por si mesma uma base segura, uma solidez, uma unidade e uma coesão a toda a prova. Olho como um dever, não sómente para os outros, mas para mim mesmo, fazer essa tentativa. Num semi-souho reúnem-se muitas coisas pelo pensamento, que não se harmonizam logo que se queira fazel-as entrar na fôrma estreita das palavras e das phrases; tambem não me comprometto, de maneira alguma, já, a triumphar completamente nesta empreza, a não deixar subsistir algumas laenas, algumas apparentes contradicções. Visto que não buseo dissimulal-as, a critica reconhecerá a lealdade das minhas intenções; no meio das suas proprias meditações, encontrar-se-ha apta a julgar de que lado — se do da fé antiga ou do da nova sciencia — se encontram mais obscureidades e insufficiencias inevitaveis.

3

Tenho pois de expôr duas coisas: primeiro, as nossas relações com a fé da antiga Igreja; depois, os fundamentos da nova concepção do mundo, a favor da qual nos declaramos.

A fé da Igreja é o christianismo. Por consequencia, a primeira questão que se apresenta é esta: se somos ainda christãos, e em que sentido. O christianismo é uma fôrma determinada da religião cuja essencia geral differe certamente d'esta fôrma; pôde-se ter renunciado ao christianismo e continuar-se religioso. D'essa primeira questão nasce est'outra: temos ainda uma religião?

A nossa segunda questão principal sobre a nova concepção do mundo, bem considerada, divide-se igualmente em duas mais. Devemos, antes de mais nada, saber em que consiste esta concepção, em que provas se apoia; e em face, principalmente, das antigas opiniões da Igreja,

quaes são os seus caracteres distinctivos. Queremos também saber se estas opiniões modernas sobre o mundo prestarão os mesmos serviços e nos serão mais ou menos uteis que as ideias christãs aos velhos crentes; se ellas serão mais ou menos proprias para fundar o edificio da verdadeira vida humana, isto é da vida moral e, por consequente, feliz.

Perguntamos em primeiro logar:



Somos ainda christãos?

4 — A Trindade

Christãos em que sentido? Porque agora a palavra tem differentes significados, não sómente confessionaes, mas ainda segundo as numerosas nuancees entre a fé e os commentarios. Que já não pertencemos a qualquer confissão no sentido da antiga fé, ficou já, preeedentemente, indieado quanto era necessario; por outro lado, entre todas as eôres que o christianismo hoje reflecte, é sómente perante a mais viva, a mais deecidida, que devemos declarar-nos. Todavia, ficariam incomprehendidas muitas coizas se não expuzessemos, pelo menos nos seus grandes traços, a antiga fé ehristã; só as fórmãs primitivas pôdem fazer eomprender as fórmãs derivadas.

Se nós queremos saber como esta antiga e pura fé da Egreja naseu e como se porta hoje, não iremos buseal-a aos theologos aetnaes, mesmo aos orthodoxos, onde ella se encontra sempre desnaturada; procuremól-a nas fontes, numa das antigas profissões de fé. Consideremos a primeira entre todas, ainda em uso hoje na Egreja, chamada o symbolo dos Apostolos, que completaremos e commentaremos opportunamente segundo os desenvolvimentos que tem soffrido.

O symbolo dos apostolos dividiu-se em tres artigos quando foi formulada a trindade divina, o dogma fundamental da antiga fé da Egreja. Sobre a trindade mesma, nada diz, assim como as profissões de fé posteriores, o symbolo de Nieea e o de Athanazio. «A crença catholica é, diz este



ultimo, que nós adoramos um Deus na trindade e a trindade na unidade, sem misturar as pessoas e dividir a essencia». Assim, uma é a pessoa do Pae, outra a pessoa do Filho, outra a pessoa do Espirito Santo, e todavia todas tres fazem sómente um Deus.

E' de crêr que estes velhos christãos, tão ignorantes das coisas naturaes, possuíssem tão grande poder intellectual para a conceição de todo este sobrenatural; porque taes concepções que o nosso espirito se reeusa absolutamente a acceitar, como pensar que tres são um e que um é tres, eram para elles bagatella, talvez uma distraecção com que se pavoneavam, a favor de que podiam luetar longos seculos com todas as armas da subtileza e da sophistica, mas lambem com uma paixão que não recuava deante da violeneia e da morte. Vius-se mesmo um reformador, perante uma heresia referente a esta doutrina, levar á fogueira um eminente medico e naturalista que tinha a fraqueza de não pôr de lado a theologia.

Hoje não sabemos apaixonar-nos ou animar-nos com um tal dogma; quando pensamos nisso por aeaso, não podemos imaginar outra coisa que não seja tirar-lhe a sua significação; mas andamos muito melhor notando como os velhos christãos chegaram pouco a pouco a tão extranha doutrina. Isto pertence á historia da Igreja, que nos mostra igualmente como lá fôram ler os novos christãos; porque se o dogma da trindade não está, aparentemente, abandonado, perdeu, todavia, o vigor dos primeiros tempos, mesmo nas assembleias, no resto, de verdadeiros crentes.

5 — A criação

Como principio, o primeiro artigo do symbolo dos apostolos, exprime simplesmente a fé em Deus, o pae todo poderoso, creador do eéo e da terra.

Mais tarde voltaremos á noção geral d'um Deus ereando o mundo, como sendo uma ideia religiosa fundamental; agora, contentar-nos-hemos em lançar os olhos sobre a

theoria mais immediata da criação do mundo que a Igreja expoz na narração biblica (1.º L. Moysés, I) e que sem mais trabalho ficou constituindo artigo de fé.

E' a obra famosa dos seis dias, segundo a qual Deus não teria chamado o mundo á vida d'um golpe só, por um simples acto da sua vontade, mas pouco a pouco, em seis dias que correspondem á semana judaica. Aceitamos esta narração tal como ella se nos apresenta, comprehendamol-a como o producto do seu tempo, comparemol-a ás historias da criação ou cosmogonias que encontramos nos outros povos, e no meio de toda a sua ingenuidade, encontrar-lhe-hemos um sentido levantado, e consideral-a-hemos com uma attenção benevola. Não iremos certamente accusar o velho poeta hebreu, de ignorar o systema de Copernico ou as modernas descobertas da geologia.

Que mal se faz petrificando num dogma uma tal narração biblica que, d'outro modo, nos encantaria e commoveria ! Desde então, torna-se um obstaculo que opprime, e contra que se voltam com audacia todas as intelligencias progressivas, todos os demolidores criticos. Assim tendo sido com esta cosmogonia mosaica que, reconhecida dogma, levantou contra si mesma todas as novas sciencias naturaes.

O logar que ella dá á criação dos corpos celestes devia provocar o principal protesto. Sob todos os pontos de vista, elles chegam, segundo ella, muito tardiamente. O sol só é creado no quarto dia, quando já tem havido, durante tres dias, tres alternativas de dia e de noite, que não podem comprehender-se sem a presença do sol. Depois, a terra é creada muitos dias antes do sol, que se torna, como a lua, um seu servidor. Das estrellas, só de passagem se falla nellas. Esta reviravolta das verdadeiras relações dos astros entre si, convém pouco a uma historia inspirada. Tambem devia igualmente surpreender que Deus precisasse de empregar cinco grandes dias com a criação e amanho da terra, quando lhe bastou um só para tirar do nada o sol com todas as estrellas fixas e os planetas (que, na verdade, segundo a narração biblica, não são isto, mas sim uns luzeiros).

A estas difficuldades astronomicas deviam brevemente juntar-se não menores difficuldades geologicas. Num só dia, o terceiro, teriam sido separadas as terras dos mares, e além d'isso, creado todo o mundo das plantas, enquanto os geologos nos dizem que não sómente milhares, mas centeas de milhares de annos têm sido precisas para este progresso das fórmas. No sexto dia, abstrahindo a creação das aves feita antes, receberam existencia todos os animaes terrestres, comprehendendo os reptis e, enfim, o homem; desenvolvimento que egualmente, como nol-o ensina a sciencia actual, exigiu periodos terrestres de uma immensa duração.

Ha ainda quem, não só theologos como naturalistas, lauce mão de todos os pequenos expedientes. Que Deus tenha creado o sol sómente tres dias depois da terra, isto significa que elle só então se tornou vizivel para o globo terrestre, fleando até ahi no estado vaporoso. E os dias, ainda que o narrador os teulia limilado entre a manhã e a tarde, não devem ser dias de doze ou de vinte e quatro horas, mas periodos de creação que pódem alongar-se conforme as necessidades.

6 — A queda

Aquelle que fica fiel á antiga fé christã deve antes dizer: fóra a sciencia! Está escripto na Biblia, e a Biblia é a palavra de Deus. A Igreja acceita-a assim, e particularmente a Igreja evangelica, no sentido estreito da palavra. A Escriptura santa, com os seus differentes livros, é bem da mão dos homens; mas esles não fóram entregues á sua fugitiva memoria, á sua razão incerta; o proprio Deus (isto é o Espirito Santo) suggeriu-lhes o que deviam escrever. E o que Deus suggere é a verdade infallivel. Logo o que os livros contam deve ser tido como absolutamente historico; o que elles ensinam deve ser considerado como uma regra absoluta egualmente para a fé e para a vida. Na Biblia não póde haver narrações erroneas ou contradictorias, opiniões ou juizos falsos. Ainda

que o que ella diz ou ensina, revolte a uma intelligencia: onde falla Deus, só o silencio modesto convém ao espirito humano.

Pois quê? A Santa-Escriptura não seria a palavra de Deus? Explicae então como Isaias, entregue só á sua sciencia humana, pôde predizer que Jesus nasceria de uma virgem, e Micheas que isso succederia em Belem. Como pôde esse mesmo Isaias, seculo e meio antes do persa Cyro, designar nominalmente este como devendo libertar os judeus do captiveiro da Babylonia, que elles não soffriam ainda? Como pôde David, sob Nabuchodonosor e Cyro, prophetisar sem inspiração divina laulas particularidades da historia de Alexandre Magno e dos seus successores até Anliocho?

Ah! tudo isto se explicou ha muito tempo, isto é com a sciencia; mas muito perigosamente para a antiga fé. Nem Isaias com o seu filho de virgem, nem Micheas, com o seu dominador de Belem, pensaram de longe no nosso Jesus. O último terço das prophcias de Isaias provém de um contemporaneo de Cyro, como todo o livro de Daniel d'un contemporaneo de Antiocho, podendo, assim, os dois predizer do modo mais humano, quer depois, quer durante o acontecimento.

O mesmo se tem reconhecido quanto aos outros livros biblicos. Já não temos nem Moysés nem Samuel entre os seus auctores. Sabe-se que os livros que trazem os seus nomes são compilações muito posteriores; nas quaes com pouca critica e muita tendencia, se fez entrar velhos bocados de epochas differentes. O mesmo se dá nos livros do Novo Testamento, de que teremos, brevemente, occasião de fallar.

7 — O dilabo

Estamos fóra já do symbolo dos apostolos, cujo primeiro artigo é, tambem, muito curto. Penetremos um pouco mais ainda na narração mosaica, de que o segundo e terceiro capitulos serviram, como o primeiro, de funda-

mento á Egreja christã. A historia da creação é seguida da historia da queda dos nossos primeiros paes, ponto de extrema importancia, porque é para aniquilar os seus resultados que o Salvador será enviado ao mundo.

Temos aqui deante de nós, como na historia da creação, um poema didatico que, em si digno de toda a honra, pela sua transformação em dogma tem sido collocado na desagradavel situação de ser maldozamente interpretado, depois detestado, e finalmente combatido. O poeta quer mostrar como o mal e as misérias que assaltam o homem penetraram um mundo que Deus tinha, aliás, creado bom. A culpa não pôde ser de Deus; não pôde pertencer exclusivamente ao homem; então é introduzido um seductor que persuade o primeiro casal humano a transgredir as ordens divinas; e esse seductor é a serpente.

Sobre isso, o auctor da passagem não entende outra coisa que não seja o enigmatico animal de que a alta antiguidade tantas maravilhas sabia contar; mas mais tarde o judaismo e logo depois o christianismo viram ahi o diabo que, transportado da religião persa para a judaica, devia, e mais ainda na religião christã, desempenhar um papel tão importante.

Pensemos sómente em Luthero, que vivia nesta fé no diabo e julgava, sem cessar, ter o inimigo preso a seus pés. Elle attribuia á influencia immediata do demonio e dos seus servos infernacs não só os maus pensamentos, mas tambem os males exteriores, que se precipitam sobre o homem, as dôres e as más-mortes, o incendio e as saraivadas. Bem que isto testemunhe uma insufficiencia incontestavel dos seus conhecimentos sobre a naturza, e da sua educação, a illusão pôde, todavia, por certos lados, revestir fórmãs d'estas num grande homem. Toda a gente conhece a sentença de Luthero contra os diabos de Worms, «fôsem elles tão numerosos como as telhas dos telhados»; mas já no seu caminho, tinha sustentado contra o Máu uma lucta victoriosa. Quando prégou, de passagem por Erfurt, os murmurios tornaram-se ameaçadores; o medo era grande e podia haver desgraças; então Luthero apostrophou com rudeza o diabo, que elle bem reconhecia nesse tumulto, mas a quem aconselhava se

mantivesse quieto. Volta a tranquillidade, Luthero pôde acabar o seu sermão.

Mas é sempre perigoso brincar com o diabo. Ninguém podia queimar-o, visto que o fogo é o seu elemento; mas queimar-se-hiam as pobres velhas que mandavam o que Luthero attribuia ao demonio: a doença, a saraiva, etc. Os processos de feitiçaria compõem uma das mais terribes e das mais vergonhosas paginas da historia christã, e a erença do diabo um dos mais fleis aspectos do antigo christianismo. Póde medir-se, seguramente, o grau de cultura dos homens pela affeição ou pela indifferença que manifestaram perante esta perigosa caricatura.

Por outro lado, tirar uma pedra tão importante, seria prejudicial ao edificio christão. Goethe, adolescente, notou contra Bahrdt que se nenhuma concepção tinha sido biblica, esta o era. Como escreve João, o Christo appareceu para destruir a obra do diabo, e poderíamos tel-o dispensado se o diabo não tivesse existido.

8 — O peccado original

A figura da serpente da velha narração hebraica não foi a unica concepção adulterada pelo dogmatismo christão. O contista queria explicar porque os homens são tão miseraveis, tão desgraçados; o commentario christão fez-lhe dizer, em primeiro logar, porque elles são tão maus, tão inelinados ao peccado. Pela morte com que Deus castigou a desobediencia do primeiro casal, elle comprehendera a morte corporea; a doutrina christã viu ahi a morte espirital, a condemnação eterna. A queda dos seus primeiros antepassados legou a todo o genero humano tanto a tendencia ao peccado como a condemnação.

E' a famosa doutrina do peccado original uma das bases da fé da Igreja. A confissão d'Augsbourg falla, a esse respeito, assim: «Depois da queda de Adão, todos os homiens gerados actualmente (faz-se aqui referencia á excepção de Christo) nasceram com o peccado, isto é sem o temor de Deus, sem a confluência em Deus, e com o

mau espirito; e esta doença ou defeito original é, effectivamente, um peccado que hoje ainda provoca a morte eterna para todos os que não sejam regenerados pelo Baptismo e pelo Espirito Santo».

Assim, por uma unica desobediencia d'un primeiro casal, simples até á infantilidade, toda a sua descendencia até aos filhos innocentes, e durante todo o tempo em que morrer sem baptismo, será votada aos supplicios eternos do inferno ! E' easo para espanto que uma tal ideia, que revolta ao mesmo tempo a razão e a reetidão, que de um Deus amavel e adorável faz um ser horrivel e execrando, que uma tal ideia tenha podido um dia ser aollida, por mais barbaro que se conceba, e que se tenha podido mesmo esentar as subtilezas com que se buseou suavisal-a.

9 — O Christo

Todavia, o Christo foi enviado ao mundo para reparar o mal causado por Satan; e voltamos assim ao symboló dos apostolos, cujo segundo artigo, que se liga ao de Deus-padre, é assim concebido: «e (eu creio) em Jesus-Christo, seu filho unico, nosso Senhor, que foi concebido do Espirito Santo, nasceu da Virgem Maria, soffreu sob Poncio Pilatos, foi erucificado, morreu e foi sepultado; desceu aos infernos, resuseitou ao terceiro dia, subiu aos céos, está sentado á mão direita de Deus, o pae todo poderoso, e d'onde virá julgar os vivos e os mortos».

Apresenta-se aqui esta singularidade, que d'entre todas as passagens enumeradas não podemos prestar credito ou mesmo attenção senão áquellas que não têm valor algum para a fé no sentido ecclesiastico, porque ellas não contam do Christo mais do que o que póde acenteeer a todos os homens. O que venha a ser um filho unico de Deus o pae, não o sabemos. No «concebido pelo Espirito Santo nascido da Virgem Maria», sentimos um sopro mythologico; sómente nos pareem melhor engendradas as gerações dos deuses gregos que a christã. Como já disse,

não nos recusamos e aceitar os soffrimentos e a morte na cruz, no tempo de Poncio Pilatos, pois que isto nada contém de inverosímil e, de resto, é contado por um historiador romano. Mas eis o mais maravilhoso. A descida aos infernos não se menciona em nenhum dos evangelistas. A resurreição, sim, é-o por todos; mas nenhum a presenciou, e além d'isso, é narrada com circumstancias sempre differentes, enfim, como se deve contar uma coisa a que se deve negar o caracter historico. E, ainda, que coisa? Uma tão impossível, tão contraria a todas as leis naturaes que seria preciso proval-a dez vezes sem errar, para que podessemos hesitar, e não a negar redondamente. Vêm, enfim, a ascensão ao céu, onde temos muitos astros, mas não encontramos throno algum de Deus, á direita do qual possamos sentar-nos, e a volta para o juizo do ultimo dia, nós que desconhecemos outro julgamento divino que não seja o que se faz a cada hora no tempo presente.

E isto não são algumas ideias phantasticas d'um symbolo posterior; mas como, anteriormente, para o diabo, o ensino expresso do Novo Testamento.

10 — A redempção

O pequeno cathecismo lutherano aponta este segundo artigo como o da Redempção, e commenta-o sobretudo olhando-o d'essa maneira. Elle designa o Christo como aquelle «que me resgatou, a mim homem perdido e condemnado, e me livrou da morte e do poder de Satan, não com ouro ou prata, mas com seu precioso sangue e a innocencia da sua vida e da sua morte».

Tal é a unica verdadeira noção da Igreja, quanto á redempção e ao Redemptor. Nós, homens, tinhamos, pelos nossos antepassados e pelos nossos proprios peccados, merecido a morte e a condemnação eterna, e já estavamos entregues ao poder do demonio; então Jesus veio até nós, levou em si a morte na sua fórmula mais dolorosa, supportou, em nosso logar, a colera divina, e com isso,



comtanto que acreditemos nelle e neste effeito da sua morte, livrou-nos do castigo mercedo, isto é da sua mais grave consequencia, a condemnação eterna.

Ao sangue com que fomos resgatados, oppõe Luthero o oiro e a prata que se não empregaram. Ainda que sejam expressões biblicas, a antithese primitiva era outra. Encontra-se na Epistola aos Hebreus: «o Christo não o fez com o sangue dos bodes e dos bezeros, mas com o seu proprio». A doutrina da reconciliação christã sahio da antiga maneira dos sacrificios judaicos. No fundo do velho uso dos sacrificios expiatorios, ha um piedoso sentimento, mas escondido num envolvero grosseiro; e a transformação que elle soffreu no christianismo não foi de certo um aperfeçoamento. Antes pelo contrario. Toda a gente sabe que os sacrificios, com que os povos barbaros julgavam abrandar a colera dos seus deuses, foram, originariamente, sacrificios humanos. Houve progresso, aperfeçoamento quando se começou a offerecer bestas em vez de homens. Depois reapareceu o sacrificio humano. Foi na verdade, antes de tudo, uma metaphora; já se não trata do sacrificio formalmente executado por um padre; mas, a condemnação e a execução criminosa effectnadas por um povo tresmalhado e seus chefes, do Messias, do filho de Deus, que tinha accettato a sua sorte com resignação, foi considerada como um sacrificio expiatorio. Assim vão as coisas. A comparação foi logo tomada a serio. O proprio Deus o tinha mandado; a immolação de Jesus era a unica condição para que elle pudesse ou quizesse perdoar aos homens.

11 — O resgate pela morte

Quando um innocente perde a vida, quer pela violencia, quer por uma sentença injusta, principalmente quando morre martyr d'nma verdade que proclamou, d'uma boa causa que representou, o effeito produzido jámais se perde, simplesmente muda de maneira e de alcance, seguindo a situação e a importancia da victima. As execu-

ções d'um Socrates, d'um Giordano Bruno, d'um Carlos I, d'um Luiz XVI, d'um Oldenbarnewelt e d'um João Calas, agiram na sua esphera, cada uma segunda a sua natureza. Mas, em todos os casos, esse resultado moral foi conduzido pela sua influencia sobre o coração dos homens.

A morte de Jesus teve a mesma influencia moral. A viva e profunda impressão que ella causou no espirito dos discipulos, a mudança que ella produziu em todas as suas ideias sobre o destino do Messias e a natureza do seu poder, são conhecidas da historia. Para isso, pouco contribuiu o ensino da Igreja. A influencia principal da morte de Jesus, aquella que era o seu proprio fim, foi, antes, por assim dizer, metaphysica. Alguma coisa se devia mudar com esta morte, e mudou-se com effeito, não primeiro no coração dos homens, mas antes de tudo nas relações de Deus com a humanidade; ella satisfez, como já sabemos, a colera de Deus, a sua justiça vingadora, e collocou-o na situação de prestar a sua graça ao homem, apesar dos seus peccados.

Hoje, ha apenas necessidade de desenvolver a ideia de que sob a concepção de uma morte redemptora, d'uma satisfação por substituição, se esconde um verdadeiro resto das mais grosseiras concepções. Castigar alguém pelo crime d'um outro, alormentar o innocente, ainda que com o seu consentimento, para deixar o culpado impune, é, agora, reconhecido por toda a gente como proprio dos costumes d'um barbaro. Para uma divida moral ou pecuniaria, considerar indifferente que o devedor pague, elle mesmo, ou outrem por elle, é, agora, reconhecido por toda a gente, como proprio das ideias d'um barbaro.

Uma vez que esta transferencia é ollhada como impossivel, as coisas ficam as mesmas, quer a pessoa para quem devem ser transferidos os soffrimentos seja um homem simples, quer seja um homem-deus. Todavia este ponto importa grandemente á doutrina da Igreja. «Porque se eu creio, diz Luther, que só a sua humana natureza soffreu por mim, o Christo é, para mim, um mau salvador, e tem, elle proprio, precisão de um salvador. Sabe-se que a divindade não pôde soffrer nem morrer; mas a

pessoa que soffre e morre é verdadeiramente Deus; logo tenho razões para dizer: o filho de Deus morreu por mim».

Esta união das duas naturezas na só pessoa do Christo, e a troca de propriedades pelas quaes se confundem, constituiu-se, além d'isso, na doutrina da Igreja, num systema, cujas subtilezas completamente destruíram a humana personalidade historica de Jesus; emquanto que a maneira de ser de Deus, o pae, em face do sacrificio de seu filho, provocou este dito de espirito na bocca de Diderot: «Não ha bom pae que queira parecer-se com o nosso pae celeste».

12 — A Igreja e a palavra de Deus. — Fé e satisfação

O symbolo dos apóstolos remata a fé christã com o seu terceiro artigo, assim concebido: «Eu creio no Espirito Santo, na santa Igreja catholica, na comunhão dos santos, na remissão dos peccados, na resurreição da carne e na vida eterna».

Pela sua união com a natureza humana e pelos seus soffrimentos, a segunda pessoa da divindade conseguiu sem duvida a remissão dos nossos peccados; mas para que ella nos seja verdadeiramente dada, é preciso que a terceira pessoa, o Espirito Santo, intervenha por sua vez e a dirija para nós. E' o que succede por meio da Igreja e da graça a que esta pseudo terceira pessoa preside particularmente.

A palavra de Deus foi annunciada na Igreja, principalmente a palavra da cruz, isto é a doutrina da remissão dos nossos peccados, que o Christo conseguiu com a sua morte. Por causa da fé nesta influencia da morte de Jesus, estamos justificados perante Deus, sem consideração das nossas obras, do aperfeioamento da nossa vida, que na verdade deve seguir, mas não influe em nada sobre o juizo de Deus que nos considera justos só porque acreditamos tomar parte na justiça do Christo.

Tal foi o pensamento de Lutero em contradicção com a pratica catholica do seu tempo, que julgava a justifica-



ção possível perante Deus pelas obras exteriores, os jejuns, as profissões, etc. Se, contrariamente a estas exterioridades indifferentes, elle affirmava a necessidade da intenção moral e dizia de Deus que exigia a séria boavontade, ainda que, abstrahindo de todas as exterioridades, o cumprimento d'esta vontade moral fôsse sempre incompleto no homem: então, será preciso reconhecer que em face da Igreja catholica, a sua apreciação é a mais fina e a mais profunda. Mas a sua doutrina da fé bastante, em que a boa intenção é coisa secundaria, é, por um lado, exaggerada, e muito perigosa, por outro, para a moralidade.

Ao lado da doutrina, os sacramentos são tambem na Igreja os agentes da remissão dos peccados. Entre elles, a eucharistia, levantou, como se sabe, no Occidente, quasi tantas questões e luctas como noutros tempos, a doutrina da trindade no Oriente. Hoje, a questão tão apaixonadamente debatida da presença real, tornou-se tão indifferente e incomprehensivel como ess'outra; a natureza do Filho é igual ou pelo menos semelhante á do Pae? No conjuncto do Christianismo, ess'outro fundamental sacramento, o Baptismo, desempenha, de resto, uma funcção ainda mais decisiva. «O que crê e é baptizado, será salvo», disse o Christo; logo, aquelle que não fôr baptizado será condemnado. Mas será sempre culpa do homem o não ser baptizado? Por exemplo: as creanças que morrem antes do baptismo; milhões de pagãos que morreram antes da sua instituição; milhões que ainda hoje, nos confins do mundo, quasi nada sabem do baptismo e do christianismo. A confissão de Augsbourg diz expressamente: «Nós condemnamos os anabaptistas que pretendem que as creanças pôdem ser salvas sem baptismo». Só Zwingle foi bastante humanitario e humano, collocando no céo, sem mais investigações, os pagãos virtuosos como Socrates, Aristides, etc., apesar da falta de baptismo.



13 — A vida e a condenção eternas

A resurreição da carne, essa ideia tão consoladora para os judeus, que tinham fé no Messias, e para os judeus christãos, tornou-se, no nosso tempo, um embaraço, mesmo para os crentes. Os judeus não queriam perder a sua parte no beneficio do Messias, qualquer que fôsse a occasião em que apparecesse, e ainda que elle mesmo já tivesse morrido; mas elle não podia recebê-la, se a sua alma, chamada por Deus ou pelo Messias do reino das sombras, onde arrastava uma existencia miseravel, não estivesse reunida ao seu corpo reanimado, e não recebesse a fauldade de uma nova vida e de novos gosos. Se no mundo christão, a ideia dos gosos messianicos se requintou pouco a pouco, conservou na Igreja, no entanto, um certo character materialista (que, pelo nosso lado, não lhe levamos a mal) porisso que esta não pôde conceber uma vida completa e real da alma, sem corporealidade.

A difficuldade que havia em reconstituir todos estes corpos humanos, decompostos até aos ossos, e mesmo inteiramente aniquilados, foi considerada ligeira pela Igreja, que a deixou ao cuidado da omnipotencia divina: hoje, os nossos conhecimentos mais vastos da terra, prestam-nos o mau serviço de nos mostrarem esta ideia como totalmente irrealisavel. E note-se agora que aquelles que erêm na immortalidade tornaram-se tão espiritualistas, que esperam na verdade, conservar a sua alma bem amada por toda a eternidade, mas não sabem o que hão de fazer do seu corpo mortal.

Os resuscitados entram na vida eterna, mas não todos: ha uma dupla resurreição, uma para a vida, outra para o julgamento, isto é para a condemção eterna. E lê-se com magoa que o numero dos condemnados excede, em numero infinito, os eleitos. E' condemnada, primeiro, toda a humanidade anterior ao Christo, menos algumas almas privilegiadas, como os patriarchas judeus, que escaparam ao inferno por graça particular. Depois, os pagãos, judeus



mahometanos, e no proprio christianismo, os hereticos e os impios. E só estes ultimos por sua propria culpa; todos os outros o são simplesmente por causa do erro de Adão, porque, com poucas exceções quando aos que nasceram depois de Christo, não são em nada responsaveis por que o christianismo não fôsse do seu conhecimento. Eis ahi um balanço pouco satisfatorio, e se se tinha esperado um pouco, para compensação de tantas coisas revollantes que se encontram nas proposições da Egreja, particularmente na doutrina da queda de Adão e do peccado original, ser-se indemnizado pelas consequencias finaes da redempção, ficou-se logrado. «A maior parte dos homens, diz Reimarus, vão para o demonio, e entre milhares, um só se salva». Esta ideia atormentou, durante a vida, o meu piedoso e sonhador avô: assim como num cortiço, só uma abelha, entre milhares de abelhas, é a rainha, lambein, entre milhares de almas humanas, só uma se salva!

14 — Confissões — Deistas e livre-pensadores

Eis nos seus grandes traços a antiga fé chrislã, cujas divergencias provenientes das differentes confissões, têm pouca importancia para o nosso fim. Atravessada a Reforma, penetrou nos tempos modernos, deixando-se os seus primeiros movimentos prevêr desde o seculo XVII, na Inglaterra e nos Paizes-Baixos. Sob a influencia das primeiras investigações sobre a natureza e a historia, a razão desenvolveu-se e viu que quanto maior força adquiria, menos acceitavel se tornava a doutrina ensinada pela Egreja. O movimento dos espiritos transmittiu-se no seculo XVIII, da Inglaterra para a França, já preparada pelo seu Bayle, depois para a Allemanha, de maneira que neste combale contra a antiga fé da Egreja, vemos cada um d'estes tres paizes desempenhar o seu papel. A' Inglaterra pertenceu o primeiro ataque e a preparação das armas, o que se deve aos livres-pensadores ou deistas; os Francezes trouxeram estas armas para cá do estreito, e



souberam manejar-as com coragem e dextreza, numa multidão de pequenos combates incessantes; emquanto que na Allemanha, principalmente um homem emprehendia, silenciosamente, o ataque e o cerco á orthodoxa Sião. Os modos da França e da Allemanha fôram satyricos e graves; naquella, Voltaire, nesta, Hermann-Samuel Reimarus fôram os typos das duas nações.

As provas a que este ultimo submetteu a Biblia e o christianismo acabaram desgraçadamente para ambas as nações. Estas não escaparam mais ao serio Reimarus que ao trocista Voltaire. Em todo o decorrer da historia biblica, Reimarus não encontrou nada de divino, mas tudo de humano no mau sentido de palavra. Para elle, os patriarchas eram homens grosseiros, egoistas e astuciosos; Moysés um ambicioso que não hesitava nada em estabelecer uma legislação mediocre pela fraude e pelo crime; David, «esse homem segundo o coração de Deus», um despota cruel, debochado e hypocrita; no proprio Jesus, Reimarus julgava digno de lastima que elle não tivesse feito da conversão o seu unico cuidado, e a tivesse emprehendido apenas como preparação do plano ambicioso de fundar o imperio terrestre do Messias: entretanto morre, e os seus discipulos roubaram o seu corpo para o darem como resuscitado e fundarem, com esta imposutura, a sua nova crença e o seu novo poder espiritual. Ainda segundo Reimarus, esta crença christã não desmente da sua origem. Ella é inteiramente falsa e cheia de contradicções, opposta a toda a sã noção religiosa e ao desenvolvimento moral da Humanidade. Os pontos da antiga fé da Egreja que podiam merecer esta critica, já fôram indicados.

Quanto mais se occuparam seriamente, na Allemanha, do resultado negativo d'este exame, que parecia poder influir sobre o modo de pensar, mais a tentativa d'um accordo parecia necessaria. A zombaria e a satyra podem bem não attender ao contraste retumbante que consiste em repellir hoje com horror e desprezo, o que hontem ainda toda a gente venerava como a mais alta expressão de santidade; mas onde o serio domina, este contraste não subsiste. E' assim que a Allemanha, que não a França, foi o berço do racionalismo.

15 — O racionalismo

O racionalismo é um compromisso entre a velha fé da igreja e o resultado puramente negativo do exame d'esta fé pelas novas luzes. Segundo elle, tudo é, effectivamente, natural na historia biblica, digna tambem de respeito nos seus pontos principaes. Os personagens notaveis do Antigo Testamento eram homens como os outros; mas não peiores, nem distinctos, sob muitos aspectos. Jesus não era filho de Deus no sentido ecclesiastico, mas tambem não era um ambicioso, armando em Messias terrestre: era um homem verdadeiramente amante de Deus e da humanidade: morreu martyr dos seus esforços para espalhar pelo seu povo uma pura doutrina moral e religiosa. As numerosas historias de milagres contidas na Biblia e, principalmente, nos Evangelhos, não repousam sobre a fraude, mas sobre o erro, visto que os testemunhos oculares ou os escriptores têm por milagroso o que se passou naturalmente, ou, melhor ainda, visto que os leitores viram milagre onde os narradores não quizeram nunca apresental-o.

Como o racionalismo se colloca no extremo limite de um Reimarus, vou mostral-o com dois exemplos que eu tiro, um do principio, outro do fim da historia biblica. Reimarus que, de resto, julgava a narração do peccado original, milagrosa, reputava-a antes de tudo inconveniente, porque mostrando Deus plantando uma arvore seductora perante o ollhar dos nossos candidos primeiros paes, provocando os seus desejos com um prohibição arbitraria, e deixando agir a serpente tentadora, fazia-o auctor de todos os males. Mas quem sabe se esta prohibição era tão arbitraria? pergunta o racionalista Eichhorn. A arvore era provavelmente venenosa, e os seus fructos um perigo para o homem. O racionalista não podia acceitar nem Deus dando uma ordem expressa, nem uma serpente fallando; mas talvez os primeiros homens vissem alguma vez um animal morrer em convulsões por ter comido esse fructo, e, noutra occasião, uma serpente comel-o egual-

mente sem soffrer nenhum mal; apesar desta advertencia, tentaram esse gozo que, senão immediatamente, ao menos mais tarde, attrahiria sobre a sua posteridade as dôres physicas e moraes.

O outro exemplo é a resurreição de Jesus. A este respeito, como se sabe, Reimarus estava persuadido de que os apóstolos tinham tirado do tumulto o corpo do seu Mestre, para o dar como resuscitado e poderem fundar, com isso, um systema entusiasta de religião em que a sua ambição e o seu egoismo se achavam bem. Nada menos ! brada o racionalista. Os discipulos estavam tanto mais afastados de uma tal baixeza, quanto é certo que elles não precisavam d'ella. Jesus não estava realmente morto, apesar de o parecer, quando o desceram da Cruz e o depuzeram, cheio de aromas, na caverna abobadada; ahi veio a si, e com a sua apparição espantou os seus discipulos que, apesar dos esforços para os persuadir do contrario, o olharam como um sêr sobrenatural, durante todo o tempo em que elle se fez vêr entre elles.

E o racionalismo junta-se, neste caso, com a doutrina christã como com a historia biblica. Escapou á repulsão que o radicalismo dos livres pensadores experimentava em face das hypotheses irrationaes ou das conclusões perigosas para a moral, enfraqucendo ou desviando os seus intuitos. A trindade tornou-se uma má maneira de fallar; a humanidade deixou de ser perdida e maldita por causa de Adão, ficando sensual e fraca por causa da sua propria natureza; Jesus não nós resgatou mais pela sua morte, mas pela sua doutrina e seu exemplo, que, tornando-nos melhores, salvam assim do peccado, e têm influencia sobre todos; o homem foi perdoado não pela sua crença num ente extranho, mas pela solidez das suas convicções, isto é pela firme vontade de sempre agir como o dever manda.

16 -- A crítica biblica

Quando, ha cincoenta e seis annos, F. Chr. Schlosser começou a sua *Historia Universal*, fez escrever a história

judaica a um mystico de Francfort, J. F. de Meyer. Elle não acreditava no sentimento piedoso do seu sabio amigo, dizia no prefacio, mas via-se facilmente o que pensava. Não podia nem dissimular, nem collocar á frente de uma obra consideravel uma pedra de escandalo. Hoje, quando abrimos um dos novos mannaes de historia antiga ou de historia universal, a menos que não tenham sido escriptos para prazer d'algum ministro dos cultos, vemos que elles valem tanto mais quanto a historia judaica fôr tratada no mesmo pé de egualdade com a historia grega e romana: os seus livros de Moysés ou dos Reis ollidados sob a mesma maneira que os de Herodoto ou de Livio; o seu Moysés, não apreciado differentemente de Numa e Lycurgo; e, principalmente, as narrações maravilhosas do Antigo Testamento comprehendidas com as que encontramos nas historias gregas e romanas. Assim, o Antigo Testamento que pertencia até aqui á sciencia theologica, tornou-se uma historia da litteratura judaica, no sentido vulgar da palavra, como ha uma historia da litteratura allemã, franzeza ou ingleza.

Comprehende-se que é mais difficil applicar o methodo puramente historico ás origens do Christianismo e aos escriptos do Novo Testamento. Mas já se andou muito, bons fundamentos estão lançados. Entre os theologos que estão na sciencia, não ha um unico que acredite ser qualquer dos quatro evangelhos obra do seu pretendido auctor, principalmente d'um apostolo ou dos seus companheiros. Os tres primeiros evangelhos e os actos dos apostolos não são mais que compilações reunidas pelo começo; o quarto, um escripto dogmatico composto no meio do seculo II, depois de Christo. As tendencias dos primeiros determinam-se segundo o lugar que os seus auctores (e, depois, as suas origens) tinham tomado entre o judaismo christão e o paulinismo. O dogma que o quarto evangelista se propoz introduzir no seu trabalho é a concepção de Jesus como Verbo feito carne da philosophia religiosa dos judeus da Alexandria. Entre os escriptos do Novo Testamento de que se não contesta a authenticidade, contam-se as quatro primeiras epistolas do apostolo Paulo; mas a pressa da critica nova em reconhecer

como authentico o Apocalypse de João é quasi desagradavel á moderna theologia orthodoxa. Ter-se-hia até abandonado de boa-vontade este livro phantastico, para conservar mais seguramente o Evangelho, pois que não é possivel dar o mesmo auctor aos dois escriptos. E esta desgraçada critica fez precisamente o contrario: tirou ao apostolo o Evangelho, e deixou o Apocalypse. Mostrou, mais, que toda a prophesia gira em volta de Nero morto e esperado de novo como o Anti-Christo, e inspirada assim, não pelo Espirito Santo, mas por uma illusão popular contemporanea.

17 — Schleiermacher. A sua Christologia

As coisas não corriam, ainda assim, mal; mas com um pouco de sagacidade, podia prever-se que o mal chegaria, logo que um homem que só sagacidade possuia, Schleiermacher, desenvolvesse o seu systema theologico. Elle não hesitou, primeiro, em contestar a authenticidade da maior parte dos livros biblicos, como tinha já contestado as ideias recebidas sobre a historia judaica e sobre a historia da primeira christandade. Elle negava, como os racionalistas, o valor historico ou dogmatico dos escriptos biblicos da criação, do peccado original, etc., e, como elles tambem, sabia fugir aos milagres do Evangelho, sem esquecer o mais importante, a resurreição de Jesus, por meio de uma explicação natural escolhida sómente com um pouco mais de gosto. Não conservava, egualmente, o seu sentido primitivo, a um só dogma christão: só as suas interpretações eram mais espirituaes e mais habeis que as do racionalismo.

Apertou a trama de um só artigo de fé, o que se refere á pessoa do Christo, e que é aliás o centro do dogma christão. O sabio e virtuoso rabbino nomade que o racionalismo tinha feito de Jesus, parecia-lhe muito pouco elevado, direi mesmo, demasiadamente burguez. Esperava demonstrar que Jesus era alguma coisa mais. Mas como, se não nos podiamos falar nos evangelhos? Todavia,

segundo Schleiermacher, como se vae vêr, um d'elles offerecia mais certeza; mas elle julgava possuir uma prova certa e poderosa, mais immediata que nenhum outro escripto. Os nossos antepassados invocavam, com gosto, o testemunho do Espirito Santo, como garantia da verdade da Escriptura; Schleiermacher invoca o testemunho da consciencia christã, que nos assegura da missão do Salvador. Emquanto que pertencendo á communidade christã, sentimos em nós qualquer coisa que não se pôde explicar, senão como effeito de uma tal causa. E' a assistencia para a nossa vida religiosa que nos permite elevar facilmente a nossa infima personalidade á união da mais alta. Por nós mesmos, sentimo-nos arrastados para esta união, e os outros christãos ensinaram-nos que lhes acontece o mesmo; d'onde nos vem, então, esta assistencia de que estamos assegurados como membros da Igreja christã? Ella não pôde sahir senão do fundador da communidade, isto é do proprio Jesus, e pois que só nelle encontramos, em todos os tempos, assistencia para a nossa vida religiosa, a vida religiosa deve ter sido assistida, absolutamente, d'elle, e a mais baixa personalidade absolutamente unida á mais alta.

A mais alta personalidade é a personalidade divina, cuja acção, embaraçada por uma multidão de obstaculos, não deixá em nós senão fraco signal; mas agindo livremente nelle, ella penetrou todas as sensações, os pensamentos e os actos de Jesus que se tornavam assim uma representação perfeita de Deus, um sêr divino sob a fórma de uma consciencia. Assim Schleiermacher fez á sua maneira um homem-deus; sómente em vez de vêr nelle como a doutrina da Igreja, uma natureza divina unida a uma natureza humana, viu uma alma humana, mas de tal modo cheia da consciencia do divino, que este agiu só nella. Schleiermacher exprime-o assim, em estylo mais moderno: o Christo, pessoa historica, foi ao mesmo tempo ideal, isto é que, por um lado, o ideal existiu inteiramente nelle, e, por outro, cada momento da sua vida historica pessão o ideal em si. De resto, foi libertado do peccado; pois que em verdade, em Jesus, a mais alta personalidade só lentamente se unira á mais baixa; mas a relação das

forças entre si tinha-se mantido constante, de sorte que a mais alta dominava e retinha a outra sob as suas ordens.

A redempção de Jesus é precisamente a participação nesta assistência pela vida religiosa assegurada pela Igreja que a fundou. A sua morte na Cruz não teve, nisto, influencia; e quando Schleiermacher transforma a expressão da Igreja: satisfação por substituição em substituição satisfatória, vê-se bem que elle brinca com esta velha ideia christã.

18 — Schleiermacher e os evangelhos

Quando d'esta imagem do Christo inteiramente extrahida do seu pseudo senso intimo, Schleiermacher voltava á narração dos evangelhos, sabia bem que não se encontraria de accordo com os tres primeiros; tambem, pouco lhe importava renunciar á sua origem apostolica e consideral-os como compilações ulteriores, ainda que dignas de fé. Pelo contrario, parecia-lhe encontrar expressões que se harmonisavam melhor com a sua concepção do Christo. Em maximas do Christo de João, como estas: — o filho nada póde fazer por si, mas só o que vê fazer ao pae; quem me vir vê meu pae; tudo o que me pertence pertence-te, e tudo o que te pertence pertence-me; nestas maximas e em outras semelhantes, Schleiermacher julgava encontrar completamente o seu redemptor, que se tornava um sêr divino pela sua consciencia do divino. Além d'isso a fórma profundamente mystica e apesar d'isso de uma dialectica subtil, a *tournure* inteiramente á parte d'este evangelho era tão absolutamente harmonica com o espirito de Schleiermacher, que elle prendeu-se apaixonadamente com a sua authenticidade e, teimosamente, fechou os olhos a todas as razões de duvida que o seu contemporaneo Bretschneider desenvolvia com uma logica poderosa.

Pouco tempo depois da morte de Schleiermacher, succedeu que pela primeira vez o apoio exterior da sua Christologia, o evangelho attribuido a João, succumbiu

definitivamente perante uma critica nova. O seu fundamento intimo, que concluiu dos factos da consciencia christã para um tal fundador da comunidade echristã, perdeu toda a sua solidez. Que de nós mesmos e de nossos similliantes possa sahir apenas um obstaculo á vida religiosa, que, consequentemente, a assistencia para esta mesma vida, que sentimos em nós, tenha uma origem extranha, é uma supposição completamente arbitraria e uns restos da velha erença do peccado original que effectivamente Schleiermaeher buscava reconstituir á sua maneira. Em nós todos a alta e a infima personalidade, as impulsões sensuaes e as espirituas estão em lueta contínua. O obstaculo e a assistencia para a vida religiosa e moral sahem de nós mesmos e dos outros; e pois que esta ultima, nos casos mais favoraveis, é apenas relativa, não estamos de modo algum auctorizados a buscar-lhe um primeiro auctor em quem ella tenha sido absoluta. Mas suppondo que ella assim existiu em Christo, como o individuo humano, elle teria representado neste momento o ideal da humanidade, ter-se-hia desenvolvido sem desfallecimento, sem erro e sem peccado, e teria sido, assim, essencialmente differente de todos os outros homens. E' assim que a doutrina da Igreja o consideramos como concebido do Espirito Santo; mas não Schleiermaeher, que não conheceu outro Jesus que o gerado segundo os processos ordinarios da natureza.

19 — A vida de Jesus

Será motivo de espanto, primeiro, que a questão da verdade do christianismo seja, em ultima analyse, subordinada á personalidade do seu fundador, e que o combate decisivo da theologia christã deva dar-se quando se trata da vida de Jesus. E todavia isto está completamente na ordem das coisas. O valor d'uma obra scientifica ou artistica é sempre independente do que nós sabemos sobre a vida do seu auctor. O poeta do Hamlet não desce um só grau no nosso espirito, porque conhecemos pouco



coisas a seu respeito; os meritos do Lord Chaneeller, seu contemporaneo, referentes á reforma das sciencias, não são duvidosos para nós, apesar de muitos aspectos desfavoraveis do seu earakter. Mesmo no dominio da historia religiosa, quanto a um Moysés ou a um Mahomet, é preciso, certamente mesmo, que não tenham sido uns impostores; mas, no resto, as religiões que estabeleceram testemunham por si mesmas do seu valor, por muito pouco que conheçamos a vida dos seus fundadores. A razão está em que fôram sómente fundadores, e não ao mesmo tempo objectos d'estas religiões. Enquanto erguiam o veu que escondia a nova revelação, estavam afastados. Queriam, eertamente, ser considerados, mas não adorados.

Toda a gente sabe que não é isto o que se dá no christianismo. Ahi, o fundador é ao mesmo tempo o principal objecto da religiãõ; e esta fé que se apoia sobre elle fica sem base logo que se reconheça que elle não possui pessoalmente as propriedades indispensaveis a quem deva tornar-se o objecto da religiãõ. No fundo, ha muito tempo que se reconhece isto, porque só um sêr divino pôde ser o objecto da religiãõ, da adoração, e os pensadores ha muito tempo que deixaram de considerar como tal o fundador do christianismo. Diz-se que elle nunca pediu isso; que a sua apothese nasceu mais tarde da igreja, que se queremos consideral-o seriamente como homem, nos collocaremos no ponto de vista que elle proprio esollhera. Mas suppondo isto exaeto, eis todo o edificio da nossa igreja, protestante ou eatholicea, transportado para outras bases; o culto christão, esse manto lalhado para um homem-deus, descompõe-se e perde toda a eonsistencia logo que não cobre mais nada que um homem.

Seria preciso que este homem fôsse o que Schleiermacher conceben por um justo sentimento das necessidades da Igreja: um homem cujas qualidades pessoaes fôsem a todo o instante a condição da nossa vida religiosa. Teriamos, então, motivos para não nos separarmos d'um tal homem, para pensar nelle nas nossas reuniões religiosas, para repetir e pesar as suas palavras, para recordar incessantemente os diversos momentos da sua vida.

As provas de Schleiermacher, de que Jesus tinha sido assim, não nos convenceram; contudo, quem o sabe? foi talvez alguma coisa semelhante, foi talvez mais que nenhum outro o que devia servir de guia á humanidade no cumprimento da sua vida íntima.

Só os escriptos conservados sobre a sua vida nol-o poderão dizer.

20 — O Jesus do quarto e dos tres primeiros evangelhos

Como pôde Schleiermacher apoiar-se no Jesus do quarto Evangelho? Ah! sim! Se este fôsse realmente o Verbo divino feito carne, a segunda pessoa da divindade num corpo humano, seria outra coisa; mas para Schleiermacher, não: não era mais que um homem dotado de uma perfeita aptidão religiosa e moral. Pôde um tal homem permittir-se tão extranhas palavras: eu e meu pae somos um só; quem me vê, vê meu pae? E fazendo-o, não devemos duvidar dos seus sentimentos religiosos? O homem deve tanto mais temer ultrapassar a linha que o separa do que julga divino, quanto mais piedade tiver. Pois que não podemos crêr que Jesus tenha sido Deus, se pudessemos acreditar que elle pronunciou essas palavras, desappareceria bem a fé na sua excellencia humana, e ao mesmo tempo a fé na sua sã razão, se na sua oração tivesse lembrado a Deus a gloria que tinha em si antes do mundo existir. Corariamos hoje dos commentarios torturados com que Schleiermacher proeura fazer acceitar taes maximas. Felizmente é só o quarto Evangelho que attribue estes discursos ao seu Jesus, discursos que elle baseou, não na historia, mas unicamente nas idéias que tinha formado ao fim de um seculo segundo um systema philosophico.

Se se pôde encontrar em alguma parte o verdadeiro Jesus, é nos tres primeiros evangelhos. Aqui não ha philosopho de Alexandria para lhe imprimir a sua personalidade; temos lembranças formadas na occasião e conservadas, se bem que isto se não dê sem uma ideia pre-

concebida. Segundo a convicção dos seus partidarios, Jesus seria um Messias, e ha muito tempo que isso, de resto, se sabia no mundo judaico, que acreditava no Messias, no que elle devia ser e deveria fazer. Compreende-se então que para os seus fleis, tudo o que ao Messias devia succeder e ser feito por elle, aconteceria a Jesus e por elle seria feito. Assim aconteceu para que fôsse cumprido o que estava escripto, diz o honesto Matheus, cada vez que conta qualquer coisa que se não tivesse dado.

Por exemplo, o nome do lugar do seu nascimento, Nazareth, seguiu Jesus logo depois da sua morte; mas segundo o commentario de uma passagem de Mielieas, o Messias devia nascer em Belem, como seu avô David. Por consequencia, Jesus nasceu ali e não em Nazareth, sendo isto tão verdadeiro como elle ser Messias. Basta comparar a maneira contraria como Matheus e Lucas o contam, o primeiro com o fim de conduzir os paes de Jesus, depois do nascimento deste, de Belem a Nazareth; o segundo com o fim de os levar, antes do nascimento, de Nazareth a Belem, para nos persuadirmos que se trata aqui não de um facto real mas de uma historia messianica apropriada. Assim se arranjam, trahindo-se pelas suas differenças, as duas genealogias que querem provar que a reputado «filho de David» descende bem d'este; emquanto que apenas provam, em verdade, que no tempo da sua confissão, Jesus era ainda tido por verdadeiro filho de José, e que não se chegava ainda a applicar-lhe ess'outro titulo messianico «filho de Deus», no estreito sentido da palavra. Mas o Messias era tambem o segundo Moysés e o maior dos Prophetas; logo as aventuras e as acções do legislador e do mais importante propheta deviam renovar-se nelle, e por consequencia em Jesus, se elle era o Messias. Como Pharaó tinha attentado contra a vida de Moysés quando este era criança, Herodes devia attentar contra a de Jesus. Mais tarde, Jesus devia ser tentado no deserto como, sob Moysés, o povo de Israel; sómente elle sustentára melhor o «exame rigoroso». Assim como Moysés tinha descido da montanha, fae ardente, Jesus devia ser transfigurado sobre uma montanha. Era preciso que elle disputasse os mortos, multiplicasse os pães;



d'outro modo ficaria inferior a Elias e a Elyseo. E, mais, a sua vida devia ser uma eadêa contínua de curas milagrosas; porque à gente pensava que no tempo do Messias, Isaias o predissera, que os olhos dos eegos e os ouvidos dos surdos se abriam, que os paralytieos dariam pulos, e que às linguas dos mudos dariam gritos de alegria.

21 — O judaísmo christão e o paulinismo

Uma grande parte do que os evangelistas contam dos suppostos actos e destinos de Jesus desaparece com esta trama de maravilhas messianicas, logo que se lhe faça a critica; todavia isto não é tudo: é apenas a metade. Levantam-se tambem perigosos eserpulos contra os discursos dos evangelhos. Quando outr'ora Bretschneider reconheceu os discursos do Christo do quarto evangelho como puras composições do evangelista, provou-o com os dos tres primeiros, como sendo verdadeiramente de Jesus: de tal modo eram julgados seguros do seu character historico. Em geral, e comparativamente ao quarto, havia razão; porque nelle estavam o methodo, o eireulo de ideias e muitas vezes, eertamente, a palavra de Jesus.

Mas quê? então, elle contradisse-se muitas vezes. Quando, logo depois da sua apparição, apontou aos apóstolos a sua missão, ter-lhes-hia prohibido o voltarem-se para os pagãos e os Samaritanos; e, mais tarde, durante a viagem a Jesusalem, teria ao contrario, pela sua parabolha do bom samaritano e pela cura dos dez leprosos, apresentado os membros d'este povo extranho como modelos, aos seus compatriotas; depois, prediz, no templo de Jerusalem, com as parabolhas do vinhateiro e do real festim das nupcias, a reprovação dos judeus endurecidos, e, em seu logar, o appello aos pagãos: e em seguida á pseudo resurreição, logo que deu aos seus discipulos as suas ultimas instrueções, ordenou-lhes annunciassem o evangelho por todos os povos sem exeepção. Todavia, isto não teria nada de ineoncebível: no intervallo entre esta prohibição, por um lado, e esta predieção e esta or-

dem, por outro, um maior conhecimento das coisas teria podido alargar o eirculo das suas ideias. Mas antes d'esta prohibição, Jesus tinha já, sem hesitar, prestado assistencia ao centurião do Capharnaum, e tinha-se servido de sua fé para predizer a admissão futura dos pagãos no imperio do Messias, em logar dos judeus incredulos; e por esta mesma prohibição, ordenára aos seus apóstolos não agissem como elle e não preparassem o resultado annuciado; de resto, elle mesmo, num caso ulterior, a respeito da mulher de Canaá, teria agido de maneira differente do que fizera com o centurião, e teria lembrado com a mais extrema dureza o exclusivismo judaico, não se deixando abalar se não pela humilde perscverança desta mulher.

Ha contradicções demasiadas, para que se possam justificar pela supposição de que contando os acontecimentos particulares, os tres primeiros evangelhos não seguiram a ordem chronologica. Quem os disporia então chronologicamente? Lembremo-nos primeiro de que o periodo que viu formarem-se os nossos tres primeiros evangelhos foi o do mais ardente combate da christandade primitiva, batida entre duas direcções oppostas pela apparição do apóstolo Paulo. A julgar pela sua maneira de pensar e de agir, tal como nos appareceu na epistola de Paulo aos Galatas, e supposta a sua authenticidade, do Apocalypse, os outros apóstolos parece nada terem sabido a não ser que o imperio do seu Messias crueificado era destinado só aos descendentes de Abrahão e aos que se deixassem incorporar no povo escolhido pela circumcisão e a adopção da lei de Moysés. Paulo, pelo contrario, admittia como principio e como guia da sua actividade apostolica, que a lei tendo sido revogada pela morte de Jesus, para entrar no imperio do Messias que elle nos abrira, nada era exigivel se não a fé (e o baptismo) e que por consequencia os pagãos tinham o mesmo direito a elle que os judeus.

Entre os que do judaismo tinham passado para a nova communhão, o egoismo nacional judaico elevou-se a um grau de paixão tanto maior quanto maior era o successo de Paulo no paganismo; porque o grande numero de

interesses ameaçava restringir a parte da gloria messianica destinada aos verdadeiros filhos de Abrahão. As luctas que se seguiram, luctas cuja explosão e tentativas de accomodamento nos são contadas nas epistolas de Paulo e nos aclos dos apóstolos, estes ullimos tendendo a fazel-as cessar, e tambem a escondel-as, continuaram ainda com azedume muilo tempo ainda depois da morte de Paulo. O inflexivel judeu christão chamava-lhe inimigo, violador da lei, falso apóstolo; não lhe perdoava sobretudo a sua conducta para com Pedro em Antiochia, e foi preciso todo o poder das coisas, como, d'um lado, a disposição do estado judaico, do outro a extensão cada vez maior do Christianismo entre os gregos e romanos, para tornar possivel a reconciliação dos partidos, e a união pacifica dos dois apóstolos, Pedro e Paulo.

O campo d'estas batalhas, tal como ellas se deram depois da morte do apóstolo dos gentios, e da destruição do estado judaico, encontra-se, para nós, nos tres primeiros evangelhos. Seguimos as peripecias da lucta; descobrimos os sitios onde se fez alto e se acampon e se fizeram entrincheiramentos; mas nolamos lambem como na retirada ou no avanço, esses entrincheiramentos açabaram por ser abandonados e de novo cavados noutros logares.

22 — Tendencias dos evangelhos

E' escusado dizer que segundo a maneira como se accitavam então e como sempre se accitaram os testemunhos religiosos, o proprio Jesus devia ter dito o que cada partido ou cada chefe de partido tinha por justo. Se nós possuissenos ainda um evangelho emanando d'um circulo firme e severo de judeus christãos, os discursos de Jesus teriam sem contradicção uma differente apparencia. Não possuimos um tal evangelho além do escripto inteiramente segundo os pontos de vista de Paulo; mas sómente, tres evangelhos (pois que o quarto não vale como fonte historica) onde os dois pontos de vista se sobrepõem e se penetram como duas camadas geologicas. Em Ma-



theus domina ainda o judeu christão, mas já adoçado pelo olhar dos gentios; em compensação, não se pôde desconhecer em Lucas as tendeneias de Paulo, nem que para manter o equilibrio, elle tenha intercalado passagens que tem a rude marca judaica.

Quando nós lemos uma vez, segundo taes testemunhos, que Jesus prohibiu os seus discipulos de prégar entre os pagãos e samaritanos, que seria o mesmo (porque esta passagem do sermão da montanha tende sem duvida ao mesmo objecto) que dar as coisas santas aos cães e deitar perolas a porcos; quando lêmos uma outra vez que elle mandou ao contrario annunciar o Evangelho a todos os povos, ficamos sabendo apenas como se tratou este ponto segundo as differentes epochas e os differentes meios da alta christandade. Mas nós não perguntamos ainda qual o ponto de vista sob que Jesus se collocou. Reconhecemos assim na historia da mulher de Canaá as disposições d'um tempo que não podia impedir a admissão dos pagãos, mas que só a tinha aceitado com amargas lamentações: emquanto que a do centurião de Capharnaum parecia ter a sua origem num periodo ulterior e num meio mais liberal onde os crentes do mundo pagão eram os bem-vindos. E' possivel que as primeiras passagens concedam pouca grandeza a Jesus, e é tambem possivel que as ultimas lhe dêem muita. E se nós olharmos á maneira como os seus principaes apóstolos a usaram, com a resolução de Paulo, esta ultima supposição seria a mais verosimil.

Não posso alongar-me mais; quiz sómente indicar como neste assumpto tudo é incerto, como sabemos pouco, no que se refere aos discursos e aos ensinios de Jesus, se tivermos deante de nós, sobre um unico ponto, as suas palavras e os seus pensamentos ou sómente o que mais tarde fomos levados a pôr na sua bocca.

23 — O budhismo e o christianismo

Quando um escriptor moderno num estudo sobre a religião de Bouddha, acha todo o seu caracter em «que em opposição com o brahmanismo condensado na my-



thologia e na theologia, na erudição e na especulação, nas cerimoniaes e nas exterioridades de toda a natureza, na falsa devoção e no beaterio, no orgulho sacerdotal e philosophico, ella colloca a materia da santidade na pureza do coração e da vida, na benovolençia, na compaixão, no amor do proximo e na alegria do sacrificio, e que, por consequencia, da arida tradição e das regras sacerdotaes que opprimem o espirito e o coração, da abstrusa escolastica e das transcendentis especulações, ella invoca o sentimento natural e a sã razão humana como o melhor juiz nas coisas religiosas», é impossivel desconhecer quanto a maneira dos espiritos indianos, no tempo de Dario e Xerxes, era analoga á dos espiritos judaicos, no tempo de Augusto e de Tiberio. Aqui, a detestavel repulção dos judeus pelos pagãos e os samaritanos era em correspondencia com o immovel regime das castas. Para não fallar nos gregos e nos romanos para quem só mais tarde o Christianismo virá, formou-se entre os judeus uma especie de mythologia especulativa, pelo menos na seita dos Essenios, e uma escolastica subtil entre os doutores das duas outras seitas. As regras sacerdotaes, o crimonial, a falsa devoção e o beaterio dominavam aqui e lá; e nos dois casos o reformador procurava levar os seus discipulos do exterior para o interior, da simples execução á intenção, do orgulho, do egoismo e do odio á humildade, ao amor e á tolerancia. O modo de viver prescripto aos seus por Çakiamouni, chama-se «a via», absolutamente como a nova fé do Messias nos actos dos Apostolos; e com razão nos dois casos; porque o Bouddhismo, assim como o Christianismo, fôram primeiro mais praticos que theoreticos, mais uma doutrina de immediata libertação que uma fé de vistas longinquas.

Parece, de resto, que Çakiamouni rompeu com o Brahmaismo mais decididamente que Jesus com o Moisaismo. Pôz de lado não só o seu regime das castas, como tambem todo o ceremonial, os sacrificios e as penitencias. A maxima de Bouddha «a minha lei é uma lei de graça para todos», dirigida contra a insolente divisão das castas, tem de algum modo uma apparencia christã; sómente, como já disse, não sabemos se a grandeza das doutrinas

que atravessam o circulo do povo eleito pertence a Jesus ou só a Paulo. Est'outra phrase do reformador indiano parece egualmente christã: «vale mais honrar seu pae e sua mãe que servir os deuses do céo e da terra»; mas ella tem, para elle, um sentido muito mais vasto. De resto, as recentes investigações sobre o bouddhismo não deixaram ficar duvida alguma sobre o paradoxo de que elle foi primeiro uma religião sem um ou mais deuses, e o seu fundador um atheu. Este não nega de um modo absoluto os deuses, mas ignora-os e põe-os de lado como nas maximas que acabamos de lêr. Pelo contrario, Jesus toma na religião do seu povo não sómente o deus unico mas a lei. Todavia, como elle interpretava esta menos materialmente e a queria libertar de todas as frivolidades tradicionais, ligando-se a certas indicações do Antigo Testamento no que se refere á ideia de Deus, transformou o Senhor severo em um Pae amante e misericordioso, dando assim á vida religiosa do homem uma liberdade e uma serenidade até ahí desconhecidas do judaismo.

24 — O dualismo no christianismo

Um desejo entusiastico de escapar ao mundo era comum aos fundadores das duas religiões, ainda que de differente origem. Çakiamouni era nihilista, Jesus dualista. O primeiro tendia a sahir da vida e das suas dôres, em que via uma sequencia da concupiscencia e da paixão de existir por meio da mortificação desta paixão no Nirvana, o nada; o outro mandava aos seus, aspirassem antes de tudo, ao reino de Deus, juntassem impereciveis thesouros no céo, não periciveis sobre a terra; reputava felizes os que neste mundo são pobres e opprimidos, porque uma maior recompensa os espera no céo.

Schopenhauer designou o Christianismo como pessimista, e na supposição de que o estado da Humanidade é sobre todos os pontos de vista extremamente miseravel, achou o poder que lhe submetteu o optimismo dos judeus e dos pagãos. Mas este pessimismo, esta reprovação a



que chamam mundo, não é senão um lado do Christianismo, e se elle não tivesse sido completado pelo outro lado, com a gloria do futuro mundo ceeste de que elle prezia o advento proximo, não teria ido muito longe. Como Schopenhauer renuncia a este mundo e se liga ao Nirvana bouddhista, o Christianismo não lhe é sympathico a não ser por um aspecto, o que tem de commum com o bouddhismo, que se póde chamar igualmente pessimista no que respeita ao valor d'esta vida.

O dualismo christão e o nihilismo bouddhista têm essencialmente os mesmos resultados, quanto á apreciação e ao uso da vida humana. Tudo quanto cá na terra a actividade proponha para objecto e fim, não tem valor real: tudo o que tende a isso é não só vão, mas ainda um embaraço ao cumprimento do verdadeiro destino do homem que se chama ou nada ou imperio ceeste. Abstrahindo da actividade necessaria á suavidade dos soffrimentos estranhos e á extensão da ideia redemptora na doutrina de Christo ou de Bouddha, uma existencia tão passiva quanto possivel conduz mais seguramente ao fim desejado.

Antes de mais nada, aspirar aos bens terrestres, possuil-os mesmo, se não renunciarmos a elles voluntariamente, é um mal. No evangelho, o homem rico é votado ao inferno por esta razão unica de que viveu todos os dias na alegria, sem que, aliás, se saiba d'elle qualquer coisa de desfavoravel. A um discipulo opulento que, além do cumprimento dos mandamentos ordinarios, queria ainda fazer qualquer coisa. Jesus nada tem de melhor a aconselhar-lhe que não seja vender tudo quanto possui e dar o dinheiro aos pobres. O verdadeiro culto da pobreza e da mendicidade é commum ao Christianismo e ao Bouddhismo. Os frades mendigos da edade-média como hoje ainda a mendicidade de Roma são puras instituições christãs que fôram restringidas nos paizes protestantes por causas completamente estranhas.

«E'-nos preciso sempre, diz Thomaz Buckle, ouvir fallar dos males da riqueza e do amor culpavel do oiro; e comtudo, depois da necessidade de saber, nenhuma paixão foi tão benefica para a Humanidade. Somos-lhe devedores de todo o commercio e de toda a industria; a

actividade commercial e industrial familiarisou-nos com os productos dos differentes paizes, despertou o nosso desejo de reconhecer, alargou as nossas ideias pelas relações com uações de differentes costumes, linguagem e pensamentos, habituou o homem ás emprezas, á previdencia, ao calculo, ensinou-nos além d'isso uma quantidade de artes uteis, deu-nos preciosos meios para salvaguardarmos a nossa vida, e adoçarmos os nossos soffrimentos. Tudo isso devemos-o ao amor do oiro. Se os theologos conseguissem destruil-o, isto acabaria e nós voltariamos á barbarie». Buckle provou, claramente, ua sua obra notavel, que sem riqueza não ha repouso, e sem repouso não ha sciencia uem arte.

O que não impede o instincto industrial de exigir como qualquer outro uma restricção, uma subordinação a um fim mais elevado; mas na doutrina de Jesus, não se recouhece de modo algum a sua acção sobre a civilisação, e a humanidade não é comprehendida, e, sob este ponto de vista, o Christianismo mostra-se um systema inimigo do progresso. Não prolonga a sua duração pelo meio da civilisação contemporanea senão por correções sahidas d'um conhecimento mais real do mundo, bastante generoso ou fraco ou dissimulado para as metter no Christianismo, a que ellas são beun oppostas.

25 — O christianismo e a civillsaço

Desgraçadamente já é tarde; mas Ernesto Renan tinha imensa razão quando, durante a guerra, me assignalava na sua bem conhecida carta, que nem nas beatificações do sermão da montanha, nem em nenhuma parte, aliás, do evangelho, se encoutra uma palavra só que prometta o céu ás virtudes guerreiras. Mas poucas palavras tambem ha para as virtudes pacificas e politicas, para o patriotismo e para o civismo. A maxima «dar a Cesar o que é de Cesar, etc.», não é mais que um fogo-fatuo. O exemplo e a doutrina de Jesus são estereis mesmo para as virtudes domesticas, pois que elle proprio não tinha familia,

Possuimos d'elle muitas maximas em que ao lado do taço espiritual, rebaixa o taço natural de um modo que tem certamente o seu bom lado, mas que por causa da sua rudeza dá logar a um mal-entendido. Por outro lado, sabemos que considerando o celibato como preferivel para os homens de um destino superior, tinha ideias severas sobre a indissotubidade do matrimonio, e que foi amigo das creancinhas.

Mas é-nos preciso ser justos e attender á situação do povo a que Jesus pertencia. Era, pouco mais ou menos, a situação dos polacos actuaes sob o poder da Russia; a autonomia politica da Judeia tinha cessado, os judeus estavam incorporados no immenso imperio Romano, não podiam tentar guerra alguma, mas sómente conjurações e revollas, que, tinha-se experimentado, apenas conseguiam lançar o povo numa miseria maior. Durante o regime dos governadores romanos, com o systema esgotante dos collectores de impostos, não ficava mais á actividade pacifica dos cidadãos que um campo extremamente reduzido; toda a aspiração elevada era dirigida para uma conjuração ou para uma reforma; mas encontrando deante de si todos os caminhos terrestres fechados, tomava necessariamente um caracter mystico.

Ainda menos se devia pensar, em taes circumstancias, numa mais alta cultura, no aperfeiçãoamento dos costumes, no embelezamento da vida pela sciencia e pela arte. Por um lado, os judeus eram, por natureza, ainda menos aptos para isso, não só que os Gregos e os Romanos, mas ainda que muitos povos orientaes; por outro lado, no tempo de Jesus, na vespera da sua morte politica, a nação estava profundamente abatida, quanto ao bem-estar e á civilisação. Não podemos representar-nos a vida d'esta epocha, nas aldeias e nas pequenas cidades da Gafilea, como assás porea e miseravel. D'onde poderia então nascer o presentimento da arte e da sciencia? Desde que se julgava encontrar a verdade unicamente nos livros santos de Moysés e dos prophetas, toda a sciencia consistia numa miseravel e arbitraria interpretação, de que o Novo Testamento nos offerece demasiados exemplos.

Numa palavra, a raça opprimida e degenerada, que

arrastava a sua existencia nas margêns do Jordão, e no mar da Galiléa, tinha tomado um tal horror á vida, que todos os espiritos que aspiravam a mais alto, não queriam conhecer mais nada, não achavam que valesse a pena ella ser melhorada, e abandonavam-na ao principe do mundo, a Satan, voltando-se elles, com todo o poder da sua imaginação, para a salvação que, segundo as antigas predicas e os novos commentarios, devia em breve vir do céo.

26 — O Imperlo do Messias

Tratava-se apenas de apressar a sua chegada. Mas, pelo que se julgava, o povo devia antes ser digno della. Eis porque João prégava a penitencia, porque o reino do céo estava perto, e distribuia aos que reconheciam os seus erros, o baptismo expiatorio. Se nos reportarmos aos escriptos dos evangelhos, veremos que elle proprio não se apresentou como mensageiro da salvação. Jesus fel-o.

Como queria elle trazer esta salvação? Seguiu, primeiro, o exemplo do baptista, e prégava a penitencia em vista do proximo reino celeste. Mas depois? Logo que fez a entrada triumphal em Jerusalem, deixou-se acclamar, com boa vontade, pelo povo, como filho de David, como rei Messias. Concluiu-se por isso que elle tinha esperado e desejado um golpe de mão dos seus partidarios, um levantamento popular violento que o puzesse á frente da nação judaica. Mas elle entrara intencionalmente montado num animal pacifico e nada preparára para uma acção violenta. Quando, mais tarde, a quando da sua prisão, um dos seus discipulos desembainhou a espada, elle não se pronunciou apenas em nome dos principios contra o uso da espada; mas assegurou que apenas dependia da sua vontade que seu pae enviasse em seu auxilio mais de doze legiões de anjos.

Que Jesus tenha ou não pronuneiado estas palavras, ellas fórmam, a meu vêr, completamente o fundo do seu pensamento. A engrenagem que devia pôr em scena o



reino celeste não era, de modo algum, politica, ainda menos natural, mas sobrenatural. Era também pouco moral — o meio moral não era mais que uma preparação — mas, como se queira chamar-lhe, metaphysica ou magica.

Depois de Jesus ter respondido á pergunta do grande Padre, que era, na verdade, o Messias, accrescentou que o veriam sentado á direita da magestade de Deus, e caminhando sobre as nuvens do céu. Como estivesse então preso, gravemente accusado, e previsse a sua execução, estas palavras poderiam significar que reanimado por Deus, depois da sua morte, voltaria a essa situação attribuida ao Messias por Daniel; mas se agradasse a Deus enviar-lhe as suas legiões de anjos, a morte podia-lhe ter sido poupada, as phalanges celestes podiam (como devia acontecer quando da resurreição para os christãos sobreviventes) levar-o nas nuvens depois de uma subita transfiguração do seu corpo terrestre, e sental-o no seu throno messianico. Os evangelhos apresentam o facto como se Jesus tivesse tido sempre a presciencia sobrenatural da sua morte violenta; para nós a questão só pôde ser esta: ficou mais ou menos surprehendido com o resultado da sua causa? mndou, cedo ou tarde, a natureza das suas maravilhosas esperanças?

27 — Origem da crença na resurreição de Jesus

Quando morreu na cruz como um criminoso, contra a expectativa dos seus discipulos, estes tornaram-se os arbitros do seu destino futuro. Se elles se deixaram perturbar com a sua morte violenta e com a ruina dos seus projectos, na crença de que elle era o Messias, a lembrança da sua pessoa e das suas commovedoras palavras viveu talvez algum tempo ainda na Judeia; mas a sua acção apagava-se depressa como as ondas á superficie da agua formadas pelo choque de uma pedra. Se elles queriam, apesar do seu triste fim, ficar-lhe fieis como a um Messias que era, ser-lhes-hia preciso fugir á contradicção

que d'isso resultava; deviam principalmente prender a sua existencia terrestre quebrada violentamente, á funeção que, segundo as suas predicções, devia desempenhar como filho do homem marchando sobre as nuvens do céu. Como acontece vulgarmente, tinha descido, depois da morte, ao imperio das sombras; se este o conservava, o fio estava partido, o seu papel estava acabado, nenhuma fé, nenhuma esperança se apoiaria mais sobre elle. Era essa a occasião de agir. Elle não devia morrer, ou, pois se sabia que elle morreria, não devia continuar morto.

Recorreu-se á Escriptura, o que foi de uma grande vantagem. No estado em que se encontrava a arte dos commentarios, podia achar-se tudo quanto se desejasse. O auctor do Psalmo xvi, David ou um outro, não tinha julgado bem que se pensasse em fallar no nome do Messias; testemunhava sómente a sua serena confiança em Deus; e quando dizia que Deus não o deixaria no inferno, e não soffreria que o seu santo experimentasse a corrupção, pensava unicamente que com a ajuda de Deus, escaparia a todos os perigos. Mas um discipulo de Jesus, á busca de sustento para a sua fé titubeante, descobriu que David estava morto e corrompido; não podia então fallar de si proprio, mas como propheta, do seu illustre descendente, o Messias — Jesus sem duvida alguma — que por conseguinte não fieára no tumulto e não tinha sido deixado no inferno. Os actos dos apóstolos põem esta interpretação na bocca de Pedro, no dia famoso de Pentecostes, e podemos vêr nesta narração a maneira como os discipulos chegaram á ideia da resurreição do seu mestre. Em Isaias, a passagem do cordeiro conduzido ao matadouro foi interpretada do mesmo modo, e mais tarde Philippe o evangelista affirmou ao ethiopo que este cordeiro era Jesus. Quando lêmos que Jesus, apparecendo no caminho aos seus discipulos d'Emmans, os entreteve com passagens da Escriptura que delle fallavam, da sua morte e da sua resurreição, isto quer dizer, sob o ponto de vista historico, que nestes dias difficeis, os discipulos folhearam principalmente as Escripturas, para nellas encontrarem consolação e esperança.

O terror que a exeução do seu mestre lhes tinha cau-

sado, fazia-os ir da perigosa capital para a Galilea sua patria. Ahi poderam, em entrevistas secretas, celebrar as suas recordações, fortiflear a sua fé, mexer e remexer as escripturas, luctar entre si pela luz e pela certeza. Eram combates de espirito, que nestas naturezas orientaes, religiosas e phantasticas, superficialmente desenvolvidas, e, antes de tudo, femininas, degeneravam facilmente em extasis e em visões. Desde que se entendia que Jesus, como Messias, não podia ter ficado no tumulo, esta noticia não podia fazer-se esperar durante muito tempo: vimos o resuscitado; elle veio ao nosso encontro, fallou-nos; primeiro não o conhecemos, mas logo que partiu podemos abrir os olhos e vimos que não podia ser outro senão elle, etc. E propagando-se, estas narrações circumstanciavam-se; elle comera com os seus discipulos, tinha-lhes mostrado as mãos e os pés, tinha-os convidado a tocarem as suas feridas.

Por esta concepção da resurreição do seu mestre, os discipulos tinham salvado a sua obra, e elles estavam, de resto, perfeitamente convencidos de o terem visto resuscitado e de terem com elle conversado. Não era já uma fraude piedosa, era antes uma illusão, a que se misturaram em breve e sempre com a melhor fé do mundo, amplificações e lendas.

Mas como acontecimento historico, a resurreição não se encontra, ahi, de modo algum. Nunea um facto incrivel foi mais mal demonstrado, e nunca facto algum mal demonstrado foi mais inacreditavel. Na minha *Vida de Jesus* consagrei a este assumpto investigações decisivas que não quero repetir aqui. Mas considero como um dever, e como um direito, tornar conhecidas as suas conclusões. Historicamente fallando, isto é, approximando a inanidade d'esta crença da sua grande acção, a resurreição de Jesus não é mais que uma fantochada. E' talvez humilhante para a altivez humana, mas as coisas são assim: Jesus teria podido ensinar e cumprir tudo o que é verdadeiro e bom, tudo o que é desconhecido, tudo o que fez uma poderosa impressão nas massas; as suas palavras teriam sido levadas pelo vento como folhas dispersas, se a cega fé na sua resurreição não se tivesse encontrado como um laço solido para as reunir e conservar.

28 — A esperança na volta de Jesus

Esta crença, toda favoravel a Jesus, é uma prova do poder e da duração da impressão que produziu nos seus. Certamente esta impressão não resultou só de ideas racionaes e moraes, mas, pelo menos, tambem de idéias irracionaes e phantasticas. Um Socrates, com o seu methodo puramente logico, não teria captado os espiritos galileus d'esta epocha; e Jesus não o teria feito egualmente se tivesse prégado só a pureza do coração, o amor de Deus e dos homens, as vantagens da pobreza e da oppressão. Ou antes, não teria podido gabar estas ultimas, se não tivesse promettido em paga o reino de Deus, que na qualidade de Messias, ia immediatamente abri-lhes. A esperança, na terra, d'um céo que nós não devemos representar á maneira do nosso mundo futuro todo espiritual, mas segundo a fórma do Apocalypse de João, essa esperança foi decisiva entre os contemporaneos de Jesus. E a fé nascente na resurreição teve, principalmente, como consequencia, firmar esta esperança que a sua morte abalára.

De resto, todo o conjuncto das ideas e das doutrinas do proprio Jesus se refere a esta concepção que lhe serve de base. Tudo o que é terrestre, todo o interesse da vida material, deve ser reprovado por esta unica razão: o interesse verdadeiro, a satisfação constante, não podem encontrar-se senão no futuro reino dos céos. Jesus tinha collocado este reino numa perspectiva tão proxima, que uma parte dos seus ouvintes, esperava assistir á sua vinda, ou antes á sua volta, signal do advento do dito reino. E o proprio Paulo nos ensina expressamente que contava bem ser, então, ainda vivo.

Como se sabe, durante 18 seculos, a christandade foi sem cessar lograda na sua esperança. Eis porque mudando o sentido das palavras, encontrou este expediente que consiste em recuar para um futuro incommensurável a vinda do Christo, designando para a entrada no paraíso ou no inferno, o momento da morte. Não só tantos seculos



passados têm, de tal maneira, gasto esta esperança primitiva que ella está eomo desappareida; mas tambem, no nosso tempo, mesmo est'outra esperança d'um futuro mundo remunerador está abalada nos seus fundamentos. Como? vél-o-hemos mais tarde. Por agora, contento-me em recolher essa confissão.

Abramos os olhos e se queremos ser sinceros, reconheceremos que toda a vida e todas as aspirações dos povos civilizados da nossa epocha repousam sobre uma concepção do mundo diametralmente opposta á concepção do mundo de Jesus. As relações entre o mundo presente e o mundo futuro são totalmente transtornadas. Sobre esta base moderna, apoiam-se, não só a sensualidade, as suppostas tendencias materiaes do nosso tempo, não só os seus maravilhosos progressos na sciencia e na industria; mas tambem as descobertas da physica, da astronomia, da chimica, da physiologia, as opiniões politicas e as constituições nacionaes, mesmo as producções da poesia e das outras artes, por consequinte tudo o que ha de bom e agradável, todos os nossos progressos, tudo o que não podia allingir-se senão por uma concepção das coisas, segundo a qual o mundo presente, longe de ser desprezível, é antes o verdadeiro campo de trabalho do homeni, o objecto da sua actividade. Se por habito, uma parte dos que trabalham neste campo conserva ainda a fé num outro mundo, é uma sombra que os segue, mas sem ter sobre os seus actos nenhuma influencia séria.

29 — Insufficiencia de documentos sobre Jesus

Lembremos o objecto das nossas investigações. Abandonáramos todas as ideias da Igreja sobre Jesus redemptor e filho de Deus; tínhamos reconhecido na eonseieneia divina do Christo de Schleiermacher um simples modo de dizer. Mas, perguntavamos a nós mesmo, não foi elle realmente o homem capaz de ser a condição dos nossos sentimentos religiosos, que, mais que nenhum outro dos seus grandes homens, deve servir de guia á humanidade



no eumprimento da sua vida íntima ? Estamos agora em estado de responder a esta questão.

Antes de mais nada, temos de dizer que, para isso, possuímos muito poucos documentos authenticos sobre Jesus. Os evangelistas cobriram a sua imagem de côres sobrenaturacs tão espessas, dispozeram de tal modo a luz, que já se não pôde encontrar mais nem as côres naturaes, nem o brilho primitivo. Não é impunemente que se caminha entre eertas palmeiras; muito menos entre os deuses. Todo o que é divinizado paga-o irrevogavelmente com a sua humanidade. Seria uma vã illusão buscar, por qualquer operação, tirar uma fórmula humana, de documentos como os evangelhos que nos fallam de um sêr sobrehumano, e estão, além d'isso, desfigurados por interesses e questiunculas partidarias. Ser-nos-hiam precisas, como fiscalisação, narrações da mesma vida compostas sob um ponto de vista puramente racional, e nós não as temos. Todos os trabalhos dos nossos modernos auctores que eserevem sobre a vida de Jesus, por muito fortes que elles se façam para mostrarem nas suas fontes primitivas a origem humana, o nascimento, a extensão e o desenvolvimento successivo das ideias de Jesus, todos estes trabalhos, pela falta de documentos (excepto uma phrase geral da historia da infancia, em Lucas) levam á necessidade de reconhecer estas transposições arbitrarías, como artificios apologeticos sem valor historico algum.

Não é só o desenvolvimento das ideias de Jesus que nos é obscuro, mas a sua existencia inteira. E para concluir tudo o que se tem dito até aqui, não é completamente certo que Jesus não se tenha perdido de si mesmo e da sua obra. Isso é incontestavel, se pronuncie, na Cruz, estas bem eonhecidas palavras: Meu Deus ! Meu Deus ! Porque me abandonaes ? E' possivel, e eu mesmo indiquei esta eonjectura, que estas palavras lhe tenham sido attribuidas, para lhe applicarem desde o seu principio um psalmo que a primeira Christandade considerava como programma dos soffrimentos do Messias; mas não deixa, tambem, de ser possivel que realmente as tivesse pronunciado. Se resuseitou em seguida, isto é, se foi o homem-deus soffredor, isso não lhe eausa mal algum; é

o testemunho da grandeza dos seus soffrimentos, o grito de dôr da fraca natureza humana apagado pelo poder da natureza divina, tal como ella se manifesta, logo depois, pela resurreição. Mas considerado como um heroe-humano, esta phrase dá muito que pensar. Porque então não contou com a morte, conservou até ao fim esta illusão de legiões de anjos, e como ellas não appareciam e o deixavam enfraquecer, pregado á cruz, morreu logrado e o coração despedaçado. E se devemos lastimal-o por causa da superioridade do seu coração e das suas aspirações, devemos achar cruel e injusta a sentença que o feriu, não podendo recusar-nos a julgar que uma esperança tão phantastica não podia esperar outra coisa que não fôsse o insuccesso final.

Mais uma vez: a coisa não é certa. Mas precisamente o mal está em que na vida de Jesus tantos feitos essenciaes não sejam certos, que nós não saibamos claramente nem o que elle quiz nem em que proporções o quiz. Talvez lá cheguemos; mas o estado das coisas é bem differente segundo, por um lado, se pössue a certeza, ou se, por outro lado, em vez d'essa certeza immediata da fé, ha em perspectiva, ao fim das investigações de uma critica profunda, quando muito, a verosimilhança. D'aquelle em quem devo crêr, em quem me devo affeição como ao meu ideal moral, é-me necessario, antes de tudo, uma idcia precisa, exacta. Um sêr de quem não vejo senão a *silhouette* vacilante, de que ignoro as qualidades essenciaes, póde interessar-me como thema de pesquisas scientificas, mas não póde em nada servir-me para a vida pratica. O Christo da fé, da tenda, tem, elle, traços definidos em que podemos apoiar-nos; mas naturalmente só para o crente que aceita por acrescimo todas as impossibilidades, todas as contradicções contidas nesta figura. O Jesus da historia, da sciencia, é um problema, e um problema não póde ser o objecto da fé, o ideal da vida.

30 — **Jesus visionario. — A Edade Média e a Reforma**

E, desgraçadamente, entre o que comparativamente melhor sabemos de Jesus, se concedemos á sciencia direitos sobre elle, ha uma razão que deve tornal-o dia a dia mais estranho á vida religiosa da humanidade, tal como a fez a influencia civilisadora dos tempos modernos.

Tenha elle destinado o seu imperio só aos judeus ou só aos pagãos, tenha elle concedido mais ou menos valor á lei moysaica ou ao serviço do Templo, tenha elle previsto a sua morte ou tenha, por ella, sido surpreendido, ou se não póde estabelecer nenhum fundamento historico sobre os nossos evangelhos, ou Jesus esperou vir, num tempo muito proximo, nas nuvens do céo, abrir o imperio do Messias por elle annunciado. Se elle foi o filho de Deus, ou, de qualquer maneira, um sêr sobrehumano, nada ha a objectar se não que, não tendo acontecido as coisas, por consequencia, o que o tinha predito perde o caracter de sêr divino. Se não foi isso, mas simplesmente um homem, e alimentou tal esperança, nada podemos contra isso: segundo as nossas ideias, foi um visionario ¹.

Ha muito que esta palavra não é, como no seculo precedente, uma injuria ou uma satyra. Sabemos que tem havido visionarios nobres e espirituaes. Um visionario póde levantar, arrastar e, historicamente, ter uma acção duradoira: mas não o escolheremos como guia da nossa vida. Arrastar-nos-hia para um falso caminho, se não collocassemos a sua influencia sob a fiscalisação da nossa razão.

Foi o que a christandade deixou de fazer durante toda a Edade-Média. Não se contentou mesmo em seguir o seu Christo no desprezo do mundo, excedeu-o. Ao me-

¹ Foi assim que o dr. Binet Sanglé o considerou, no seu trabalho celebre *La Folie de Jésus*, obra em que podomos disoordenar do diagnostico psychiatrico, mas cujo methodo so impõe.

(Nota do trad. port.)

nos, ficou pelo mundo, ainda que não fôsse se não para persuadir os homens do seu pouco valor; quando mais tarde os eremitas e os frades fugiam do commercio dos homens, iam mais longe que elle, mas na orientação que elle lhes tinha traçado. E' verdade que elles sabiam accommodar-se com a renuncia aos bens terrestres; o individuo não devia possuir nada, mas a communidade, o claustro, a Igreja, e os seus capitulos, deviam possuir o mais possível. A ordem de dar a face esquerda a quem nos esbofeteasse a direita foi, igualmente, corrigida pela intelligencia humana. A parte alguns santos, a edade-média foi mais disputadora que nenhum outro tempo. Os bravos paes e mães de familia pensavam no dia seguinte, apesar da doutrina do seu Christo; mas ha um aspecto do cumprimento dos seus deveres terrestres em que os homens deram provas de uma consciencia dura, e se mostraram inferiores e communs: por que Jesus tinha ensinado ao seu opulento discipulo que para ser perfeito devia vender os seus bens e dar o dinheiro aos pobres; mas na verdade elle tinha dito noutra occasião que nem todos comprehendem essas palavras. Não esqueçamos ainda que muitos se fizeram eunucos por amor do reino de Deus.

Foi a Reforma quem primeiro applicou esta fiscalisação da Razão ao lado enthusiastico e asceta do Christianismo. As maximas de Luthero sobre os valores dos deveres conjugaes, domesticos e civicos, da actividade de uma mulher, d'uma mãe, d'uma serva ou d'um creado, em comparação com as mortificações inuteis, as charlatanices vasiaes de sentido e a existencia de zangãos preguiçosos, frades e freiras, são da mais sã humanidade. Mas não se pensava senão em reagir contra a degenerescencia catholica, e não contra o christianismo. A terra ficava sendo um valle de lagrimas e os olhos fixavam-se sempre na futura gloria celeste. Pois se o céu é a nossa patria, diz Calvino, o que é a terra senão um lugar de exilio? Sómente como Deus nos collocou no mundo e nos indicou a nossa missão, devemos cumpril-a; só a ordem de Deus valorisa os nossos afazeres terrestres, que por si mesmos não têm valor algum. E' claro que isso é uma meia-medida. Se os nossos negocios terrestres não têm ne-

nhum valor em si, não pôdem tiral-o do exterior; mas se têm um valor proprio, este só pôde repousar sobre o fundamento moral que existe nelles. A vida terrestre da humanidade traz consigo a sua regra como traz consigo o seu principio e o seu fim.

31 — O christianismo e a humanidade

Mas, dizem-nos, aquelle a quem chamaes visionario não trouxe para a humanidade, sem fallar de tantos outros preceitos moraes de maior preço, o amor ao proximo, a eompaixão, a fraternidade humana, o amor mesmo dos inimigos? E todo o que adhere a estes fundamentos, adhere ao christianismo. A nossa resposta será que estes bellos ornamentos se tornam com effeito a mais pura gloria do seu fundador, mas que não lhe pertencem propriamente, e não desapareceriam com elle.

Cineo seculos antes da era christã, já o bouddhismo recommendava a benevoleneia e a eompaixão, não só para com todos os homens mas para com todos os seres vivos. Uma geração antes de Jesus, o rabino Hillel ensinava que o espirito de toda a lei preserevia o amor do proximo. No tempo de Jesus, soccorrer os seus inimigos era um principio dos stoicos. E uma geração depois d'elle, sem ter nada de commum com elle, inspirado só pelos principios da escola stoica, Epicteto chamava seus irmãos a todos os homens, porque todos linham a Deus por pae. Esta noção é de tal maneira inherente á evolução humana, que ella devia necessariamente nascer, não de um só homeni, mas em differentes logares. Nesta epócha, mesmó, ella ia impôr-se aos novos espiritos, entre os Gregos e os Romanos, pela destruição das fronteiras no mundo romano, e entre os judeus pela sua dispersão em todos os paizes. Estrangeiros no meio das nações, desenvolveu-se entre elles um espirito de solidariedade, uma disposição a prestar-se mutuamente ajuda e assistencia, que se tornou mais intima pela fé nova do christianismo, esperando para um dia proximo a vinda do Messias. Os

dois seculos de oppressão e de perseguição que o christianismo teve de supportar, seculos durante os quaes se desenvolveu nelle tudo o que continha de melhor, fôram uma escola constante d'essas mesmas virtudes.

E' verdade que a efficacia d'este amor se estendia principalmente aos compatriotas e aos correligionarios. Este pensamento de que Jesus é morto para todos os homens, é uma confirmação transeendente do altruismo humano, cuja base se encontra muito menos afastada; mas traz consigo o perigo de subordinar os testemunhos de amor á crença nesta morte redemptora. Não é motivo de espanto que a Igreja christã tenha succumbido eada vez mais á tentação de só vêr o homem no christão, de limitar o amor ao circulo dos seus adherentes; e no interior mesmo d'este circulo, aos adeptos do christianismo repulado verdadeiro, isto é para eada um dos membros da Igreja que elle considera orlhodoxa. O christianismo não escaçou as erusadas e ás perseguições dos hereticos; nunea se elevou á tolerancia, que não é todavia senão um dos aspectos negativos da caridade humana. O ardor nas obras caritativas, o zelo e a habilidade em organizar fundações beneficicas, é uma propriedade da devoção, e não deve restringir-se, visto o seu merito, senão na medida em que ella o faz pôr meio de intuitos reservados de dominação ou de proselytismo. A ideia de humanidade foi certamente preparada pelo christianismo; mas estava reservado ao movimento philosophico do sceptico seculo xviii estabelecê-la e fazê-la acceitar como um principio. No escravo já os stoicos sabiam avaliar o homem; e não foi a Igreja christã que aboliu a escravatura, mas sim o progresso das luzes. Os direilos do homem não são uma concepção christã, mas uma concepção philosophica.

Do mesmo modo para os outros preceitos moraes do christianismo, que este não trouxe para o mundo e que não desapareceriam se elle desaparecesse. Guardamos as conquistas do christianismo como guardamos as do hellenismo e as da latinidade, sem a fórma religiosa, que foi como o envolvero em que se desenvolveu o fructo. Eis o motivo porque rejeitámos o que no christianismo esses preceitos tinham conservado de mesquinho e de parcial.

32 — O culto christão e a concepção actual do mundo.—
A cruz

Mas, perguntar-nos-hão ainda, porque separar o que póde ser unido ? No seu desenvolvimento actual, o christianismo não limitará mais o altruismo, nem, principalmente, a moralidade, antes os estimulará; e estimulal-os não será um mal na nossa epocha de interesses materiaes e de egoismos desenfreados. Porque não nos havemos de conformar com essa maxima: deve fazer-se um e não desprezar o outro ?

E' porque, responderemos nós, são duas coisas absolutamente incompativeis. Porque são incompativeis, o que já se disse e explica cabalmente: não podemos buscar uma guia para a nossa vida numa fé que não temos, numa communhão de que não partilhamos nem as theorias nem os desejos. Vamos dar uma prova, e será a ultima. Tomamos a antiga fé da Igreja nos seus inicios, seguimol-a nos seus desenvolvimentos e nas suas transformações, e vimos que não podiamos aceitar nenhuma das suas fórmãs. Tomemol-a, para concluir, na sua fórmula a mais nova, a mais dóce, a mais moderna, e que seja, ao mesmo tempo, a mais concreta, como se apresenta ao eullo; participemos pelo pensamento nas solemnidades de uma Igreja protestante, cujo padre fica sobre o terreno da sciencia actual, e vejamos se podemos construir sobre isso alguma coisa sincera e natural. Como procederá este homem, ou, se nos collocarmos á sua frente, como procederemos nós mesmos ? qual será em cada circumstancia, ainda que não possa exprimir tudo, a marcha dos seus pensamentos ?

No dia de Natal, dirá elle e talvez que o deixe perceber aos mais intelligentes dos seus ouvintes, não póde tratar-se de um parto por uma virgem. Que toda a historia da viagem dos paes de Jesus a Belem, por causa de um recenseamento, é uma invenção desastrada, pois que Jesus era já um rapazola quando teve logar esse recenseamento. Que a creança veiu provalmente ao mundo, bem

naturalmente, em Nazareth, na casa de seus pais. Que com o presepio se vão os pastores, e com os pastores os anjos. Que com esta creança nem só a paz veio ao mundo, mas ainda, por accrescimo, as questões e a guerra; emfim, que celebramos nesse dia o nascimento de uma personalidade importante, cujo papel historico foi consideravel; mas que todavia não foi mais que um homem collabrando com tantos outros nos progressos da humanidade.

Na Epiphania, teria de novo de abandonar, isto é de repudiar a narração evangelica como um mytho messianico. Deveria lembrar-se, e se fôsse muito ousado, lembrar aos seus parochianos, que a estrella errante não era mais que a estrella de Jacob de que o vidente pagão, Balaam, fallara já como do symbolo d'um rei judeu victorioso; que os sabios do Oriente fôram creados para a estrella, os seus dons extrahidos d'uma passagem do pseudo-Isaias, onde se falla da luz sahida de Jerusalem, da luz da graça divina que devia ser dada ao povo judaico no fim do seu exilio, e devia attrahir os pagãos que traziam de Saba o oiro e o incenso. Este honesto pastor deveria acreseentar que o menino Jesus não viveu em Belem, mas indubitavelmente em Nazareth, certamente tão ignorado dos paizes distantes, como costumam sel-o em todos os tempos os filhos do simples povo.

Como no Natal para o filho da virgem, o padre teria, na quinta-feira santa, de afastar o resgate pela morte, e, principalmente, o redemptor. Quanto mais sincero fôsse na sua obra, mais deseontentes ficariam os velhos crentes; quanto mais prudencia empregasse, mais descontentes ficariam os seus ouvintes progressistas, que poderiam com effeito accusal-o de duplicidade, se elle pretendesse conservar a ideia da redempção e do redemptor.

O papel seria ainda mais difficil na festa da Paschoa. Aqui mal se pôde chamar á coisa pelo seu nome numa igreja christã, e se o não fazemos, tudo o que se disser será puro palavriado.

Emfim, no dia da Ascenção, surge a difficuldade de evitar a satyra. Fallar a homens cultos d'este acontecimento como de um facto possivel, seria hoje uma verdadeira offensa. Logo será preciso transformal-o em



symbolo, de que se extráia uma applicação moral como para a resurreição e para todas as narrações milagrosas, os doentes curados, os mortos resuscitados, os demonios expulsos, sobre que tanto se préga nos domingos ordinarios. Mas para què estes sublerfugios, para què embarcarmo-nos com coisas que já não são do nosso uso, para chegarmos, no fim de contas, áquillo de que temos necessidade, e que teria sido muito mais simples e mais proveitoso proseguir desde o principio ?

Em todas estas festas, como nos simples domingos, o nosso padre começa o seu discurso por uma oração não só a Deus, mas tambem ao Christo, e escolhe, depois, para texto, maximas ou extractos da Escriptura Santa. Muito bem; mas quem lhe deu o direito de orar a um homem ? — e para elle o Christo não é mais que um homem. Só o habito nos faz esquecer da enormidade d'este uso que tem a sua origem em ideias essencialmente differentes das nossas; ou tomal-o-ha a gente como uma figura de rethorica, no sentido das invocações dirigidas a uma montanha, a um rio ? : então deve responder-se que na Igreja, onde tudo é e deve ser tomado a serio, não ha lugar para taes ficções. No que se refere aos textos, o padre que nos estamos representando, combinou acaso com os seus ouvintes o que se devia escolher nesta escriptura reputada santa ? Disse-lhes elle: os reformadores conquistaram-nos o direito de livre investigação na escriptura, mas a sciencia moderna conquistou o direito de livre investigação fóra da escriptura ? E fez-lhes elle comprehender tudo quanto ali se contém ? Que a razão se colloca áparte da escriptura e a analysa não só para apreciar o seu contheudo, mas para descobrir as suas origens, a medida da sua authenticidade e do seu valor ? Que por consequinte a escriptura deixou de ser para nós a grande fonte onde iamos buscar os nossos conhecimentos ? Pódem contar-se os theologos que até aqui se explicaram francamente a este respeito. Deixa-se suppôr que ficando sobre o mesmo terreno, podemos elevar-nos, por progressos successivos, do ponto de vista que tinham adoptado os primeiros reformadores, ao liberalismo da nossa theologia actual; emquanto que pondo de lado a

auctoridade da escriptura, attingimos um grau muito mais elevado e mais perigoso que o attingido pelos reformadores que partiram do ponto de vista catholico.

Fiquemos ainda um momento na nossa moderna igreja protestante, e assistamos á administração dos sacramentos. Primeiramente, o baptismo, destituido de toda a fórma exterior, deixa-nos esta impressão que elle deveu ter a sua utilidade durante o tempo em que foi necessario para fazer sahir dos judeus e dos pagãos a nova communnidade, e dar-lhe como laço uma consagração commum. Hoje, no meio do mundo christão, essa utilidade desaparece. Como a applicação que a Igreja fez, mais tarde, d'este sacramento em attenção ao peccado original e ao demonio, não póde ser tomada em consideração alguma na nossa Igreja moderna, o baptismo apparece-nos como uma cerimonia sem significação real, ou com uma significação que nos repugna. Deixemos aos judeus o cuidado de fazer de seu filho alguma coisa especial, por meio de um signal corporeo permanente, e não queiramos nós mais de um signal que se apague. Os nossos filhos não serão nada de especial, contentar-se-hão em ser homens, e educal-os-hemos para que se tornem homens.

Como o baptismo, com a sua utilidade para os judeus e pagãos, e, mais tarde, em attenção ao peccado original e ao demonio, a eucharistia, com a ideia da morte redemptora, perdeu a sua verdadeira significação, e não é mais que um repellente tropo oriental: beber o sangue e comer a carne de um homem. Além d'isso, as idiotas e fataes questiuenculas de que foi pretexto, e que, podemos dizel-o á letra, a carne e o sangue estiveram em jogo, são para nós uma penosa recordação. Ser-nos-hia agradável vêr a humanidade numa festa fraternal beber uma unica bebida numa unica taça; mas esta bebida não seria nunca sangue.

No allar da nossa igreja moderna, enquanto, pelo menos, se apoiar sobre as bases do lutheranismo, encontre-mos a imagem do Christo crucifieldo, ou por outra, o crucifixo. A igreja catholica é prodiga neste antigo symbolo fundamental da christandade, e gosta de colloca-lo nos caminhos e nos atalhos. A Igreja protestante,

ainda que o não tenha afastado com as outras imagens, desterrou-o todavia, com uma especie de vergonha, para a interior das egrejas e das casas, deixando ficar a cruz nos cemiterios, nos campanarios e outros logares da mesma especie. Devia ser durante as suas viagens na Italia ou nos outros paizes catholicos que Goethe, espicaçado por esta importunidade, lhe tomou a zanga que o fez collocar a cruz no verso tão criticado do seu epigramma contra o alho e os persevejos. Só a fórma d'este signal, este «pau duro atravessado sobre outro pau», como elle diz no Divan, lhe era desagradavel, e certamente elle teria prazer em saber que nisso teria ao seu lado a grave princeza palatina, Izabel, duqueza d'Orléans, que confessava «não gostar de vêr a cruz, porque essa fórma lhe desagradava». Talvez issó nella fôsse inconsciente, mas em Goethe era, decididamente, mais que uma questão de fórma, mais que uma repulsão esthetica que o afastava d'esse signal. Era «esta imagem da dôr sôbre madeira», segundo a passagem do já citado Divan, de que se não devia «fazer um Deus». O crucifixo, com o Deus morto pelos peccados dos homens, é, aos olhos dos crentes, por um lado, a garantia visivel e commovente da absolvição, mas, por outro lado, e principalmente, a apothese do soffrimento; é a humaidade na sua fórma mais triste, com todos os seus membros amortecidos e quebrados, e cuja disformidade os torna de modo algum agradaveis, como personificação da passividade do christão, e da maldição com que fere o mundo. A humanidade actual, satisfeita de viver e de agir, não pôde encontrar mais em tal symbolo a expressão da sua consciencia religiosa, e conserval-o na nossa igreja moderna seria juntar uma meia-medida e um equívoco a mais a todos os que a tornam já incapaz de existir.

Parece-me que attingimos o nosso fim. Qual é a conclusão? Qual é a nossa resposta á pergunta que collocamos á frente d'este capitulo do nosso inventario? devo dal-a expressamente, devo escrever com todas as letras, a este respeito, a somma de que precede? não seria necessario fazel-o, mas eu não queria, por nada d'este mundo, parecer que evitava a palavra, mesmo a mais con-

demnada. Portanto, eis a minha convicção: se não queremos buscar subterfugios, se não queremos cahir em subtilezas, se queremos responder *sim* ou *não*, emfim, se queremos fallar como homens leaes e siuceros, devemos reconhecê-lo: Já não somos christãos.

Como já, mais atraz, o fizemos notar, não renunciámos, no que dissemos, á religião; poderíamos ser ainda religiosos, ainda que o não fossemos sob a fórma do christianismo. Fazemos pois a nossa segunda pergunta:



II

Teremos ainda uma religião?

33 — O homem e a natureza

Estaremos tanto menos dispostos a renunciar a ella, sem mais exame, quanto estivermos habituados a considerar a aptidão para a religião como uma superioridade da natureza humana, e mesmo como o seu mais alto titulo de nobreza. Vemos o animal privado d'ella, com o que chamamos a intelligencia. Os povos que deixavam duvidas aos viajantes sobre se tinham ou não uma religião, fôram sempre reputados os mais miseraveis e os mais parecidos com o animal; e a historia ensina-nos que a perfeição das religiões está em relação constante com a civilisação dos povos. Eis porque precisamos, antes de tudo, de lançar um olhar sobre o nascimento e o primeiro desenvolvimento da religião na humanidade.

Por um lado, é certo que sem intelligencia não ha religião. Ou por outra: a religião não é possível se não pelo instincto e o poder de pedir ao effeito a sua causa, e de subir assim até uma causa julgada ultima ou primaria; ella portanto só é possível no homem e não no animal. Mas esta tendencia objectiva da intelligencia não teria, por si mesma, outro resultado que não fôsse um conhecimento cada vez mais extenso das coisas. A sua propria união com a imaginação não seria o sufficiente para produzir o que encontramos entre os povos, com o nome de religiões. Para tornar effectiva a religião, cuja possibilidade esteja na intelligencia, é preciso a presença de um outro factor activo, o logar do homem,

e as condições do meio. E' assim que Hume tinha razão quando pretendia que os homens fôram originariamente levados á religião não por um instincto desinteressado da sciencia e da verdade, mas por um instincto muito interesseiro do bem estar, que os motivos religiosos fôram mais sensações desagradaveis que sensações agradaveis. Quando os epicurianos apontavam o medo como causa da religião, havia nisso qualquer coisa de incontestavelmente justo. Se todas as coisas tivessem, sem cessar, satisfeito aos desejos do homem, se as suas necessidades tivessem sido sempre satisfeitas, se os seus planos nunca tivessem faltado, se, por uma dolorosa experiencia, elle não aprendesse a temer o futuro, então a fé nos sêres superiores, no sentido religioso, difficilmente teria nascido nelle.

Desde o principio que o homem vê deante de si a natureza como um sêr suspeito. Ella tem, é certo, um aspecto que pôde parecer ser favoravel. O sol que o aquece, o ar que respira, a fonte que o refresca, a arvore que lhe dá a sua sombra e os seus fructos, a ovelha que lhe dá o leite e a lã, parecem collocados nella, para a felicidade do homem, por um poder bemfazejo. Depois, a natureza concede-lhe, dentro de certos limites, uma influencia activa. Lavra o seu campo, educa e utiliza os seus animaes domesticos, persegue e mata os animaes selvagens, cava a canôa para o rio ou para mar, e, contra as intemperies das estações, construe uma cabana e faz o seu vestuario. Mas o reverso d'esta face amiga que a natureza lhe mostra é aterrorizador. Ao lado e além do estreito dominio que ella lhe abandona, retem para si um monstruoso poder cuja explosão repentina se ri cruelmente de todo o esforço humano. A tempestade engole barco e barqueiro, o raio reduz a cabana a cinzas se a inundação a não arrastar, a peste leva-lhe os rebanhos, o calor do sol ou a saraiva aniquilam-lhe o producto dos campos, enquanto que o proprio homem é entregue, sem protecção effleaz, a todos os azares, á doença, á morte.

34 — Primeiro desenvolvimento da religião

O que o homem não pôde supportar, contra o que o seu espirito se revolta, é esta indiferença da natureza que se lhe apresenta como um sêr extranho, e ao qual, por sua vez, tambem é extranho, que nada faz d'elle e de que elle mesmo nada pôde fazer. Não pôde escapar á natureza, se não penetrando nella; e esta não pôde ser deshumana, se é similhaute ao sêr humano. Mesmo, os fuestos poderes da natureza não são, tambem, tão maus como parecem. Se o vento ardente do deserto, a peste que atravessa as planicies são concebidos pelo homem como forças impessoaes, elle encontra-se deante d'ellas como um nada sem defeza; pessoalmente representadas, sêres superiores, demonios ou divindades, ficam, é certo, maus genios, mas o homem ganhou muito. Tornam-se, por um lado, accessiveis. Ha tambem homens maus, cruéis, maliciosos e que, ás vezes, são de tal estofo, que não é possivel resistencia alguma contra elles; todavia, ha meios de lhes fugir, ou, pelo menos, de desviar as suas violencias. Submettemo-nos humildemente a elles, não poupamos nem as boas palavras nem as dadivas, e eil-os, bem cedo, mais trataveis do que se esperava. Dá-se o mesmo com os poderes fuestos da natureza, logo que se convencionna que sejam sêres pensantes e tendo vontade, sêres, enfim, semelhantes ao homem. E vamos ao Typhon com orações e sacrificios, dão-se á divindade da peste presentes conformes á sua natureza, e, segundo as propriedades que lhe attribuimos, podemos esperar d'estes meios um resultado favoravel, um apaziguamento da sua eolera.

E' preciso aliás que todos os poderes da natureza sejam fuestos como os que enumeramos:

«A nuvem dá a chuva, e a chuva dá a abundancia; de todas as nuvens sáe o raio indifferente».

A chuva e o raio não são mais que manifestações diversas do mesmo poder, da divindade dos espaços aërios, do Zeus dos Hellenos que, propicio ou temivel,

tanto manda para os campos a chuva fecundante, como — e não sem escolha, como pensa o poeta moderno — o raio destruidor. Um tal poder, apesar das forças perigosas que tem ás suas ordens, pôde ser, por si, bom, bem disposto para com o homem, e dar lugar ás suas manifestações hostis sómente quando elle o tenha irritado, e indignado a sua colera. Por conseguinte, ser-lhe-ha tanto mais facit abrandar essa colera d'um sêr bemfazejo em si, por provas de dedicação e submissão.

Se num paiz existe um phenomeno, ou um conjunto de effeitos naturaes particulares, principalmente os que influem mais especialmente para o bem ou o mal dos homens, como no Egypto, d'uma parte o Nilo, d'outra parte o vento do deserto, como taes, são personificados, e esta tendencia percorre depressa todo o circulo da natureza e da vida humana. Ao céo, tornado Urano ou Zeus, oppõe-se a terra tornada Géa ou Demeter, o mar tornado Poseidon; o tratamento dos gados e a agricultura, os cereaes e a vinha têm as suas respectivas divindades, assim como a música e a medicina, o commercio, e a guerra. A phantasia dos povos usa d'ellas sem medida e sem cuidado. Ora estes dominios são partilhados entre os differentes deuses, ora attribuidos a um mesmo deus de que são manifestações especiaes. Com a musica e os oraculos, Appolo é ainda o deus da medicina, que transmittiu ao seu filho Esculapio, que deve a ella presidir especialmente. Marte é o deus da guerra; mas Minerva é tambem uma deusa guerreira; numa guerra é personificada como uma pratica brutal e deshumana, na outra como uma arte submettida a regras. E desde Stator até Pistor e Stercutius, desde Regina até Pronuba e Lucina, que quantidade de funcções e de sobrenomes amontoados sobre Jupiter e Juno, para lhes serem, de novo, tirados numa troca confusa com as entidades subalternas!

Porque quanto mais um povo cresce na civilisação, mais, ao lado da natureza, com os seus horrores e os seus beneficios, toma interesse á vida humana nas suas diversas relações. E quanto mais logar ha nesta vida humana, para o incerto e para os perigos, para os acontecimentos que escapam ao calculo e á força humana, mais urgente

é para o homem a necessidade de imaginar poderes sympathicos á sua própria natureza, e dispostos a attender as suas orações e os seus votos. E ao mesmo tempo a natureza moral do homem apresenta-se como factor activo. Protegido contra o que o rodeia, quer sentir ainda as suas mais nobres tendências protegidas contra a sua própria sensualidade e reflexão, e estabelece uma divindade para presidir ás reclamações da sua consciencia.

Quantas vezes o recémchegado se não encontra sem soccorro no meio de um povo estrangeiro e quão difficil é aos indigenas tirar proveito d'elle nesta situação desagradavel ! mas ha um Zeus que protege os hospedes. Como é pouco seguro fiar-se nas promessas d'outrem, mesmo feitas sob juramento, e como é proxima a tentação de o revogar ? mas ha um Zeus que pune o perjuro. O assassinio não é sempre descoberto pelos homens; mas as Eryunias vigiam e ligam-se aos passos do assassino fugitivo. Entre os povos civilisados o casamento foi sempre um dos actos mais importantes da vida. Mas quantas vezes encerra azares, probalidades de desgraças, tentações de mal fazer ! Para se garantirem d'isso, o grego e o romano piedosos procuram uma salvaguarda no casamento celeste de Zeus e Hero. Não é certamente um casamento modelo no sentido ideal da palavra, é antes a imagem da fragilidade da união humana pintada pelos gregos com toda a sua leviandade moral. Mas Jupiter e Juno fundavam e perpetuavam as uniões conjugaes entre os homens. Juno, principalmente, conduzia ao esposo a sua noiva, guiava-a na sua casa, desnudava a sua cintura, como dissipava, mais tarde, as nuvens entre os esposos. Emfim, trazia para a vida, sem perigo para a mãe, o fructo abençoado do casamento, o filho.

35 — O polytheismo e o monotheismo

A fôrma primitiva e, num certo sentido, natural da religião, foi por consequencia o polytheismo. Havia uma pluralidade de phenomenos que appareciam ao homem,



uma pluralidade de poderes que o opprimiam, contra os quaes queria ser protegido, dos quaes se queria assegurar; havia umâ pluralidade de relações que queria fundar e consagrar; devia pois nascer d'elle uma pluralidade de sêres divinos. Isto é confirmado pela observação de que todos os povos da terra que se encontram ainda, de qualquer maneira, no estado de natureza, hoje como então, são ou fôram polytheistas. O monotheismo apparece por toda a parte na historia, mesmo entre os judeus, como um estado secundario sahido, na serie dos tempos, do polytheismo primitivo. Como se effectuou esta passagem?

Diz-se bem que uma observação mais attenta da natureza deveu revelar ao homem a connexão de todos os phenomenos, a unidade do plano para que concorrem todas as leis. E deveu resultar d'ahi, em relação ao pensamento, que finalmente os numerosos sêres divinos se opprimiram reciprocamente, e, por consequencia, se despojaram do seu character, de modo que a divindade, no seu sentido absoluto, ficou uma. Tendo nascido faes concepções em alguns homens superiormente dotados da antiguidade, estes tornar-se-hiam assim os fundadores do monotheismo.

Couhecemos bem os homens superiormente dotados que chegaram por este meio a faes concepções: são os philosophos gregos; sómente não fôram fundadores de uma religião, mas de escola e systema philosophicos. O monotheismo tão pouco consistente da religião indiana participa d'esta natureza. E' uma doutrina exoterica, mystica, presentimento de um pequeno numero que sahiu do meio de um polytheismo popular.

Entre os judeus, o monotheismo apparece-nos primeiro sob a fórma firme d'uma religião do povo. E ahi egualmente reconhecemos claramente os seus principios. O monotheismo judaico não sahiu seguramente de uma observação profunda da natureza, e tão pouco da especulação philosophica. Por que antes do impulso que mais tarde receberam dos gregos, pelo menos no sentido philosophico, os judeus não especulavam. Estes forneceram-nos a prova (confirmada mais tarde pelo Islamismo), pois que o monotheismo é, na origem, a religião d'uma horda.

Como a sua constituição social, as necessidades de um tal ajuntamento nomade são muito simples; e mesmo, como devemos suppor-o aqui na origem, se elle reconhecesse desde o principio diferentes fetiches, demonios ou divindades, todos desapareceriam no meio dos combates, no dia em que a horda se condensasse para a lucta civil ou para a guerra, contra as tribus e os povos já organisados. Foi o que aconteceu aos israelitas, irrompendo no paiz de Canaan. Como era um sentimento unico, o da sua bravura, que animava a horda, que a sustinha nos combates, que lhe dava esperança da victoria, e que na propria derrota lhe promettia a preponderancia futura, da mesma maneira, era um só deus o que ella servia, de quem ella tudo esperava, ou antes este deus era o sentimento do seu valor divinizado. Sem duvida, com o Deus unico da horda, rivalisavam os deuses das hordas ou dos povos visinhos, sem duvida os deuses de Canaan rivalisavam com o Deus de Israel, mas, como os mais fracos, os peiores, destinados a serem vencidos por este ultimo, como deuses falsos, deuses impotentes, que desapareceriam no nada para darem logar ao unico verdadeiro Deus.

E' preconceito antigo que tem a sua origem no judaismo christão, considerar, em face do polytheismo, o monothheismo como sendo em si a fórma superior da religião. Ha um monothheismo que está acima do polytheismo; mas ha tambem um que não. Propôr aos gregos desde o seculo de Homero até ao de Eschylo, trocar a sua pleiade de deuses do Olympo pelo deus do Sinai, seria pedir-lhes abandonassem a sua vida tão bella, tão rica, vida que estendia por toda a parte os seus ramos cheios de flôres, pela pobreza e pela existencia tão restricta dos judeus. Nos seus *Deuses da Grecia*, Schiller ergueu queixumes contra o empobrecimento da vida pela victoria do monothheismo, e, entretanto, o Deus a que se referia, estava bem longe de se parecer com o Deus judaico.

Por um dos seus lados, entretanto, o monothheismo possui uma superioridade que contém, para o futuro, as mais importantes consequencias. Os deuses multiplos, conformes á sua origem, e por mais alto que os tivessesmos elevado no dominio moral, ficam sempre ligados a



uma força ou a um phenomeno da natureza, conservam, assim, alguma coisa de material, como vimos nos deuses gregos. A distincção dos sexos, entre os deuses do polytheismo, é uma prova d'isso. Ao contrario, o Deus unico, por isso mesmo que é unico, e que a natureza é multipla nos seus phenomenos e nas suas forças, é elevado acima da natureza. Da parte do povo judaico, esta elevação não se fez, senão, successivamente, e, por assim dizer, com má vontade; mas, no fim, realisou-se de um modo tanto mais completo, quanto é certo que as raças vizinhas contra quem era preciso combater, tinham cahido mais profundamente na adoração de grosseiros deuses physieos. As proprias imagens d'estes ultimos causavam horror aos judens, e eis porque elles se prohibiram absolutamente toda a imagem do seu deus. O culto d'estes deuses physicos, todo impregnado de atrocidade e de sensualismo, devia parecer impuro ao adorador d'um deus extra-physico; muito tempo ainda, o culto que elle lhe consagrou nada teve de espiritual; mas o principal fim d'isto foi a pureza. D'esta pureza, primeiro toda exterior, naseu por progressos successivos a pureza interna: o deus unico tornou-se um legislador severo; o monotheismo foi uma causa de decencia e de moralidade. Monotheismo limitado por um particularismo inherente ao povo judaico. As prescripções que Jehovah dava ao seu povo tendiam por uma grande parte a separal-o de todos os outros povos. Se o deus unico era bem o creador do mundo, não era de igual modo o Deus de todos os povos, mas, num sentido absoluto, sómente de um pequeno grupo dos seus adoradores, que, em face dos outros povos, tratava como seu descendente directo; communicava a todo o conjuncto d'este Deus, alguma coisa de rude, de desigual e de apaixonado. O complemento d'esta concepção judaica devia vir do mundo grego. Foi na Alexandria que o Deus da raça e da nação judaica se identificou e cresceu com o Deus do mundo e da humanidade, que a philosophia grega tinha sabido tirar da multidão dos deuses populares do Olympo.

36 — A ideia religiosa e a ideia philosophica de Deus

A nossa actual concepção de um Deus unico apresenta-se sob duas faces differentes, a personalidade e o absoluto, ambas reunidas em si, como por vezes se póde reconhecer no homem duas propriedades, uma vinda de seu pae e outra de sua mãe. A primeira face é obra do judaismo echristão, a segunda é-o da philosophia grega. O Antigo Testamento, poderíamos dizel-o, legou-nos o Deus senhor; o Novo o Deus pae; a philosophia grega legou-nos a divindade ou o absoluto.

Os judeus tambem consideravam o seu deus como absoluto, emquanto esta concepção não ia além do alcance do seu espirito, isto é, pelo menos, como illimitado em poder e em duração. Mas antes de tudo o seu Deus era um sêr que se distinguia pela personalidade. Não só nos primeiros tempos elle passeia no jardim e conversa com Adão; não só se apresenta mais tarde sob a fórma humana ao patriarcha sentado debaixo da arvore, e aecceita a hospitalidade da sua tenda; não só trata na montanha com o legislador e esereve, com a sua propria mão, as duas taboas da Lei; mas tambem a sua conducta como Deus eolerico e apaixonado, que se arrepende de ter feito o homem e se dispõe a aniquilal-o, se offende e se vinga dos faltas do seu povo escolhido, é inteiramente a de um sêr pessoal. A transformação echristã do Deus-senhor em Deus-pae não toeou nada neste aspecto pessoal, mas communicou-lhe, ao contrario, uma nova força. Quanto mais eordiaes são as relações do adorador com o seu Deus, mais este deve appareer-lhe como uma pessoa, pois que as relações de ternura não são possiveis se não com sêres pessoaes, ou pelo menos tidos como tal.

Desde sempre que a philosophia considerou o Deus das suas meditações pelo lado opposto, o absoluto. Falta-lhe um sêr eminentemente superior, capaz de ter dado ao mundo a existencia e a organisação; e aehando um obstaeulo nos attributos pessoaes que o judaismo e o echristianismo attribuiam ao seu Deus, ella repellia-os.



Não podia servir-se de um Deus que se arrependesse e encolerisasse, de um Deus que o homem pudesse attingir com orações. Não tirava ao seu Deus toda a personalidade, mas tendia a fazel-o; pois que queria um Deus sem limites, e a personalidade é ainda um limile.

Copernico representa-se ás vezes como tendo, com o seu systema de mundo, quebrado o throno onde se sentava o velho Deus dos judeus e dos christãos. Isso é um erro, não só no que diz respeito ao proprio Copernico que, como Kepler e Newton, nunca deixou de ser um ehristão fervoroso, mas tambem pelo que respeita á propria doutrina. Esta não leva a sua reforma além do nosso systema solar; além, deixa flear a esphera das estrellas fixas, o firmamento biblicio engrandeecido, envolvero espherico, especie de concha que encerrasse o nosso mundo solar e planetario. Ficava, pois, muito logar para um eeo confortavel munido de um throno divino. Só depois, segundo as observações e os caleulos multiplos, as estrellas fixas se reconheceram similhantès ao nosso sol, arrasando ellas tambem sem duvida systemas analogos de planetas; o mundo se resolveu numa infinidade de globos, e se viu que o eeo não era mais que uma illusão d'optica. Então o velho Deus pessoal ficou sem habitação.

Diz-se que nisso não ha inconveniente algum, que ha muito que se sabe que Deus, presente em todos os logares, não tem necessidade de uma residencia especial. Sem duvida, sabe-se isso, mas esquece-se. A razão pensa, é certo, no Deus presente em toda a parte, mas a imaginação não póde fugir á necessidade de se representalo como occupando um logar no espaço. Outr'ora podia fazel-o sem obstaculo, pois que dispunha de um logar bem proprio; agora, isso é difficil, porque nenhum espaço similhante existe em qualquer sitio. Porque esta ideia se transmite irresistivelmente da razão á imaginação. Quem conceber o systema do mundo segundo o estado actual da astronomia, não póde representar-se mais um Deus sentado num throno e rodeado de anjos.

Estes anjos, rodeando Deus, são a consequeneia immediata da ideia da personalidade. E' preciso, a toda a pessoa, uma sociedade; a todo o senhor quem o sirva. E os

anjos cahem, tambem elles, com a nossa concepção actual do mundo; suppondo a presença de habitantes nos astros, não conhecemos mais a côrte divina. Logo, não há céu que seja palacio, nem anjos reunidos á volta de um throno; o trovão, os relampagos não são, já, armas de vingança; a guerra, a fome e a peste não são, já, castigos, mas effeitos de causa naturaes. Depois que perdeu, assim, todos os attributos de um sêr pessoal, como poderemos conceber um Deus pessoal ?

37 — A oração. — Kant e a oração

Sabemos por muitas descripções de viagens que terrivel impressão produzem nos povos selvagens certos phenomenos que elles não pôdem prevêr, taes como os eclipses da lua e do sol; com que gritos e alarido de toda a natureza buscam ir em auxilio do astro luminoso, para afastar d'elle o grande sapo ou qualquer outro monstro que lhes parece ser a causa d'esta obscuridade. Isto está na ordem das coisas, como o está egualmente que estes phenomenos, inscriptos no calendario segundo os calculos dos astronomicos, não despertem já em nós preoccupações religiosas, não recitando já o proprio aldeão ignorante nem o Padre Nosso, nem a Ave-Maria, para os impedir de fazerem mal.

Mas vendo, no anno de 1866, os lords inglezes censurar o conde Russell por não ter ordenado uma penitencia publica por occasião de uma epidemia ou peste bovina, devemos pensar num embrutecimento da Egreja anglicana, ou numa miseravel hypocrisia ? E assim, quando, no verão, numa região profundamente catholica, a chuva se demora em demasia e uma persistente secca ameaça comprometter os productos dos campos, então não temos que extranhar que os camponezes esperem do seu cura uma procissão atravez da aldeia, para implorar ao céu a chuva. Quando encontramos uma tal procissão, não podemos deixar de gritar aos aldeãos: *O' sancta simplicitas*; quanto ao cura, podemos interrogar-nos se elle tomou a iniciativa



d'isso, com uma vista interessada, ou se quiz puramente coudescender ao desejo de uma piedosa simplicidade. Em todo o caso, aspiramos ainda mais ao dia em que, aperfeiçoado o ensino das escolas, o habitante aprenda que se trata ainda, d'esta vez, d'um phenomeno natural, submettido a leis precisas, como os eclipses da lua e do sol, bem que estes sejam mais seguramente determinados que aquelles.

Já o mesmo se não dá quando a peste, a colera penetraram num paiz, irromperam numia cidade, e pedem a sua victima a cada rua, a cada casa, ou quando a maioria dos fillos de um povo, arrastada para a guerra, vae fazer frente ao inimigo. Nos dois casos, — além, entre os que são ainda sãos, aqui, entre os que ficaram em casa — as orações publicas elevam-se espontaneamente. As massas imploram do exterior um resultado objectivo em favor dos que o perigo ameaça; em quanto que os pensadores se contentam em pedir á oração commum uma assistencia subjectiva, a resignação e a consolação — o unico resultado que os primeiros pôdem, aliás, obter.

A unica boa e verdadeira oração, e aqui Feuerbach tem completamente razão, é aquella que, na esperanza do que reza, puder trazer um resultado que elle, sem isso, teria esperado em vão. Era assim que Luthero rezava. Elle estava firmemente persuadido de ter salvo da morte Melanehlthou gravemente enfermo, com as orações e as accusações que dirigia a Deus, prompto a tirar-lhe muito cêdo um collaborador indispensavel. Já Schleiermacher não rezava assim. Elle comprehendia muito bem que toda a pretensão dos desejos humanos, por mais puros e intelligentes que sejam, de querer ou poder influir sobre as decisões divinas, era tão absurda como impia. E, todavia, rezava ainda; mas em vez de collocar a importancia da oração na effectivação de um resultado objectivo qualquer, collocava-a numa acção subjectiva sobre o espirito humano. Se, num caso particular, o erente que reza se contenta com esta ultima acção e sabe que deve sem duvida resignar-se, por mais fervoroso que seja, a não ser attendido, — em geral, olha todavia como possivel a efficacia objectiva da sua oração, mesmo no presente caso.

Quando, pelo contrario, rezo pela conservação d'uma existencia que me é querida, emquanto que sei claramente não obter, com isso, acção alguma sobre o resultado desejado, emquanto que sei, em outros termos, que se o objecto da minha oração não mais sarar, aquella terá tido tão pouca influencia como o teria o movimento do meu dedo sobre as phases da lua, quando nesta persuasão e apezar d'ella, continuo a rezar, engano-me de uma maneira pouco digna e só desculpavel pela violencia da paixão do momento. Todas as orações de Schleiermacher derivavam, por um lado, d'uma illusão de que tinha consciencia, d'um habito dos seus annos de moço; por outro lado, das attensões para a communhão que o cercava e de que elle não queria separar-se apesar dos seus conhecimentos criticos.

Kant não reza, e com isso, só é leal para consigo proprio e para com os outros. Abstrahindo da supposta effcacia da oração, só a posição affectada dos que oram o chocava. «Imaginemos, diz elle, um homem piedoso e intelligente, mas, de resto, limitado quanto ás puras noções religiosas, surpreendido por um outro, não digo rezando alto, mas fazendo gestos exteriores que acompanhem a reza. Por isso mesmo esperaremos vê-lo confuso e embaraçado, como se córasse da sua situação. Porquê isto? E' que o homem encontrado conversando alto consigo mesino faz nascer immediatamente a suspeita de que poderia ter um pouco de loucura; e isto não é completamente errado, quando o julgamos assim, quando o encontramos entregue a uma occupação ou a gestos que sómente poderiam conceber-se se elle tivesse deante dos olhos qualquer pessoa. O que não se dá no exemplo escolhido». Assim se exprime Kant na *Religião de accordo com a Razão*; fal-o com maior vigor ainda numa pagina das suas obras posthumas. «Attribuir á oração outras consequencias possiveis que não sejam as naturaes (subjectivas e psychologicas), diz elle, é absurdo e não precisa de refutação; apenas se póde perguntar: deve conservar-se a oração em favor das suas consequencias naturaes?» A resposta é que, em todo o caso, deve-se recommendal-a só em certas circumstancias, «porque a oração não é ne-



cessaria a quem possa, doutra maneira, attingir os seus resultados».

Segundo o seu costume, Kant exprimia simplesmente e francamente o sentimento dos tempos modernos sobre a oração, o que será tanto menos contestado quanto é certo que com os effeitos objectivos d'ella, cahe ainda um dos attributos essenciaes do Deus pessoal.

38 — Provas da existencia de Deus

E' aqui, parece, que vac dar, ainda que um pouco fóra da moda, toda a pesada artilheria das pseudo provas scientificas da existencia de Deus, que, na intenção dos seus auctores, devem provar um Deus no sentido proprio da palavra, isto é um Deus pessoal.

Temos primeiro que attender ao argumento chamado cosmologico, que da contingencia do mundo concluiu a existencia de um sêr necessario. De todas as coisas que observamos no mundo, nenhuma d'ellas existe por si mesma, eada uma tem o fundamento da sua existencia em outras coisas, que estão na mesma necessidade de se apoiarem sobre outras coisas ainda; o pensamento vê-se assim jogado de um lado para outro, e só encontra repouso quando chega á concepção de um sêr que não vá buscar o fundamento da sua existencia a outrem, porque o traz consigo proprio, que não seja contingente, que seja um sêr necessario.

Mas, antes de mais nada, este sêr necessario estaria ainda bem longe de ser pessoal; aquillo provaria uma causa superior, mas não um auctor intelligente do mundo. Em segundo logar, concluir uma tal causa, não é correcto. Ella seria de natureza diversa da do effeito. A causa do mundo seria uma coisa differente do mundo, fóra do qual acabariamos por nos collocarmos. Ora estamos nós, pelo curso das coisas, auctorizados a fazel-o? Quando nos dirigimos aos sêres ou aos phenomenos particulares, podemos examinal-os no mundo, tanto quanto quizermos, e chegar logicamente a reconhecer que cada facto parti-

cular tem sua razão de ser em outros factos igualmente particulares que, por seu lado, se encontram no mesmo caso; então concluímos com razão da analogia de todos os phenomenos observados, uma regra semelhante para todos os que o fôram menos completamente. Pôde d'ahi concluir-se então que todo o conjuncto das coisas particulares tenha o seu fundamento num sêr que escape a esta regra, que não tivesse, elle como tudo o que existe, o seu fundamento em outrem, mas o tivesse em si mesmo ? Eis uma conclusão que não tem cohesão nem valor. Raciocinando logicamente sobre as coisas d'este mundo, não chegaremos nunca a sahir d'ellas. Pois que cada uma tem o seu fundamento numa outra e assim successivamente até ao infinito, não concebemos a idcia de uma causa cujo effeito fôsse o mundo, mas a ideia d'uma substancia cujos accidentes são os sêres particulares d'este mesmo mundo; não concebemos um Deus, mas um Universo sempre igual a si mesmo, repousando sobre si mesmo numa perpetua troca de phenomenos.

Esta prova cosmologica, diz-se-nos, não deve considerar-se em si, e não adquire toda a sua importancia se não pela sua alliança com a prova teleologica ou physico-theologica. Esta não toma só por ponto de partida o facto nú da dependencia e da contingencia dos sêres, mas as suas propriedades definidas, a sua organização, que denota um fim preciso, quer no todo, quer nas partes. Se observamos o mundo, na totalidade ou em parte, tanto a constituição do systema solar como a estructura e o alimento do mais pequeno insecto, reconhecemos sempre meios dispostos a fins determinados, e a finalidade apparece-nos no todo immenso que compõe o mundo. Propôr-se um fim, e dispôr os meios convenientes, é exclusivamente o papel duma consciencia, de uma intelligencia. A prova physico-theologica ensina-nos pois que a causa reconhecida pela prova cosmologica é um creador intelligente e pessoal.

Como vimos já, a prova cosmologica não nos mostrou uma causa transcendente, mas só uma substancia de propriedades immanentes. E agora, eis que essa substancia se torna um sêr, que pelas suas transformações infinitas



não só se manifesta como causa, mas, pelo encadeamento dos seus phenomenos, toma os caracteres da finalidade. Aqui, precisamos de nós acautelarmos d'um equivoco possível. Do facto de nós outros homens não podermos levar a cabo uma obra sem que as partes componentes concordem em vista de um effeito determinado, sem o conhecimento preliminar do nosso fim final e dos meios proprios para o attingir, não devemos concluir que o mesmo se dá quanto ás obras da natureza, e que ellas não são possíveis sem um creador intelligente. Esta conclusão não é, de modo algum, permittida, e a propria natureza nos ensina que é erronea a hypothese que reconhece a uma intelligencia unica a propriedade de attingir um fim. Já Kant notou os vestigios do instincto artistico de uma multidão de animaes, e Schopenhauer frisa com razão, que o instincto dos animaes nos dá a melhor explicação da teleologia da natureza. Como o instincto é uma serie de actos que parecem conformar-se com um fim consciente, sem que, todavia, este, na verdade, exista, assim se produzem as obras da natureza. E' o que só adeante poderemos mostrar.

De todas as outras pretendidas provas da existencia de Deus, uma só é digna de mencionar-se, a chamada prova moral. Segundo ella, pois que a lei moral se apresenta em nós com o caracter de obrigação absoluta, deve concluir-se a sua origem num sêr absoluto, ou menos simplesmente, pois que nos parece, necessario, para o desenvolvimento do bem no mundo, que a felicidade esteja em relação constante com a moralidade, pois que esta relação não existe de modo algum na nossa vida presente, deve concluir-se a existencia de um sêr que a restabeleça e lhe assegure a realização numa vida futura.

Mas na primeira fórma desta pretendida prova, uada mais encontramos que a nossa tendencia instinctiva a collocar no céu, para subtrahil-as á violencia ou á maldade das nossas paixões, as prescripções moraes que decorrem necessariamente da natureza humana e das necessidades sociaes. Na segunda fórma, imaginada por Kant, esta prova torna-se o cubiculo em que, no seu sistema, se encontra convenientemente mettido um Deus

que inteiramente ocioso para tudo o mais, só nisso vê uma occupação digna de si. A harmonia entre a moralidade e a felicidade, isto é entre a acção e a sensação, que serve de pretexto a esta prova, existe já em nós a varios respeitos; vê-la realisar-se nos accidentes exteriores, é da nossa parte um desejo natural e uma aspiração legitima, mas cuja satisfação sempre incompleta só será compensada por vistas mais exactas sobre o mundo e a felicidade, e não por um *deus ex machina*.

39 — A Ideia de Deus na philosophia moderna

Kant, diziamos nós, depois de ter destruido pela critica as outras provas da existencia de Deus, tal como Leibniz e Wolff as tinham formulado, precedidos pelos antigos philosophos e theologos, depois de ter estabelecido o seu proprio systema sem o misturar, em nada, com a concepção divina (falho do primeiro, do que repousa sobre a critica da razão pura, e a que pertencem ainda os estudos cosmogonicos a que adiante nos referiremos), Kant não quiz dispensar o Deus da sua mocidade e da sua educação, e attribuiu-lhe então, no logar vago do seu systema, um papel de bemfeitor.

Fichte andou mais radicalmente durante a sua primeira systematisação philosophica. Designou Deus como a ordem moral do mundo, superficialmente á verdade, como é concebido todo o seu systema, que não reconhece o direito da natureza; mas repelliu a ideia de um Deus pessoal com razões que serão sempre irrefutaveis. «Attribuis a Deus personalidade e consciencia, diz elle quando se vê accusado de atheismo por causa da sua apreciação da ideia de Deus, mas a que chamaes vós personalidade e consciencia? isso que sentis em vós mesmos, que em vós aprendestes a conhecer, e que designaes por esse nome. Mas a mais pequena attenção sobre a estrutura d'esta ideia, vos mostraria que não podeis represental-a sem limites e sem fim. Por esta approximação fazeis d'este sêr um sêr finito, semelhante a vós; não tendes,

como o desejarieis, imaginado Deus: mas tendes-vos, sim, multiplicado a vós mesmos no vosso pensamento». No seu periodo mystico ulterior, Fichte fallou muito de Deus e do divino, mas nunca de tal maneira que possamos fazer uma ideia exacta da sua doutrina.

A identidade absoluta do real e do ideal, concepção base do systema primitivo de Schelling, no que se refere á presente questão, correspondia á substancia de Spinoza com os seus dois attributos de extensão e de pensamento, isto é que não havia, fóra do mundo, lugar para um Deus pessoal. A nova philosophia de Schelling tentou fazer reviver esta ideia, mas de uma maneira que não chegou a dar-lhe um valor scientifico.

Hegel, finalmente, com a sua proposição que tudo existe de tal modo que a substancia póde ser concebida como sujeito e como espirito, legou um enigma aos seus commentadores, e um subterfugio aos seus adherentes. Uns encontraram n'ella o reconhecimento de um Deus pessoal, enquanto outros mostraram, segundo passagens mais intelligiveis do philosopho, e segundo todo o espirito do seu systema, que só a origem e o desenvolvimento eram collocados no absoluto, como os factos mais importantes, e o pensamento, a consciencia de um Deus collocados no homem, da mesma maneira que a existencia ideal de Deus devia ser opposta á existencia real da natureza.

Schleiermaeher pronunciou-se a este respeito, mais elaramente e com mais franqueza que os precedentes. — Espantemo-nos, querendo, mas elle nunca tenta fingir senão quando trata do ehristianismo. Sabiamos já pelos seus discursos sobre a religião que elle se importava pouco que o sêr de que nos sentimos absolutamente dependentes, fôsse considerado como pessoal ou impessoal, e, sobre esta questão, as suas expressões não eram conduzidas de modo a dissipar a apparencia pantheista que dominava o seu pensamento. Na sua *Dialectica*, obra posthuma, pronunciou-se com toda a clareza desejavel. As duas ideias, Deus e o mundo, diz elle, por um lado, não são identicas. Porque, quando pensamos em Deus, vemos uma unidade sem pluralidade; quando pensamos no mundo uma pluralidade sem unidade: o mundo é a totalidade

de todos os contrários, a divindade a sua negação. Por outro lado, todavia, nenhuma d'estas duas ideias pôde existir sem a outra. Logo que se quer imaginar, principalmente, Deus, antes do mundo, ou sem o mundo, vemos que não temos deante de nós mais que um vão phantasma. Não estamos auctorisados a estabelecer entre Deus e o mundo outra relação além da coexistencia. Elles não são um só sêr, mas «valores d'uma mesma coisa». No resto, estas duas ideias são puros pensamentos, simples formulas, e quando queremos dar-lhes um corpo, animal-as, levamol-as necessariamente para o dominio do finito, como quando fazemos de Deus a ideia de um *eu*, absoluto e consciênte.

Eis até onde vae Schleiermaeher; e devemos aereesen-tar que nestas proposições se contém o conjuneto de toda a philosophia moderna, no que respeita á ideia de Deus. Esta ideia repousa em que, na concepção do *Sêr*, para conservar a fôrma de Schleiermaeher, a unidade está separada da pluralidade, o que é uno considerado como a causa do que é multiplo, e pois que este apparece como conforme em si a um fim final, attribue-se ao primeiro e conscieneia e a intelligeneia. Mas, visto que a exacta concepção do *Sêr* pôde ser abrangida sómente como a unidade na pluralidade, e reciprocamente, a ideia ultima não é realmente assim senão a ideia do universo. Esta completar-se-ha e enriquecer-se-ha com tudo quanto reconhecemos de vida e de força, de ordem e de lei, tanto no mundo physico como no moral. Ir além não nos será nunca possível; se, todavia, o tentassemos e nos representassemos um auctor do Universo como uma personalidade absoluta, seria sabendo já, por tudo o que preede, que estavamos lidando com um puro producto de nossa imaginação. ¹

¹ Chama-se a attenção para as palavras que Littré dedica a esta passagem: porque a ideia de Deus está, na Philosophia moderna, e já no tempo de Strauss, em lugar differente.

(Nota do trad. port.)



40 — A crença na immortalidade. — Provas da immortalidade

Aqui temos ainda a esclarecer uma questão que podemos ligar á ultima fórma que, em Kant, tomou o pretendido argumento moral da existencia de Deus. Como sabemos, esta viu-se obrigada, para attingir o seu fim, a estender para longe a sua marcha sobre o campo de uma vida futura. Temos que, por um instante, nos occuparmos d'este campo, o da pseudo-immortalidade da alma, tanto mais que com a crença em Deus, a crença nesta immortalidade é ordinariamente considerada como a mais poderosa base religiosa.

O homem vê, á sua roda, submettidos á morte, todos os seres animados, os seus proprios semelhantes; sabe que cedo ou tarde a mesma sorte o espera; como pôde elle chegar á ideia de que, pelo menos para elle e para os seus semelhantes, a morte não é um fim real? Primeiramente porque, incontestavelmente, a lembrança da morte se perpetua no sobrevivente. A imagem da esposa ou do filho desaparecido, do amigo ou do camarada, mesmo do inimigo que preocupava o seu pensamento, conserva-se muito tempo viva ainda em quem fleo, cerea-o na solidão, e principalmente apparece-lhe no sonho com todas as apparencias enganadoras da realidade. A' origem da crença na continuidade depois da morte, corresponde a ideia primitiva da natureza d'esta mesma continuidade. Como é o phantasma do morto que se mostra ao sobrevivente, mas que tambem depois de ter parecido o mais real, no sonho, se dissipa ao despertar, como uma apparencia sem corpo, assim em Homero o imperio dos mortos é uma assembleia de sombras fatigadas, que não pôdem reeontrar a força de se lembrarem e de fallarem senão bebendo o sangue das vietimas, e que fogem como um sonho ás mãos do habitante da terra ávido de apanhal-as. Ao lado d'esta primeira concepção da vida futura, que encontramos, tambem, em substancia, no Antigo Testamento, todo o valor effectivo se encontra na vida presente. O eu do

homem é o seu corpo, que depois da morte foi destruido pela chamma da fogueira, ou pela corrupção do tumulo, pelos cães ou pelos abutres; a alma que o perpetúa é uma sombra sem corpo, e toda esta existencia ulterior é tão desnudada de valor, que a alma de um Achilles gostaria mais de ser a do mais miseravel individuo sobre a terra que mandar sobre todos os mortos vencidos, e é preciso soffrer como Job para desejar descer aos infernos. De differenças nesta existencia, d'aquillo a que chamamos recompensa, não se deve fallar. Os mortos, quaesquer que sejam, não são, desgraçadamente, entes vivos; e quando, de resto, vemos, d'um lado, Prometheo com o seu abutre e Sisypho com o seu rochedo, e d'outro lado a sombra de Hercules egualmente nos infernos, encontrando-se aliás este no circulo dos deuses immortaes, trata-se dos gigantes da velha lenda que fazem excepção ao destino dos homens vulgares.

Com o progresso do sentimento moral entre os povos, a differença entre o bem e o mal, que se manifestava nesta vida, penetrou necessariamente, tambem, na ideia de uma vida posterior á morte. Entre os gregos, Socrates, entre os judeus, com os ultimos livros do Antigo Testamento, os Phariseos e os Essenios fallaram de recompensa e castigos no mundo futuro. E em virtude d'este espiritualismo que, originario do Extremo-Oriente, foi transportado principalmente por Platão para a philosophia grega, mais tarde para o judaismo, e, logo depois para a Igreja christã, em virtude d'este espiritualismo, que dominou muito tempo ainda o modo de pensar dos proprios tempos modernos, as relações entre a vida presente e a vida futura, fôram de tal modo modificadas, que a vida futura, como já vimos no nosso estudo da religião christã, appareceu como a unica e effectiva, a vida presente como uma fôrma preparatoria, e a terra como uma miseravel ante-camara do céu.

A fé de Homero e do Antigo Testamento num imperio das sombras, não precisava de prova alguma, pois que tinha a sua origem na actividade natural da imaginação humana; tambem não merecia nenhuma, pois que era bem pouco consoladora. A doutrina, ao contrario, que



fazia vêr no eéo, consolado e reeompensado, o homem opprimido e desgraçado na terra, ser punido numa vida futura o seclerado debochado vivendo na abundaneia, essa doutrina remuneradora queria estar garantida contra toda a duvida possivel. Depois, esta questão geral não podia deixar de naseer um dia: quem nos dá o direilo de contradizer, na apparencia, quem vê o homem ir, inteiramente, para a morte, e de perpeluar d'este homem uma parte que, em logar algum, poderemos observar? Com effeito, esta eonclusão é mais espantosa do que poderia suppôr-se; e quando lhe buscamos os seus fundamentos, topamos com um simples desejo. O homem não quereria morrer inteiramente; elle aereдитou que não morreria, na totalidade. E', isso, verdadeiramente uma base má, pelo que a temos evitado de todas as maneiras.

Antes de tudo, servimo-nos d'esta ideia remuneradora: não temos só o desejo, mas tanto quanto fômos piedosos e honestos, temos o direito de viver depois da morte. Para satisfazer ao mandamento de Deus, recusamo-nos muitos gosos, impomo-nos muitas fadigas e muitos trabalhos, soffremos muitas perseguições: Deus não quereria reeompensar-nos num mundo melhor? Depois, os tyrannos, os carraseos da Humanidade, os eriminosos e os preversos de toda a especie, a quem tudo sorri, que conseguem ludo, serão assim alegres para sempre, e Deus não quereria tomar-lhes um dia eontas? Sabemos que o proprio apostolo Paulo julgou, ou suppõe-se que o fez — porque eu reputo-o melhor do que tal erença o faria — que se os mortos não resuseitassem, elle e os seus similhantes seriam insensatos se não se puzessem antes a comer e a beber em vez de se expôrem aos perigos com a firmeza de suas convicções. Numa certa epocha, esta prova podia parecer muilo bôa; mas só uma epocha em que não tivessemos penetrado bem na vida moral. «Quem poder ainda ter a pretensão, disse-o eu já ha annos na minha proflissão de fé, de que nesta vida, podendo o bom soffrer e o mau prosperar, a eompensação numa vida futura é necessaria, esse testemunha simplesmente que não aprendeu a fazer differenças entre o exterior e o interior, entre a apparencia e a realidade. Aquelle, tambem, que tiver

necessidade de procurar um motivo na perspectiva de uma recompensa no futuro, não passou além da entrada da moralidade, e vigiá-o, com receio de que não falhe. Porque se no decorrer da vida esta confiança chega a ser abalada pela dúvida, o que será d'essa moralidade? o que lhe acontecerá mesmo no caso de não ser abalada? Quem proceder só porque ha-de pertencer ao numero dos eleitos, só o faz por puro egoismo». E' um habito do povo commum, diz Spinoza, olhar o uso dos prazeres como uma liberdade; e o exercicio da razão como uma escravidão oppressiva em troca da qual o homem piedoso que se fatigou com elle, deve pretender um consolo futuro. A felicidade não é uma recompensa que differe da virtude, é esta mesma virtude; não é a consequencia do dominio das nossas paixões; mas a força de as vencer decorre antes d'esta felicidade que nos procurao conhecimento e o amor de Deus. ¹

41 — Goethe e a crença na immortalidade

Tres annos antes da sua morte, Goethe respondia assim a Eckermann: «A convicção da nossa perpetuidade sahe da noção da actividade; porque se eu trabalhei sem descanso até á hora do meu fim, a natureza é obrigada a mostrar-me uma outra fôrma de existencia onde a fôrma presente não possa sustentar mais o meu espirito». Eis ahi, com certeza, uma bella e grande phrase, de uma verdade subjectiva igualmente grande na bocca do velho poeta que, até ao seu ultimo dia, não repousou nunca; mas sem força que prove objectivamente. «A natureza é obrigada», que significa isto? Goethe sabia muito bem que a natureza não conhece deveres, mas só leis, e que pelo contrario

¹ A Philosophia Positiva substitue a "crença na immortalidade," pela noção da "existencia subjectiva.". A sua formula synthetica é clara: — viver para outrem. para *reviver* noutrem.

(Nota do trad. port.)

o homem é obrigado, seja elle o mais dotado e o mais poderoso, a submeter-se humildemente a essas leis. O que a natureza lhe devia pela sua acção incessante, isto é o que devia, para elle resultar das leis da natureza, Goethe encontrou-o durante todo o decurso da sua vida no sentimento do seu poder, na alegria dos seus progressos e de sua perfeição, no reconhecimento e na veneração dos seus melhores contemporaneos. Quando pedia mais, era por fraqueza de velho, e o que nos testemunha essa fraqueza é o horror com que elle procurava furtar-se nos ultimos annos a toda a menção da morte. Visto que estava seguro de que no dia possivel da sua morte, a natureza cumpria a sua obrigação para com elle, porque todo esse receio d'ella ?

Este argumento de Goethe em favor da immortalidade não é mais que uma fórma particular, ia dizer heroica, d'um argumento muito conhecido. O destino do homem é desenvolver totalmente as suas aptidões; mas nenhum consegue isto nesta vida: por consequencia é preciso que uma outra haja onde este desenvolvimento seja possivel. Naturalmente perguntaremos d'onde é que sabemos alguma coisa sobre esse pretendido destino do homem. Vê-se, acaso, por toda a parte, a natureza de tal maneira organizada que todas as aptidões cheguem a completo desenvolvimento? Quem quizesse sustental-o precisava de nunca ter ido, no verão, até debaixo das arvores fructíferas, onde o solo está juncado de pequenas peras e maçãs, cahidas antes da maturação, as quaes poderiam dar nascimento a mais de uma arvore; precisava de nunca ter lido numa historia natural que se todos os ovos dos peixes chegassem a desenvolver-se, nem todos os rios e mares poderiam albergar os seus immensos bandos. A observação da natureza ensina-nos, ao contrario, que ella prodigamente lançou á sua volta o germin e as aptidões, e deixa á actividade de cada um, aos combates que se dão, ás circumstancias exteriores, o cuidado de indiar como se desenvolverão e irão até á maturação.

Sabe-se bem que estes investigadores de provas se occupam pouco da natureza em geral; não reparam senão no homem, isto é, nelles mesmos. Mas então deviam

provar que o homem é, para as suas aptidões, uma excepção na natureza. A sciencia recusa-lhes este serviço. A experiencia não mostrou ainda uma unica vez que houvesse qualquer homem que tivesse totalmente desenvolvidas as suas faculdades. Da maior parte dos velhos que conhecemos, podemos dizer que acabaram, que deram o que tinham a dar; do proprio Goethe podemos concluir, apesar da sua actividade ininterrupta até ao fim, que com os seus oitenta e dois annos, tinha acabado a sua missão. Mas não se dá o mesmo com Schiller e os seus quarenta e cinco annos; morreu no meio dos mais grandiosos projectos que, realisados por uma mais longa existencia, teriam enriquecido a série das suas obras. Resultaria d'isto, por consequencia, que seria preciso pedir a perpetuidade para Schiller, renunciando a fazel-o para Goethe ou, em geral, que só póderia fazer valer pretensões á continuidade da sua vida além da morte quem se extinguisse numa idade de força e de desenvolvimento. Mesmo não deveria durar indefinidamente, mas só o bastante para chegar á realisação das suas aptidões.

Estas differenças e o vago d'esta duração não têm mais que o caracter d'um sonho caprichoso; e a hypothese ultrapassa-se ainda pela pretensão de que as faculdades da alma humana, sendo inexgotaveis e infinitas, não pódem attingir toda a sua acção, senão na eternidade. Naturalmente, uma pretensão d'essas não se prova; é uma pura fanfarronada, que a consciencia de todo o homem modesto e leal reprova, como a mentira. Quem não se encher de orgulho sabe bem apreciar a humilde medida das suas faculdades, está reconhecido pelo tempo que lhe é concedido para desenvolvê-las, mas não manifesta pretensão alguma de qualquer accrescimento d'este praso além d'esta vida terrestre; e a eternidade em perspectiva causar-lhe-hia estremecimentos.

A fé na immortalidade foge para os seus ultimos reductos quando, abstrahindo das ideias de compensação e de inteiro desenvolvimento, se apoia na essencia da alma humana. Qualquer que seja o uso possivel d'esta perpetuidade depois da morte, a alma do homem deve perpetuar-se, porque ella não póde morrer. O corpo hu-



mano é material, é extenso e composto; pôde pois dissolver-se e perder-se; a alma é immaterial e simples, por consequencia não pôde nem dissolver-se nem perder-se. E' a doutrina da velha metaphysica sobre a alma, doutrina que Kant já reduzira a nada. Todas as propriedades da alma, que devem ter por consequencia a sua immortalidade, são-lhe attribuidas por um puro arbitrio. Observações mais minuciosas do dominio da physiologia e da psychologia mostraram-nos que o corpo e a alma, mesmo quando queremos consideral-os como dois sêres distinctos, estão estreitamente unidos um ao outro, e que em particular esta pretendida alma está de tal maneira submettida ás qualidades e ás disposições dos órgãos corporaes que não se pôde pensar mais em fazel-a viver sem estes órgãos. As pretendidas faculdades da alma desenvolvem-se, crescem, e fortificam-se com o corpo, particularmente com o seu órgão mais immediato, o cerebro; ellas decrescem com elle na velhice; e quando o cerebro é attingido, quando certas partes especiaes affectadas ás funcções especiaes do espirito soffrem, essas faculdades experimentam perturbações correspondentes. O que é tão constantemente e tão estreitamente ligado ao órgão corporal, pôde continuar a viver depois da destruição d'este, tanto como um ponto continúa o centro de um circulo quando a circumferencia já não existe.

Quando se trata da existencia de sêres vivos, ou mesmo de milhares d'estes sêres, — fallo das almas humanas separada do corpo — é indispensavel investigar onde poderão achar logar. O antigo christianismo, com as suas ideias sobre o mundo, não se sentia embaraçado com esta questão, pois que no céo, acima do firmamento ornado com estrellas, possuia para os eleitos um espaço disponivel, como possuia um outro para os condemnados ao Inferno, debaixo da terra. Mas, vimol-o já, este espaço celeste desapareceu com o throno de Deus e o espaço interior do nosso globo está tão cheio de toda a especie de materia terrestre que não tem logar para o inferno. Todavia a fé na immortalidade perseverante encontrou uma vantagem na nossa propria concepção moderna do mundo. Se já não temos mais o céo christão, têmos o numero im-

menso dos astros, e lá se encontra logar sufficiente para uma multidão de almas bem maior do que a nossa terra possa fornecer. Depois, estes corpos parecem dotados de propriedades tão diferentes, as suas relações de composição, de luz, de calor, etc., são tão diversas que uns pôdem ser possuidos por um inferno tão bem como outros por um paraizo. Mas se estes corpos celestes reunissem as condições necessarias á existencia de sêres intelligentes, estes teriam lá naseido tanto como nasceram sobre a nossa terra; e as colonias de almas que ahí abordassem vindas d'este baixo mundo encontrariam o logar já occupado. Lembramo-nos naturalmente aqui e devemos lembrar-nos que se trata de almas, isto é de sêres immateriaes cuja duração depois da morte foi provada por isso mesmo que não são compostos e não occupam nenhum espaço e que por consequencia estas almas não serão de modo algum opprimidas pelos indigenas. Depois, de resto, elles poderiam tambem flear na terra, ou antes, elles não tem relação alguma com o espaço; estão em toda a parte e não estão em parte nenhuma; em resumo, elles são sêres imaginarios e não sêres reaes. Foi a este respeito que esta phrase de um padre da Igreja um pouco turbulento, mas muito espirituoso, se tornou o fundamento da sciencia contemporanea: «só é incorporeo o que não existe».

42 — A essencia da religião segundo Schleiermacher

Visto que, depois das observações precedentes, nos é impossivel acceitar mais tempo a ideia de um Deus pessoal ou de uma vida depois da morte, parece que estamos promptos desde já a responder negativamente á pergunta que puzemos á frente do presente capitulo: Teremos ainda uma religião? Porque a religião, segundo as ideias recebidas, é o reconhecimento e a adoração de Deus, ao mesmo tempo que a fé numa vida futura, producto requintado da antiga crença christã na resurreição que, principalmente depois das explicações racionalistas, se collocou ao lado da fé em Deus como um attributo essen-

cial. Todavia este traçado ambito á ideia religiosa foi, com razão, reputado insufficiente na epocha contemporanea. Que não haja religião alguma sem a noção e o culto de um sêr divino, sabemol-o já — porque mesmo no bouddhismo, originariamente atheu, os deuses entraram por um caminho indirecto — mas queremos tambem saber como a religião chegou a isso. Uma boa definição não consiste só em fazer conhecer uma coisa, mas ainda em indicar as suas causas.

Como se sabe, foi Schleiermacher quem tentou satisfazer a esta exigencia no que respeita á religião. O laço de todas as manifestações tão diversas da piedade, dizia elle, por conseguinte a essencia da religião, consiste em que nós nos sentimos todos absolutamente dependentes; e ao poder de que nos sentimos assim dependentes, chamamos-lhe Deus. Se, nos primeiros tempos da religião, em vez d'este poder apparecem muitos poderes, em logar d'um Deus apparecem muitos deuses, busquemos-lhes a razão na propria origem d'esta religião. As diversas forças da natureza, e as diversas propriedades da vida que fazem nascer no homem o sentimento de uma completa dependencia, agiam então sobre elle de uma multidão de maneiras differentes, e elle não podia ainda ter consciencia de que, consideradas sob a relação d'esta dependencia, ellas fôsem, para elle, perfeitamente identicas e que, por conseguinte, o poder que o dominava, ou o sêr que possuia aquelle, devia ser unico.

Se não pedimos a esta explicação senão o que deve explicar, as manifestações da religião nos seus differentes graus, podemos desde então pôr-nos do seu lado. O homem adora o sol, uma fonte ou uma torrente, porque elle sente toda a sua existencia dependente da luz e do calor que sahem d'um, da fecundidade e da abundancia que sahem das outras. Em faee de um sêr como Jupiter, que com a chuva, o trovão, os raios, governa assim o Estado e as suas instituições, o direito e as suas prescripções, o homem sente-se duplamente dependente, moralmente e physicamente. Esta dependencia, sente-a elle proprio quando presta as homenagens religiosas a um sêr mau, como a febre, com o fim de a abrandar, porque elle está

convencido de que não poderá nunca detel-a, se, por si própria, o não abandonar. Levar os sêres maus a este abandono, adquirir uma influencia sobre estes poderes, tal é o objecto do culto e ao mesmo tempo, como já vimos, o intimo fim que o homem prosegue quando se representa estes poderes como pessoas, de uma natureza semelhante á sua.

Como diz Feurbach com razão, a origem e essencia mesma da religião, é o desejo. Se o homem não tivera desejos, não teria deuses. O que o homem quereria ser e o que não é, pede-o ao seu Deus. O que elle quereria ter e o que não sabe conseguir por si mesmo, encarrega o seu Deus de lh'o dar. A religião no homem emana pois não só da dependencia em que se encontra, mais ainda da necessidade de agir contra ella, de salvaguardar, em face d'ella, a sua liberdade. A dependencia real e absoluta opprimil-o-hia, aniquilal-o-hia; é-lhe preciso defender-se d'ella e conquistar, sob o fardo que lhe pesa, ar e espaço.

43 — Verdade e não-verdade da religião. — A religião e a civilização

Contra a natureza que o opprime, existe, para o homem, um caminho normal de libertação, o trabalho, a cultura e as descobertas. E' ahí que elle encontra a verdadeira satisfação dos seus desejos. Hoje, sabe procurar-se uma quantidade de attributos que, em outros tempos, attribuia aos seus deuses — não quero, para exemplo d'isso, outra coisa além da faculdade de fender o espaço — e, isto, dominando a natureza por meio de esforços racionaes. Mas foi um longo caminhar penoso, cuja extensão o homem dos seculos extinctos não podia prevêr. Antes de saber tornar-se senhor da doença com os remedios naturaes, ou se resignava sem defeza, ou então procurava vencel-a por meio de um feliche, de um demonio, de um Deus. E nós conservamos ainda uma reminiscencia. O caminho racional não está ainda completamente percorrido. Se a medicina já sabe curar uma porção de doenças, ha muitas ainda que lhe resistem e não se conhecem reme-



dios contra a morte. Se a agricultura sabe hoje arrancar á natureza os seus productos, deve, todavia, reconhecer-se sem defeza contra a geada e a saraiva, contra a excessiva humidade e a secca excessiva. Ha, pois, logar ainda para desejos, para orações e missas, ou, num grau ainda mais elevado da religião, para todo o trabalho interior, para todos os combates entre a sua moralidade e o seu egoismo, as suas proprias aspirações não são sempre sufficientes ao homem; elle deseja uma pureza, uma perfeição que nem sempre sabe adquirir por si proprio, que póde esperar attingir só por meio do sangue do Redemptor, cuja justiça elle attrahe para si, por intermedio da fé.

Na realidade, não se póde desconhecê-lo: entendendo-se assim as coisas, para que o homem chegue ao fim dos seus desejos, o caminho racional e profano, ou antes para o que se refere ao seu trabalho interior, o caminho moral apparece como o unico legitimo e verdadeiro, e o caminho religioso como um engodo risonho. E' aki que se encontra, apesar de um ponto de partida analogo, o contraste entre as ideas de Feuerbach e de Schleiermacher sobre a religião. Para o segundo, a religião é o sentimento da absoluta dependencia, e pois que é essa, com effeito, a situação real e ineontestavel do homem no meio do mundo, a religião é pois uma verdade. Feuerbach reconhece tambem o sentimento da dependencia do homem como o ultimo fundamento da religião; mas, para provocar realmente esla ultima, o desejo deve fazer tornar a dependencia vantajosa para o homem, pelos meios mais simples. Este desejo, estas tendencias estão na ordem natural das coisas; mas é illusão o julgar que os meios mais simples sejam a oração, o sacrificio, a fé, etc.; e visto que foi este, até aqui, o caracter distinctivo de toda a religião, esta apparece, tambem, sob este ponto de vista, como uma illusão, e todo o homem que sabe, devia esforçar-se por se desembaraçar d'ella tanto a si como á humanidade.

Chegados a este ponto, encontramos uma apreciação da religião directamente contraria á apreciação de que partimos no principio d'este capitulo. Em vez de ser uma superioridade da natureza humana, ella apparece

como uma fraqueza que embaraçava a humanidade nos tempos, principalmente da sua infância, mas a que ella deve escapar logo que chegue á idade madura. A Edade-Média foi mais religiosa que a nossa epocha, por causa da sua ignorancia e do defeito da sua civilisação, e a mesma razão persiste ainda no tempo actual, por exemplo entre a Hespanha e a Allemanha, ou entre a Allemanha, o Tyrol e o Saxe. A religião e a civilisação estão pois unidas por uma relação inversa, de sorte que os progressos de uma maream a decadencia da outra. ¹

Mas ha aqui duas objecções a fazer: pôde-se, primeiro, distinguir entre a verdadeira religião e a falsa, entre a piedade real e a superstição; pôde-se ainda distinguir entre a verdadeira e a falsa cultura ou civilisação. A Edade-Média, pôde dizer-se, foi superstieiosa e não teve, na verdade, mais piedade que a nossa epocha; e se a nossa civilisação moderna embaraça realmente a piedade, é uma civilisação falsa e superficial.

Este subterfugio não resolve nada. Queremos, para tornar as coisas mais claras, separar a religião da religiosidade, a religião na massa e a religião no individuo. Então, dir-se-ha talvez: a Edade-Média eria mais, tinha mais disposição para a fé, mas não era mais intimamente piedosa. Concedamol-o por um momento. Na Edade-Média não eram sómente os artigos da fé que eram mais numerosos na vida do homem, da sociedade, do individuo; mas tambem as praticas religiosas. Nos actos dos christãos d'esta epocha, o elemento religioso, como as orações, os signaes da cruz, as audições de missas, effectuavam-se muitas vezes e mais constantemente do que se faz agora; e acerescentaremos que, por outro lado, a piedade era na realidade mais profunda. Não se deve mais pensar em encontrar entre nós corypheus da religião como os que viviam outr'ora nos claustros, nem mestres

¹ É claro que Strauss quer referir-se á religião revelada. A noção que hoje temos de Religião, é muito differente da que, no seu tempo, tinha Strauss.

(N. do trad. port.)



como S. Bernardo, S. Francisco e, depois mesmo, um Lutero; os nossos Schleiermacher, os nossos Neander não são mais que profanos ao lado d'esses velhos mestres.

A primeira razão está em que, como vimos, uma quantidade de coisas que, com um grau de cultura menos avançada, despertavam no homem sentimentos religiosos, são reconhecidas hoje como conformes ao conjuncto das leis da natureza, e por consequencia não excitam mais que indirectamente e fracamente a piedade. A outra razão, a principal, do declinar da religião na nossa epocha, eneontramol-a já nas observações precedentes. Ella é devida á circumstancia de não podermos representar-nos tão vivamente, como os nossos antepassados, o Sêr absoluto como pessoal. Tal é o curso das coisas: até um certo ponto a religião e a cultura do espirito desenvolvem-se harmonicamente, mas tambem apenas enquanto a eivili-sação dos povos se mantém no dominio da imaginação. Logo que a razão domina, logo principalmente que ella pede forças á observação da natureza e das suas leis, um eontraste começa a nascer, que, crescendo sem cessar, restringe, cada vez mais, o circulo da religião. O dominio religioso na alma humana tem qualquer coisa de analogo ao dominio dos Pelles-Vermelhas da America, o qual, queixemo-nos ou lamentemo-nos quanto quizermos, se limita cada vez mais, de anno para anno, sob a acção dos seus visinhos, os Pelles-Branças.

44 — O homem e o universo. — Resposta á questão

Mas limitação ou mesmo transformação não significa aniquilamento. A religião não é para nós o que era para nossos paes, mas não se conclue d'ahi que ella tivesse desaparecido.

Em todo o caso, o elemento fundamental de toda a religião ficou-nos, o sentimento de uma completa dependencia. Digamos Deus ou Universo, o factó é que nos sentimos absolutamente dependentes de um como do outro. Em face do ultimo, reconhecemo-nos como «parte de uma parte», apreciamos a nossa força como um nada

em proporção da onnipotencia da natureza, o nosso pensamento, como em estado sómente de abraçar lentamente e com eusto a mais inflma porção do que o mundo nos offerece para objecto do nosso saber.

E todavia este saber, por mais limitado que seja, conduz-nos ainda a um outro resultado. Observamos no mundo uma perpetua mudança; mas logo descobrimos nella, constancia, ordem, leis. Percebemos na natureza violentos contrastes, terriveis combates; mas vemos tambem que a estabilidade e a harmonia do todo, longe de serem destruidas, são pelo contrario fortificadas. Vemos por toda a parte uma gradação, uma evolução do grau menor para o grau superior, da grosseria para a delicadeza, da rudeza para a doçura. E nós mesmos achamos mais facilidade, quer na vida individual, quer na vida social, logo que em nós e em volta de nós introduzirmos a regra em vez do arbitrio, para nos elevarmos do grau menor ao grau superior, da dureza á ternura. Quando encontramos alguma coisa de semelhante no circulo da vida humana, chamamos-lhe intelligente e boa; quando em volta de nós encontramos o que lhe corresponde, não podemos deixar de lhe dar o mesmo nome. E visto que, ainda uma vez, nos sentimos absolutamente dependentes d'este mundo, visto que a nossa existencia e a constituição do nosso sêr não pôdem ter a sua origem senão n'elle, somos obrigados a considerar este mundo no seu conjunto, ou o Universo, como a fonte de toda a intelligencia e de toda a bondade.

Sahindo, o intelligente e o bom, no mundo humano, da consciencia e da vontade, a velha religião concluiu que tudo o que lhe corresponda no mundo visto em globo, devia tambem sahir d'um auctor dotado de consciencia e de vontade. Abandonamos este modo de racioeinar; não consideramos mais o mundo como a obra de uma personalidade absolutamente intelligente e boa, mas como o laboratorio da intelligencia e da bondade. Não mais nos parecee fundado por uma razão superior, mas ter por resultado a razão superior. De resto, sabemos-o bem, o que caracteriza o effeito, caracteriza tambem a causa; o que se manifesta externamente devia preexistir no interior.

Mas é por causa da pouca extensão dos nossos conhecimentos humanos que fazemos esta distincção. O Universo é, ao mesmo tempo, a causa e o effeito, o exterior e o interior. E aqui chegamos ao limite do nosso saber, interrogamos profundidades em que nunca poderemos penetrar. Mas sabemos bem que o sêr pessoal que parece apresentar-se deante de nós, não é mais que a nossa propria imagem. Se tivéssemos sempre consciencia da ultima palavra dos phenomenos, a expressão Deus não levantaria contra si mais objecções que as do erguer e do pôr do sol, cujo valor sabemos apreciar completamente. Mas esta condição não é cumprida; mesmo na nossa philosophia moderna, a noção tão acariciada do absoluto inclina-se ainda para a personalidade. Eis a razão porque preferimos a expressão — Universo — sem dissimular que ella mesmo traz egualmente o perigo de representar o conjuneto dos phenomenos mais que a ideia de forças activas e de leis immutaveis. Mas nós gostamos mais de dizer pouco que dizer muito.

Em todo o caso, o sêr de que nos sentimos completamente dependentes, não é mais do que este poder superior implaeavel deante do qual nos inclinamos com uma muda resignação: é tambem a ordem, a lei, a razão e a bondade, e nós entregamo-nos a elle cheios de uma serena confiança. Mais ainda: como sentimos em nós essas disposições para o razoavel e para o bom que julgamos encontrar no mundo, como nos sentimos os sêres que deverão experimental-o, conhecel-o, que deverão personifical-o, consideramo-nos unidos por um laço de parentesco com as forças que nos dominam; e no meio da nossa dependencia, proclamamo-nos livres; nos nossos sentimentos para com o Universo, misturam-se a altivez e a humildade, a alegria e a resignação.

Na verdade, este sentimento difficilmente servirá de germen a um culto que tenha a sua serie de festas e de manifestações exteriores; mas não será desprovido de resultado moral, como opportunamente o constataremos. E porque não mais esse culto? Porque renunciemos ao elemento religioso erroneo e grosseiro enquanto ao sentimento da nossa dependencia, porque renunciemos ao

desejo e á opinião de que o nosso culto possa, algum dia, agir sobre o nosso Deus. Quando empregamos a expressão «serviço de Deus», é para nos lembrarmos do anthropomorphismo vulgar que ella contém, e para bem fazer entender que nada d'esta especie é possível sob o ponto de vista que adoptamos. Desde então ninguem quererá conceder mais ao que ficou o caracter de uma religião.

Quando desejamos saber se um organismo, que nos parece morto, vive, todavia, ainda, temos o costume de o submeter a uma picadella, a um éxitante poderoso, mesmo doloroso. Tentemos esta prova para os nossos sentimentos para o Universo. Não ha necessidade senão de folhear os escriptos de Arthur Schopenhauer (ainda que em lugar de os folhearmos simplesmente, fariamos melhor se os estudassemos) para encontrarmos sob diversas fórmãs a affirmação de que o mundo é alguma coisa que não podia ser melhor. Ou, como com mais delicadeza o exprime o auctor da *Philosophia do Inconsciente*: no nosso mundo está tudo tão bem organizado quanto seria possível, ainda que elle seja tão miseravel e peor do que qualquer outro mundo. Por consequencia, Schopenhauer reputa differença fundamental de todas as religiões e de todas as philosophias, o seu optimismo ou o seu pessimismo; e para elle o ponlo de vista optimista é éxclusivamente o da ignorancia e o da vulgaridade, enquanto que todos os espiritos distinctos como o d'elle se collocam no ponto de vista pessimista. Em particular, depois de uma sahida d'esta ordem (seria preferivel que a vida não tivesse apparecido na terra, como na lua, e que a sua superficie ficasse dura e rigida como um crystal) Schopenhauer acrescenta que lhe é necessario reconhecer que a sua philosophia não é consoladora. O que é certo, se devemos tomal-o neste sentido, é que o auctor, fazendo taes affirmações, não reparava no que dizia. Porque nos encontramos, effectivamente, deante da mais apparente contradicção. Se o mundo é feito assim de modo a não poder sel-o melhor, então o pensamento do philosopho fórma uma parte d'este mesmo mundo, é um pensamento que não poderia mais funcionar sómente. O nosso pessimismo não nota

que declarando o mundo mau, declara mau o seu proprio pensamento; mas se um pensamento que declara o mundo mau, é mau, então é porque o mundo é bom. Em geral, o optimismo mostra talvez muita facilidade, enquanto que as declarações de Schopenhauer, referentes ao papel poderoso que no mundo desempenham a dôr e o mal, estão completamente no seu lugar; todavia, esta verdadeira philosophia é necessariamente optimista, pois que ella destroe o que constitue a sua base.

O que fica dito é apenas uma digressão. Perguntavamo-nos se o nosso ponto de vista, segundo o qual um Universo regido por leis, cheio de vida e de razão, seria a ideia suprema, se elle poderia supportar o nome de religião, e, para isso, tinhamos aberto Schopenhauer, que em todos os momentos se liga á nossa ideia. Como se sabe, taes sahidas causam á nossa razão effeitos de absurdos, mas aos nossos sentimentos, os de blasphemias. Parece-nos temerario e impio da parte de um individuo isolado, oppôr-se tão ousadamente a um Universo, donde tira a sua origem e a pequena parcella de intelligencia de que abusa. Vêmos n'isso uma negação d'este sentimento de dependencia que exigimos a todo o homem. Pedimos para o Universo a mesma piedade que o devoto antigo pedia para o seu velho Deus. O nosso sentimento para o Universo reage, quando é ferido, de um modo todo religioso. Se me perguntarem, depois d'isto, se definitivamente temos ainda uma religião, a nossa resposta não será uma negação tão cathgorica como num caso precedente. Diremos sómente: Sim ou não, conforme o que se entender por religião.

Pelos desenvolvimentos antecedentes, repudiamos a concepção do mundo da velha religião christã; e se é verdade que ficamos ligados á religião, esta repousa sobre bases essencialmente differentes de tudo o que é uso considerar como ideia religiosa. E' por isso que se trala de vêr o que temos a collocar no lugar vasio; voltamo-nos assim para o outro lado da nossa tarefa, e vamos procurar responder a esta pergunta:



Como conceber o mundo?

45 — O Todo

No exame das nossas relações com a religião, chegamos finalmente á ideia do universo. Depois que os deuses multiplos se transformaram em um Deus unico e pessoal, este ultimo, por sua vez, transformou-se tambem num Todo impessoal, mas gerando pessoas. E esta mesma ideia fórma — sob o ponto de vista em que nos collocamos — o começo e o fim da nossa concepção do mundo.

Sabe-se que a experiencia nos offerece, de começo, uma diversidade de impressões e, por ellas, de estados subjectivos. Das coisas mais afastadas de que nos lembramos, tornou-se para nós como uma segunda natureza, produzida no entanto por conclusões logicas, o representar-nos por causas d'estas impressões, objectos exteriores e, por consequencia, o formarmos a ideia de um mundo que se oppõe a nós. Neste mundo distinguimos as causas supostas das impressões experimentadas, ou os objectos exteriores do lado do nosso sêr que recebe essas impressões, isto é da nossa corporalidade, como distiguimos no nosso sêr proprio os lados exteriores, instrumentos da percepção, do lado que percebe realmente, do nosso *eu*.

Não ha necessidade de desenvolver aqui longamente quanto se tornam distinctas as diversas modalidades da nossa receptividade; quanto separamos cada vez mais, em grupos, as causas objectivas das nossas impressões, que umas ás outras se subordinam pelas suas differenças, suas analogias, suas constituições ou fórmas, até



que emfim seja formado este systema tão bem eorreado da nossa concepção actual da natureza e do mundo. Em volta de nós, vamos dos phenomenos particulares, da base fixa e das forças elementares, á vida vegetal e animal, á vida geral do globo terrestre, d'esta á do nosso systema solar, e sempre assim, até que tenhamos abraçado todo o *Sér* numa só ideia. Esta ideia é o Universo.

Da mesma maneira que os menores grupos d'onde partimos para nos elevarmos a esla ideia suprema, não são só reuniões de objectos approximados por apparentes analogias, mas são ligados na sua intima profundidade por forças e leis, tambem assim devemos conceber o Universo, não só como o conjuncto de todos os phenomenos, mas como o conjuncto de todas as forças e de todas as leis. Que o designemos como a totalidade da materia movida ou das forças motrizes, dos movimentos submettidos ás leis ou das leis de movimento, é sempre o mesmo Universo, mas observado por diversas faces.

Que não haja senão um Todo, isto comprehende-se por si mesmo; e tal parece ser o caso para aquelle que concebemos com o seu infinito tanto em duração como em extensão. O Todo é o todo; por conseguinte, não ha nada fóra d'elle, nada, nem mesmo, parece, o Nada. De sempre, todavia, se disemlin o infinito ou o finito do mundo. Interessava á theologia declarar-se pela ultima hypothese, a fim de que o infinito fleasse reservado para o seu Deus creador; a philosophia independente, pelo contrario, inelinava-se para o lado opposto.

Recordamos-nos que Kant estabeleceu aqui o que se chama uma antinomia, isto é que sustentou com argumentos de igual força a these e a antithese. Elle julgou encontrar a solução d'esta contradicção na ideia de que, por esta tentativa de determinar as condições de um dominio collocado tão longe fóra da experiencia, nós ultrapassavamos a competencia da nossa razão. Pareceu-me que esta antinomia permittia e pedia uma solução objectiva. Ha trinta annos que eu me exprimi assim na minha *Dogmatica*, a proposito da crença christã sobre o fim do mundo. «Podemos provar pela geologia a formação

sucessiva da nossa terra; desde então conetue-se, com uma necessidade metaphysica, que ella deve dissolver-se, pois que um sêr novo que não fôsse chamado a morrer, augmentaria a somma da existencia que compõe o universo e destruir-lhe-hia assim o infinito. O Universo não pôde ser um todo igual a si proprio e absoluto, senão quando as suas partes componentes se movem nuna perpetua troea de juventude e de vellice. Não se pôde desconheer que os corpos do nosso systema solar nos offerecem uma gradação entre uma maturidade menor e uma maturidade maior, e o immenso Todo na sua totalidade, parece-se com uma d'essas arvores do meio-dia cujos ramos dão naseimento a uma flôr cada vez que lhes cae um fructo».

Isto quer dizer que devemos distinguir o mundo no sentido absoluto ou o Universo, e o mundo no sentido relativo, comportando então a palavra o plural; que este ultimo mundo, qualquer que seja a grandeza das suas partes, tem os seus limites no espaço, o seu começo e o seu fim no tempo, emquanto que o universo se encadeia e se desenrola sem limites atravez de todos os espaços e de todos os tempos. Não só a nossa terra, mas o nosso systema solar inteiro não fôram uma unica vez o que são hoje, e nunca appareceram sob a sua fórma actual e nunca a voltarão a ter. Houve um tempo em que a nossa terra não era habitada ainda por sêr intelligente algum, um tempo mais afastado em que ella não o era por nenhum sêr vivo, um tempo mesmo em que ella não era um corpo firme, em que se confundia com o sol e os planetas. E se consideramos o universo no seu conjuncto, nunca o vemos deixar de ser similhante a si mesmo, conter astros diversos, vida e intelligencia. Quando estes attributos não existissem em alguma parte do Todo, existiam nuna outra parte e havia uma terceira onde elles não mais existiriam. Aqui, o naseimento; alli, o completo desenvolvimento; mais além ainda, o fim. O Universo é um conjuncto infinito de mundos, em todos os graus do creseimento e do declinar, conservando elle proprio eternamente a mesma abundancia de vida absoluta nesta transformação e neste movimento eternos.

46 — A cosmogonia de Kant

Ninguém, a este respeito, exprimiu ainda pensamentos mais altos, senão mais destituídos de toda a obscuridade, que Kant na sua Historia geral e na sua Theoria do céu, datados do anno de 1755, escriptos que não me parecem menos importantes que a sua Critica ulterior da razão. Aqui deve-se admirar a profundeza das apreciações, além a extensão do golpe-de-vista; se temos aqui o velho que só quer aceitar conhecimentos certos, ainda que devessem ser limitados, encontramos além o homem em toda a expansão que as conquistas e descobertas do espirito dão. Com o primeiro d'estes trabalhos foi o fundador da cosmogonia moderna, como foi com o segundo o fundador da moderna philosophia.

Elle chama ao mundo «uma phenix que se consome para sahir das suas cinzas com uma nova vida e uma nova juventude». Como á morte num ponto da terra corresponde o naseimento num outro ponto, «assim perecem os mundos e as disposições dos mundos, devorados pelo abysmo da eternidade, quando ao contrario a criação está em perpetua actividade em outros paizes celestes (elle quer dizer em outras partes do espaço infinito) para edificar novas fórmãs e compensar as perdas. Quando um systema do mundo, na longa extensão da sua duração, esgotou todas as variações que a sua constituição pôde supportar, quando elle não é mais que um membro superfluo na cadeia dos seres, enão não tem nada mais a fazer que desempenhar o seu ultimo papel na seena das transformações inessantes do Universo, e, como convém a tudo o que acaba, de pagar o seu tributo á fragilidade. O infinito da criação é bastante grande para julgar um mundo ou uma pleiade de mundos, o que nós julgamos uma flôr ou um insecto, comparados a toda a terra».

De resto, como já se tem indicado, a destruição não persiste. Como a presente natureza se elevou já do cahos á ordem actual, poderia ainda sahir do novo cahos que a sua destruição produzisse. Kant considera esta como

um abraçamento que causaria uma vez mais o estado de que, segundo elle, se formou o nosso systema planetario. «Não se hesitará muito tempo, diz elle, em admittil-a (á possibilidade de uma nova transformação) pensando-se que no dia em que o esgotamento do movimento de gravitação no conjuncto do nosso mundo, precipitar todos os planetas e cometas sobre o sol, este receberá um immenso accrescimo de calor. Este fogo, tirando d'esse novo alimento uma actividade enorme, reduzirá, sem duvida, todas as coisas aos seus menores elementos, que por causa do poder da dilatação do calor, espalhará e dispersará de novo pelos longinquos espaços occupados por elles antes da primeira formação da natureza. Depois que a violencia deste foco central abrandar pela quasi completa dissolução de sua massa, a união das forças attractivas e repulsivas produzirá as antigas gerações e os systemas primitivos dos movimentos, e d'esta ordem nova um mundo novo sahirá».

Tudo isto não se poderia dizer melhor; todavia Kant chegou apenas á noção da alternativa infinita dos perecimentos e renascimentos, sem attingir a noção de todo infinito, sempre egual a si mesmo. O mundo parece-lhe bem não ter limites no espaço, e elle possui, a este respeito, ideias bem altas. Tirou do inglez Wright de Durlham a sua concepção da via-lactea, considerada como um systema de innumeraveis estrellas fixas ou soes agrupados em fórma de lentilha; e no a que chamamos nebulosas, viu elle systemas analogos que, por causa do seu immenso afastamento, nos parecem pequenos e confusos. Mas se, para Kant, nunca a criação se acabou no tempo, começou todavia. Já na expressão — a criação —, podemos reconhecer d'onde provém este limite do seu pensamento. Elle não quer perder o seu acto creador, e não se pôde represental-o se não como um começo. E' assim conduzido á extranha ideia que Deus começou a ordenar e a animar o calos, num determinado silio do espaço, provavelmente num ponto central, que elle considerava como o centro geral da gravidade, como uma enorme massa primitiva, continuando-se esta disposição no sentido da periphèria. No exterior haveria sempre

cahos, que seria assim ordenado sómente pouco a pouco. Esta theoria «dum acabamento successivo da criação» causa no espirito humano o mais nobre espanto. Se ella não contivesse só estas contradicções: um espaço infinito com um centro, uma duração infinita que tem um eomeço !...

47 — Kant e Laplace

Para o espaço restricto do nosso systema solar, cuja formação elle pretende explicar por principios puramente mechanicos, com exclusão de qualquer creador agindo tendo em vista uma finalidade, Kant foi, pelo contrario, no trabalho já citado, o fundador da theoria ainda hoje admittida. Não que elle, excluindo o creador, o negue; o que elle nega é a acção de Deus no encadeamento cosmogonico. O creador depôz, de sempre, taes forças e taes leis na materia, que o mundo deve desenvolver-se e organizar-se sem intervenção da sua parte.

D'onde vêm o sol e os planetas, d'onde as revoluções d'estes ultimos, que se effectuam no sentido mesmo do sol, girando sobre o seu eixo? O piedoso Newton tinha chamado, para ali, em seu soccorro, o dedo de Deus; Buffon, um cometa. Este ter-se-hia precipitado sobre o sol, ter-lhe-hia arrancado uma torrente de materia em fusão que se teria arredondado em globos, a distancias differentes, globos tornados escuros e solidos por um resfriamento gradual. «Eu admitto, diz, pelo contrario, Kant, que toda a materia tornada os globos que pertencem ao mundo solar, os planetas e os cometas, reduzida, na origem de todas as coisas, aos sens elementos simples, encheu todo o espaço em que gravitam actualmente os eorpos constituídos». E' do mesmo modo que mais tarde Laplace se exprime sem, aliás, ter conhecido como precursor o philosopho allemão: A observação dos movimentos planetarios leva-nos a admittir que por causa do immenso calor inicial, a athmosphera solar deveu extinguir-se no principio além das orbitas dos nossos planetas,

e que só pouco a pouco se encherrou nos seus limites actuaes. Ambos elles deixam, assim, como iremos vendo, os corpos celestes sahirem, elles e os seus movimentos, do seio d'esta primitiva dispersão.

Quando Kant falla assim do inicio de todas as coisas, segundo a sua theoria, devemos tomar estas palavras inteiramente a serio; mas logo que affirma que no futuro, depois da destruição do nosso systema solar, um estado analogo renascera da dissolução das suas partes, não pôde saber se o primeiro estado não foi, tambem, um resultado de uma destruição precedente; e nós, principalmente, nós que sabemos tanto do começo do Universo como do seu fim, não podemos considerar de outra maneira as coisas. Ficaremos sómente indecisos quanto ao saber se a dissolução ou a transformação foi restricta ao nosso systema solar ou se se estendeu a todo o grupo da via lactea, de que aquelle fórma uma provinça.

Tal foi já no fundo a concepção do mundo nos estoicos; sómente elles a estendiam a todo o universo e a comprehendiam no sentido do seu pantheismo. O Sêr primitivo tira de si-mesmo o mundo como o seu corpo, mas consome-o pouco a pouco, de sorte que no fim declara-se um incendio universal que colloca as coisas no seu primeiro estado, isto é que as dissolve no fogo divino. Mas depois que esta grande epoea do mundo assim passou, a formação dum mundo novo começa, em que — tal era a sanção stoica — o precedente se reproduz exactamente até nos accidentes diversos, até nas pessoas (Soerates e Xantippa). Contra esta sanção, Kant emitta a opinião profunda, que de resto lhe serve muitas vezes, de que se não pôde tratar das particularidades absolutas dos phenomenos da natureza «porque, como elle diz, a multidão das circumstancias que tomam parte nestes estados naturaes, não permittem calcular-lhes a successão». Da mesma maneira, na doutrina bouddhista, os sêres e os mundos fôram lançados «do não principio» nas revoluções do naseimento e da morte. Cada mundo sae de um primeiro mundo destruido; o tempo infinito divide-se em grandes e pequenas *kalpa's*, isto é em períodos de destruições e de reedificações, mais ou menos

extensas, produzidas quer pela agua, quer pelo fogo ou pelo vento.

Estes presentimentos da philosophia religiosa levantaram-se nestes ultimos tempos com duas descobertas causadas pela investigação da natureza, á altura de uma probabilidade scientifica. Pela diminuição successiva na orbita do cometa de Encke, concluiu-se a presença nos espaços celestes d'uma materia excessivamente desligada, que embaraçando as revoluções dos astros, devia, depois de um tempo sem duvida muito longo, diminuir tambem a orbita dos planetas e finalmente levar estes a precipitarem-se sobre o sol. A outra descoberta é a da constancia da força. Ha no mundo uma lei segundo a qual todo o movimento interrompido se transforma em calor, gerando este calor, pôr sua vez, movimento, e em virtude da qual principalmente, as forças da natureza, quando desaparecem sob uma fórma, reaparecem sob uma outra: desde então, vemos despontar deante de nós a possibilidade de que d'um obstaculo a um movimento cosmico, a natureza possúa um meio de tirar da morte uma vida nova.

48 — Origem dos planetas. — Formação do systema planetario

Fazendo-a derivar de um abraçamento anterior, devemos então representarmo-nos esta massa de materia dilatada que supponho, com Kant e Laplace, ter sido o elemento relativo do nosso mundo solar, como totalmente arrefecida pela sequencia da sua extensão para o exterior. Foi sómente na sequencia da gravitação que os atomos dispersos se approximaram pouco a pouco, tomaram, mais tarde, ainda, a fórma de um enorme globo vaporoso e adquiriram, por um lado, o calor e a luz, e, por outro, o seu movimento de revolução; movimento natural a este globo como a fórma globular é natural a uma massa composta de materia gazosa ou liquida. A materia da periphèria do globo tendeu sempre mais a approximar-se do centro, e o radiamento calorico da superficie produziu

novas contracções; enquanto que o globo de vapor, diminuindo de extensão, girava cada vez mais rapido sobre o seu eixo. Este movimento attingiu, certo, a sua mais alta intensidade no equador do globo, e é isso o que nos leva a supôr um alteamento na sua zona media e um abatimento correspondente nos polos.

Mas visto que o globo se contrahe sem cessar e ao mesmo tempo se move com uma rapidez cada vez maior, deve acontecer que na região em que a revolução attinge o seu maximo de intensidade, certas partes se destaquem d'esta massa que se subtrahe para gravitar talvez sob a fórma primitiva de um anel n'uma mesma direcção em volta da esphera diminuida. A astronomia foi levada, pela observação do anel de Saturno, a pensar que a divisão da massa total tinha podido fazer-se primeiro sob esta mesma fórma annular. Julgamo-nos auctorizados a considerar a geração dos satellites que gravitam á volta dos planetas tomados á parte, como uma reproducção, em ponto pequeno, do desenvolvimento planetario; e pensamos vêr no anel de Saturno uma ou mais luas paradas na sua formação; desde então, admite-se facilmente que os planetas passaram pelo estado annular. O anel ter-se-lia quebrado, ter-se-lia arredondado em globo, teria tomado um duplo movimento no sentido da rotação da massa geradora, um á volta da propria massa, o outro sobre o seu proprio eixo. Esta explicação da formação dos planetas, deixa entender que a mesma ordem de phenomenos se reproduzin muitas vezes, que o planeta mais afastado do sol appareceu primeiro e que o mais proximo, pelo contrario, se deve considerar como o mais recente.

As orbitas dos planetas não formam cirenllos, mas ellipses; ellas estão não exactamente, mas approximadamente situadas no plano do equador solar; os eixos de revolução d'estes planetas sobre si mesmos não tomam a perpendicular, mas são inclinados, em graus differentes, sobre o plano da sua orbita. Eis irregularidades nos efeitos da natureza, de que se não deve pedir a Kant os motivos, mas que pódem encontrar a sua explicação nas circumstancias particulares que influíram sobre o

nascimento d'estes corpos considerados na sua generalidade, ou sua individualidade. Os planetas mais afastados do sol são em geral os maiores e os mais ricos em satellites, mas ao mesmo tempo os menos densos, o que é originado no facto de a quando da primeira separação d'estes corpos, quantidades enormes de uma materia pouco concentrada se apresentarem á disposição. Encontra-se ali, todavia, uma anomalia, ou antes um resultado de uma serie de acções cujas causas são ainda desconhecidas: nesses grupos longinquos, não é o mais exterior mas o mais interior, Jupiter, o que é mais poderoso, e Neptuno é mais denso que Saturno e Urano. Não se chegou tambem a subordinar ás leis conhecidas o facto das distancias que separam as orbitas dos planetas, quer uma da outra quer do sol. Contando as orbitas de um mesmo grupo de planetas como uma só orbita, á medida que se avança para a periphéria as distancias augmentam, de sorte que a ultima orbita observada é mais afastada do sol que a precedente, de uma vez e meia a duas vezes. Schopenhauer tentou explical-o suppondo que a contracção do corpo central se tinha realizado ás sacudidellas, de sorte que cada vez elle se reduziria a metade do seu volume precedente, e que as distancias dos planetas assim produzidas teriam seguido a mesma proporção.

Os globos destacados d'este corpo central reproduzem as peripecias porque elle proprio passou. Elles contrahem-se pouco a pouco, os maiores separam da sua massa satellites, e arrefecendo todos, tornam-se opacos e densos. Para isto, duas causas agem em sentido contrario. A contracção dos globos, á cohesão mais intima dos seus elementos, augmentam a temperatura; mas o seu radiamento nos frios espaços interplanetarios diminue-a. E como este ultimo a leva tanto mais depressa quanto os corpos são mais pequenos, os menores planetas resfriam e solidificam-se antes dos mais poderosos. E' assim que, segundo todas as probabilidades, Jupiter não arrefeceu ainda no mesmo grau que a terra, e que á sua superficie falta ainda a solidez, o que lle conserva um pouco a sua luz propria. Quanto deve durar então o abraçamento d'uma massa tão grande como o globo cer-



tral, principalmente pensando-se em que este calor se mantem, segundo as conjecturas dos naturalistas, por uma contracção insensivel e pela queda incessante de pequenos corpos analogos ás nossas multidões de asteroides ! Não tenho, de resto, que expôr aqui as grandes leis sobre as relações das distancias que dominam o nosso systema solar e o mantem em todas as suas manifestações, leis que Kepler descobriu e que Newton attribuiu aos efeitos da força da attracção.

49 — A via lactea. — As nebulosas. — As estrellas duplas

Como já o tinha feito para as ideias cosmogonicas de Kant em geral, a astronomia moderna confirmou e aperfeiçoou as que elle tinha adoptado quando á via lactea, considerada por elle como uma multidão de innumeraveis soes dispostos sob a fórma de uma lentilha e, quanto ás nebulosas, consideradas por elle como multidões analogas, que uma enorme distancia fazia apenas parecer tão pequenas. Em vez de um globo central, para o systema da nossa via que elle julgava vêr na Syrius, admite-se geralmente hoje, uma attracção symetrica e reciproca produzindo um movimento eorrespondente de todas as estrellas que compõem o grupo. E', de algum modo, a constituição republicana a substituir uma monarchica.

As nossas ideias sobre o systema do mundo, têm ainda recebido uma outra direecção eom a deseoberta inesperada das estrellas duplas. Até agora, por analogia com o nosso sol, julgava-se as estrellas fixas cercadas de um certo numero de planetas, e de repente, vê-se dois soes moverem-se ou um em volta do outro, ou em volta de um centro commum. A supposição de eorpos planetarios gravitando em volta de cada um, ficou, todavia, possivel; mas as relações dos movimentos e das condições luminosas estão submettidas a combinações perfeitamente especiaes. Mais surprehendente ainda foi, nos ultimos tempos, a deseoberta de estrellas duplas, em que uma d'ellas não é um sol mas um corpo opaco. Assim a brilhante Syrius,

entre outras, encontra-se na situação de estar ligada a um d'esses companheiros obscuros. Segundo isto, estaríamos na presença de um caso muito differente da constituição do nosso systema solar, a massa planetaria não se comporia mais de um certo numero de corpos menores gravitando em volta do sol, mas de um corpo unico quasi egual ao sol em grandeza e pezo.

Entre as nebulosas, muitas resolveram-se, pelo telescopio, como a via lactea, num grupo de estrellas; muitas outras, que primeiro pareciam indecomponiveis, não puderam resistir á acção de telescopios mais aperfeçoados; então esta noção começou a applicar-se de tal modo, que na realidade nenhuma d'ellas passou a considerar-se como sendo coisa differente de um grupo de soes, como a nossa via lactea. Mas a maravilhosa descoberta de Kirchhoff, a analyse espectral, trouxe de uma maneira bem inesperada um elemento de decisão que o telescopio era incapaz de fornecer. Muitas nebulosas apresentam, ao spectroscopio, as mesmas linhas que as estrellas fixas; outras, pelo contrario, mostram ser, pelas suas linhas, massas gazosas incandescentes. Concebe-se facilmente a importancia d'esta descoberta para a nossa theoria. Mostra-nos, com factos, o que primeiro tinhamos supposto, que no espaço immenso, ao lado dos mundos perfectos, ha mundos a nascer, tendo a sua origem no estado gazoso. E quando, por outro lado, nos lembramos d'essas estrellas, primitivamente pouco ou nada notadas, que se inflammam subitamente e chegam ao brilho das estrellas de primeira ou de segunda grandeza, depois desaparecem de novo, passado um tempo mais ou menos longo, estamos bem proximos de pensar nesses mundos que se precipitam uns sobre os outros e preparam por meio de um abraçamento total o advento de um mundo novo.

50 — Os presumidos habitantes dos planetas

Da nossa terra ser um planeta e ser habitada por sêres animados, intelligentes parte d'elles, concluir que todos os planetas são habitados, é tão exagerado, para Kant,



quanto era absurdo contestal-o, em relação a todos ou só á maior parte. As mesmas circumstancias ou as mesmas causas deixam presentir os mesmos effeitos; mas é preciso attender bem a estas circumstancias antes de lhes tirar qualquer conclusão. Ser illuminado ou aquecido pelo sol, andar á volta d'um eixo, ser submettido ás alternativas do dia e da noite, todas estas relações e outras ainda pôdem ser modificadas por differenças na distancia de um planeta ao sol, na sua grossura e na sua densidade e tornar-se assim impossivel o raciocinio por analogia.

Ahi ainda Kant soube vêr bem. «Talvez, diz elle, que todos os corpos celestes não tenham attingido o seu estado perfeito; seculos, milhares de annos devem passar (podemos á vontade juntar-lhes alguns zeros) antes que um grande astro atinja a solidez. Jupiter parece não chegar ainda ali. Mas pôde prever-se com confiança que, se está inhabitado na hora actual, um dia se povoará, se atravessar todas as phases do seu desenvolvimento». Suppondo, além d'isso, que elle nunca atinja o estado de ser habitado, segundo Kant, não deveriamos espantar-nos, por isso, mais do que o fazemos quando encontramos na nossa terra desertos inhabitaveis.

Pelo que se refere á nossa Lua que é, na verdade, um astro infinitamente mais pequeno, parece que deviamos decidir-nos a considerá-la, em todo o caso, como um árido rochedo; porque, no lado visivel para nós não podemos encontrar traço algum d'uma atmosphera, a mais desligada, e as razões que temos presentemente allegado da possibilidade de uma tal atmosphera no lado que nos é vedado vêr, tem dado logar, até aqui, a serias duvidas. O sol, corpo inflammado, não pôde tambem dar asylo a organismos vivos; sómente é pelo calor que espalha á sua volta a causa mediata de toda a vida no dominio em que elle reina. Quanto ás pequenas nuvens inconsistentes que formam os cometas, não podemos de modo algum imaginá-las tendo habitantes. Por causa da excentricidade sempre crescente da orbita dos planetas além de Saturno. Kant tentava estabelecer uma gradação constante entre todos os planetas e os cometas; mas a astronomia moderna reconhece ha muito uma differença fundamental

entre estas duas especies de astros; ella está mesmo disposta a considerar os cometas como corpos que atravessando os mundos e não pertencendo ao nosso systema solar, nelle, por acaso, penetram, tomando alguns, mandidos pela força da gravidade, parte, bem ou mal, na nossa vida commum.

Mettido uma vez nestas presumpções sobre os habitantes dos astros, Kant chega a agitar a questão da ordem que elles occupam na cadeia da vida. Por um lado, parece facil adivinhar que os planetas possuam habitantes tanto mais perfeitos quanto estão mais proximos do sol, a origem de toda a luz e de toda a vida. Por consequencia, os habitantes de Mercurio serão mais perfeitos que os de Venus, que os da Terra; emfim, os habitantes de Urano ou de Neptuno, se é que elle existe, serão os lapões e os samoyèds do systema. Kant colloca-se num ponto de vista completamente opposto. Com o afastamento ereseente do sol, o calor diminue sem duvida, mas tambem a densidade dos planetas e a grossura da sua materia. Kant julgou-se, então, auctorisado a tirar d'aqui esta lei: a perfeição do mundo dos espiritos, assim como a do mundo material, eresee desde Mercurio até Saturno, e talvez além, (Urano não estava ainda descoberto) numa progressão constante na razão directa das suas distancias ao sol.

Nesta progressão, o homem, habitante do terceiro planeta, a partir do centro, do quarto a partir da periphèria (nesta epocha), apparecia como o termo médio. As hesitações moraes entre o mal e o bem, entre a besta e o anjo, têm sem duvida a sua razão nesta situação intermedia. Talvez, suppõe Kant, os habitantes de dois planetas interiores estejam demasiadamente perto do animal para poderem peccar; os dos outros muito puros: «d'esta maneira, a Terra e talvez com ella Marte (e por isto a triste consolação de ter companheiros de desgraça não nos seria tirada) estariam nesta perigosa via inèdia» onde o peccado triumphava.

Teremos sempre cautella em não ir tão longe nas nossas previsões sobre os habitantes dos planetas; mas não é situação agradavel o abstermo-nos de seguir aquelle que devia mais tarde eserever a *Critica da Razão*.

51 — Os periodos da formação terrestre

Se agora nos limitamos á terra, tudo o que encontramos sobre a sua superficie ou nas suas entranhas vem, não se póde desejar mais, em apoio das conclusões logicas a que chegamos até aqui. Conforme ao que precede, devemos representar-no-la como um dos maiores entre os pequenos globos de vapor destacados da massa total, globo que por eausa da gravidade, se contrahe em volta do seu eentro, e apesar do crescimento da temperatura, por causa d'um radiamento mais forte ainda, se arrefece poueo a pouco. Este resfriamento faz-se sentir no proprio lugar d'onde parte esse radiamento, isto é á superficie. Aqui ene encontramos a passagem do estado gazoso primeiro para o estado liquido e emfim para o estado solido. A crosta terrestre em formação deve tomar a fórma de uma esphera ou de um espherode unido. Mas porque a contraeção persista como persiste o resfriamento, a crosta fende-se, desigualdades nascem, e, entre estas, aberturas d'onde jorram sob a pressão da crosta que se entranha, ondas de materia interna ainda liquida; ou então irrompem massas gazosas, e as montanhas se fórmam assim como os valles.

Uma epocha importante da formação da terra começa no momento em que o resfriamento chegou a tal grau que os vapores ascendentes se econdensam em nuvens, e a chuva eahe. Então começa a agua a desempenhar a sua função, sem o que a vida organica seria impossivel; ella lava, innunda, dissolve e mistura. A immensa vaporisação que se eseapa da terra resfriada põe em movimento immensas massas de nuvens e de agua; a terra cobre-se de um mar quente, que, sob a fórma de illas, só as mais altas eollinas dominam. Reacções da materia interna incandescente ou as acções da atmosphera pódem ainda ter causado, eomsgo, de tempos a tempos, poderosas revoluções á superficie do globo; todavia, a este respeito, a phantasia tinlia tomado posse da propria sciencia, e a geologia actual, fundando-se, sobretudo, nas indicações do inglez

Lyell, em contrario das interpretações outr'ora acceitas, inclina-se a representar a marcha das coisas de uma maneira muito mais ordinaria, muito mais analoga ao que se passa hoje na natureza. Esta hypothese da antiga historia natural segundo a qual os primeiros germens da vida do organismo vegetal ou animal sobre a terra foram abalados e aniquilados pelas revoluções, e que cada vez uma nova creação de novos germens similliantes foi precisa, esta hypothese está hoje posta de parte; as presumidas revoluções totaes tornam-se pareiaes, e provou-se que a vida organica se desenvolveu desde a sua origem sem interrupção.

52 — O nascimento da vida sobre a terra. — O organico e o Inorganico

As mais antigas camadas da crosta terrestre não nos mostram traços alguns de sêres vivos do tempo da sua formação; emquanto que as mais novas nol-os mostram; isto é, que nós encontramos n'ellas petrificações de plantas e de animaes. D'onde provém esta vida? Não temos querido reportar-nos á ausencia de fosseis nas primeiras camadas; temos feito notar que estas tinham soffrido todas as especies de transformações, e que assim os restos que ahi primeiro se tinham mettido, se aniquilaram: o que é possível, mas em nada altera o resultado final. Em todo o caso, a temperatura do globo terrestre foi numa certa epocha de tal modo elevada que toda a vida organica lhe era impossivel; logo, numa certa epocha, não houve sobre a terra nenhuma vida organica; é preciso, então, que ella tenha começado; e a pergunta subsiste: como?

A fé invoca o milagre. Deus disse: Que a terra produza a herva e a planta, que ella gere os animaes vivos cada um segundo a sua especie. A antiga biologia accetava isto; para Linneu, todas as especies vegetaes ou animaes têm a sua origem num primeiro casal, ou num individuo hermaphrodita. Kant, egualmente, julgava que

se podia dizer bem: «dae-me materia e eu vos mostrarei como d'ella sahe um mundo», — mas não «dae-me materia e eu vos mostrarei como se pôde gerar uma lagarta». Mas se d'esta maneira o problema não pôde ser resolvido, é porque é mal posto. Dizendo eu: uma lagarta ou um elephante ou mesmo, o homem, escolho, sempre, em todo o caso, um organismo tão delicadamente constituido já, que devemos bem comprehender a impossibilidade de o tirar immediatamente da materia inorganica.

Para vencer este abysmo, deve-se tomar o organismo na sua constituição fundamental mais simples, como a cellula. A cellula organica, e não a lagarta, pôde sahir naturalmente de elementos até allí inorganicos? O proprio Darwin não ousou ainda responder affirmativamente, antes julgou necessario, pelo menos, para este primeiro inicio, chamar o maravilhoso. No começo das coisas,—tal foi pelo menos a doutrina da sua obra primeira e principal — o creador formou muitas ou antes uma unica cellula primitiva, e deu-lhe a vida; e desta cellula sahiu, no decorrer dos tempos, toda a variedade da vida organica sobre a terra. Aquí, o seu precursor francez Lamarck tinha ido mais longe, pois que fazia sahir, no principio, os organismos mais simples, e ainda agora, da geração espontanea.

Este problema da *generatio æquivoca* ou *spontanea*, que busca saber se é possível que um individuo organico, mas de natureza a mais imperfeita, possa nascer d'outrem que não seja o seu semelhante, por uma combinação de ordem chimica ou morphologica, desenvolvendo-se não num ovo ou numa matriz, mas numa materia de uma outra especie, num liquido organico ou inorganico, este problema vivamente discutido no seculo precedente, occupou ainda numa epocha recente a sciencia da natureza; mas a difficuldade de estabelecer experiencias que provem, é tal, que não se pôde chegar a um accordo geral. Mas quando se ficar na impossibilidade de provar a presença de uma tal geração no periodo actual da nossa terra, isso não decidiria em nada para um periodo anterior provido de condições differentes. «Todos os factos conhecidos, pretende Virchow, fallam contra a geração espontanea no tempo presente». Mas visto que no decor-



rer do desenvolvimento terrestre, vemos, todavia, a vida aparecer pela primeira vez, que devemos concluir senão «que em virtude de condições completamente extraordinarias no tempo das grandes revoluções terrestres, a maravilha», isto é o inicio da vida — e isso concebe-se, na sua fórma mais incompleta, «appareceu?» Soubemos depois que esta fórma mais imperfeita existe realmente; Huxley encontrou-a no fundo dos mares no bathybius, massa gelatinosa, mucillaginosa, e Hæckel nas moneras ¹ que tem o seu nome, outras pequenas massas albuminosas sem estructura, ligadas por materia carbonizada que, sem serem constituidas por órgãos, alimentam-se, crescem, etc. Assim se enche o abysmo, assim se pôde effectuar a passagem do inorganico para o organico.

A sciencia contemporanea recebeu com toda a facilidade o encargo de considerar esta passagem como uma coisa natural, não só por uma posição mais justa do problema, mas tambem por uma noção mais exacta da vida e do sêr vivo. Emquanto que consideravamos absoluto o contraste entre o inorganico e o organico, entre a natureza inanimada e a animada, emquanto nos prendiamos a uma fórma especial da vida, não se podia prescindir do milagre para atravessar o abysmo. A sciencia actual ensina-nos, ao contrario, que «a distincção entre as pseudo-naturezas organica e inorganica é completamente arbitraria; a força vital, como ordinariamente se concebe, é uma chimera» (Dubois-Reymond). «A materia que traz a vida não é nada especial»; não ha nos corpos organicos elemento fundamental algum que não se encontre já na natureza inorganica; «a unica coisa especial é o movimento d'esta materia». Mas até este mesmo «não fórma um contraste que se oponha diametralmente aos movimentos já existentes na natureza; a vida não é mais que um modo particular, ainda que ex-

1 F. le Dantec (*Éléments de Phil. Biologique*, 169) contesta a existencia da menora, attribuindo-a a defeituosa observação de Hæckel.

(Nota do trad. port.)



cessivamente complicado, da mechanica; uma porção da materia total passa de tempos a tempos na sua marcha habitual, por combinações organicas e chemicas, e depois de permanecer ali durante certo periodo, volta ao movimento geral» (Virchow). Tratava-se pois, a considerar bem as coisas, não de crear alguma coisa de novo, mas sim de fazer com que a materia e as forças já existentes fôsem levadas a outras combinações e a outros movimentos; e ali, podemos encontrar a causa sufficiente d'isso, nas condições dos primeiros tempos, tão differentes do que são hoje, na temperatura tão diversa, nas misturas da atmospherá, etc.

53 — Perpetuidade e transformação

Mas nós não teríamos assim senão um certo numero de existencias organicas do mais baixo grau, emquanto que a terra nos offerece como thema toda a variedade do seu mundo vegetal e animal, serie poderosamente ramificada, gradação de organismos que nos mergulham cada vez mais no espanto, á medida que nos elevarmos, pela engenhosa finalidade da sua constituição, ás maravilhosas fontes da sua actividade, dos seus instinctos e da sua industria; e, enfim, o homem, pela intelligencia. Eis o que temos de fazer comprehender no seu desenvolvimento, e ainda que possamos representar-nos a geração d'uma cellula ou d'uma monera, pelo inorganico, não chegamos ainda muito longe. Exige-se agora que a natureza, depois de ter extrahido do que era sem vida a fórma mais incompleta da vida, tenha progredido, sem cessar, de tal maneira, que por um poder sempre maior, tenha tirado do inorganico organismos sempre mais perfectos? Mas recahiríamos assim na primeira difficuldade, no problema da lagarta e do elephante.

A unica sahida possivel seria admittir que a natureza, depois de ter realisado uma fórma organica, em vez de voltar de novo para o inorganico, se serviu do seu primeiro progresso, se ligou ao organico uma vez produzi-

do, e d'esta fórma muito simples compôz uma segunda melhor constituida, d'esta uma terceira, etc., depois de cada uma tirou uma outra, e uma ainda similhantemente constituida; ou para me exprimir mais claramente, o expediente encontrar-se-hia na hypothese de que o vivo possui o instineto e a faculdade, ora de se elevar do grau mais simples á variedade e ao progresso, ora de multiplicar as forças similhantes.

Uma tal hypothese parece, na verdade, contrariada absolutamente por tudo quanto a percebemos e observamos á nossa volta. Vemos na natureza o similhante nascer sempre do similhante, e nunca o dissemilhante do dissemilhante, ficando as differenças entre o gerador e o gerado sem importancia em face da grande similitude. Ainda que nenhum carvalho seja igual a outro em todas as suas partes, nunca, todavia, de uma glande sahiu uma faia ou um pinheiro, o peixe procria um peixe e nunca um passaro ou um reptil, a ovelha dá nascimento a uma ovelha e nunca a um boi ou a uma cabra. Eis porque até á epocha contemporanea, até Cuvier e Agassiz, a sciencia creou as especies dos seres organicos de limites invenciveis, e ainda que obrigada a dar logar á formação de novas variedades, declarou absolutamente impossivel a passagem de uma especie a outra especie realmente nova e differente. Sendo assim, ser-nos-hia preciso voltar de novo á criação e ao milagre: então, no principio, creou Deus a planta e a herva e a arvore, e tambem os animaes cada um segundo a sua especie.

Desde ha muito tempo que uma opposição se levantou contra esta doutrina, ainda essencialmente theologica; desde ha muito que a sciencia da natureza se esforçou por estabelecer em logar das noções de criação que ella não concebe, a noção de evolução. Mas foi o inglez Carlos Darwin quem primeiro fez a tentativa scientifica para fazer passar esta noção para a ordem dos factos, e applica-la a todo o mundo vivo.

54— A theoria de Darwin

Não ha nada mais facil que chalacear com a theoria de Darwin, nada menos custoso que estas ironicas sortidas contra a origem simiana do homem a que, tanto á vontade, se entregam ainda os pequenos jornaes e certas revistas. Mas uma theoria cujo caracter distinctivo consiste precisamente, intercalando-lhe membros intermedios, em unir numa serie evolucionaria o que parecia completamente separado, em chamar a attenção sobre a alavanca empregada pela natureza para assegurar a constante gradação d'esta serie, uma tal theoria não pôde considerar-se refutada simplesmente porque se opponha, uma á outra, duas figuras tão differentes como o macaco actual e o homem actual, sem attenção alguma pelos intermediarios por ella collocados entre essas duas figuras, sendo a existencia de uma demonstrada, e a da outra apenas supposta.

De resto, comprehende-se muito bem que, despeitados, os sustentaculos da Egreja, da antiga fé, da revelação e dos milagres tenham tomado a chacota por arma. Elles sabem o que fazem, e estão no seu papel quando combatem para a vida e para a morte um principio que lhes é funesto. Mas são crentes — estes redactores graciosos ? Na grande maioria, não, com certeza; deixam-se arrastar pela torrente do saber contemporaneo, nada sabem dos milagres, da noção de um creador nas revoluções da natureza. Muito bem: como explicam elles então a primeira apparição do homem, o organico sahindo do inorganico, se acham tão ridicula a explicação de Darwin ? Querem fazer sahir o homem primitivo, por mais grosseiro e imperfeito que o imaginem, mas ficando sempre organismo humano, querem elles fazel-o sahir immediatamente do inorganico, do mar, do limo, ou de outra coisa semelhante ? Elles seriam difficilmente temerarios neste ponto; mas não ignoram elles que não ha outra coisa a escolher além do milagre, a mão creadora de Deus, e a theoria de Darwin ?

Darwin não é o primeiro auctor d'esta doutrina, ge-

ralmente designada hoje pelo seu nome; os seus principios datam já do seculo precedente, e no começo do nosso, foi constituida em theoria pelo francez Lamarek. Mas faltavam-lhe muitos élos ainda para que pudesse viver; Lamarek introduziu sómente a proposição de que as especies não eram nada de estavel na natureza, mas se iam desenvolvendo por uma transformação successiva, tendo as mais elevadas a sua origem nas mais simples. Sómente a esta pergunta catechistica: «como aconteceu isso?» procurava dar uma resposta, mas não a possuia. Foi ali que Darwin veio em soccorro da theoria, e fez d'ella, que tinha sido até ahí um paradoxo scientifico, um systema poderoso, uma concepção do mundo.

Esta theoria, incontestavelmente, é ainda imperfeita; deixa por explicar uma infinidade de coisas, não coisas secundarias, mas de primeira importancia; apresenta-nos mais soluções possiveis no futuro do que as que nos fornece. Ainda que assim seja, ha nella com que attrahir poderosamente todo o espirito que têm sêde de verdade e de liberdade. Ha entre ella e um traçado de caminho de ferro analogias: quantos abysmos será preciso encher, quantas pontes será preciso lançar, quantas montanhas será preciso furar, quantos annos teremos de deixar correr ainda, antes do caminho se tornar rapido e commodo ao viajante! Todavia vemos-lhe já a direcção. E' por ahí que devemos ir, e iremos, por ahí onde as bandeiras fluctuam alegres á mercê dos ventos. Sim, alegres, è no sentido das alegrias do espirito, as mais puras e as mais nobres. Nós outros philosophos e theologos criticos não andavamos mal decretando o fim do milagre; a nossa sentença ficava sem echo, porque nós não sabiamos dispensal-o, porque não sabiamos mostrar uma força da natureza que pudesse substituil-o onde elle parecia mais indispensavel. Darwin mostrou esta força, esta acção da natureza; abriu uma porta por onde uma posteridade mais feliz deve, para sempre, expulsar o milagre. Quem sabe o que o milagre produz, considerará Darwin igual aos maiores bemfeitores da humanidade.

55 — Goethe precursor de Darwin

Já disse que o nosso Goethe não teria tido maior alegria do que viver o bastante para assistir ao desenvolvimento da theoria de Darwin. Assim a apparição de um continuador de Lamarck, a discussão entre Geoffroy-Saint-Hilaire e Cuvier na Academia das Sciencias de França, pareciam-lhe mais importantes que a revolução de Julho que estalou na mesma epocha; foi para elle, essa, a occasião de um tratado detalhado sobre este objecto, tratado concluido apenas no mez da sua morte. «Ha cincoenta annos, dizia elle a Soret, que lucto em favor d'esta grande questão, primeiro sósinho, depois sustentado e emfim ultrapassado por espiritos animados dos meus desejos».

São conhecidas as suas indicações sobre a continuidade do desenvolvimento organico, provada, segundo elle, no homem, pela constituição do maxillar superior; conhecem-se as suas ideias sobre a metamorphose das plantas, e mais tarde, mesmo, sobre a metamorphose dos animaes. Elle julgava observar em todo o mundo organico, por um lado, um modelo primitivo geral, um typo constante; por outro, uma mobilidade e uma inconstancia infinita da fórma, uma versatilidade e uma variabilidade eterna do typo fundamental. Como causa determinante d'estas transformações, elle considerava principalmente «as relações necessarias do organismo com o mundo exterior», com o secco ou o humido, o calor ou o frio, com a terra, o ar ou a agua. «As circumstancias preparam o animal para as circumstancias. Pelo ar fórma-se a aguia para o ar, assim como a toupeira para o solo movediço, a phoca para a agua». Elle tenta provar as mudanças internas que se produzem num individuo particular, por influencias elementares. «Quando penso nos roedores, diz elle, reconheço propriades genericas internas, determinadas e mantidas, mas que, exagerando-se sem medida nos seus caracteres externos, se especificam por transformações successivas e attingem todas as variedades. Se buscamos a creatura na região aquatica, castôr,



ella edifica com o limo, ao pé de uma agua viva; depois, querendo sempre mais frescura, cava um asylo na terra, e saboreia-lhe o mysterio; chega á superficie, começa a desejar correr e saltar, eleva a estatura do seu sêr, e como bipede chega a mover-se com uma agilidade maravilhosa».

E Goethe não tinha apenas em vista os diferentes generos de plantas e de animaes; elle perguntava tambem se as duas fórmas fundamentaes do organismo, o reino vegetal e o reino animal, não podiam conceber-se como dois ramos da grande arvore da vida. «Quando observamos as plantas e os animaes no seu estado mais imperfeito, diz elle, mal os distinguimos. Os nossos sentidos pôdem, com custo, prender-se sobre um limite na vida, ainda que elle seja fixo na totalidade ou não. Não temos a pretensão de decidir se, nos seus principios, se deve attribuir á luz o desenvolvimento da planta, á obscuridade o do animal, se para isso as analogias e as observações não falham. Tudo o que podemos dizer é que, d'um parentesco em que os dois reinos se confundem, as creaturas novas se vão desenvolvendo em duas direcções oppostas, de modo que a planta acabou por se tornar uma arvore, persistente e rigida, e o animal se elevou no homem, á mobilidade e á liberdade mais completa».

A proposito da origem d'este ultimo em particular, Eckermann preencheu uma grande falta dos escriptos de Goethe. Este foi levado a fallar das raças humanas com um naturalista de Munich que o visitava. O naturalista, submettido á Igreja, tentava estabelecer a descendencia completa do homem como sahida d'um primeiro casal, com a proposição de que a natureza pratica a mais estricta economia nas suas producções. «Devo contestar esta opinião, responde Goethe, mostrando-se já por isso superior ao professor de sciencias naturaes; prelando antes que a natureza se mostra sempre larga e mesmo prodiga, e que seria mais conforme aos seus habitos suppôr que em vez de produzir um pobre casal unico, ella tivesse dado nascimento aos homens, ás duzias, aos centos. Quando a terra chegou a um certo estado de maturação, quando as aguas se escoaram, appareceu o periodo humano. Então os ho-

mens surgiram pelo poder de Deus, sempre que o solo o permittiu, talvez primeiro nos logares altos. Tenho por rasoavel pensar que foi assim; mas perguntar de que maneira se passaram as coisas, acho trabalho inutil que deveremos deixar aos que se occupam dos problemas insoluveis e que não tem mais que fazer».

O veu sob que Goethe quer deixar esta questão, não é mais que um resto da incerteza que caracterisava as suas ideias a este respeito. Nunca se viu bem como Goethe se representou a gradação ascendente dos sêres vivos; se elle julgou que as especies particulares se transformaram pouco a pouco, primeiro animaes aquatieos, amphibios em seguida, animaes terrestres depois; ou sómente que a natureza se ensaiou ora sob uma fórmula, ora sob outra, mas livremente, sem se sujeitar a fazer sahir o mais perfeito do menos perfeito. Se se representasse as coisas sob este ultimo aspecto, o homem, em particular, não teria a sua origem numa especie animal superior, mas teria surgido um bello dia de um solo completamente nú. Opinião tão monstruosa que é prudente baixar sobre ella o panno.

56 — Kant predecessor de Darwln

Ha um outro pensador allemão que devemos tambem assignalar como um dos predecessores de Darwln, aquelle mesmo que encontramos como precursor de Laplace, a proposito da organisação geral do mundo, o philosopho de Königsberg. E ainda que a Goethe as tendeneias e o golpe-de-vista do naturalista lhe tenham permittido estabelecer o seu systema geral da natureza antes da apparição do livro de Kant, a *Critica do Juizo*, todavia, é quasi impossivel desconhecer a influencia que teve sobre o desenvolvimento d'este systema tal como o expuzemos, essa obra que fez epocha.

Ainda que Kant se mantenha completamente sob a reserva da critica, não affirmando nem um creador do mundo, consciante do fim a attingir, nem uma finalidade

inconsciente d'uma natureza agindo, nem uma teleologia immanente ao seu mecanismo, mas querendo sómente estabelecer que o homem, pelo caracter dos seus meios de conhecer, não póde fazer comprehender certas manifestações da natureza sem se ajudar com a ideia do fim, não se furta absolutamente á tentação, pelo menos para um instante, e com a consciencia de que «se mette numa aventura da razão», de ultrapassar o limite indicado pela providencia. «A unidade de conformação de tantas especies animaes segundo um plano commum, diz elle, que não se mostra só na constituição do esqueleto, mas tambem no fundo da disposição das outras partes, onde uma simplicidade notavel das grandes linhas soube, pelo encolhimento de certas porções, o alongamento de outras, o desenvolvimento e a extensão d'outras ainda, produzir uma tão grande variedade de espécies, essa unidade de conformação faz entrever ao espirito a esperanza, fraca ainda, de poder applicar aqui o principio mechanico da natureza». Esta analogia das fórmas fortalece a hypothese que lhes suppõe um encadeamento na descendencia, e nos deixa crêr num desenvolvimento gradual dos seres organicos, «desde o homem ao polypo, desde o proprio polypo até ao musgo e ao lichen, e emfim até aos graus mais infimos que nos seja dado vêr na natureza, até á materia grosseira, de que parece derivar todo o conjuncto da natureza (que é para nós tão incomprehensivel nos seus seres organizados, que nos vemos na necessidade de buscar um principio novo). E tudo isso aconteceria segundo as proprias forças da materia, fontes das leis mechanicas, e poderia comparar-se á formação dos crystaes».

Pelo que toca particularmente ao homem, ha de Kant uma apreciação muito notavel, uma nota posta á frente da conclusão da sua Anthropologia. Elle pensa no facto de que entre todos os animaes, o recém-nascido do homem accusa a sua existencia gritando. Isto que não offerece inconveniente no estado de cultura actual, que, mesmo nos selvagens, assegura a protecção da familia: num grosseiro estado de natureza precedente, teria sido ao contrario um signal que attrahiria o animal feroz, comprometendo assim a perpetuidade da especie. O vagido do re-

cem-nascido não deveu pois apparecer nesta primeira epocha, mas só numa segunda, onde já não pudesse ser um perigo. Este facto, accrescenta Kant, leva-nos longe; por exemplo, a gente se interrogará sobre se a esta segunda epocha, com o favor de grandes revoluções da natureza, não succederia ainda uma terceira, em que um orangotango ou um chimpanzé levassem os seus sentidos da vista, do tacto, e os seus instrumentos da palavra á estrutura dos órgãos humanos, e desenvolvessem pouco a pouco o seu cerebro e a sua intelligencia pela cultura social.

57 — Formação da theoria darwiniana

O que fica dito indica os contornos exteriores da theoria de Lamarek e de Darwin e tambem as fontes internas que caracterizam o seu proprio movimento. Da mesma maneira que para Goethe o animal era preparado para as circumstancias pelas circumstancias, assim para Lamarek os olhos da toupeira tinham-se estiolado com a sua estada sob a terra, enquanto que a necessidade de se dirigir espalmára os pés do cysne, a necessidade de procurar no fundo da agua o seu alimento prolongára o seu peseço tornado flexivel. Em face de taes interpretações, o publico abanava a cabeça e o proprio Darwin, ainda que presuadido da inteireza da theoria, julgava estes argumentos insufficientes.

Uma phantasia, parecee, forneceu-lhe um meio de descobrir outros mais solidos. Como inglez e proprietario, creava pombos e esforçava-se tanto por fundir todas as variedades d'estas aves, como por reproduzil-as. Viu então que fórmas que á primeira vista pareciam tão afastadas uma da outra que se julgava constituirem especies diferentes, obtinham-se pouco a pouco, no decurso de muitas gerações, pelos processos da educção. O educador descobre, supponho, entre os seus pombos ordinarios um exemplár que tem uma penna na cauda a mais que os outros, ou o papo maior; logo busea nos dois casos um



exemplar de um outro sexo que apresente os mesmos desvios e os junta; e seria realmente extraordinario que entre a sua posteridade não se encontrasse, com o tempo, exemplares em que as pennas da cauda fóssem augmentadas em quantidade e o papo de novo engrossado. Assim se produziram depois de muitos annos e de muitas gerações, segundo este simples processo de descendencia, o pombo de leque e o pombo de papo, e além d'isso todas as outras variedades. Depois, não se prendendo os desvios, nas pennas e nas côres, chegaram até ao esqueleto e ao modo de vida.

Sabe-se que por meios analogos, applicados aos animaes domesticos, aos cavallo, aos eães, aos carneiros e aos bois, e tambem ás plantas, principalmente ás flôres, resultados analogos se attingiram, o que se torna possivel em virtude da lei da natureza já mencionada, e segundo a qual os typos organicos constantes no seu todo, são transformaveis todavia nas suas partes, transformações que se transmittem á posteridade: resultados espantosamente concludentes; e en fallo d'esta differença de variedades assim obtidas por uma ideia arbitraria do homem, que eneontrando exemplares conformes ao seu intuito os junta, e impede se misturem com outros. Por habeis cruzamentos, o homem produz variedades a que se não pôde recusar o nome de especies, sem se cahir nuna disputa de palavras. Se uma escolha semelhante se mostrasse no dominio da livre natureza, eneontra-se-hia aberto o caminho que nos explicasse a divisão da vida organica em todas as differentes fórmas e especies que temos deante dos olhos.

58 — A selecção natural e a concorrência vital

Ha pois na natureza alguma coisa que procede de tal maneira, que os desvios uma vez produzidos no reino vegetal ou animal se mantenham e cresçam ainda; que, por consequencia, como condição necessaria, não todos os individuos, mas antes alguns especialmente dotados,

se perpetuem pela geração ? E onde se deve procurar este principio, este fermento do mundo ?

Elle é característico onde o nosso inglez o buscou e encontrou. Não precisava mesmo de procural-o, pois tinha deante dos olhos, á sua volta, na sua patria, a actividade e os espantosos effeitos d'este principio; não precisava mais do que transportal-o do mundo dos homens para o dominio da natureza. A concorrência de Darwin, «a lucta pela vida», não é outra coisa que a extensão a toda a natureza do que conhecemos ha muito como principio social e industrial. Vemos os seres organicos dotados do instineto e da propriedade de gerar muitos mais dos seus semelhantes, do que lhes seria permittido para se poderem alimentar a vida inteira. Não só os animaes se disputam a alimentação, mas as hervas e as proprias arvores se disputam o solo e o sol. Se nem todos se pôdem conservar, mas apenas alguns, estes serão naturalmente os mais fortes, os mais capazes, os mais bellos. Se os mais fracos, os mais inhabeis, desapparecem rapidamente, os melhor dotados reproduzem-se mais depressa que os outros. E se uma tal acção se repete atravez muitas gerações, os descendentes se afastarão cada vez mais do typo paterno.

Por esta via, as raças animaes pôdem adquirir membros, armas, ornamentos que eram extranhos a esse ultimo. Goethe dizia que no futuro não se affirmaria que os chifres fôram dados ao boi para elle marrar, mas que se desejaria saber como elle conseguiu chifres para isso. Lamarek ensinava que os bois possuiam chifres por causa do gosto e do habito de marrar. Segundo Darwin, as coisas não se passam tão simplesmente. Elle intercalla aqui a sua lucta pela vida. A manada é atacada pelos animaes ferozes, defende-se correndo e marrando. A marrada será tanto mais poderosa, o animal resistirá tanto melhor ao inimigo, quanto a sua cabeça fôr mais forte e mais dura. Se num exemplar qualquer esta dureza vae até aos rudimentos dos chifres, elle terá mais probabilidade de conservar a sua vida. Se os bois peor armados de uma tal manada, fôrem despedaçados, este exemplar assim constituido perpetuará a raça. Sem duvida



na sua posteridade encontrar-se-hão alguns individuos em que a conformação paterna se reproduza; e se, desde então, em novos combates, estes ultimos conservam a vida, serão elles principalmente os que tem os chifres melhor formados; e assim não poderá deixar de acontecer que por transmissão desta arma de um sexo ao outro, nascerá pouco a pouco uma nova especie provida de chifres, principalmente quando as femeas preferirem o macho assim ornado; e aqui apparece na theoria de Darwin, ao lado da selecção natural, a chamada selecção sexual a que, ainda ha pouco, consagrou uma obra especial. ¹

59 — A selecção natural e a concorrência vital

Na verdade, não parece haver aqui, primeiramente, senão uma gradação, um aperfeiçoamento no interior da mesma especie, e não uma differenciação em muitas especies. Mas, pelo menos na industria, a concorrência não leva só as actividades a chegar mais alto, dispersa-as tambem. Se todos os fabricantes inglezes quizessem trabalhar exclusivamente em lã, fariam bem mau negocio. Eis porque uma parte se dedicou á lã, outra á seda, outra ao ferro ou ao aço. A concorrência crescente entre os medicos foi a causa de os levar a especialisarem-se cada vez mais, de sorte que este escolheu um orgão, aquelle outro orgão do corpo humano, como campo do seu trabalho.

Na natureza, dá-se o mesmo. Supponhamos que a multidão dos competidores do valle fertil empurra um bando de herbivoros para as alturas; os vencidos habituam-se, bem ou mal, a um alimento mais magro, a um solo pedregoso, a um ar mais livre; depois de uma serie

¹ Ao leitor que se interessa por estes assumptos, aconselhamos o estudo de livro de Delage e Goldsmith, *Les Théories de l'Évolution*.

(Nota do trad. port.)

de gerações, estas condições tornam-se-lhes como sua patria habitual; mas introduziram-se na sua estrutura mudanças eorrespondentes: tornaram-se mais esveltos, trepam, sallam, vêm melhor; e no fim de tudo, formou-se uma nova especie. Passemos agora á classe dos passaros. Entre os mestiços sabemos que se distinguem duas classes: mestiços dos pinheiros e dos abetos; aquella, poderosa especie, que abre as pinhas mais duras, e se alimenta dos seus grãos; esta, mais fraca, que, por causa do seu bico egualmente mais fraco, ataca só as pinhas menos resistentes do abeto. Aqui se apresenta a hypothese de se ter formado a primeira especie nos paizes que só lhe offerciam alimento difficil de encontrar-se; mas podemos tambem suppôr que tendo uma concorrência incessante produzido a miseria, os individuos mais fortes da especie total fôsem levados a fazer esforços por um alimento que os mais fracos não deviam já, e cada vez menos de geração em geração, poder disputar-lhes.

60 — A lei das migrações

Tudo isto será assim; mas emquanto que a variedade nova habitar com a antiga familia o mesmo bosque, a mesma planicie, succederá que, a cada instante, um exemplar d'esta se juntará a um da outra; e a consequencia será que a descendencia voltará sempre ao typo primitivo e que o livre desenvolvimento do typo novo será assim impedido. A separação dos outros, dos exemplares em que uma variação se manifesta, este isolamento pelo qual só a edneação artificial obtem os seus resultados, parece faltar na natureza, e por isso taes resultados serem, nella, impossiveis.

Elle não falta na natureza! notou um naturalista allemão; mas a theoria tem aqui uma lacuna. O nascimento de novas especies não é certamente possivel sem separação; mas para tornar esta real, a natureza tem bastantes obstaeulos. O nosso Mauricio Wagner, que

viajou muito, lembrava-se certamente das suas excursões na Algeria, onde os rios, que descem do Atlas para o Mediterraneo, sem serem muito largos, constituem todavia verdadeiros empecilhos. Para certos pequenos roedores, para certos reptis, para certas especies de escaravelhos e de molluscos, o Chélif fórma um limite invencível. As largas torrentes como o Euphrates e o Mississipi, os braços de mar como o estreito de Gibraltar, têm uma acção ainda mais caracterizada. Mas as linhas de separação mais poderosas são as cadeias de montanhas sem sahida, como os Pyreneos e o Caucaso. Abstrahindo das especies que o homem transplanta voluntariamente ou que conduz consigo sem querer, d'um lado ao outro, nas suas especies mais estaveis, o mundo animal offerce uma differença extraordinaria, e a propria flora toma parte na diversidade das formas. Porque pondo de parte os que são organisados para um vôo ligeiro, as plantas assim como os animaes não vencem facilmente e habitualmente um braço de mar ou uma muralha de montanhas que se eleva até ás nuvens. Mas o instincto leva-os a tentá-lo: necessidade de se mover no animal como no homem, necessidade de crescer na planta; e em todos, é o resultado da concorrência vital. E' a concorrência que funda as colonias, não excluindo o acaso que transporta por vezes um ou mais individuos para regiões longinquas. Imaginemos, então, um casal de escaravelhos a quem uma tempestade ou uma canôa fazem passar o Chélif ou o Euphrates; um casal de reptis, ou, nos dois casos, sómente uma femea fecundada que atravessou as Indias ou os Pyrineos. Os viajantes trazem consigo o caracter particular com que no mundo da vida todo o individuo se distingue dos outros, caracter que escapando á influencia dos cruzamentos, pôde desenvolver-se sempre mais. E como a nova patria offerce muitas vezes um novo clima, e, em parte, novos alimentos, não pôde deixar de se produzir, um dia, desvios em relação á especie que fleou na primitiva patria.

E a linha de separação impede outros exemplares d'esta de seguir demasiadamente depressa os emigrados. Antes de um segundo casal effectuar felizmente a passa-

gem, series de gerações pódem desaparecer, e o primeiro casal viajante ter, desde muito, constituido uma nova especie. Só assini podemos, concluiu Wagner, explicar a circumstancia de não serem as mesmas as especies dos dois lados de uma tal fronteira, e em vez de uma similitude completa apresentarem dissemilhanças características.

A historia natural encontrará, com o tempo, um numero sempre maior d'estes meios e destes caminhos que a natureza pôz ou pôe ainda em acção para se differenciar ou, para fallar de um modo subjectivo, d'estas explicações da diversidade das fórmas organicas sobre a terra, que não se excluem, mas procedem todas harmonicamente para a solução do grande enigma.

61 — Os periodos terrestres

Para os tempos afastados, existe, em todo o caso, um poderoso mobil destas transformações, nas mudanças que a superficie de nosso planeta soffreu, durante longas series millenarias, quanto á temperatura, misturas de atmospheria, divisão das aguas e dos continentes.

Sabe-se que a historia d'estas mudanças, a historia da formação da superficie terrestre, nos é conservada d'uma maneira authentica pela successão d'essas camadas e pelos restos de plantas ou de animaes antigos que ellas contêm. Na verdade, esses livros de historia como os de Tito-Livio e Tacito, não nos offerecem ainda hoje senão fragmentos com importantes lacunas. E isto, em parte, porque circumstancias especiaes eram necessarias para assegurar a conformação de taes restos, e porque, mesmo com essas circumstancias, desapareceram muitas por causa da sua pouca solidez; em parte porque os archivos não têm sido investigados senão em certos pontos, isto é que só em poucos logares se tem interrogado o solo que cobre a superficie terrestre. Comtudo estes fragmentos não nos fallam em favor do transformismo sómente pela successão de fórmas analogas; mostram-nos ainda, se não

nos deixarmos cahir em erro por desvios apparentes, na sua totalidade, uma gradação ascendente.

Cuvier sabia já que as especies de animaes fosseis são tanto mais differentes das actualmente existentes quanto mais profundamente situadas estão as camadas que as encerram. Se descermos á profundidade das camadas, o exame mostra-nos que as fórmas mais recentes, tanto para as plantas como para os animaes, são em geral as mais perfeitas, ainda que muitas das preecedentes tenham mais corpo e mais força, e ainda que não lhes falem certas fórmas degeneradas. Assim no antigo reino vegetal, ás algas primitivas ou sargaço succedem primeiro os fetos sem flôres; depois, entre as plantas fornecidas de flôres, vêm as coniferas mais imperfeitas, emfim as arvores mais folhudas e toda a vegetação de florescencia perfeita. E' igualmente nas camadas inferiores que se eneontram os animaes do mais baixo grau; depois, mais adiante, os moluseos progressivamente desenvolvidos; depois d'estes os annelados; acima ainda os vertebrados, os peixes, os reptis, as aves e emfim os mamíferos; e em todas estas classes, do interior para o exterior, os mais imperfeitos precedem os mais perfeitos, até que nas camadas superiores apparecem os restos humanos.

O homem, é certo, não se encontra tão longe quanto, até ha poueo tempo ainda, costumavamos suppô-lo, nem mesmo só com o periodo presente de desenvolvimento da terra e da fauna. As descobertas feitas durante estas ultimas dezenas de annos nas differentes cavernas da França, da Belgica, da Inglaterra e da Allemanha, não deixam duvidas sobre o facto de o homem ter vivido num periodo precedente, como contemporaneo de raças desaparecidas, do mamouth, do urso das cavernas, das antigas especies de hyenas e de rhiuocerontes. Tambem apparece primeiro num estado extremamente imperfeito: os mais antigos craneos humanos eneontrados, testemunham uma organização muito inferior e são rodeados de miseraveis instrumentos de pedra e de ossos de animaes e de homens, que indicam, pelas suas fendas, que os nossos antepassados, com a carne e a medulla dos ani-

mais esganados, se banquetavam muito bem com homens mortos. E se pensarmos que só hontem fizemos estas descobertas sobre os nossos antigos predecessores e sobre o estado primitivo do homem, tornar-se-ha muito verosimil que não nos demoraremos muito perante esses achados e que poderemos surprehender, no futuro, o homem fossil num grau muito mais baixo do seu desenvolvimento, muito mais proximo ainda da sua origem animal.

62 — Origem simiana do homem

Porque depois do que precede não pôde haver a mais pequena duvida a este respeito, e quando procuramos em volta de nós as especies animaes que mais se approximam do homem, que offerecem por consequente o mais pequeno espaço para atravessar, não se pôde deixar de se ser levado ás grandes especies de macacos.

Tocamos, assim, na famosa descendencia simiana do homem, um *salve-se quem poder* não só para os velhos crentes e a gente pudibunda, mas tambem para muitos amigos do livre-pensamento. Quem não encontrar esta doutrina impia, acha-a de máu gosto; quem não vir nella um attentado contra a dignidade da revelação, vê um attentado contra a dignidade do homem. Deixemos a cada um o seu gosto; sabemos que ha pessoas para quem um conde ou um barão deshonrados pelo deboche são mais estimaveis que um burguez elevado pelo seu talento e pelo seu trabalho. Temos, nós, o gosto, precisamente, do contrario, e professamos a opinião de que a humanidade tem mais razão para se orgulhar se, partindo dos começos miseraveis da animalidade, por um trabalho sem deseanço, atravez uma serie immensa de gerações, se elevou pouco a pouco até ao seu estado actual, do que se descendesse d'um casal, formado primeiro á imagem de Deus, e em seguida expulso do paraizo, e não tivesse ainda, passado tanto tempo, attingido o grau d'onde cahira no seu principio. Como nada abate

tão profundamente a coragem como a certeza de não podermos nunca reaver completamente um bem perdido por nossa culpa, nada a entusiasma mais do que a perspectiva de um caminho a percorrer, que pôde conduzir-nos tão longe e tão alto que não lhe adivinhemos o fim.

Vou buscar a propria expressão da theoria á nova obra de Darwin: «o maior numero dos naturalistas, diz elle, seguiu Blumenbach e Cuvier, e collocou o homem numa ordem particular do reino animal, sob o titulo de bimano. Recentemente, ao contrario, muitos dos nossos melhores sabios voltaram á ideia primeiro expressa por Línneo, e collocaram o homem numa só e mesma ordem com os quadromanos (macaeos), sob a designação commum de primatas. O grande anatomista e philosopho Huxley — diz ainda Darwin — diseutiu a fundo este assumpto e chegou á conclusão de que o homem, em todas as partes da sua organização, differe menos dos grandes macacos que estes dos membros inferiores d'este mesmo grupo. Por consequencia não estamos auctorisados a classificar o homem numa ordem particular. Pelo contrario, os macacos que se assemelham ao homem, como o gorilla, o chimpanzé, o orango e o hylobata, são enfileirados pela maior parte dos zoologistas num grupo secundario distincto dos outros macacos do antigo continente. Se concordamos com isto, devemos concluir que um membro d'esta sub-ordem antliropomorpha deu nascimento ao homem. Sem duvida, relativamente ao seu parentesco (animal), o homem soffreu importantes modificações por causa, sobretudo, do desenvolvimento consideravel do seu cerebro e da sua posição vertical. Todavia não devemos esquecer que elle é uma das fórmulas melhores dos primatas. Verosimilmente, a Africa foi outr'ora habitada por macacos hoje desaparecidos, proximos parentes do gorilla e do chimpanzé; e como estas duas especies são as mais proximas parentes do homem, é, assim, inais que provavel que os nossos anligos geradores viveram no continente africano, e ahi mais que em todo e qualquer outro lugar. Mas não se deve cahir no erro de julgar que o antepassado commum de todo o ramo simiano, comprehendendo nelle o homem, tenha



sido identico ou mesmo muito semelhante a qualquer macaco actualmente existente». Darwin explica a grande lacuna que, ninguem pôde negal-o, separa o homem actual do macaco actual mais elevado, pela circumstancia de que as formas intermedias morreram e, porque estas estão enterradas no solo africano ou asiatico, tão pouco explorado até aqui pela geologia, não poderam ser ainda encontradas. Assim, accrescenta elle, esta lacuna tornar-se-ha cada vez maior, quando no futuro se tiverem totalmente expulsado, d'um lado as raças de homens inferiores, do outro os grandes mactacos anthropomorphos.

Já Schopenhauer trata a questão no mesmo sentido, e, enquanto que Darwin e seus successores indicam como primeiro gerador do homem uma especie desaparecida de macacos anthropomorphos, elle designa simplesmente o chimpanzé como antepassado do negro africano, isto é, da raça ethiopia, o pongo como o antepassado do amarello asiatico, isto é, da raça mongolica, e considera os brancos do Caucaso como uma raça derivada que deve a sua côr á baixa temperatura do clima. Segundo elle, o nascimento do homem não pôde ter lugar senão no Antigo-mundo e só entre os tropicos, primeiro porque a Australia não produziu macacos, e porque, se a America os produziu, não foram mais que macacos de grandes caudas, que nunca diminuíram, macacos inferiores por consequencia; em seguida porque, nas zonas frias, o homem teria morrido com o primeiro inverno.

63 — Passos pequenos e grandes periodos

Passos pequenos e grandes periodos ! poderíamos dizer que são as duas formulas magicas com que a sciencia contemporanea adivinha o enigma do universo, as duas chaves com que ella abre de uma maneira natural as portas até agora consideradas como não abertas senão pelo milagre.

Pelo que se refere primeiro aos periodos, os seis mil



annos que a escola christã dava ao mundo e ao homem desde a sua prefendida creação, tornaram-se, não passando além da apparição do homem, centenas, senão milhares de seculos. E este calculo, apesar de todas as difficuldades de uma apreciação exacta, fundada sobre os restos humanos descobertos no meio de alluviões, que exigiram elles mesmos tanto tempo para se formarem, este calculo repouza sobre bases incomparavelmente mais solidas que o calculo biblico fundado sobre a idade dos patriarchas e outras coisas semelhantes. A descoberta das estacas e das armas de pedra de que os homens se serviam antes de terem inventado a arte de traballar o cobre e o ferro, leva-nos a tempos, em comparação dos quaes as pyramides do Egypto devem ser consideradas novas e modernas. Mas a propria idade-da-pedra apparece como uma epocha de cultura, como um tempo em que, fóra dos seus meios de acção e de defeza naturaes, braços, nnhas e dentes, fóra e em vez dos que encontrava em volta de si e empregava assim mesmo, as pedras e os ramos d'árvores, por exemplo, — elle se servia já de engenhos aperfeiçoados pela arte, como o testemnamham esses instrumentos de pedra. Estes enormes periodos estão em perfeita relação com o periodo enorme que o homem deveu percorrer para chegar do macaco ao grão de poder das feras carniceiras.

E este progresso immenso apparece-nos como resultando de uma multidão de pequenos progressos imperceptiveis. *Divide et impera!* tal é ainda aqui a palavra de ordem. Não teve pouco trabalho, esta horda ainda simiana, que devemos representar como o berço do genero humano, para se elevar completamente e para sempre até á posição vertical, substituindo assim o modo dos grandes macacos que andam com os seus quatro membros, ou não passam, com os seus dois membros posteriores, de uma marcha cambaleante. Isto fez-se passo-a-passo, foi o producto de um tempo consideravel e de numerosos motivos. A posição nova devia deixar ás mãos a sua liberdade, permittir-lhes assim atirar pedras e clavas, confeccionar e manejar instrumentos; ella era, por consequente, exigida pela concorrência vital. Parece



ainda maior o progresso do guincho do macaco á lingua humana articulada. Comtudo, os macacos, como a maior parte dos animaes superiores, têm uma especie de lingua: dão gritos de alarme, quando sentem a aproximação de um perigo; segundo os seus sentimentos, lançam diferentes sons que são comprehendidos dos seus semelhantes. Todavia não vemos em nenhuma especie de macacos actuaes desenvolver-se mais esta faculdade; por muito que o macaco aprenda na companhia do homem, não consegue aprender a fallar. Mas os órgãos da voz que se desenvolveram no seu parentesco até á palavra não lhe faltam de modo algum, e de resto, não se trata do macaco actual, mas de um tronco primitivo que entre os seus ramos contou um que, pelo seu poder de desenvolvimento chegou, com o tempo, até á humanidade, enquanto que os outros se tornaram raças de macacos ainda vivas hoje. Até que esse ramo que no futuro havia de ser o homem, se tivesse formado a lingua, quanto tempo passou! mas quando elle a encontrou, por mais imperfeita que fôsse, ella desenvolveu-se com uma perfeita rapidez. A faculdade de pensar, que só appareceu verdadeiramente com a formação das palavras, deveu ter exercido acção sobre o cerebro, estendel-o, aperfeçoal-o, e, por seu lado, este aperfeçoamento cerebral deveu reagir sobre toda a actividade d'este sêr intermedio, assegurar-lhe a sua preponderancia sobre todos os seus collatraes, e completar-lhe a sua humanisação.

64 — A humanisação. — Diferenças entre o animal e o homem

Humanisação! Quem poderia crêr que tantos, não sómente laicos, mas naturalistas, acreditem na humanisação de um Deus e achem inacreditavel a humanisação de um animal, a evolução do macaco até ao homem? O antigo mundo e o extremo Oriente pensavam e pensam ainda hoje de outra maneira. A doutrina da metempsy-



choso liga o homem ao animal, e prende toda a natureza num laço sagrado e mysterioso. Só o judaismo, inimigo das divindades da natureza, e o dualismo christão cavaram este abysmo entre o homem e o animal. E' para notar que, precisamente na nossa epocha, uma profunda sympathia para os animaes se manifestou entre os povos mais civilisados, sympathia que teve, como effeito, a fundação, em todos os lugares, de sociedades protectoras de animaes. Vê-se, por ahi (o que, por um lado, é o producto da sciencia contemporanea), como vae nascendo no sentimento geral, o abandono das doutrinas espiritualistas que faziam do homem uma excepção na natureza.

Todavia, persiste ainda a opinião, não só do vulgo — mas, se a expressão me é permittida — a opinião da velha sciencia orthodoxa, que considera o homem e o animal como dois reinos á parte, separados por um abysmo em que nenhuma ponte se poderá lançar, porque o homem, por isso mesmo que é homem na sua essencia, desde o principio da criação possui alguma coisa que falta e faltará sempre ao animal. Deus fez os animaes, diz a historia mosaica da erecção, d'uma peça só; contrariamente, formou primeiro o corpo do homem do barro da terra, soprou-lhe, pelo nariz, a força da vida, e assim o homem se tornou uma alma viva. D'esta alma viva do velho auctor judaico, o christianismo fez, depois, uma alma immortal, um sêr de uma natureza e de um valor differentes das almas communs, que ninguem pôde rasoavelmente recusar aos animaes. Ou então se estabelecia a similitude das almas animaes e humanas, mas concedendo a mais a estas ultimas o espirito, como principio de intelligencia superior e de actividade moral. que as distinguia dos animaes.

Mas um facto scientifico que se não pôde ignorar nem combater é o que fêa dito: as faculdades do homem e as faculdades do animal differem só em gráo e não em natureza. Os animaes, diz com razão Voltairè, têm, como nós, sentimentos, ideias e memoria, como nós, desejos e emoções, e todavia ninguem pensa em attribuir-lhes uma alma immaterial; porque seria preciso uma tal alma para uma superioridade sem importancia nas

nossas faculdades e na nossa actividade? Por muito pouco importante que Voltaire a represente aqui, esta superioridade, da parte do homem, é enorme, fiando sempre uma simples superioridade, e nunca alguma coisa de natureza diferente. Pensemos primeiro nos animaes de classes completamente inferiores; para pintar os habitos e a intelligencia das formigas, diz Darwin, seria preciso um volume. Não se dá coisa diferente com as abelhas. É principalmente notavel que quanto mais attentamente se observa a vida e os costumes de qualquer especie animal, mais se é levado a fallar da sua intelligencia. As narrações referentes á memoria, á reflexão, á faculdade de aprender do cão, do cavallo, do elephante, são innumeraveis. E os proprios animaes selvagens possuem simillantes propriedades. Brehm diz das aves de rapina: ellas só procedem depois de terem reflectido; fórman planos e executam-nos. O mesmo fallando dos tordos: concebem depressa, e julgam bem, e principalmente para se prolegerem, empregam todos os meios e todos os caminhos. Nas sileneiosas florestas do norte, deshabitadas pelo homem, os animaes enganam-se facilmente; mas a experiencia fórma-os depressa e aquelles que se enganaram uma vez, não se deixam, facilmente, illudir uma segunda vez. Mesmo entre os homens em quem, de resto, elles não confiam completamente, distinguem muito bem os perigosos dos inoffensivos, deixam-se abordar mais pelos pastores que pelo caçador; o que confirma Darwin a proposito do gráo de penetração quasi inacreditavel, de previdencia e de manha que se desenvolveu entre as raças de pelles do norte da America, por causa das incessantes perseguições effectuadas pelos homens.

Ao lado do poder intellectual, Darwin busea mostrar nos animaes um começo de sentimento moral, que elle julga segundo os seus instinctos sociaes. Diffeilmente se poderá ignorar uma especie de pundonor, de consciencia na mais nobre raça de cavallos e de cães. E se relacionarmos com alguma razão a consciencia do cão ao medo do castigo, vemos passarem-se as coisas de maneira muito differente nos mais grosseiros dos ho-

mens? No reino animal, temos de reconhecer como germen de altas faculdades moraes, os cuidados, as sollicitudes, as fadigas, mesmo a dedicação pelos filhos. Aqui, para nos servirmos da expressão de Goethe respondendo a Eckermann, mostra-se já no animal, o bolão que no homem deve tornar-se flôr.

65 — A alma

Espanlamos-nos, diz Voltaire, com o seu sentir tão justo em laes materias, com o pensamento; mas o sentimento é tambem maravilhoso; uma força divina manifesta-se nos sentimentos do mesmo animal, como no cerebro de um Newlon. Quem, com effeito, tivesse explicado o movimento do polypo agarrando a presa que quer, os sobresaltos da larva picada, se nem por isso tivesse ainda comprehendido o pensamento humano, estaria em caminho de fazel-o e poderia allingil-o sem chamar em seu socorro um principio novo. Ainda mais, a ordenação das partes, o desenvolvimento consideravel do órgão material das sensações e do pensamento, que constituem, no homem e nos animaes superiores, o cerebro e o sistema nervoso, pôdem permillir-nos comprehendel-os mais facilmente do que poderiamos fazel-o, por exemplo, quanto aos instintos sociaes das abelhas e das formigas, cuja estructura é tão imperfeita.

«Se a alma nada pôde fazer sem o cerebro, diz Virchow, se todas as suas faculdades estão ligadas ás variações do cerebro, não poderemos prelender que o conhecimento ou qualquer outra coisa sejam o attributo immediato de uma alma independente», mas poderiamos dizer «que o cerebro sente e pensa, mesmo podendo sustentar que o conhecimento não pôde ser prodizido senão por alguma coisa que d'elle diffira». D'esta união das faculdades intellectuaes com o cerebro, faculdades que crescem e se desenvolvem com elle, que, mais tarde, na velhice, com elle enfraquecem, que soffrem com as suas doenças e as suas lesões, Carlos Vogt em particu-



lar (que aliás não é homem dos meus, mas com quem estou, no caso presente, de accordo) concluiu, sem fingimentos, que aecceitar uma alma substancia especial, «é uma pura hypothese; que nenhum facto em particular falla em favor de tal substancia, e que além d'isso a introdução d'esta hypothese é completamente inutil, pois que nada explica, nem torna nada mais elaro».

Pelo contrario, uma quantidade das difficuldades que cream o problema da sensação e do pensamento no homem, teve a sua unica origem na hypothese de uma alma distincta do órgão corporeo. Jámais philosophia alguma explicou e explicará como é que uma cousa que é extensa e não pensa, como o corpo, pôde trasmittir impressões a uma coisa que pensa e não é extensa como a alma; como esta trasmitte áquella impulsões; e principalmente como pôde ser possível qualquer commnidade entre ellas. Em todo o caso, seria bem mais facil conceber um só e mesmo sêr egualmente extenso e pensante. Naturalmente dizem-nos: um tal sêr não é possível. Ao contrario, sabemos que existe, pois que nós somos taes sêres.

E' inacreditavel como os homens, mesmo os sabios, se atrapalharam durante longos seculos em face d'este problema que, por isso mesmo, deviam reputar insolavel. Não ha duvida de que só ha pouco tempo se descobriu a lei da persistencia das forças, e ha muito ainda a fazer para nos fixarmos claramente sobre a sua applicação immediata, a transformação do calor em movimento e vice-versa. Mas não deve estar muito afastado o momento em que possamos applical-a ao problema das sensações e das ideias. Visto que em certas condições o movimento se pôde transformar em calor, porque não ha-de haver tambem condições em que elle se transforma em sensação? As condições, o apparelho necessario temol-os no cerebro e no systema nervoso dos animaes superiores, e, nas especies inferiores, nos órgãos que os substituem. Por um lado, o nervo locado põe-se em movimento; do outro lado responde uma sensação, uma preecepção, salta um pensamento; e reciprocamente, do interior ao exterior, a sensação, o pen-

samento, transformam-se em movimento dos membros. Quando Helmholtz diz: «Na producção do calor pela fricção e pelo choque, o movimento de toda a massa produz o movimento das partes menores; reciprocamente na producção da força d'impulsão pelo calor, o movimento das menores partes produz o de toda a massa,» — eu pergunto: Ha no que fica dito alguma coisa de essencialmente differente? não é uma consequencia necessaria d'estes ultimos factos?

Vão dizer-me que me entretenho com coisas que não percebo. Bem; mas outros virão que as hão-de comprehender, e comprehender-me a mim tambem ¹.

66 — O materialismo e o idealismo. — A historia natural e a philosophia

Se nisto se encontra a expressão do mais absoluto materialismo, não me revoltarei primeiro. Com effeito, considereei sempre, pela minha parte, como uma disputa de palavras, a famosa antithese em volta de que se faz tanto barulho, entre o materialismo e o idealismo, ou qualquer que seja a maneira como se queira chamar a esta segunda ideia opposta á primeira. Ambas têm o seu adversario commum no dualismo, que, segundo as ideias dominantes em todo o periodo christão, divide o homem em corpo e alma, divide a sua existencia em tempo e eternidade, e colloca em face do mundo creado e mortal, um Deus creador e eterno. Ao lado d'esta concepção dualista do mundo, o materialismo e o idealismo procedem ambos como monismo, isto é pretemdem explicar o conjuncto dos phenomenos por um só principio, e o representar-se o mundo e a vida como uma

¹ Tantes annos depois de Strauss, a Psychologia é ainda uma sciencia embryonaria. A propria concepção energetica que se vangleria de resolver as objecções formuladas ao Materialismo e ao Espiritualismo, essa mesmo está muito longe de dar solução ao problema. E' bom, pois, reparar na epocha em que Strauss escreveu as linhas que provocaram esta nota.

(Nota do trad. port.)

só peça. Emquanto que uma das theorias busca o seu principio nas altas espheras, a outra busea-o sob os seus olhos; esta eompõe o Universo de atomos e de forças atomicas; aquella de ideias e de forças ideaes. Mas se querem cumprir a sua missão, tem uma de descer das suas alturas até aos circulos mais infimos da nossa natureza, e de deixar-se verificar, no fim de contas, por euidadasas observações, assim eomo a outra de subir aos mais altos problemas do espirito e da moral, e resolvel-os.

De resto, bem eedo se deseobre que cada uma d'estas maneiras de vêr, levada até aos seus ultimos limites, conduz á outra. «E' verdade, diz Schopenhauer, que o eonhecimento é um produto da materia, assim eomo a materia é uma simples ideia do conhecimento». «Estamos no direito, diz o auctor da *Historia do materialismo*,¹ de suppor condições physieas, mesmo para o meehanismo do pensamento; mas não temos menos o direito de considerar, não só o mundo exterior que se nos apresenta, mas tambem os nossos orgãos, eomo uma simples imagem do que existe realmente». Todavia o que feia inalteravel é que não devemos attribuir uma parte das funcções do nosso sêr a uma causa physiea, e outra parte a uma eausa espiritual, mas sim ambas a uma só e mesma eausa, qualquer que seja a maneira que nol-a representemos.

Eis a razão porque penso que os dois systemas deviam poupar mais as suas armas, voltal-as contra o adversario commum, bem poderoso ainda, e olharem-se mutuamente como alliadas, ou pelo menos tratarem-se eonvenientemente. O tom elevade, ora pedantesco, ora inquisitorial, que muitos philosophos gostam de tomar contra a sciencia materialista, é tão eondemnavel e mesmo imprudente eomo, do outro lado, as inveativas grosseiras que os materialistas perpetuam contra a philosophia, mas sem invental-as. E d'este lado ainda o desprezo é mais

¹ Lange.

(N. do trad. port.)

que d'aquelle. Que os conhecimentos scientificos sejam indispensaveis ao philosopho; que elle não possa ignorar as recentes descobertas da chimica, da physiologia, ninguém no dominio philosophico quereria, hoje, negal-o; nós vemos as mais das vezes os representantes das sciencias experimentaes dispostos a fazerem tanto caso da philosophia como da astrologia e da alchimia. Pareceu-me receel-o durante um certo tempo, não ha que negal-o; mas que esses senhores me permittam uma piada *ad hominem*: como naturalistas, deveriam saber distinguir uma muda de uma doença mortal. Salla desgraçadamente aos olhos que a philosophia ha muito tempo que está soffrendo d'esta muda; todavia as penas não-de reaparecer. A dieta que lhe vemos observar é já o symptoma de uma crise salutar. Ella occupa-se principalmente com a sua propria historia, e nesse capitulo póde mostrar trabalhos junto dos quaes os tempos anteriores nada têm a apresentar que deva ser-lhes comparado, como profundeza e perspicacia. Assim está aberlo o caminho mais seguro para conhecer o que ella póde e o que ella deve, o que tem a fazer e, mais ainda, a permittir. E se em face dos seus esforços para se levantar, alguém deve desejar-lhe successo, são as sciencias naturaes. Porque os mais perfeitos instrumentos com que o naturalista a toda a hora opéra, as noções de força e de materia, de ser e de phenomeno, de causa e de effeito, etc., só a philosophia como metaphysica lhas póde fornecer, e como logica, ensinar-lhe a empregar-as. Só das mãos da philosophia o naturalista póde esperar o fio de Ariadne que deve dirigil-o atravez o labyrintho das observações particulaes, sempre mais numerosas. E sobre as ultimas questões, o começo e o fim, o finito e o infinito, o fim ou a contingencia do mundo, só a philosophia póde, até agora, indicar as soluções possiveis nessas regiões.

A actual sciencia da natureza traz já consigo este testemunho em favor da philosophia, em contradicção com o seu desdém apparente. Que ha pois no fundo da attenção geral que a theoria darwiniana encontrou no seu seio, senão o interesse philosophico que atravessando os factos particulaes, se lança na perspectiva infinita que esta

theoria apresenta a todos? Certamente, aquella que se chamou philosophia natural abraçou, imitando Juno, as nuvens, mas d'este abraço não sahiu fructo algum; emquanto que a theoria de Darwin é o primeiro rebento de uma união secreta da sciencia com a philosophia.

67 — Reimarus e a «Philosophia do inconsciente»

«A theoria de Darwin mostra como a finalidade pôde apparecer na formação do organismo, sem a intervenção de uma intelligencia, só pela acção das leis naturaes». Da mesma maneira que Helmholtz designa por estas palavras o naturalista inglez como o que afastou da explicação da natureza a noção das causas finaes, assim nós o temos julgado como o que expulsou o milagre da concepção do mundo. E as duas coisas confundem-se. Na natureza, a finalidade é o thaumaturgo, é ella que põe o mundo na cabeça, que, para fallar como Spinoza, faz do anterior o posterior, do effeito a causa, e com isso destroe totalmente a noção da natureza. Era para ella, principalmente no dominio da vida organica, que appellavam os que pretendiam provar que o mundo não podia ser concebido como existindo por si mesmo, mas sómenté como a obra de um sêr intelligente.

«Se o olho, diz Trendelenburg, no momento em que se fórma, fôsse dirigido para a luz, presentir-se-hia, antes de mais nada, que é o raio luminoso que prepara este precioso orgão. Presentir-se-hia a causa activa na força da luz. Mas o olho fórma-se na obscuridade do seio materno, para, quando naseer, corresponder á luz. Não se dá o mesmo com os outros sentidos. Entre a luz e o olho, entre o som e o ouvido, etc., ha uma harmonia preestabelecida, e esta parece indiciar um poder estendendo-se aos membros, e em que o pensamento é o alpha e o omega».

Do mesmo modo se argumenta sobre os instinetos dos animaes. Em todos elles — estas palavras de H.-S. Reimarus são ainda hoje classicas na opinião teleologica —

se notam certas tendeneias, certos instinetos e esforços naturaes, porque elles sabem executar, com mão de mestre, o que a mais perfeita razão teria podido aeconselhar-lhes para seu bem; e isto sem reflexão propria, sem experiencia nem exercicio, sem educação nem modelo, desde o proprio nascimento, com uma arte hereditaria. E assim como a arte, a sciencia e a prudencia não pôdem ser postas em acção sem intelligencia e sem fim, tambem não devemos attribuil-as ao animal inintelligente. Revela-se ahí uma intelligencia infinita que é a fonte primaria de toda a invenção e de toda a sciencia, e que conheceu o meio de fazer-lhe penetrar a porção necessaria na cega natureza de cada creatura».

O pensamento moderno, dirigido pela sciencia avancada do nosso tempo, não pôde aceitar mais este architecto intelligente dos organismos, este inspirador pessoal dos instinetos. Tem-se reconhecido muito bem que a consciencia, o sentimento da existencia não são possiveis senão por meio dos sentidos; que o nosso pensamento está ligado a um apparelho material, o cerebro e o systema nervoso, e que tem, por conseguinte, os seus limites bem longe do sêr absoluto. D'aqui sahe a ideia do auctor da «Philosophia do inconsciente» que suppõe um absoluto instinctivo, agindo como alma do mundo em todos os atomos e organismos, e determinando o conjuneto da criação e do curso das coisas por meio «de uma elarividente sabedoria que domina toda a consciencia». Depois o inconsciente procede como, antes, o absoluto consciente e pessoal; segue um plano e escolhe os meios mais proprios para a sua realisação; mas sempre sem ter a consciencia d'isso. As explicações que Eduardo de Hartmann dá da finalidade na natureza, assemelham-se completamente ás do velho Reimarus; nem a acção, nem o modo de acção são de outra maneira representados, mas sómente o sujeito activo. Não ha assim senão a mudança de uma palavra, sem utilidade para a questão. Primitivamente, era no sujeito que residia a contradicção, na relação dos seus attributos incompativeis, o absoluto e a personalidade; agora está na relação do sujeito com a sua actividade. Elle deu ao inconsciente propriedades e uma acção que só pôdem pertencer ao consciente.

68 — Darwin e a finalidade

Se se aceita que um inconsciente tenha produzido o que na natureza se apresenta como conforme a um fim, devo suppôr-lhe um modo de acção propria ao inconsciente que, para fallar como Helmholtz, age como uma força cega e produz, todavia, alguma coisa que corresponde a um fim. Com Darwin, a sciencia nova elevou-nos à altura d'este ponto de vista.

Quando Reimarus diz dos instinctos: «elles são uma actividade communicada por Deus ás almas animaes»; quando Darwin, ao contrario, as considera como um progresso attingido por innumeraveis gerações, por meio de pequenas transformações successivas accumuladas sob a influencia da concurrencia vital e da direcção da selecção natural, então apparece-nos inteiramente o abysmo que separa da antiga a nova concepção do mundo, e inteiramente nos apparece o progresso adquirido ha um seculo na intelligencia da natureza. Trendelenburg pára deante do facto do olho não se formar na luz nem pela luz, mas na obscuridade do seio materno, sendo todavia formado para a luz, e concluiu d'esta relação final, ainda que ella não encerre em si causalidade alguma, uma intelligencia absoluta propondo-se e cumprindo um fim. Mas o olho do embrião não se fórma senão no seio d'um sêr cujos proprios olhos estavain, ha muito, expostos á influencia da luz e que transmittie ao fructo das suas entranhas as modificações que a luz causou ao seu olho. Certamente não é o individuo humano quem, empregando a luz, faz um olho para si ou para a sua progenitura; mas não se segue tambem que este olho deva ser-lhe confectionado por um creador existindo fóra d'elle. O individuo vê-se possuindo um instrumento que, desde a origem dos tempos, os seus antepassados tem pouco a pouco aperfeiçoado. Helmholtz diz preeisamente do olho o que é verdade, de resto, de todos os outros orgãos: «o que o trabalho de series innumeraveis de gerações pôde attingir sob a influencia das leis de desenvolvimento de Darwin, coincide com o que a sabedoria mais sabia tenha podido

premeditar». Por estes antepassados e estas gerações, não se deve entender sómente os homens, que já teriam herdado, todos, olhos; precisamos de subir mesmo mais acima que a famosa lanceta, até aos primeiros principios da vida, ao momento em que, de uma mistura confusa de sensações, os sentidos especiaes se libertaram, e aperfeiçoaram pouco a pouco os seus órgãos, sob a pressão da necessidade. Assim, em todos os casos, ainda que o uso fortifique o órgão, o individuo tem uma acção das mais minimas. Mas como os individuos que, por causa de variações accidentaes nas condições da vida, o possuem em estado mais completo, são tambem aquelles que chegam melhor á perpetuidade,—este órgão deve aperfeiçoar-se no decurso das gerações. E os instinetos animaes estão no mesmo caso. Não é a abelha actual que inventa a colmeia, nem tão pouco um Deus que th'a indicia; mas no correr dos seculos, durante os quaes o insecto mais imperfeito foi successivamente as diversas especies de moseas, estas artes formaram-se na lucta pela vida por causa das necessidades crescentes, e transmittiram-se ás raças actuaes, que as gozam sem custo como um bem hereditario.

Voltemos agora ás palavras de Kant: «Dae-me materia e mostrar-vos-hei como d'ahi deve sahir o mundo»; empreza que elle julgava realisavel a respeito das massas inorganicas, mas que, segundo elle mesmo, devia falhar em face «de uma lagarta». A sciencia moderna não a realison, mas encontrou o verdadeiro caminho pelo qual ella poderá fazel-a no futuro, e não só exclusivamente pelo que toea á lagarta, mas tambem no que se refere ao proprio homem.

69 — O fim da natureza e do mundo

Como para os fins particulares da natureza, podia ser preciso tratar seriamente de um fim geral do mundo ou da creação tomada na sua totalidade, emquanto sómente se suppunha um creador pessoal, e que a existencia d'este mundo era considerada como um acto da sua vontade.

Partindo d'este ponto de vista, os theologos e os philosophos antigos apontaram como fim da creação ora a gloria do creador, ora a felicidade da creatura, affirmando ao mesmo tempo, com energia, que Deus não tinha necessidade do mundo, que a sua perfeição e a sua felicidade não se augmentavam em nada com isso.

Devemos parar deante do destino d'esta affirmação durante o ultimo periodo da philosophia moderna. Se já antes da creação do mundo, dizia Schiller, Deus possuia a mais alta perfeição, elle não teria razão para dar á luz tantas coisas por meio das quaes não poderia attingir um mais alto grau de perfeição, podendo sómente tornar-se menos perfeito. Com uma intelligencia tão clara, tão penetrante como a attribuída ao sêr divino pelo theismo ordinario antes da epocha da creação, ninguem poderia explicar um todo tão embrulhado como o mundo, ainda que elle goze d'uma certa ordem geral. Segundo Hegel, o espirito do mundo teve a paciencia de se enearregar do immenso trabalho da constituição do mundo, porque não podia chegar á consciencia de si mesmo por um trabalho menor.

Schopenhauer e seus adeptos exprimem-se, a este respeito, com muito menos prudencia. Seria preciso, diz aquelle, atacando o pantheismo, que um Deus fôsse bem mal aconselhado para que não soubesse procurar um prazer maior que o de transformar-se num mundo tão mesquinho como o nosso, e assim, sob a fórma de innumeraveis sêres vivos, mas atormentados e soffredores, que não subsistem algum tempo se não para se despedaçarem uns aos outros, supportar, sem medida e sem fim, a miseria, a dôr e a morte. E o auctor da *Philosophia do Inconsciente*, indo ainda além do mestre, se é possível, diz: Se Deus tivesse tido uma consciencia antes da creação, esta seria um crime imperdoavel; e a sua existencia perdôa-se por ser resultado de uma vontade cega; toda a constituição do mundo seria uma immensa loueura, se o seu unico fim, uma consciencia independente, tivesse podido existir antes d'elle. Proposições estas que se relacionam, a primeira principalmente com a doutrina de Schelling da creação, a segunda com a explieação de Hegel quanto á importancia da constituição do mundo.

Se perguntarmos o que é que torna este mundo tão indigno de um creador divino, Schopenhauer responde-nos: Não pôde haver nem dôr nem morte numa composição divina. E' principalmente a concorrência vital, com as suas dôres e os seus horrores sem conta, que lhe fecha o caminho para uma ideia satisfatoria do mundo. Mas esta mesma concorrência vital, com todas as suas consequências, já a reconhecemos como o fermento que traz para o mundo todo o movimento e todo o progresso; e, coisa extranha, Schopenhauer não lhe nega esse character: «fazer esforços e resistencia, disse elle algures, é tão preciso ao homem como á toupeira fossar; a estabilidade que produziria a inteira moderação de um prazer constante, ser-lhe-hia insupportavel. Quebrar obstaculos é o verdadeiro goso da sua existencia, quer elles sejam materiaes ou espirituaes; combater e vencer é uma alegria. Se lhe falta a occasião, elle busca-a, até onde pôde, para acabar com um repouso intoleravel». Na verdade Schopenhauer quereria destruir o effeito d'esta concessão, attribuindo já esta propriedade da natureza humana á má disposição do mundo. Contudo não seria muito difficil, em nome da propria disposição, refutar o seu pessimismo: «todo o movimento, diz Lessing, gera e destroe, produz a vida e a morte; traz para toda a creatura a morte ao mesmo tempo que a vida: qual vale mais: a morte e o movimento ou nenhuma morte e nenhum movimento?»

Ess'outra phrase de Lessing, que se Deus lhe dêsse a escolher, tendo na sua mão direita toda a verdade e na esquerda sómente o desejo sempre vivo de a conhecer, mas com a condição de errar sem cessar, considerando que só ao proprio Deus pertencia a verdade, elle se inclinaria humildemente para a mão esquerda, e supplicaria que o contheúdo lhe fôsse dado, — ess'outra phrase de Lessing foi sempre apontada como uma das mais requintadas que elle nos deixou. Encontra-se ahi pintado o seu genio faminto de investigação e de actividade. Se esta phrase fez em mim uma viva impressão, foi porque, sob a sua significação subjectiva, reconheci um alcance objectivo infinito. Porque, não estaria ahi a melhor resposta ao grosseiro discurso de Schopenhauer olhando como muito

mal aconselhado um Deus que não tivesse achado coisa melhor para fazer do que incorporar-se neste miseravel mundo, se o creador tivesse a opinião de Lessing, preferindo a lucta á posse tranquilla ?

Estas coisas parecem para o nosso ponto de vista, que não conhece creador consciante algum precedendo o universo, simples jogos de espirito. Mas abandonamos facilmente tudo o que se relaciona com o creador, e o conteúdo fleá-nos. Se nós não podemos attribuir a um Deus a escolha entre uma existencia sem dôr e sem morte, mas tambem sem movimento e sem vida, e uma existencia em que o movimento e a vida se adquirem com a dôr e com a morte, podemos todavia escolher nós mesmos se havemos de buscar comprehender este ultimo estado, ou, prendendo-nos com uma esteril condemnação de tudo o que lhe é inherente, se havemos de preferir o primeiro.

70

Fallandô ainda do fim do mundo, sabemos de uma maneira precisa que empregamos uma expressão subjectiva, e que comprehendemos sómente por ella o que julgamos reconhecer como o resultado geral do funcionamento das forças naturacs.

Em vcz de um Deus pessoal; o precedente capitulo conduziu-nos, como concepção ultima, producto das nossas observações e dos nossos pensamentos, ou como causa primaria, além da qual nada mais sabemos vêr, á ideia do Universo. No decorrer das nossas ultieiores considerações, aprendemos a olhal-o como um infinito de materia que, por meio de composições e misturas, se eleva a fórmãs e funcções sempre mais altas, e, por dilatações, concentrações e formações novas, descreve um circulo eterno. Em geral, o que nos parece resultar da constituição do mundo, é um movimento immensamente variado ou a maior abundancia de vida. Em particular, este movimento ou esta vida apparecem-nos moralmente e physicamente como desenvolvendo-se, luctando e elevando-se, e, na propria morte do individuo, preparando um novo nascimento.

A velha theoria religiosa via a realisação do fim do mundo no fim d'este mesmo mundo. Então libertam-se tantas almas humanas quantas se poderem fazer, ou quantas houver predestinadas; as outras mandam-se para o diabo para o castigo merecido; os espiritos são perfeitos e continuam a viver, enquanto a natureza, até ali condição do seu desenvolvimento, póde desaparecer. Segundo o nosso ponto de vista, o fim do desenvolvimento terrestre parece-nos, a nós também, estar bem mais perto da sua realisação, hoje que a terra está cheia de homens e das suas obras, e em parte de nações de uma alta cultura intellectual e moral, que ha milhares e milhares de seculos, em que era povoada apenas por molluscos ou anne-lidos a que se vieram, mais tarde, juntar os peixes, depois os grandes reptis e seus similares, e finalmente os primeiros mamiferos, mas sempre com a ausencia do homem.

Mas um tempo virá no fim, em que a terra não será habitada, em que talvez mesmo deixe de ser um planeta. Então tudo o que ella tiver gerado e creado no decorrer da sua evolução, todos os seres dotados de vida e de intelligencia, todos os trabalhos e todas as produções d'estes seres, todas as fórmãs politicas, todas as obras da arte e da sciencia, tudo isso não desaparecerá sómente da realidade sem deixar nenhum signal de si, mas não deixará mesmo lembrança alguma em qualquer espirito, porque com a terra morrerá a sua historia. Desde então, ou a terra terá faltado ao seu fim, e depois de uma tão longa existencia nada sahirá d'ella, ou então este fim, não significando nada que merecesse perpetuar-se, será attingido neste momento da sua historia. A consequencia dos acontecimentos da terra, que tiver persistido durante todos os periodos da sua evolução, terá sido, em parte, o desabrochamento e o movimento de vida o mais brilhante e o mais poderoso, considerado na generalidade; e em parte, e tomado particu-larmente, a direcção violenta, ascendente d'este movimento, que por esta ascendencia mesmo usurpava o fim dos individuos.

Aqui, o começo e o fim são apenas ideias relativas. A vida da terra, por exemplo, póde ser considerada, sob um aspecto, como erescente e, sob outro, como decrescente.



O calor, a fecundidade luxuriante, a imaginação poderosa diminuiram; a delicadeza, a elaboração e a espiritualização augmentaram. E' provavel que num futuro longinquo, tempos se preparem para a terra em que ella será ainda mais fria, mais árida, mais esteril do que agora; podemos dispôr-nos a representarmo-nos, nessa epocha futura, a humanidade como mais pequena, encolhida á maneira dos Samoyédes; mas é tambem presumivel que as condições mais desfavoraveis da existencia produzirão nella novas fontes intellectuaes e lhe darão mais poder sobre si mesma e sobre a natureza.

Se isto assim se reconhece para cada todo particular do Universo, e a terra é um d'elles, que, no meio de manifestações relativamente sempre mais elevadas, attinge, em si, seu fim em cada momento, este ultimo caraefer será verdadeiro tambem para o Todo infinito. Em nênhum instante o Universo é mais perfeito que no momento precedente; por outras palavras, não ha nelle nenhuma distincção entre mais cedo e mais tarde, porque nelle todos os graus e todos os periodos de envolvimento e desenvolvimento, de crescimento e de decadencia, de nascimento e de morte, se tocam um ao outro, e se completam mutuamente no infinito.

Por isso, cada classe de sêres se representa o fim geral do mundo, ou o resultado para cada todo particular, segundo um ponto de vista especial. Quando a variedade das manifestações vitaes, a lucta das forças e a direecção ascendente existirem tanto num planeta como noutro, num systema solar como num outro, haverá em cada um outros modos de acção, outras fórmas de phenomenos. E da mesma maneira, sobre a terra, este resultado deve tomar-fórmas differentes entre os differentes sêres vivos, alguma outra coisa deve apparecer durante o desenvolvimento das raças caninas ou felinas, assim como durante o desenvolvimento das raças humanas.

O que deve apparecer e apparece durante elle, vamos sabel-o — é a nossa esperanza — se busarmos, para concluir, responder á ultima das perguntas propostas:



Como dirigir a nossa vida?

71 — Desenvolvimento das faculdades moraes

O caminho que temos seguido para chegarmos até ao homem, a evolução que vimos produzil-o, conduziu-nos, quanto ao seu destino e aos deveres da sua existencia, a um ponto de vista differente do da Igreja Christã. Para nós, o homem não sahiu das mãos de Deus, mas elevou-se das profundezas da natureza. O seu primeiro estado não foi paradiziaco, mas sim quasi bestial. Em compensação, não praticou, logo nos seus primeiros passos, o crime que lhe arrebatou o paraizo; elle não começou pelas alturas para cahir immediatamente no abysmo; elle começou bem por baixo para subir, muito lentamente, mas sem descanço, para subir sempre. Por isso, elle reentra nas leis do desenvolvimento natural d'onde, desde o principio, a ideia christã do mundo o tirára.

Como sabemos, os principios do homem fôram tão humíldes, que mesmo depois da sua expulsão do paraizo, a historia biblica not-o pinta ainda muito elevado. Elle fal-o lavrar a terra; mas o que acaba de se destacar do ramo simiano não tinha ainda ahi chegado. O presentimento de um vestuario de pelle de animal é mais exacto, mas, ai!, nenhum Deus lh'o tinha confeccionado. Elle mesmo devia tel-o arrancado aos monstros, depois de os ter combatido e morto. No principio da sua evolução, vemos no homem um caçador faminto, um habitante das sombrias florestas, sim, mesmo um canibal, um comedor



de homens: como alimento vegetal para variar a sua carne e a sua medulla de urso e de rhinoceronte, pegar no que as arvores lhe offereciam em fructos e a terra em raizes nutritivas. Até que se tenha affeição á cabra, á ovelha, ao boi, como animaes domesticos, até que tenha cultivado o trigo numa parcella de terra, até que tenha accendido o lume, e feito assar a sua carne, até que tenha sabido esmagar o grão, amassar a farinha e cozel-a a este mesmo fogo, que de milhares de annos não deveram ter passado !

Por mais miseravel todavia que queiramos, que devamos representar-nos o estado do homem primitivo, precisamos pelo menos de lhe suppôr uma propriedade que poderia de futuro prestar-lhe um grande beneficio: a sociabilidade. Sem fallar nos outros animaes superiores, aquelles que em particular reconhecemos terem procedido da mesma origem do homem viviam já em sociedade. Esta não lhes é, indubitavelmente, muito util; aproveita-lhes na busca do alimento, na defeza contra os inimigos; mas, no resto, em nada os altera. Na familia animal, que ao contrario, devia desenvolver-se e tornar-se humana, a sociabilidade vem juntar-se á agilidade dos órgãos externos em geral e do órgão vocal em particular, e esta união pôde levar aos mais brilhantes resultados.

Como temos devida distinguir na formação dos corpos pertencentes á natureza inanimada, forças de atracção e forças de repulsão, tendencias centripetas e tendencias centrifugas, assim se nos apresenta esta dupla direcção na união social entre os sêres animados. A força de repulsão consiste na vontade particular dos que devem unir-se, querendo um ir aqui, outro alli, muitas vezes dois ou mais disputando o mesmo objecto, por exemplo, alimento; a que se junta ainda, não só antes de Helena, como diz o poeta, mas antes da propria Eva, isto é na humanidade primitiva, uma importante causa de guerra, a rivalidade pela mulher. Em compensação, o instincto social age no sentido attractivo, centripeto e com elle na mesma direcção a pressão exterior da necessidade, o ataque das forças superiores da natureza viva ou não viva. Este ultimo, motivo devia ter sobre o homem uma acção tanto

mais poderosa quanto a sua estatura era mais fraca em face dos terríveis carnívoros e quanto elle esperava poder resistir-lhes formando alianças.

E como no outro dominio, tambem no dominio humano, vemos a lei nascer da rivalidade das forças. Entre os proprios animaes, — e tanto mais quanto mais elevados fôrem — nenhum individuo é completamente igual a outro, nem pelo desenvolvimento do corpo, nem pela habilidade no trabalho. E' essa, com a differença das edades, a causa que leva o individuo mais forte, mais prudente, a collocar-se á frente do rebanho, como guia. Por mais perlo da animalidade que possamos representar-nos um primeiro rebanho humano, uma differença não tardou em estabelecer-se, logo que um se tenha mostrado mais corajoso na defeza contra o inimigo, ou que nas relações interiores do rebanho, tenha tratado com menos violencia os seus companheiros. Assim vemos, nestes começos lão infimos, esboçarem-se já duas propriedades que, no decorrer dos tempos, nos apparecerão como as duas grandes virtudes humanas: a coragem e a justiça. E sempre que ellas se encontrem não pôdem deixar de dar nascimento a duas outras: a perseverança e a circumspecção. Vemos assim egualmente a maneira como as facultade moraes se desenvolvem na sociedade.

Nem todos os membros da união possuem estas virtudes; mas para a prosperidade d'esta, ser-lhe-hia preciso possuil-as ou, pelo menos, não ter os defeitos contrarios. Quando estes predominam nas relações mltas dos companheiros, quando elles crescem, a sociedade é ameaçada de dissolução, de destruição. Enlão penelramos nma historia de longos e ferozes combates, durante os quaes as hordas humanas commetteram muitos crimes, soffreram muito, mas tambem aprenderam muito. Fez-se sob todas as fórmas, e um grande numero de vezes, a experiencia do que acontece quando, nma sociedade, nenhum membro está seguro da sua vida, da preza porque combaten, e mais tarde da sua propriedade; quando na relação dos sexos não ha outros obstaculos differentes do brutal desejo. Por essa experiencia caramente adquirida do que é funesto e do que é toleravel, foi-se estabelecendo entre



os povos, primeiro os costumes, depois as leis, e finalmente um conjuncto de deveres moraes.

72 — A regra moral superior de Jesus

Differentes combinações d'estas leis primitivas nos têm sido conservadas, provindo quer dos povos arianos, quer dos povos semíticos. Mais perto de nós existe uma que tem a sua origem numa epocha não das mais recuadas, mas já assaz antiga: o decalogo mosaico. Fôra das prescripções que se referem á religião judaica, elle é, na maior parte, um repositório de regras de direito: não matar, não roubar, não ser adúltero. Depois são por elle prohibidas certas acções que a sociedade não pôde, na verdade, impedir pelos castigos que lhes oppõe, mas de que pôde diminuir a frequencia. A prescripção de honrar pae e mãe, que encontramos egualmente nessas leis, é mais elevada; mas como não podia ser protegida pela ameaça de um castigo, o legislador tentou-o com a promessa de uma recompensa divina. Os dois mandamentos supplementares tão notaveis que prohibem desejar a mulher ou o bem do proximo, sahem completamente do dominio do direito para entrarem no dominio do sentimento. Já então se tinha feito a experiencia de que o mellhor meio de impedir certos actos era extinguir-lhes a origem no espirito mesmo do homem.

A's duas perguntas: como chégaram as leis ao homem ? e d'onde lhe vem o seu valor?, a lenda deu uma só e mesma resposta: fôram dadas por Deus, e assim são absolutamente obrigatorias para todos os homens. A Biblia descreveu com todos os detalhes a scena em que Jehovah, sobre o Sinai, no meio de trovões e relampagos, escreveu com a sua propria mão as taboas da lei para o chefe de Israel; aquelles a quem chamamos prophetas invocavam, egualmente, mais tarde, nas suas intimações, a ordem immediata de Deus; e finalmente Jesus apresenta o seu Evangelho, e por conseguinte a sua doutrina, como apoiada na sua dignidade de Messias, e nas suas relações

intimas e muito especiaes com o seu pae eccleste. Para nós, todos esses mythos estão arruinados, e estas prescripções não tem outra auctoridade que a que se contém no seu valor proprio.

As leis do Decalogo apparecem-nos como produzidas por um conhecimento experimental das necessidades da sociedade humana, e é sobre este fundamento que assenta, para nós, a sua inevitavel obrigação. Não desconhecemos todavia o que esta troca póde fazer-lhes perder: a origem divina produzia-lhes a santidade; a origem que lhes attribuímos dá-lhes utilidade, quando muito a necessidade. Esta perda da santidade só podia ser compensada se a sua intima necessidade, a sua fonte, não derivassem sómente das necessidades sociaes, mas ainda da natureza ou da essencia do homem.

Jesus disse aos seus-dicipulos: O que quizerdes que o mundo vos façã, fazei-o vós mesmos. Para os christãos crentes, esta prescripção reclama-se na dignidade divina da pessoa de Jesus uma auctoridade immediatamente divina. Para nós, ao contrario, a auctoridade que concedemos ainda a esta pessoa, é tanto maior quanto mais preceitos d'esses nos tem dado, quanto mais pensamentos d'esses a que não podemos recusar a nossa adhesão, nos tem exprimido. Não ha mais differença alguma no valor d'estes pensamentos, quer Jesus os tenha tirado todos inteiramente do seu espirito e do seu coração, quer elle seja devedor por elles de uma fonte extranha. E' assim que para a regra moral que neste momento nos occupa, não podemos desconhecer a influencia de um tempo em que, em seguida á dominação romana, a ideia geral da humanidade começava a nascer mesmo no meio do particularismo judaico.

Jesus não foi um philosopho, e a esta maxima como a tantas outras, elle não viu todo o alcance. Todavia ella tem em si alguma coisa de philosophia. Não se baseia sobre um mandamento divino, mas, para imprimir uma direcção ás acções humanas, colloca-se sobre o terreno da natureza humana (e não só das necessidades sociaes). E tal foi, sempre, o ponto de vista da philosophia.

73 — O principio moral dos stoicos e de Kant. — Deveres para comsigo mesmo e para com os outros

Os que devem ser reconhecidos como os mais poderosos philosophos praticos são os estoicos, na antiguidade, e, nos tempos modernos, Kant. O principio superior da moral stoica foi: viver de harmonia com a natureza. Se perguntássemos: Que natureza? Uns responderiam: a natureza humana; outros: a natureza universal ou a ordem do mundo. Mas a natureza humana resulta do dominio da razão sobre o instinto; eis porque o imperador philosopho escrevia que para os sêres rasoaveis, viver segundo a natureza era conformar-se á razão. Além d'isso, porque esta mesma razão, que deve dominar no homem, está espalhada em todo o mundo como principio divino, o homem que se conforma á sua razão age tambem segundo a razão geral do mundo. Emfim, visto que por esta mesma razão elle se reconhece como parte do mundo e principalmente como membro da grande comunidade dos sêres razoaveis, confessa-se assim obrigado a viver não só em vista do seu proprio bem, mas em vista do bem geral.

Como fundamento da razão pratica, Kant estabeleceu esta proposição: «agir de tal modo que o principio da tua vontade possa igualmente ser sempre o principio d'uma legislação geral». Quer dizer que cada vez que nos encontrarmos em estado de agir, devemos ter claramente no pensamento o motivo que nos leva á acção, e perguntar-nos então o que aconteceria se todos os homens pretendessem conduzir-se pelo mesmo principio; não se o mundo assim produzido nos agradaria, pois não se trata aqui das nossas sympathias ou antipathias; mas se salhria d'ali qualquer coisa de harmonico em si. Elle cita como exemplo a hypothese de um deposito que, depois da morte do que o confiou, o depositario desejasse guardar, certo de que nenhuma prova poderia ser invocada contra elle. Segundo Kant, elle deveria, pois, representar-se claramente o motivo porque se sente tentado a agir assim, isto é; todos devem negar-se a fazer um de-

posito, se ninguem pôde provar que elle lhes pertence. Como elle pensa que isto deveria ser um motivo seguido por todos, não pôde deixar de notar que este cahe por si proprio; porque então ninguem teria vontade de fazer qualquer deposito. Vê-se que Kant deseja elevar-se acima d'este preceito: o que vós quereis que o mundo vos faça, etc., pois que este ultimo põe em jogo uma inclinação, enquanto que Kant quer que seja só a razão a dictar as regras a seguir, depois de ler experimentado que ellas não contém em si nada de contradictorio. Aqui não anda mal Schopenhauer lembrando que a obrigação moral não pôde ser constituida por concepções abstractas, mas deve ligar-se a uma impulsão real da natureza humana. E ao lado do egoismo (e da tendencia para o mal que nós subordinamos ao egoismo de que elle é um exagero ou uma degenerescencia) elle encontra ainda como mobil das acções do homem, a compaixão, e esta ultima é para elle a fonte exclusiva do phenomeno moral. Se nós estendemos esta compaixão até á sympathia, chegamos ao principio de benevolencia que no seculo precedente os moralistas escossezes, principalmente, oppunham ao amor proprio. De resto, a maneira como o proprio Schopenhauer classifica estes actos que desenvolvem compaixão, indica-nos que devemos entendel-a neste ultimo sentido. Assim, elle distingue os actos em que se mostra a vontade (negativa) de não fazer mal a ninguem, ou actos de justiça, d'aquelles em que se manifesta a vontade (positiva) de socorrer outrem, ou actos de sympathia.

Por causa desta deducção, Schopenhauer não conserva naturalmente mais que deveres para os outros homens, e procura pôr em plena evidencia que não pôde haver deveres do homem para consigo proprio, o que Kant ainda admittia. Tomados os factos á parte, elle pôde ler muitas vezes razão: contudo a sua argumentação não me parece dar resultado completamente. Peguemos, por exemplo, num mancebo que deve fazer a sua educação; será a compaixão o mobil que o levará a tornar-se estudioso? Tomemol-a, como mais acima, no sentido de sympathia, e appliquemol-a á sociedade de que esse mancebo se

poderá tornar um membro util: bem entendido, Schopenhauer reconhecia como mobil moral sómente o que existe de facto na vida real, mas é excepção certamente que num homem o dever para com a sociedade seja o motivo que o determina á applicação e á vontade de se instruir. Podemos ainda fundarmo-nos sobre o desejo de dar aos paes a alegria que lhes cansam o trabalho e os progressos, e o desgosto que elles experimentam em caso contrario; mas não está ali o mobil real, que não é outro além do instincto de desenvolver e exercer as suas forças intellectuaes. Se, ao contrario, estivessemos tentados a dizer que não ha nada ali de moral, porque ali anda um elemento unicamente egoista, seria preciso então pensar em que ao lado das disposições intellectuaes e moraes, o mancebo sente em si disposições sensuaes, que como aquellas tendem á acção e ao desenvolvimento, e mesmo com uma vivaidade e uma violeneia que não egualam os instinctos superiores. Se desde então não dá todo o seu apoio aos instinctos sensuaes, quando elles inpedem o caminho aos outros, ser-nos-ha preciso chamar a isto um acto moral, que não se origina na compaixão, que não apparece principalmente como conducta moral do homem para com os outros, mas do homem para consigo proprio.

74 — Fundamento da moral. — A moral e a religião

Todo o acto moral, posso dizel-o, é uma harmonisação do individuo com a ideia que elle se faz da especie. Em primeiro lugar, realisar em si proprio esta ideia, tomar por guias os caracteres especiaes, a noção e o destino da humanidade, tal é o resumo dos deveres do homem para consigo mesmo. Em segundo lugar, reconhecer entre todos os outros os caracteres da especie, por toda a parte semelhante a si propria, desenvolvel-os, tal é o resumo dos nossos deveres para com os outros. Distingamos aqui os deveres negativos: não attentar contra os direitos de quem quer que seja, e os deveres positivos: soccorrer todos na medida das suas forças, ou por outras palavras, deveres de justiça e deveres de amor.



Quanto mais approximados de nós estão os circulos traçados em volta do individuo pela humanidade, mais vantagens lites recebemos, e mais immediatos são os deveres que temos para com elles. No mais proximo, mas tambem no mais intimo de todos, a familia, temos a conservar e a desenvolver o que recebemos d'ella, os cuidados cheios de ternura, os progressos para com a humanidade. Ao Estado somos devedores d'um solo firme para a nossa existencia, da segurança para as nossas vidas e nossas propriedades, e, pela escola, da nossa aptidão para a vida geral; cada um dos seus membros deve consagrar á sua estabilidade e prosperidade tudo o que a sua situação na sociedade lhe tornar possivel. Da nação recebemos a lingua e a cultura, consequencia da linguagem e da litteratura; a nacionalidade e a lingua fórmam o laço intimo do Estado, como os costumes nacionaes fórmam o fundamento da vida da familia; devemos sempre estar promptos a dar á nação as nossas forças, e, em caso de necessidade, a nossa vida. Mas a nossa propria nação não é mais que um membro do corpo da Humanidade, e não devemos desejar vêr um outro membro, nenhuma outra nação mutilada ou diminuida, pois que a totalidade não póde prosperar sem o desenvolvimento harmonico de todas as suas partes; pois que esta totalidade, devemos reconhecê-lo e regosijarmo-nos com isso, imprime o seu caracter a todo o individuo particular, qualquer que seja a nação a que este ultimo pertença.

Por outro lado os deveres do homem differem segundo a posição que elle occupa na commuidade; ao lado dos deveres geraes, ha os deveres de vocação e os deveres do estado. Em muitos casos, o estado é assignado ao individuo emquanto que a vocação é, na maioria dos casos, o facto da livre escolha e o seu objecto do dominio moral. Depois de teres medido as tuas proprias aptidões, dirá o preceito, abandona-te á tua vocação, que te permittirá prestar o maior numero de serviços para a felicidade commum, e em que encontrarás para ti mesmo a maior satisfação.

E por isso é preciso primeiro entender esta satisfação intima que se faz sentir em todo o sêr vivo, quando as suas



faculdades e o seu desenvolvimento correspondem á ideia que elle tinha feito da especie a que pertence como individuo; o sêr moral ou o homem tira, no sentimento unico da verdade, o que costumamos sempre designar grosseiramente como uma recompensa da virtude ou da piedade, recompensa que tem a sua origem fóra do proprio homem. Esta pretendida recompensa é collocada numa tal relação com aquillo de que ella deve ser o premio, que torna-se necessario um Deus para lhe assegurar a união; depois d'esta neecessidade, deduz-se logo uma prova da existencia de Deus. No nosso ponto de vista, o acto moral é por si mesmo tão inseparavel da sua acção reflexa sobre o sentimento, ou por outra, sobre a felicidade, que esta poderia quando muito tirar das circumstancias posteriores eôres differentes, mas não poderia nunca augmentar.

Se nas acções moraes o homem tem em vista a ideia da sua especie, que elle busca em parte realisar em si mesmo, que elle reconhece e busca em parte desenvolver nos outros, tem tambem em vista na religião a ideia do Universo, a fonte ultiima de toda a existencia e de toda a vida. E' neste easo que podemos dizer que a religião domina a moral, porque sahe de uma fonte ainda mais profunda, repouisa sobre uma base ainda mais antiga.

Não esqueças, em tempo algum, que és homem e não sómente um sêr como todos os sêres da natureza; em tempo algum, que todos os outros são egualmente homens, isto é que, com as suas differenças individuaes, são o que tu és, possuem as mesmas necessidades e direitos que possues; tal é o resumo de toda a moral.

Não esqueças, em tempo algum, que tu e tudo quanto vês em ti e á tua volta, tudo quanto te acontece e aos outros, não é um accidente sem consequeneias, um cahos de atomos ou de aeasos; mas que tudo brota, segundo leis eternas, de uma unica fonte de toda a vida, de toda a razão e de toda a bondade: tal é o resumo da religião.

Que tu és homem; que quer isso dizer? O que designamos nós por homem, e de tal maneira que não temos d'elle nem uma vaga noção, mas de que concebemos uma ideia positiva, resultado de experieneias precisas ?

75 — O homem e a natureza. — Estudo e dominação da natureza

«O mais importante resultado geral, diz Mauricio Wagner, que a geologia e a paleontologia comparada nos revelam, — e podíamos accrescentar o conjuncto das sciencias naturaes — é a grande lei do progresso». Desde os tempos mais atrazados que tenham deixado vestigios de vida organica até á epocha actual, este progresso constante na apparição de uma raça nova mais perfeita que as raças antigas, é um facto poderosamente estabelecido pela experiencia; e este facto é a mais consoladora das verdades que a sciencia jámais tenha descoberto. E' nesta tendencia immanente da natureza indo sem descanço para o melhoramento e aperfeiçoamento das suas fórmas organicas, que podemos encontrar a melhor prova da divindade; grande e bella palavra esta, accrescenta Wagner, a que, na verdade, o naturalista dá um sentido bem diverso do que lhe dá o padre de qualquer religião revelada.

O homem está tambem comprehendido nesle movimento ascendente da vida, e de tal modo que a impulsão organica (provisoriamente, dizem muitos naturalistas, mas nós deixamos o problema indeciso) attingiu no nosso planeta, quanto a elle, o seu mais alto lugar. Desde que não póde ir mais acima d'ella, quer entrar nella mesmo, reflectir-se, segundo uma excellente expressão de Hegel. A natureza sentiu-se já no animal; agora, quer conhecer-se.

E' aqui que o instincto, a actividade do homem, esforçando-se por perserutar e comprehender a natureza, encontram essa razão de ser que baldadamente tinhamos procurado no Christianismo. O homem trabalha segundo a sua vocação, quando nenhum dos sêres lhe parece muito infimo para estudar a sua estrutura e o seu modo de existencia, e tambem quando nenhuma estrellla lhe parece muito afastada para comprehendel-a no dominio das suas observações, para lhe calcular a orbita e os movimentos.

No ponto de vista christão, tudo isto, assim como os esforços para os bens terrestres, é um desperdício do tempo e da força que devem ser exclusivamente consagrados aos esforços para a salvação da alma; a transição para um tempo novo effectuava-se já quando o poeta da Mes-siade cantava sobre este bello lhema, «para lembrar ainda uma vez o maior pensamento da criação» — e, na verdade, da criação da «natureza mater».

Pelo homem, a natureza não quiz sómente fazer um passo para a frente, quiz elevar-se acima de si propria. Elle não deve, pois, ser só um animal, deve ser alguma coisa mais e melhor. E a prova de que o deve, é que póde fazel-o. As tendencias e os gozos sensuaes são inteiramente desenvolvidos e esgotados no mundo animal; não é pois para isso que o homem existe, da mesma maneira que, em geral, nenhum sêr existe para o cumprimento do que pertencia já aos graus inferiores da vida, mas para o cumprimento do que lhe é novo. Assim o homem deve impregnar e dominar a sua natureza animal, por meio do que n'elle ha de mais elevado, das faculdades que o distinguem da besta. A rude e cruel lueta pela vida desencadeava-se tambem, sufficientemente no reino animal. O homem não póde evital-a completamente, pois que é um sêr da natureza; mas deve emobrecel-a na medida das suas faculdades superiores, e saber suavisal-a, principalmente quanto aos seus simillhantes, pela consciencia da solidadade e dos deveres reciprocos da especie. O sêr, de natureza selvagem e violento, deve desaparecer na humanidade, que deve igualmente ser o *placidum caput* que o Neptuno de Virgilio eleva acima das ondas para as amansar.

Não basta só que o homem conheça a natureza; é preciso que saiba dominal-a, e tão longe quanto se estender o seu poder, tanto em relação a esta natureza que está fóra d'elle, como á que está nelle. E aqui ainda um campo vasto e de alta importancia para a actividade humana encontra o logar e a dignidade que lhe recusava o christianismo. Não só o inventor da imprensa, que favoreceu entre outras a extensão da Biblia; mas tambem os homens que lançaram a locomotiva na estrada ferrea, que

fizeram voar o pensamento ao longo dos fios metallicos — tudo obras do demonio, segundo a logica dos nossos devotos — fôram, no nosso ponto de vista, collaboradores do reino de Deus. A sciencia e a industria favorecem, é certo, o luxo que é, aliás, uma ideia relativa; mas favorecem tambem a humanidade. Queria accrescentar ainda uma palavra. O homem deve dominar a natureza que o cerca, não como um furioso, como um tyranno, mas como um homem. Uma parte da natureza com que utiliza as forças compõe-se de sêres sensiveis. O animal é cruel para o animal, porque elle sente poderosamente a fome e a colera, e não tem uma ideia bem nitida da dôr que causa no outro com as suas acções. Essa ideia bem nitida possui-a o homem, ou pôde possuila. Elle sabe que o animal é como elle um sêr sensivel. Por outro lado, está persuadido, — e a nosso vêr não erradamente, — que para conservar o seu lugar no mundo, não pôde deixar de infligir a dôr a muitos animaes. E' -lhe preciso tender a aniquilar uns, porque elles lhe são ou perigosos ou pesados; matar outros, porque tem necessidade da sua carne para comer, da sua pelle para se vestir etc.; escravizar outros ainda e, muitas vezes fatigal-os, porque não pôde prescindir do seu auxilio para o seu commercio ou para os seus trabalhos. Mas porque conhece e pôde, pela compaixão, representar-se a dôr que o animal experimenta, deve esforçar-se por agir de tal modo, que essa dôr seja reduzida ao seu minimo. Logo matará uns o mais rapidamente possível, e tornará a outros o serviço tão supportavel quanto puder. A violação d'estes deveres é vingada no homem pela diminuição do sentimento.

A historia criminal ensina-nos quantos têm sido carrascos e assassinos dos animaes antes de se tornarem carrascos dos homens. O tratamento que uma nação põe em pratica, em geral, para com os animaes, é um elemento importante para apreciar a sua humanidade. Sabe-se que os povos romanos supportaram muito mal essa prova e que os Allemães não a supportarão, durante muito tempo, facilmente. Aqui ainda o bouddhismo fez mais que o Christianismo, e Schopenhauer mais que todos os philosophos antigos e modernos. A quente sympathia e a sen-



sibilidade que se espalha atravez todas as suas obras, é um dos aspectos mais reconfortantes da philosophia de Schopenhauer, sempre cheia de espirito, mas multissimas vezes perigosa ou pouco aproveitavel. ¹

76 — O homem e a sensualidade

O homem, diziamos nós, deve dominar a natureza em si e fóra de si. A natureza no homem é a sensualidade. E' preciso dominar-a mas não amortecer-a, por que foi por ella que a natureza se elevou acima de si propria, mas ficando sempre natureza.

Chamamos sensualidade á disposição de um sêr que o torna sensivel a excitações exteriores, e que, por estas, o determina á actividade. Quanto mais elevado é um animal, menos uma d'estas excitações tomada á parte o leva immediatamente á acção. O animal superior lembra-se do que fez já num caso similhante e o que lhe resultou d'ahi, e segundo isso, dispõe da sua conducta no momento. E' nisso que se funda a possibilidade de lhe dar uma educação. Quando o cão, o cavallo, têm, durante um tempo sufficiente, sentido a dôr por terem agido depois de uma certa excitação, quando esta se produz de novo, elles acabam por se acaulelarem. E, como já vimos, até os animaes selvagens fazem experiencias e as põem em seu proveito. A rapoza, a marta raramente se deixam cahir de novo no laço de que uma vez com grandes difficuldades se livraram. O animal lembra-se, compara casos differentes e determina-se depois; mas não sabe tirar d'ahi uma lei geral, um verdadeiro pensamento. Ainda que conheça a especie, a variedade a que pertence; ainda que

¹ Reclama-se para Augusto Comto a prioridade da propugnação systematica do auxilio e protecção aos animaos. São bellas e concludentes as paginas quo a osse assumpto dedicou o ominente philosopho francez.

(Nota do trad. port.)

um pombo não tome uma gallinha por outro pombo, não é tambem capaz de se representar a ideia da especie: pombo.

Essa faculdade adquiriu-a o homem por meio da palavra, o que para elle, mesmo na vida pratica, é uma immensa vantagem que tem sobre os animaes. Percebe-se que o mais desvantajoso para elle seja deixar-se determinar á acção pela excitação do momento. Se compara um caso particular com os casos precedentes, dirige-se segundo as experiencias adquiridas, colloca-se pelo menos ao nivel dos animaes superiores. Mas elle só se elevou á altura da humanidade quando extrahiu da experiencia uma lei geral e constituiu um pensamento segundo o qual se determina á acção. Um joven e grosseiro aldeão que, pelo menor golpe ou mesmo por uma palavra desagradavel, pega logo na faca, não é melhor que um animal, mesmo um animal inferior. Um outro lembra-se que num caso identico, as facadas conduziam tal e tal á prisão; enlão evita-as, e é pelo menos tão bom como um cão bem ensinado ou uma raposa habil. Um terceiro reflectiu sobre esse facto, tirou d'elle a lei, ou a escola lh'a fornecem, de que a vida do homem deve ser sagrada para o homem; esse conduz-se como um membro da humanidade e nunca lhe virá á ideia pegar numa faca. E' esta faculdade de pensar a garantia poderosa contra a violencia da sensualidade.

A ideia da especie age como sensação no animal, da mesma maneira que age no homem; mas só este a possui na sua consciencia em estado de pensamento. A compaixão pela especie não impede o animal de rapina de despadaçar o seu similhante, não impede mesmo o gato bravo de comer os seus proprios filhos, da mesma maneira que não impede os homens de se destruirem uns aos outros. Mesmo a consciencia da especie não os faz parar; tudo eslaria bem se pudessemos estar garantidos da nossa vida junto de cada homem capaz de comprehender esta ideia — homem, e de nos comprehender nesla ideia como elle o faz para si. Mas ha diversas maneiras de nol-a representarmos, e é porisso que importa levar o homem a represental-a a si mesmo segundo o verdadeiro modo.



Primeiro isso não é mais que uma palavra, um som vazio, que não pôde ser de effeito algum; o completo effeito só poderá ser possível quando a palavra adquirir todo o seu alcance. A noção da especie humana considera o homem elevado, como se sabe já, ao mais alto ponto da natureza, e a sua faculdade de resistir ás excitações sensuaes pela reflexão e o juizo. De mais, a solidariedade da especie humana não toma a sua fonte sómente, como para as especies animaes, numa origem commum e numa constituição organica similhante, mas em que o homem se tornou tal pela acção commum dos outros, formando a humanidade uma commuidade solidaria unida pelos mesmos laços, num sentido diverso do de outra especie animal qualquer. Foi só com o auxilio do homem que o homem pôde elevar-se acima da natureza; só reconhecendo e tratando os outros como seres eguaes a si mesmo, só respeitando a constituição da familia e do Estado, é que elle se manterá nessa altura e continuará a subir. E', além d'isso, da mais extrema importancia que esses sentimentos se incorporem na existencia inteira, e que esta situação moral se torne para o homem como uma segunda natureza. Em relação a elle, é preciso que a dignidade humana, e em relação aos outros, é preciso que a sympathia nos seus differentes graus se tornem para elle um *habitus* permanente; é preciso que todo o attentado contra uma ou outra, sõe como um crime na sua consciencia.

Não lemos que prender-nos aqui com o problema da liberdade da vontade humana. A pretendida liberdade de indiferença é aliás reconhecida por toda a phisophia verdadeiramente digna d'este nome, como um vão phantasma, e a determinação moral dos actos ou dos sentimentos humanos não tem nada que vêr com a nossa questão.

77 — A sensualidade sob o ponto de vista dos sexos. — O casamento e o divorcio

Entre as excitações sensuaes, a excitação sexual é uma das mais poderosas, pelo que muitas vezes se comprehen-



den por sensualidade unicamente o que, no homem, se refere a esse instincto.

Sabe-se que a antiguidade procedia, a seu respeito, de uma maneira diversa da da moderna epocha christã. Ella julgava-o e tratava-o com uma independencia, que pôde parecer-nos ir até ao impudor. Reivindicava para elle o direito á vida e á mais completa extensão. Nas antigas religiões da alta Asia, encontramos o signal d'estas disposições em fórmas e usos monstruosos. Os gregos, pelo menos durante os seus melhores tempos, souberam relacionar este instincto com o culto da belleza humana, emquanto que os Romanos, depois de uma grande severidade primitiva, importaram para a sua capital, com os thesouros da Asia vencida, todo o fogo do delirio dos sentidos. O odio religioso dos Judeus aos Syrios, seus vizinhos, tendeu a afastal-os d'este desregramento, e de resto, o casamento e a educação dos filhos eram nelles uma honra. Mas não podiam impedir a corrupção geral dos costumes que alastrou por todo o antigo mundo no fim da Republica romana, e no começo do Imperio, e em que a preversão nas relações sexuaes tão grande papel desempenhou.

Os homens andavam cheios de gosos de toda a natureza; o mal estar apoderou-se d'elles; uma mesma disposição penetrou o mundo, como o exprime o Divan: «Os Persas chamam a isso *bidamag buden*; os Allemães dizem: *Katzenjammer* (mal dos cabellos). Tinham-se excedido na sensualidade; agora começavam a enfasiar-se, a detestal-a. Cá e lá, as ideias dualistas e as tendencias asceticas appareceram no mundo romano. Já nos neo-pythagoricos se pôde notar um afastamento de sensualidade; nos proprios judeus, partidarios do casamento e da familia, appareceu a seita dos Essenios que, na severidade dos seus principios, reprovava quer o casamento, quer as carnes e os vinhos.

Vemos tambem estas tendencias desempenhar o seu papel nos principios do christianismo cuja intima relação com o essenismo é uma hypothese que se não pôde provar, mas que tambem se não pôde negar. No apostolo Paulo e mesmo em Jesus, é impossivel desconhecer uma

tendencia ascetica, principalmente pelo que se refere ás relações entre os dois sexos. O apóstolo dos Gentios, julga o casamento como o melhor palliativo de um ardor grosseiro, enquanto que considera o celibato como o único estado em que se póde servir Deus inteiramente e sem partilha. O apóstolo estava bem longe, diz o seu sincero admirador Baur, de pensar que o casamento é não só uma relação natural, mas tambem uma relação moral. E Jesus parece-nos collocado no mesmo ponto de vista, apesar da sua doçura para os peccadores e peccadoras, particularmente quando elle elogia aquelles que se castraram por amor do reino de Deus. Em todo o caso, é certo que na ideia da Igreja, a sensualidade, na significação especial que tem aqui, não deve ser um attributo do homem, e só penetrou no mundo por meio do peccado dos nossos primeiros paes. Segundo a narração hebraica, estes deviam certamente, no Paraizo, ser fecundos e multiplicarem-se; mas, pensavam os padres da Igreja christã, sem desejo e sem prazer sensual; d'onde se segue que a humanidade teria morrido, como morreria de inanición, se comer não fósse um bem e se ter fome não fósse um mal.

Estes desejos são, ao contrario, conformes á constituição da natureza humana, porque estão por toda a parte comprehendidos nas leis da vida animal a que o homem pertence. Sómente neste, elles não devem, como no animal, obedecer unieamente á excitação carnal; devem ser ennobrecidos. Já o gosto esthetico, o sentido do bello que desempenha o seu papel na cultura geral do individuo, é um dos meios de ennobrecel-os; mas por si mesmo não basta. Em, nenhum povo, precisamente no que se refere ás relações dos sexos, foi o sentido do gosto mais desenvolvido que nos gregos, o que não o impediu de degenerar até aos ultimos limites. Faltava a condição de sentimento e de moralidade, que deve desenvolver-se pelo casamento. Ha duas bellas pinturas poeticas do casamento grego que os tempos heroicos nos legaram; mas no tempo mesmo do apogeo politico e intellectual, a esposa, atirada para o gynecceo, quasi á maneira oriental, afasta-se deante da metretiz requintada. No principio, a matrona tinha, entre os Romanos, mais importancia; mas mesmo sob este aspecto,

se mostrava a dureza da natureza romana, e as coisas fôram, nos ultimos tempos, até aos excessos mais completos.

Discute-se se o ennobrecimento do casamento pelo sentimento e pela allá consagração moral das relações entre os sexos se deve á influencia christã ou á influencia germanica. E' historico que a introdução do Christianismo entre os pagãos, preparados aliás para recebê-lo, teve por effeito tirar o exagero á sensuality, tornar mais intimos o commercio conjugal e, principalmente, a vida domestica; mas com elle appareceram tambem as praticas asceticas, e o beaterio hypocrita não se fez esperar muito. O solido espirito germanico teve necessidade de um longo espaço de tempo e do apoio do humanismo do antigo pensamento, antes de se poder desembaraçar, com a Reforma, pelo menos do ascetismo, ainda que não lenha escapado enlão, por causa das falsas noções persistentes sobre a sensuality, de uma maneira total, á hypocrisia e á beatice.

O christianismo encontrou a monogamia quasi em todos os paizes em que se propagou, principalmente entre os povos germanicos; e ella mostrou-se, em face da polygamia a que o islãmismo deu um novo esforço, como fórma superior, pois que, apesar de muitos esforços que promettiam muito, as populações polygamicas viram-se, finalmente, confinadas nos degraus inferiores da civilização. Os dois sexos não pôdem elevar-se á humanidade senão um pelo outro; mas esta reciprocidade exige uma egualdade que, de resto, não foi ainda attingida na monogamia e é absolutamente impossivel na polygamia. Esta é, além d'isso, invencivel obstaculo á educação moral das creanças. A esta posse de muitas mulheres está ligada alguma coisa de bestial; a base de toda a verdadeira comunidade humana é sempre este circulo sagrado: o marido, a esposa, o filho, o Universo moral em poulo pequeno, a presença immediata do divino no mundo humano.

Em opposição ao abuso que dominava nos Judeus, e em virtude do qual um marido podia repudiar a mulher da maneira mais completamente arbitraria, Jesus, como idealista, lançou-se no excesso contrario, e não fazendo

uma excepção senão para o adultério realizado, declarou o laço conjugal moralmente indissolúvel. Mas a questão do divórcio é um problema pratico tão embrullhado, que só póde ser resolvido depois de numerosas experiencias, e não por sentimentalismo, por mais nobre que seja, ou por uma proposição geral. A differença dos tempos e das civilisações que Jesus invocava contra o divórcio, fez egualmente sentir a sua influencia no caso contrario. Ao adultério, que podia bastar para motivo de divórcio nos tempos e com relações mais grosseiras, vieram junlar-se, com os progressos da civilisação, uma multiplicação de incompatibilidades mais subltis, que tornam tão impossivel como aquelle, a continuação salutar da vida conjugal. O problema do divórcio só é soluvel por um compromisso. Trata-se, por um lado, de evitar o capricho, de não fazer do casamento apenas o resultado de um desejo sensual, de uma satisfação esthetica, mas de uma vontade fundamentada, de uma obrigação moral, principalmente em attenção aos filhos, cuja existencia ou não existencia modificam essencialmente a posição da questão; mas, por outro lado, trata-se egualmente de não tornar muito difficil a ruptura do laço, quando a impossibilidade de uma vida commum util se estabeleceu depois de uma experiencia e uma prova sufficientes.

78 — Raças e povos. — A guerra e a liga da paz

Depois d'estas considerações sobre a ethica, é-nos preciso lembrarmo-nos da base real sobre que se desenrolam todas estas relações moraes.

Em virtude de uma lei que vemos estender-se a toda a natureza, a especie humana divide-se em muitos ramos, como aliás fórma raças e nações segundo os accidentes da superficie terrestre e o decurso da historia. As divisões não fôram sempre o que são hoje: ora pequenos grupos se fundem em grandes massas, ora grandes massas se dissolvem em pequenos grupos. Os espaços occupados tambem se mantêm pouco nas mesmas relações: ora as



raças emigram para todos os outros paizes, ora, pelo menos, modificam as suas respectivas fronteiras. Como o tempo, como os mares, as montanhas, os desertos ou os estepes formassem barreiras persistentes e invenciveis, os povos assim separados constituiram-se, cada um com a sua lingua, e os seus costumes particulares. Estas fronteiras, de resto, não são absolutamente fixas; muitas vezes não são traçadas por toda a parte de uma maneira distincta; acontece assim, depois de as grandes massas tomadas em globo reentrarem no repouso, que diminuidas se apertam, se impellem, se invadem e se defendem.

A historia de tudo quanto nos precedeu consiste unicamente no desenvolvimento intimo d'estas raças, com os seus cahos e as suas misturas, no avassalmento de uma pela outra, e finalmente, do de muitas por uma só; e, mais tarde, quando da dissolução d'estas grandes monarchias, na formação nova de estados mais pequenos; tudo isso acompanhado de uma transformação constante de costumes e de constituições, de um crescimento dos conhecimentos e da habilidade, de um requintamento da cultura e dos sentimentos, progressos que fôram muitas vezes cortados em parte por recuos continuos, em parte por voltas subitas. Vemos assim o horizonte da humanidade alargar-se por graus; pelas mais duras, precisamente, e as mais violentas d'estas transformações, as tentativas da monarchia universal, vemos, na verdade, muitas felicidades individuaes destruidas, mas tambem o progresso da especie consideravelmente assignalado.

No seculo precedente, ninguém foi pintado em côres mais desfavoraveis que o conquistador, pelas principaes vozes da cultura intellectual e da civilização. O poeta impio ¹ de *A Virgem* e o poeta piedoso da *Messiade* ² rivalisavam para exprimirem o seu horror pelos homens de sangue; e se mesmo o primeiro não perdoava ao grande Frederico as suas guerras da Silesia, o outro esquecia

1 Voltaire.

2 Klopstock.

(N. do trad. port.)

totalmente que sem a invasão da Asia pelo grande Alexandre, teriamos difficilmente possuído um christianismo. Desde esse tempo, uma observação mais profunda da historia nos ensina que é o instineto evolucionario dos povos e da humanidade que age pelos moveis pessoases, a ambição, o espirito de dominar d'estes individuos, e toma fórmas differentes só nos detalhes, segundo as suas propriedadês pessoases e nacionaes; o que determina ao mesmo tempo o seu merito reciproco. Ainda que se possa encontrar differenças, quanto ao seu valor intellectual e moral, e tambem quanto á sua importancia guerreira e politica, entre um Alexandre e um Attila, entre um Cesar e um Napoleão, nem porisso deixam de ser todos alavancas na historia do mundo; não podemos, sem a sua appareição, representarmo-nos a evolução da humanidade, o progresso da cultura.

Porque a guerra é o meio dos conquistadores, e porque é justamente este instrumentó de ferro que eustou aos povos tantas feridas sangrentas, o zelo humanitario dirigiu-se, na nossa epocha, contra a guerra. Ella é declarada absolutamente condemnavel, fórman-se associações, promovem-se congressos para se chegar á sua destruição total. Vejo-me obrigado a perguntar aqui porque não nos agitamos tambem para a destruição das trovoadas. Tão possivel é uma como as outras; mas na situação actual das coisas, ella é tambem pouco desejavel. Assim como nas nuvens se junta sempre electricidade, assim nos povos, de tempos a tempos, se junta um fermento de guerra. Nunca as nações e os Estados da terra serão limitados e equilibrados, uns em face dos outros, de modo a satisfazerem as suas necessidades e pretensões; e apparecerão sempre mesmo no interior dos Estados, rivalidades, obstaculos, estagnações que acabarão por se tornarem intoleraveis. Nestas luetas de partidos que pertencem ao mesmo povo, um entendimento pacifíco desembrulha, na maior parte dos casos, a situação; entre dois povos, mesmo, differenças secundarias se deixam vener por tribunaes de arbitros livremente escolhidos. Na lueta pela vida e pelo poder, os povos procurarão entender-se talvez por algum tempo; mas em regra o tratado não será senão um

armistício até que um se julgue, por si ou por seus allia-
dos, bastante forte para poder rompet-o. A *ultima ratio*
dos povos, como outr'ora para os principes, continuará
a ser o cautião. ¹

Digo como outr'ora para os principes, porque tudo
concorre, de todos os lados, para que os principes cada
vez menos possam entprehender guerras para a unica
satisfação da sua propria ambição. Napoteão III não teria
declarado a ultima guerra, se a ligeireza do seu povo
não o tivesse assegurado de que seria seguido, se mesmo
elle não se sentisse impellido para ella; e o rei Guitherne
teria tentado escapar a esta mesma guerra se não estivesse
certo, aceitando-a, de que agia assim segundo os senti-
mentos e o coração do seu povo ¹. D'esta vez aceitar a
guerra era para a Allemanha um acto puramente racional:
se o proprio Kant fôsse ministro do rei da Prussia, não
llhe teria dado outro conselho. E' verdade que isto suppõe
sempre d'um lado a paixão e a inintelligeneia; mas em-
quanto os homens fôrem homens, estas não faltarão nem
entre os povos nem entre os individuos. As guerras tor-
nar-se-hão mais raras, mas não aeabarão.

Suppôr-se-ha difficilmente que os oradores, homens
e mulheres, do famoso congresso da paz realizado em
Lausanne, se tivessem lembrado das odes de Horacio;
d'outra maneira, poderíamos ter-lhes lembrado o verso
onde se trata do furor do leão eruel de que o formador
dos homens, Prometheo, depôz uma parella no coração
do homem. E mesmo a theoria do seu visinho Carlos

¹ E' affirmar muito. Todavia Strauss tem a desculpa-o a
épochã em que escreveu. Heje, tudo o indica, tem-se como certo,
se bem que não muito proximo, o advento da epochã em que as
questões internacionaes se decidirão definitivamente em tribunaes
especiaes.

² Strauss, como testemunha presenoial de guerra e allemão,
é pouco competente para a julgar. E as suas palavras são lamen-
tavelmente parciaes. A Allemanha não aceitou a guerra: provo-
cou-a. E provocou-a, porque viu n'ella a maneira de conseguir a
unificação sob a hegemonia da Russia.

(Nota do trad. port.)



Vogl, a que elles adherem sem duvida, teria deuido levat-os ao mesmo resultado. Se o homem, ainda que fôsse o rebento mais brilhante, tem a sua origem no reino animal, pela sua propria natureza é um sêr irracional; e apesar de todos os progressos da razão e da sciencia, esta natureza, o desejo e a eolera, nem porisso conservarão sobre elle uma grande influencia; e — sabeis, Minhas Senhoras e Meus Senhores, em que epocha vós levareis a humanidade a terminar as suas questões por uma convenção amigavel? No mesmo dia em que vós tiverdes encontrado uma organização tal que esta mesma humanidade só se perpetue por meio de conversações intellectuaes.

79 — O principio das nacionalidades

Se nos tempos passados as guerras fôram, principalmente, provocadas pelo desejo individual dos povos e dos seus chefes de subjugar os outros e roubal-os, de estender o seu poder além do seu dominio natural, na epocha actual, se abstrahimos das guerras de conquistas empreendidas pelas nações europêas nas partes do mundo estrangeiras, a causa mais frequente das guerras é o desejo que os povos têm de attingir as suas fronteiras naturaes e nacionaes, isto é que sempre que um povo fallando uma mesma lingua é dividido em diferentes Estados, ha o desejo de destruir estes limites, ou então, sempre que porções d'estas raças tenham sido ligadas a povos de lingua differente, o desejo é de voltar ao tronco primitivo. E' a isto que se chama o principio das nacionalidades, que no começo d'este seculo entrou em actividade como reacção contra a tentativa de Napoleão I para dominar o mundo; e que nestes ultimos vinte annos, com o concurso logo retirado de Napoleão III, transformou a Italia, e, em lucta contra o mesmo Napoleão, transformou a Allemanha.

Se nós outros, allemães, temos dado a este principio a nossa completa adhesão, se nós nos temos afeiçoado



a elle, sem contudo pensarmos em segui-lo até ás suas ultimas consequencias, contentes por termos procurado ao nosso povo e ao nosso imperio uma extensão que não lhe assegura só a existencia mas a faculdade e o poder de resistir; se não pensamos numa reivindicação violenta dos domínios allemães na Suissa ou das provincias russas do Baltico, ou mesmo das provincias allemães na Austria, vemos, ao nosso lado, unida a estas falsas predicas em favor da paz, levantar-se uma doutrina que nada quer saber do principio das nacionalidades, em virtude da qual uma certa fórma politica ou social é superior á solidariedade nacional. Os grandes Estados devem dissolver-se numa multidão de pequenas democracias sociaes-federaes, entre as quaes, desde então, as differenças das linguas e das nacionalidades não formem nenhuma barreira, não sejam mais o pretexto de qualquer questão.

Chama-se a isto cosmopolitismo, dá-se como um progresso attingido do ponto de vista restricto nacional sobre o ponto de vista universal da humanidade. Mas; sabe-mol-o, todo o pedido deve ser precedido da instancia, e a instancia intermedia entre o individuo e a humanidade é a nação. Aquelle que não quer saber nada da sua nação, não é um cosmopolita, é um egoista.

Não nos elevamos ao sentimento humanitario senão pelo sentimento nacional. Os povos, com as suas faculdades especiaes, são as fórmas naturaes por que a humanidade chega á existencia, fórmas que nenhum homem intelligente pôde pôr de lado, e de que nenhum homem leal deve destacar-se. Entre os males de que soffre o povo dos Estados-Unidos da America, um dos mais profundos é a falta de character nacional. As nossas nações europeias tambem são misturadas de povos: na Allemanha, na França e na Inglaterra, elementos cellas, germanicos, romanos, slavos, introduziram, penetraram, misturaram os seus caracteres. Mas, no fim de contas, fundiram-se, fundaram grandes corpos de nações e (a não ser para algumas fronteiras mal definidas) neutralisaram-se num producto novo, que é precisamente a nacionalidade actual. Nos Estados-Unidos, ao contrario, todos os elementos estão em ebullicão, em fermentação por causa de depositos constantes



de materias novas; a mistura fica uma desordem, e não chega a formar um todo formado de vida. O interesse para um estado politico commum não pôde substituir o sentimento nacional; elle não tem, como o prova este caso, o poder de levar o individuo, do amor proprio, da sêde do oiro, ás tendencias ideaes. Onde não ha sentimento nacional, não ha coração.

Não esquecemos que por vezes as fronteiras nacionaes são demasiadamente estreitas para os nossos grandes espiritos do ultimo seculo, para Lessing, Goethe, Schiller. Como se sentiam cidadãos do mundo, e não sómente do imperio allemão, nem com mais forte razão do de Saxe ou da Suabia; era muito pouco para elles pensar e escrever segundo o espirito de um povo. Klopstock, com o seu enthusiasmo pela nacionalidade e lingua allemã, parecia no meio d'elles um sêr bizarro. Schiller sabia bem todavia e exprimiú com todo o peso da sua sã razão, que o individuo deve «affeioar-se á patria amada», porque só ali «estão as poderosas raizes da sua força»; e nos trabalhos dos nossos outros dois grandes homens, encontrar-se-liam sufficientemente, declarações que testemunham que n'elles o cosmopolitismo não excluia o patriotismo. E, depois, em que consistia o seu cosmopolitismo? Elles abraçaram na sua sympathia toda a humanidade; desejaram vêr as suas ideias de moralidade perfeita e de liberdade judíciosa, realisarem-se pouco a pouco em todos os povos. Que querem, pelo contrario, os promotores actuaes da fraternidade dos povos? Querem, antes de mais nada, o nivelamento das condições materiaes da existencia humana, das fontes para a vida e para o gozo; o intellectual não vem senão em segundo plano, e com o fim, principalmente, de cooperar para a criação d'estes meios de gozo. E trabalha-se assim para uma egualdade, para uma fastidiosa mediocridade, que vê toda a superioridade senão com despeito, com indifferença certamente. Não, esses cidadãos do mundo não devem apoiar-se em Goethe e Schiller.

Se os devessemos comparar a alguém seria, como ha muito se faz, com quem não tem outra patria além do Vaticano, qualquer que seja o paiz que habite, a Al-

lemanha ou os paizes latinos, a Inglaterra ou a America. Não querem estado nacional, porque elle limita a sua auctoridade sacerdotal universal; como os outros a não querem, porque elle é um obstaculo á divisão da humanidade em pequenas democracias fracamente organisadas e unidas por laços egualmente fracos. Se os ultramontanos, invocando apparentemente os direitos da liberdade politica, traballiam, na verdade, para a escravidão do pensamento, pelo seu lado os internacionalistas, exallando o individuo com as suas necessidades e as suas exigencias materiaes, põem em perigo os interesses superiores da intelligencia. E' só pela sua constituição em nacionalidades que a humanidade pôde esperar approximar-se do seu destino; quem desprezar esta constituição, quem não tiver piedade pelo sentimento nacional, merece que pronuncieemos sobre elle estas palavras: *hic niger est*, traga elle barrete negro ou bonnet vermelho. ¹

80 — Os Internacionalistas e os Ultramontanos

Pelo que se refere ás diferentes fórmas de governo, a opinião que se deve olhar como dominante, entre nós na Allemanha, é que a Republica é com certeza a melhor de todas. Mas as circumstancias e as relações actuaes dos grandes Estados europeus não a permittem ainda, pelo que nos é preciso, portanto, até nova ordem e durante um periodo de tempo que não se pôde determinar, contentarmo-nos com a fórma monarchica, buscando torna-la tão supportavel quanto possivel. Isto é um progresso, em comparação das tendencias da opinião ha vinte e quatro annos, quando um partido numeroso julgava

¹ E ainda Strauss não conhecia o antipatriotismo herveista. A severidade da sua critica tem toda a razão de ser, porque patriotismo não é synonymo de militarismo ou de chauvinismo.

(Nota do trad. port.)

destruidas as condições da monarchia e suppunha poder marchar immediatamente para a republica.

De resto, a questão: qual é a melhor forma de governo ? é sempre mal posta. Ella parece-se com est'outra: qual é o melhor vestuario ? questão que não pôde ser resolvida independentemente das considerações climatericas e de estação, por um lado, e considerações de idade, de sexo e de saude, por outro. Não ha, em absoluto, melhor forma de governo, porisso que a politica é sempre alguma coisa relativa. A republica pôde ser excellente para os Estados-Unidos, nos immensos espaços da America, onde não ha a ameaça do inimigo externo, nem a ameaça de um partido interno; para a Suissa, no meio das suas montanhas; e pôde ser, neste caso, garantia da sua neutralidade, para o proprio interesse dos eslados visinhos. Mas, por isso mesmo, seria funesta para a Allemanha apertada entre a Russia, ambieionando estender-se, e a França que tem sêde de vingança.

Se mesmo a opinião quizesse avaliar a capacidade real das differentes formas de governo para assegurar a dignidade, ou, para não prejudgar a questão, para assegurar o desenvolvimento e o destino do homem, deve dizer-se que, ainda hoje, nada pôde ser concluido em favor da Republica. Alé agora, a historia e a experiencia de nenhum modo nos ensinam que nos Estados republicanos a humanidade se approximasse mais rapidamente e mais seguramente do seu destino (isto é da evolução harmonica das suas aptidões e das suas faculdades) que nos Eslados monarchicos. Nem nos fallem das republicas da antiguidade, pois que conservando a escravidão, ellas se constituam antes em fechadas aristoeracias. Na idade-média, não nos apparecem senão como pequenas communitades, cidades com seus territorios, e se não com uma escravidão real, ao menos ainda sob formas essencialmente aristoeracias. Na actualidade, só passam, como se viu principalmente em França, com o caracter de violentas crises politicas; ellas não offerecem, pois, constituição duradoira senão na America, em enormes proporções, e, em proporções menores, na Suissa.

Eslas duas republicas, as unicas solidamente consti-



tuidas, apresentam vantagens que parecem pertencer-lhes em commun. Primeiramente aquella que lhe trouxe o favor das multidões com menores encargos para os cidadãos, um estado financeiro melhor. Depois a participação não mais sómente passiva, mas activa e influente, dos cidadãos no governo. A isto junta-se um campo mais vasto do que em parte alguma, para a liberdade individual. Mas o lado fraco apparece immediatamente. Está aberta a porta á anarchia politica, o Estado está em fermentação perpetua e posto sobre o plano inclinado que conduz quasi irresistivelmente a uma democracia cada vez menos esclarecida: desde então, a mais detestavel de todas as fórmulas governamentais.

Emquanto que não desesperamos de vêr introduzir na monarchia a liberdade individual e a participação dos cidadãos no governo, enquanto não fôrem incompatíveis com a segurança do Estado, não vemos, nas duas republicas citadas, a prosperidade dos altos interesses intellectuaes que encontramos na Allemanha e comparativamente na Inglaterra monarchicas. Não que lhes faltam escolas, estabelecimentos de instrucção superior e inferior, que, na maior parte, estão bem installados e bem fornecidos; mas constatamos a ausencia de brilhantes resultados. E, todavia, na Suissa, os cantões que dão o tom são allemães; o elemento allemão domina egualmente nos Estados-Unidos ao lado do elemento inglez; e apesar d'isto, não pôde dizer-se que nos dois paizes a arte e a Sciencia tenham attingido o alto grau que possuem na Allemanha e na Inglaterra. A Suissa não possui litteratura classica propria; n'esse assumpto, é nossa hospede, da mesma maneira que entrega as cadeiras de ensino das suas escolas superiores, principalmente a professores allemães ou formados na Allemanha. E' essa tambem a condição da America do Norte em face da litteratura ingleza, e quando as coisas não vão tão longe, encontramos, pelo menos, tanto a sciencia como a educação collocadas antes de tudo, no terreno do exaeto, do pratico, da applicação e da utilidade. Numa palavra, em cultura intellectual, as duas republicas apparecem-nos, a nós outros allemães, com alguma coisa d'um realismo grosseiro e d'uma frieza

prosaica; transportados para o seu sólo, falta-nos esta atmospheria mais delicada da vida intellectual que respiravamos na nossa patria; enquanto que encontramos, além d'isso, na America do Norte, um ar empestado por uma corrupção que se escapa do seio das classes preponderantes, como se encontra na Europa só nos paizes mais abandonados. Como julgamos ter reconhecido que estes defeitos, com a ausencia de nacionalidade, lhes são devidos em parte á organização republicana, assim somos levados a não lhe conceder vantagens sobre a monarchia, antes de uma experiencia mais completa. ¹

81 — Monarchia e Republica

E' certo que a organização de uma republica, mesmo grande, é mais simples, mais intelligivel do que a de uma monarchia bem entendida. A Constituição federal suissa, para não fallar das constituições espeziaes dos cantões, está para a da Inglaterra, como um moinho de agua está para uma machina a vapor, como uma valsa ou uma romanza para uma fuga ou uma symphonia. Na monarchia ha alguma coisa de enigmatico, alguma coisa mesmo, em apparencia, de absurdo; mas é precisamente ali que jaz o segredo da sua superioridade. Todo o mysterio parece absurdo, e todavia não ha nada de mais profundo; não ha vida, nem arte, nem Estado sem mysterio.

¹ O traductor julga do seu dever intervir. E' certo que nada tem com as opiniões do traduzido. Mas parecendo-lhe ellas logicamente erroneas, elle pensa que não é de todo inutil a sua intervenção. Strauss põe, em parte, o problema como elle deve ser posto. Mas, depois, precipita-se. Em sociologia, por ora, toda a provisão é, por via de regra, arbitraria. Strauss não viu os progressos da França, sob a Republica, os progressos do Brazil, sob a Republica, e os *continuos* progressos da America do Norte, sob a Republica. Quanto ao que seria a Allemanha, sob a Republica, Strauss nada pode dizer, sem tor primeiro visto. O facto de a monarchia não ter prejudicado a Inglaterra e a Allemanha significa que as prejudicaria o systema republicano? Ninguem pôde affirmal-o.

(Nota do trad. port.)

Que o acaso cego do nascimento possa elevar um individuo acima de todos os outros, proenrar-lhe um poder de direcção sobre os destinos de milhões de homens; que este individuo, apesar de uma intelligencia talvez limitada, e um caracter odioso, possa dizer-se o senhor, e nomear seus vassallos tantos outros muito melhores e mais inteligentes; que a sua familia, os seus filhos possam ser collocados muito alto, acima dos filhos de todos os outros homens, não é necessario uma subtilissima intelligencia para olhar isto contradictorio, revoltante e incompativel com a egualdade actual. ¹ Isto foi sempre o campo de batalha preferido pelo terra-a-terra democratico. E' preciso mais paciencia, mais cuidado sobre si mesmo; é preciso uma observação mais profunda, um golpe-de-vista mais penetrante para apreciar a superioridade da monarchia. Esta superioridade repouza precisamente sobre a situação de um individuo e da sua familia num logar em que os conflictos dos interesses e dos partidos não pódem attingil-os, em que escapam a toda a duvida sobre a sua competencia, a toda e qualquer substituição que não seja a natural, trazida pela morte, e em que, neste caso, é substituido sem escolha nem combate por um successor igualmente natural, designado com antecedencia. E' por essa organização que se evitam ao Estado aquellas commoções e aquelles perigos que são inseparaveis d'essa renovação que tem logar todos os dois annos, na mais alta ou nas mais altas funcções publicas. As praticas que, em particukar, acompanharam as eleições do Presidente nos Estados-Unidos, as seduccões inevitaveis, a necessidade de recompensar mais tarde com cargos rendosos os amigos dos

1 Ponha-se de parte a concepção mataphysica da egualdade e fiquemos com o principio-base do regimen monarchico. De resto, é bysantina toda a discussão que não se fundamente em factos. A Republica é uma forma mais compativel com a noção que temos da vida, do esforço proprio. Isto, na esphera do pensamento puro. Collocando-nos no mundo das relatividades, positivo, concreto e real, temos que analysar os beneficios ou prejuizos que tal ou tal nação têm tirado da sua fórma politica.

(Nota do trad. port.)



amigos, e de tratar, durante o exercicio das suas funcções, com a venalidade e a corrupção reinantes até nas espheras governamentaes, todos estes vicios, enraizados na mais elogiada das republicas, mostraram-se tão claramente e repetiram-se tantas vezes, nos ullimos annos, que o zelo dos oradores, dos publicistas e dos poetas allemães, para ir buscar além, na America, o seu ideal politico e mesmo moral, esfriou um pouco.

Um zelo identico não se encontra, na verdade, além do estreito; todavia poderiamos tirar aos inglezes muitas mais coisas e melhores que aos americanos; principalmente uma apreciação mais exacta do que um povo pôde e deve á uma monarchia e a uma dynastia antigas. Pudemos, nos ullimos annos, atemorisar-nos e inquietar-nos um pouco com a tranquillidade politica da Inglaterra pela agitação republicana que ali se desenvolvia; porque não pôde escapar a quem quer que seja um pouco intelligente que com a Republica se poderia dizer: *finis Britanniaë*. Mas o principe de Galles cahiu perigosamente doente, e ainda que a nação tenha muitas coisas a condemnar na pessoa e na conducta do herdeiro presumptivo do throno, a emoção geral attingiu taes alturas que os proprios agitadores republicanos viram-se na obrigação de mandarem uma mensagém de sentimentos á rainha. Que solido instincto politico neste povo ! Como os francezes ll'os devem invejar ! elles que arrancaram a sua dynastia com tanta pressa e que jogados depois entre o despotismo e a anarchia, não pôdem nem viver nem morrer. ¹ E como nós, Allemães, devemos achar-nos felizes porque na serie dos factos e dos acontecimentos dos ullimos annos, a dynastia dos Hohenzollern, atravessando as fronteiras prussianas, tenha erado tão profundas raizes em todo o paiz allemão e em todos os corações allemães !

¹ Como Strauss, como o seu contemporaneo Bismarck, se enganou ! A França, hoje, tem a hegemonia intellectual da Europa. Em reformas sociaes vai na frente de todas as nações. E politicamente em nada é inferior á Allomanha ou á Inglaterra.

(Nota do trad. port.)

Que a monarquia deva rodear-se de instituições republicanas, é uma formula franceza com que, deve-se esperar-o, não nos deteremos; da mesma maneira arvorar como uma bandeira o parlamentarismo, é ainda procurar o seu ideal no estrangeiro. E' bem preferivel que, do caracter do povo allemão e das condições do imperio sob a acção commum do governo e da nação, se desenvolva uma constituição que possa reunir o poder da unidade á liberdade, a prosperidade intellectual e moral á prosperidade material.

82 — A nobreza e a burguezia

Sou burguez e orgulto-me d'isso. Diga-se o que se disser de ambos os lados, zombem até, a burguezia nem porisso deixa de ser o nucleo do povo, o foco dos seus costumes, não só o multiplicador do seu bem estar, mas ainda o cultivador da sciencia e da arte. O burguez que pensa honrar-se quando procura elevar-se pela nobreza ou quando compra um título, deshoura-se aos meus olhos. E' mesmo quando um homem de merito, sabindo da burguezia, acceita reconhecido a elevação a uma outra classe, que lhe é concedida como recompensa, eu colho os hombros como deante de uma fraqueza digna de compaixão.

Apesar d'isto, estou longe de ser um inimigo da nobreza ou de considerar desejavel a sua destruição. Quem ama sinceramente a monarchia não póde sel-o. Temos visto muitas vezes, em França, o que vale um throno numa sociedade nivelada. Pelo contrario, vemos hoje, na Inglaterra, os serviços que uma verdadeira nobreza póde prestar, d'un lado como garantia das liberdades do povo, do outro como sustentaculo do poder legal do rei. Uma boa nobreza pertence á estrutura organica de uma monarchia constitucional, como um membro indispensavel, e não se póde tratar de a eliminar, mas de se lhe marcar o seu logar real: este repousa, em primeiro logar, sobre a grande propriedade, e a legislação deve permittir a essa nobreza — como aliás á alla burguezia — que conserve

esta propriedade indivisa em certos limites. Ao mesmo tempo, a constituição deve conservar-lhe uma influencia razoavel sobre os negocios publicos, lado a lado com a grande industria e, para me exprimir assim, com a grande intelligencia. E se a nobreza prussiana, por exemplo, não tem até aqui de modo algum empregado para bem do Estado esta influencia que lhe é reservada na Camara dos Senhores, o defeito está em que a representação da nobreza nesta assembleia não se encontra misturada com os representantes da industria e da intelligencia.

Em compensação, temos visto até aqui, e certamente com desgosto, que principalmente na Prussia, os mancebos da nobreza possuem um privilegio quasi exclusivo sobre todas as mais altas situações no exercito, na diplomacia e até no governo. Reclamamos uma livre concorrência, porque nisso está o interesse do Estado, e porque isso é um direito de todos os cidadãos. E nós não devemos deixar-nos afastar das nossas pretensões por causa da maneira tão distincta com que os membros d'esta nobreza têm, durante os ultimos annos, dirigido os negocios da Allemânia, quer no gabinete, quer nos campos da batalha, serviços que lhes têm merecido, a elles e á sua classe, o vivo reconhecimento da nação. Os burguezes teriam, sem duvida alguma, se lhes tivesse chegado a occasião, cumprido tão bem como ella. Os talentos nascem em todas as condições e desenvolvem-se logo que se lhes abra a carreira. Canning era filho de um negociante de vinhos; Robert Peel de um tecelão; e entre os allemães, Scharnorst teve por pae um burguez, e o velho Derfflinger não foi já filho de um tecelão, mas de um aldeão. E, em compensação, quantos generaes incapazes e diplomatas ineptos se não devem contar, que devem o seu bastão de commando ou a sua pasta apenas ao seu nascimento? Desde o anno de 1807 uma lei prussiana declarara que não havia restricção para a nobreza para se entregar ás industrias burguezas; era uma tentativa para corrigir os preconceitos da nobreza allemã pela sabedoria politica, tentativa que depois se pôz de parte em demasia.

Não são todavia nem estes restos dos privilegios nobiliarios, nem os esforços da classe obreira, que collocam

no momento actual a classe burguezia intermediaria numa situação critica. E' uma crise no seu proprio seio, causada por mudanças na sua maneira de viver e de adquirir. Desde o principio, e até ao meio do nosso seculo, vimos a burguezia fundada, por um lado, sobre haveres longamente e seguramente adquiridos, por outro lado, sobre a simplicidade e o instincto da economia. O artista, o mercador, o funcionario, o sabio, não recuavam deante de um trabalho constante que lhes produzisse um proveito rasoavel, contentes por, depois de longos annos de actividade e economia, chegarem a educar e prover os seus filhos, e depois a reservar ainda qualquer coisa que estes ullimos encontrassem depois da sua morte. Esta boa velha qualidade da burguezia ha muito que deixa de corresponder ás necessidades e aos desejos. Os exemplos de fortunas adquiridas rapidamente e quasi sem trabalho, por meio do que se chama especulação, e a visla do luxo que lhe está ligada, tem provocado entre os membros da nossa classe desejos doentios. De resto, apesar de toda a economia possivel, os beneficios, taes como resultam do antigo modo de acção, chegam cada vez menos para satisfazer as necessidades das familias burguezas. E' difficil que o officio sustente ainda o seu official; e porisso uma parte dos patrões é obrigada a elevar-se até á fabrica, emquanto que a outra se vê na necessidade de descer alé ao papel de trabalhador d'essa fabrica. O commerciante a quem os negocios, o rendeiro a quem o capital traz muito poueo, tentam a fortuna nos jogos da bolsa. O peor retribuido é ainda o funcionario, cujo tratamento, apesar de todos os melhoramentos, cada vez menos basta para o sustento da sua familia. Torna-se aqui necessaria uma acção seria da parte do Estado, cuja boa administração se veria comprometida com a baixa dos seus funcionarios; mas estes, tambem, devem encerrar-se, elles e os seus, numa digna simplicidade e não se deixarem entusiasmarm pelos attractivos da moda. Contrariar a corrente da epocha, não seria rasoavel nem mesmo possivel; é preciso que cada um se conforme com ella numa justa medida; sómente não devemos deixar-nos submergir pela torrente, não devemos perder o solo firme dos principios que temos

sustentado até aqui. Prégar contra o luxo foi sempre occupação esteril; mas aqui «Annibal está perto» sob a fórmula de uma outra classe que, depois de muito tempo ter auxiliado a nossa, se tornou independente, e parece ameaçar com uma transformação violenta toda a ordem politica e social que nos regeu até agora.

83 — O quarto estado

Ainda que para lamentar, é inevitavel fallar aqui do que se chama o quarto estado, porque se toca numa das chagas vivas da nossa sociedade. E, como se sabe, toda a ferida e toda a doença são tanto mais difficéis de tratar quanto mais aggravadas foram já por um tratamento mal feito. E ninguem negará que isto se tivesse dado no easo dos trabalhadores. Por si mesmo, elle comportaria certamente um remedio, se o paeiente quizesse deixar-se socorrer, ou se quizesse socorrer-se elle mesmo por um bom methodo. Mas charlatães, a maior parte vindos da França, têm-lhe mettido na cabeça toda a especie de parvoices. Podia-se julgar talvez que o tumor socialista que, ha annos, tomava um grande incremento em França, tivesse totalmente desaparecido com os horrores da Com-muna de Paris; que as chammas da Camara Municipal e das Tulherias tivessem claramente mostrado á sociedade de todos os paizes onde pódem levar certos principios, e que os defensores d'estes principios na Allemanha se tivessem descorçoado ou envergonhado. Mas nada d'isso. Nas assembleias, nos jornaes, no proprio Reichstag, ha quem se atreva a approvar, a elogiar o que causa horror a todo o homem animado de eivismo, e a mostrar assim de que se seria capaz em circumstancias semelhantes. Com isso, não se dá sómente nascimento á inveja tradicional contra a propriedade, mas ainda ao odio mais grosseiro contra a sciencia e a arte, designadas como elementos de luxo. Temos ali os Hunos e os Vandalos da nossa civilização moderna, mais perigosos que os antigos, porque não nos vêm de fóra, mas habitam o nosso proprio meio.

no momento actual a classe burgueza intermediaria numa situação critica. E' uma crise no seu proprio seio, causada por mudanças na sua maneira de viver e de adquirir. Desde o principio, e até ao meio do nosso seculo, vimos a burguezia fundada, por um lado, sobre haveres longamente e seguramente adquiridos, por outro lado, sobre a simplicidade e o instincto da economia. O artista, o mercador, o funcionario, o sabio, não recuavam deante de um trabalho constante que lhes produzisse um proveito rasoavel, contentes por, depois de longos annos de actividade e economia, chegarem a educar e prover os seus fillos, e depois a reservar ainda qualquer coisa que estes ultimos encontrassem depois da sua morte. Esta boa velha qualidade da burguezia ha muito que deixa de corresponder ás necessidades e aos desejos. Os exemplos de fortunas adquiridas rapidamente e quasi sem trabalho, por meio do que se chama especulação, e a vista do luxo que lhe está ligada, tem provocado entre os membros da nossa classe desejos doentios. De resto, apesar de toda a economia possivel, os beneficios, taes como resultam do antigo modo de acção, chegam cada vez menos para satisfazer as necessidades das familias burguezas. E' difficil que o officio sustente ainda o seu official; e porisso uma parte dos patrões é obrigada a elevar-se até á fabrica, enquanto que a outra se vê na necessidade de descer até ao papel de trabalhador d'essa fabrica. O commerciante a quem os negocios, o rendeiro a quem o capital traz muito pouco, tentam a fortuna nos jogos da boisa. O peor retribuido é ainda o funcionario, cujo tratamento, apesar de todos os melhoramentos, cada vez menos basta para o sustento da sua familia. Torna-se aqui necessaria uma acção seria da parte do Estado, cuja boa administração se veria compromettida com a baixa dos seus funcionarios; mas estes, tambem, devem encerrar-se, elles e os seus, numa digna simplicidade e não se deixarem enthusiasmar pelos attractivos da moda. Contrariar a corrente da epocha, não seria rasoavel nem mesmo possivel; é preciso que cada um se conforme com ella numa justa medida; sómente não devemos deixar-nos submergir pela torrente, não devemos perder o solo firme dos principios que temos

sustentado até aqui. Prégar contra o luxo foi sempre occupação esteril; mas aqui «Annibal está perto» sob a fórmula de uma outra classe que, depois de muito tempo ter auxiliado a nossa, se tornou independente, e parece ameaçar com uma transformação violenta toda a ordem politica e social que nos regeu até agora.

83 — O quarto estado

Ainda que para lamentar, é inevitavel fallar aqui do que se ehama o quarto estado, porque se toea numa das ehagas vivas da nossa sociedade. E, como se sabe, toda a ferida e toda a doença são tanto mais difficéis de tratar quanto mais aggravadas fôram já por um tratamento mal feito. E ninguem negará que isto se tivesse dado no caso dos trabalhadores. Por si mesmo, elle comportaria certamente um remedio, se o paciente quizesse deixar-se socorrer, ou se quizesse socorrer-se elle mesmo por um bom methodo. Mas charlatães, a maior parte vindos da França, têm-lhe mettido na cabeça toda a especie de parvoices. Podia-se julgar talvez que o tumor socialista que, ha annos, tomava um grande incremento em França, tivesse totalmente desaparecido com os horrores da Communa de Paris; que as chammas da Camara Municipal e das Tulherias tivessem claramente mostrado á sociedade de todos os paizes onde pôdem levar certos principios, e que os defensores d'estes principios na Allemanha se tivessem descorçoado ou envergonhado. Mas nada d'isso. Nas assembleias, nos jornaes, no proprio Reichstag, ha quem se atreva a approvar, a elogiar o que causa horror a todo o homem animado de eivismo, e a mostrar assim de que se seria capaz em circumstancias semelhantes. Com isso, não se dá sómente nascimento á inveja tradicional contra a propriedade, mas ainda ao odio mais grosseiro contra a sciencia e a arte, designadas como elementos de luxo. Temos ahí os Hunos e os Vandalos da nossa civilisação moderna, mais perigosos que os antigos, porque não nos vêm de fóra, mas habitam o nosso proprio meio.



Reconheçamol-o antes de mais nada: d'um lado, tem-se praticado muitos erros e commettido muitas negligencias; tem-se muitas vezes explorado as forças humanas, sem considerações de especie alguma, e sem cuidado sufficiente pela prosperidade material e moral dos trabalhadores. Têm apparecido homens leaes que têm indicado a estes, meios de sahirem por si-mesimos da sua situação precaria; fabricantes, movidos por um boni pensamento, vieram em seu auxilio construindo habitações, instituindo pensões alimentares, estabelecendo seguros sobre a saude e a vida; depois já vemos nas cidades industriaes formarem-se sociedades populares tendo por fim, principalmente, a construcção de cidades operarias. Mas contra os verdadeiros tem-se erguido falsos prophetas que, como é costume, têm encontrado mais sympathia entre a multidão. E' tão facil proferir algumas palavras sonoras, como a guerra do capital e do trabalho, algumas graçolas e algumas injurias contra uma burguezia execrada, como se esta fôsse nina classe fechada que não offerecesse sempre accesso aos trabalhadores intelligentes e activos! e estas accusações são, as mais das vezes, tão pouco seriamente aprofundadas! Funda-se uma sociedade vinda do estrangeiro, que não se propõe fazer menos que a transformação de todas as relações sociais existentes; que tece a sua teia em todos os paizes, excita os nossos trabalhadores e transforma as suas associações de soccorros mutuos nnuma união organizada para a resistencia contra os patrões. Estes alistamentos de trabalhadores, que se renovam sem cessar de todos os lados e em particular na capital do novo imperio allemão, são um elemento de anarchia no meio do Estado, de guerra durante a paz, de conjura perpetua á luz do dia, e cujos progressos ininterruptos não honram nem o governo nem a legislação que os olham sem nada fazerem.

E' verdade que poderíamos dizer primeiro aos patrões: ajudade-vos a vós mesmos, pois que podeis fazel-o. Conclui allianças como os trabalhadores; opponde á sua recusa de trabalharem para vós, a recusa de o fazerdes para elles; fazei vir, em caso de necessidade, meios de producção do estrangeiro, e depois a resistencia

verá o que deve acontecer. Mas, por outro lado, até que as massas fanatisadas e excitadas cheguem á reflexão, a prosperidade de todas as cathogorias da burguezia terá tido tempo de comprometter-se, a actividade industrial e o bem estar de cidades e de nações inteiras de serem destruidos. O augmento tão rapido, e que se agrava sempre, dos preços para as diversas necessidades da vida, a começar pela habitação, tem, como uma das causas principaes, as exigencias desmedidas dos trabalhadores para com os patrões. Poder-se-hia pensar que elles notariam que com essas exigencias tornavam a sua propria vida mais difficil; mas esses homens não vêm nada acima do seu fim essencialmente immediato: para o menor trabalho possivel o maior salario possivel. E cada concessão não faz mais que augmentar as pretensões. Na Inglaterra, agitam-se primeiro para obter o dia das 10 horas, depois o dia das nove horas, e agora que este ultimo está estabelecido em certas industrias, falla-se já do dia de oito horas. Póde-se avaliar onde isto irá parar, se não se lhe puzer, a tempo, limites, hoje que, para satisfazer ás exigencias sempre crescentes do tempo, se é obrigado a augmentar as horas de trabalho ao balcão, á secretária, ao estudo! Em face de taes disposições da parte de uma das partes, póde-se então imaginar qual possa ser o resultado dos conselhos de arbitros compostos de membros dos dois campos contrarios.

Em todo o caso, o poder politico novamente estabelecido na Allemanha deve vigiar e mostrar-se á altura da sua funcção, para que a existencia geral não seja compromettida em nada. Póde-se na verdade affirmar que em face da legislação existente, ella se encontra numa situação difficil. Senão me engano, foi um homem do povo, o velho Harkort, que lembrou recentemente aos operarios que só com todas as especies de hesitações se lhes tinha concedido o direito de reunião, e que lhes interessava que não houvesse arrependimento por isso. Quando os operarios fórnam sociedade com o fim de se procurarem um salario e condições de trabalho mais favoraveis, quando se decidem a uma gréve até ao dia em que se tiverem attendido as suas reclamações, estão na lega-



lidade, em virtude da legislação da Confederação do Norte, hoje o imperio da Allemanha. A intervenção do Estado só seria possível no caso em que os operarios appellassem para as violencias ou para a ameaça para obrigarem os seus camaradas a entrar nessa grêve. Mas vê-se que o Estado se attribuiu assim um papel de policia detestavel difficilimo de cumprir. Como factos recentes o teslemunharam, ha todavia rupturas nocivas de contractos que não pôdem escapar á sua acção. Depois elle deveria ter sobre uma sociedade estrangeira, que tem por fim notorio a transformação dos Estados, os mesmos meios de defeza que contra os jesuitas. Mas, positivamente, ninguem quer tomar a responsabilidade d'isto. Uns, e são desgraçadamente os mais influentes, querem poder dispôr sempre da classe trabalhadora para se servirem d'ella como espectro contra a burguezia; outros, que vizam mais alto, temem pela sua popularidade; muitos deixam-se realmente levar pelas phrases campanudas que sahem das bôccas dos advogados da questão do trabalho, advogados muitas vezes equivococ. Para mim é certo que o poder politico, interessando-se por esta questão, cumprirá um dever, não só para com a burguezia, mas tambem para com a classe operaria; porque elle desembaraçará as justas pretenções das tendencias que devem ser combatidas sem descanso, tanto quanto são incompativeis com a civilização e com a moral.

84 — A democracia social e a desigualdade

Porque, no segundo plano d'este movimento do trabalho, acham-se os mesmos homens que, segundo as ideias preconcebidas, vêm barreiras, não só na differença das nacionalidades, mas na repartição desigual das propriedades, e que se arrogam o dever de destruir essas barreiras no interesse do que julgam o progresso. Na verdade, a propriedade privada não deve totalmente desaparecer, mas deve ser consideravelmente limitada, principalmente pela abolição do direito de herança.

Mas a propriedade hereditaria não é um dos fundamentos da familia? Ameaçal-a na sua segurança seria deitar o machado ás raizes desta, e por consequencia ás raizes do Estado e da sociedade. Em cima, não mais Estado nacional poderoso; em baixo, não mais familia solidamente baseada sobre a herança: o que fica então, senão o grão de areia movendo atomos politicos, individuos soberanos condensando-se de preferencia em grupos sem cohesão e tão pequenos quanto possivel? Onde estariam então a estabilidade e a duração, quando o vento dispersasse esses atomos, enquanto um aguaceiro cahindo sobre elles os não fixe ao solo ou os arraste, tornando assim possível uma organização solida e duradoira?

A propriedade é um fundamento indispensavel da moralidade e da civilização. E' o fructo e o estímulo do trabalho. D'ahi, é necessario que ella seja hereditaria; sem o que todo o beneficio seria dissipado numa grosseira sensualidade. Em regra geral, o proprietario gostaria mais de desperdiçar os seus bens durante a vida do que vê-los passar depois ás mãos de uma massa indifferente. E a propria desigualdade das paixões, que certos socialistas desejariam apagar, é um dos elementos indispensaveis para o progresso da humanidade. Sem riqueza, sem o superfluo não ha sciencia nem arte; porque então os vagues precisos para o seu desenvolvimento faltam como os meios de as pôr em pratica para as suas produções.

Se, além d'isso, toda a posse fôsse equalisada, as desigualdades das facultades de trabalho nas aptidões, dariam ainda muito que fazer aos instinctos niveladores da democracia social. Mnitas tentativas curiosas se tem feito já para equalisar as primeiras, pela união obreira ingleza tão gabada. Se um dos membros pôde trabalhar mais que os outros, ainda mesmo que o desejasse, não deve fazel-o. «Sois severamente advertidos, dizem os estatutos da associação operaria dos pedreiros de Bradford, regulando a situação dos operarios, de que não deveis redobrar de esforços, nem aconselhar os outros a fazel-o, para attrahir o sorriso do patrão». Ao operario «que executa depressa de mais o seu trabalho e não espera que os outros tenham acabado o seu», os estatutos da associação dos pedreiros



de Manchester, impõem uma multa, que augmenta em caso de reincidência.

No que respeita ás aptidões, podemos lembrar-nos de uma theoria em moda há alguns annos e revivida por escriptores, de resto consideraveis, que se tinham deixado levar mais pela corrente da opinião do dia que pela razão: d'oravante a humanidade não devia ser mais dirigida, como até aqui, por alguns homens eminentes; tornando-se o talento e o pensamento cada vez mais o patrimonio das massas, estas saberiam aconselhar-se a si mesmas e progredir sem auxilios. Se já não deviamos mais tirar o nosso chapéu deante de um homem rico, se já não deviamos mais considerar as auctoridades senão como servidores delegados do povo soberano, temos ainda de libertarmo-nos do respeito que se liga aos grandes espiritos. Então, teriamos chegado ao tratamento geral de uma fraternidade em mangas de camisa; assim se attingiriam o fim e o supremo grau da civilisação.

Mas os acontecimentos dos ultimos annos tem jogado uma má cartada nestes diversos calculos. Sem duvida os Goethe, os Humboldt pareciam não terem deixado successores, mas hoje são os Bismarek, os Moltke que appareceram em scena, e cuja grandeza é taulo mais inegavel quanto se manifesta em factos apparentes palpaveis. E' preciso desde então que os mais rigidos e os mais rudes dos nossos camaradas se decidam a erguer os seus olhos para estas fórmas elevadas, ainda que só possam vê-las até aos joelhos. Não, a historia continuará a ser uma boa aristocrata, ainda que animada de sentimentos populares. As multidões, cada vez mais profundamente cultivadas e instruidas, darão impulso, servirão de apoio, produzirão energia e terão assim uma acção bemfazeja; mas dirigir e conduzir pertencerá a homens superiores. A phrase de Hegel «que á frente dos factos historicos os individuos são como subjectividades provocando a realisação da substancia», esta phrase conservará a sua verdade, e, tanto no dominio da arte como no da sciencia, nunca deixará de haver personalidades que preparem a tarefa para uma multidão de trabalhadores.

85 — O suffragio universal

O que o poeta latino diz de Homero, *qui nil molitur inepte*, podemos nós dizer dos inglezes sob o ponto de vista politico. O seu tacto delicado, o seu senso pratico, que os garantem contra as commoções, acções e reacções muito vivas, merecem a nossa admiração e mais ainda a nossa emulação. Nos francezes a phrase, nos allemães o ideal, abstracção tirada das nuvens e não da realidade, tem uma força muito maior e mais perigosa a todos os respeito. Foi rejeitado vivamente pela Camara dos Communs ingleza, por uma maioria de 167 votos contra 54, um *bill* para a abolição da pena de morte; nas dietas allemães, semelhantes moções têm obtido, mais de uma vez, maiorias brilhantes, quasi proximas da unanimidade. Lá, para o direito de suffragio ás eleições do parlamento, abaixa-se, de tempos a tempos, o recenseamento; mas nunca passou pela cabeça de um homem de Estado inglez abolil-o.

Houve um grande homem de Estado que o aboliu na Allemanha; mas devo duvidar se a historia lhe apontará como um dos seus titulos de gloria o estabelecimento do suffragio universal. O principe de Bismarck não tem nada de idealista, mas é uma natureza irritavel. Esta medida foi um trunfo que elle pôz no seu jogo contra a burguezia, que, durante os annos do conflicto, lhe tornava a vida amarga no Landtag prussiano, onde ella dominava em favor do recenseamento eleitoral. Concebe-se o seu despeito, pois que se lhe recusava tão obstinadamente os meios de conseguir o que elle sabia indispensavel á prosperidade da Allemanha; mas tambem se concebe a recusa dos representantes, pois que não estavam ao facto dos projectos do ministro, projectos que elles teriam reputado talvez muito ousados se os tivessem conhecido. Depois do prodigioso successo da sua politica, vê-se, ha muito tempo, que o chaneeller do imperio encontra tão pouca resistencia no Landtag prussiano sahido do suffragio universal, e que portanto, a medida era, em todo o caso, superflua. Certamente as consequencias funestas que se

podiam temer, não se realizaram até hoje na medida supposta. A influencia do governo sobre tantos eleitores dependentes mal se fez sentir; o proprio elemento democratico fez poucos progressos: d'esta vez ainda, como de todas aquellas em que o poder faz um erro, a principal vantagem foi para os clericos; e certamente niuguem mostra uma alegria tão grande e tão complela com esta instituição como elles. Desde essa epocha, nos paizes catholicos, os habitantes intelligentes das cidades vêm-se dominados de uma maneira desgraçada pelo povo dos campos, todo pertencente á devoção dos seus padres. O suffragio universal é a obra de uma grande parte do que se chama o centro do Reichstag. Se as coisas ficarão no estado actual, ou se o partido da democracia augmentará no Reichstag, e pela sua união com os clericos preparará difficuldades ao governo, eis o que é, no momento, impossivel prevêr.

Abstrahindo dos resultados possiveis, não posso reputar a medida nem justa nem politica. Os direitos politicos que o Estado garante aos particulares devem estar em relação com os serviços que d'elles recebe. Diz-se bem: cada allemão em particular deve expôr a sua vida pelo Estado allemão; deve poder tambem deitar a sua lista na urna eleitoral; o serviço militar universal d'um lado corresponde ao suffragio universal do outro. Ora, nada auctorisa uma conclusão tão immediata. O particular recebe do Estado, em recompensa da sua acção defensiva, para elle e para os seus, primeiramente a segurança da vida e da propriedade, a participação na instrucção geral, o accesso possivel a todas as funcções publicas. Além d'isso, o serviço militar pessoal é uma das prestações que são do dominio exclusivo do Estado e que só elle regula; mas uma outra não menos importante é o concurso que o burguez presta ao bem geral com o pagamento do imposto. Pelo predominio dos seus serviços financeiros, o que possui adquire-se, segundo a extensão das suas posses, o direito a um accrescimo de importancia politica. De mais, esta posse é a mais segura garantia de que elle não usará leviamente do seu direito de voto. Na fortuna do possuidor tem o Estado uma garantia de que este não dará o seu voto a qualquer candidato que possa, por um

desejo de acção desmedida, pôr em perigo a organização política, pois que se arriscaria, nesse caso, a perder os seus bens. Aquelle que nada possui não pôde offerecer ao Estado uma garantia semelhante, pois que elle esperará antes lucrar com uma sublevação, e nunca, em qualquer caso, poderá, com ella, perder.

Enfim, e principalmente, a questão está mal posta, quando se falla constantemente do direito de voto, como se este fôsse exclusivamente um direito e não ao mesmo tempo como uma função confiada pelo Estado aos individuos. Mas as funções devem confiar-se segundo o grau das aptidões. Estas aptidões consistem aqui num certo poder de discernimento, na faculdade de prevêr o que deve acontecer. O que deve acontecer é a escolha de um homem encarregado, durante um certo tempo, em common com muitos outros, de fiscalisar os actos do governo, actos sobre que elle mesmo, aliás, terá uma acção. Mas só pôde saber quem será capaz d'esse papel, aquelle que tiver a noção das necessidades do momento da sociedade a que pertence. Não é necessario insistir sobre as diferenças infinitas que existem, a este respeito, entre os membros d'um mesmo Estado, desde a ausencia total d'esta noção até ao presentimento instinctivo e á plena claridade da intelligencia. E' preciso ao mesmo tempo accrescentar que a esta gradação, se todavia pudesse fazer-se, deveria corresponder a gradação do direito eleitoral ? Mas porque não é possível medir exactamente a primeira, não se segue, de maneira alguma, que se deva totalmente deixar de apreciá-la. Não podemos, sem duvida, estabelecer uma commissão de exame deante da urna eleitoral; nós somos obrigados a fiarmo-nos nos indicios visiveis para todos, e, bem considerando as coisas, aceitaremos que quem possui é mais instruido e mais cultivado que o que não possui; o que tambem se deve entender, escusado seria dizel-o, com funcionarios, sabios e artistas. Por consequencia, temos, pelo menos, duas classes de eleitores a quem o Estado poderá confiar o direito de voto, os de uma classe gozando d'um voto inteiro, os outros apenas de $\frac{1}{6}$ ou $\frac{1}{10}$ de voto, a não ser que se prefira, com Stuart Mill, aquillo a que se chama voto múltiplo. Poderia insti-



tuir-se um tal modo eleitoral na Allemanha? Elle existe ainda em parte para as camaras dos Estados particulares; mas é tal a consequencia funesta da precipitação, que feita uma vez, é difficil voltar a uma falsa manobra.

Como freio ao carro do Estado lançado sobre uma inclinação muito rapida, ao mesmo tempo que se estabeceia o suffragio universal, declarou-se gratuita a função de deputado, instituição lamentavel em face das condições economicas sempre mais pesadas na Allemanha, e que será bem difficil manter; e, todavia, se eu tivesse uma cadeira no Reichstag, votaria constantemente contra a sua abolição, em parte para pôr na assembleia limites aos progressos do elemento Bebel-Liebkuecht, em parte porque me parece possivel um compromisso sobre o terreno d'esta instituição. Assim, que o Reichstag entregue ao governo uma porção do suffragio universal, isto é que accete o restabelecimento de um recenseamento, ainda que moderado, e que obtenha, em compensação, do governo, esta dolação cuja necessidade cada vez se faz sentir mais.

86 — A pena de morte

Entre os symptomas da força usurpada pelas palavras sonoras e pela moda, colloco, como já dei a entender, a agitação contra a pena de morte, que vemos renovar-se a qualquer pretexto. Desde muito tempo que se tem suavizado a pena de morte tanto quanto se tem tornado rara; frou-se-lhe tudo quanto tinha de cruel; castiga-se um grande numero de maldades, e mesmo de crimes, aos quaes se applicava outr'ora a pena de morte, por um encarceramento ora longo, ora curto. Podiamos limital-a, ainda mais; antes de mais nada, fazer a execução num recinto fechado, e infligil-a apenas aos que matam com premeditação. Mas abolil-a completamente, acho um crime para a sociedade, e, numa epocha como a nossa, uma loucura.

As ideias que penetraram numa classe numerosa e audaz da sociedade, são uma camada fertil onde o crime

póde desenvolver-se. Aquelle que julga a propriedade alheia como uma usurpação, que odeia o proprietario como sendo o culpado d'essa usurpação que perpetúa, esse poderá chegar a reconhecer-se o direito, no interesse do nivelamento, de lhe tirar a sua propriedade e, no caso de elle, de boa vontade, não lh'a querer dar, lhe tirar tambem a vida. Basta lançar uma vista d'olhos sobre os jornaes: todas as semanas se encontram casos d'esta natureza.

Vou citar um que se encontra em condições particularmente claras. No mez de agosto de 1869, um fabricante de Fribourg encontrava-se na socegada praia de banhos de Antogast. Depois de um passeio que elle dera sosinho, não voltou, e foi encontrado, a seguir, na floresta, assassinado e roubado. Poucos dias depois foi preso um homem num lugar suspeito em Strasbourg, por causa de uma desordem. Encontraram-lhe o relógio e a cadeia da victima, já descriptos no inventario. Era um sapateiro de Wurtemberg, e confessou ter commetido o crime em companhia de um outro. Tinham-se armado em Kehl e marcharam para Renchthal com a firme intenção «de assassinar e de roubar o primeiro individuo que encontrassem e que lhes parecesse ter dinheiro!» Antes da victima, tinha encontrado duas pessoas, uma mulher e um padre, que elles deixaram passar por não terem o ar de possuirem qualquer coisa. O outro criminoso tinha desaparecido; este foi condemnado á morte pelo tribunal, mas o grão-duque de Bade perdoou-lhe. Olhei sempre o grão-duque Frederico como um excellente soberano, como um verdadeiro principe allemão, o unico que, entrando no nosso novo imperio, não teve de repetir como a Isabella de Schiller: «obedecendo á força, não ao meu proprio sentimento». Sempre votei a tal principe o meu mais profunda respeito, a minha mais ardente affeição; mas lamento esse acto de graça. Aqui, creio-o bem, a generosidade do seu coração, a delicadeza da sua consciencia, aconselhando-o a poupar o criminoso, levaram-no a fazer mal á sociedade, a protecção da qual um principe, antes de tudo, deve acatar. Num caso similhante, o principe deve dar um exemplo, para intimidar os homens maus;

um exemplo que lhes mostre que quem diz a ultima palavra no mundo não é a cupidez sem limites, mas sim o direito. E não ha necessidade de insistir para mostrar que a prisão perpetua a que todo o criminoso espera escapar, não desempenha a referida intimidação.

Ninguem ignora que actualmente a maioria dos jurisconsultos aproveitam todas as occasiões favoraveis para se pronunciarem contra a pena de morte. Mas eu tenho a ousadia de não me deixar levar pelos sens discursos, e muito menos pelos testemunhos que elles baseiam nos dados d'una pretendida estatistica, e segundo a qual o numero dos crimes tenderia a diminuir em tal ou tal paiz em que a pena de morte é abolida. Porque vê-se muito claramente aqui que se attribue a essa medida o que é o resultado de outros factores de acção que separan assim o que a abolição da pena de morte póde ter em si de perigoso. E um voto dos juristas, levando a maioria em favor d'esta medida, não me levaria lão pouco a identificar-me com ella. Pelo poderoso contingente que a jurisprudencia recebe do corpo dos advogados, tem sempre um lado por onde é accessivel, mais do que poderia desejar-se, o que se chama a opinião publica, isto é, um grande numero de casos, ao preconceito dominante. Além d'isso, como se sabe desde ha muito, os especialistas têm o costume de penetrar de tal modo na profundeza das coisas da sua especialidade, que raramente lhes vêm a superficie. E' o que acontece neste problema. Em ultima analyse, a questão da pena de morte não é da competencia dos juristas, mas dos homens politicos. Quem dirige a Alemanha, saberá não fraquejar, e conservará esta penalidade; mas o seu imperador — perdoará aos condemnados. Como não haviamos nós de eslar assim salvaguardados! ¹

¹ Em parte, a questão está mal posta. E, hoje, os sociologos que defendem a pena-de-morte, eliminam-lhe, e com toda a razão, o elemento castigo. A pena de morte é, para nós, um processo de cirurgia social. Lamentavel, sem duvida, mas necessario. O que tom prejudicado, e prejudica ainda, a solução do problema, é a dose de sentimentalismo que apparece.

(Nota do trad. port.)

87 — O Estado e a Igreja

Quanto ás relações da Igreja e do Estado, naturalmente seguiremas, pela nossa parte, com o mais vivo interesse, os actos dos homens que se encarregaram de regular essas relações tendo em vista a felicidade publica, e no sentido do espirito de liberdade; principalmente, não podemos senão desejar que a firme e poderosa mão do chanceler do imperio não encontre obstaculos na intervenção de mãos mais fracas.

Mas, até nova ordem, não pedimos para nós mesmos a este movimento, mais do que Diogenes pedia ao grande Alexandre: precisamente que no futuro a sombra da Igreja não se encontre mais no nosso caminho. Pensó que com estas novas condições não nos veriamos na necessidade de ter mais tempo negocios com a Igreja. Entre outras coisas, o casamento civil tornar-se-hia obrigatorio em todos os casos (o que, é verdade, parece hoje ainda esbarrar altamente com invenciveis preconceitos). Principalmente nunca mais se trataria de saber se um cidadão pertence ou quer pertencer a uma communitate ecclesiastica. Quando o grande rei proclamava nos seus Estados a liberdade, para todo o particular, de ser salvo á sua maneira, talvez abrisse immenso os olhos, mas certamente sem colera, se um d'elles, que de resto elle conheceria como homem de hora, lhe dissesse: Permitta vossa Magestade, mas não quero salvar-me. Porque não nos enganemos, essa expressão não significava outra coisa que não fôsse esta: nos meus Estados, todos têm o direito de ser loucos como muito bem o entenderem, emquanto que a sua loucura não attingir, muito ao perto, o bem publico.

Não desconhecemos um só instante que a maioria dos homens teve até hoje e terá muito tempo ainda necessidade de uma Igreja. Se será assim até ao fim das coisas humanas, é um problema que consideramos ainda por resolver. Em compensação, temos por um preconceito a opinião de que todo o individuo deve absolutamente



perlencer a uma Igreja, e que, se a antiga já não tem valor para elle, deve escolher uma nova. Foi essa opinião que levou a todas as grosserias, a todos os remendos da theologia, chamada de conciliação, em attenção á velha Igreja. No tempo de Lessing, o que se queria alliar era a revelação e a razão; nos nossos dias, discursa-se sobre o dever que a gente se impõe «de reconciliar a civilisação com a piedade christã». Mas a empresa não é hoje nem mais razoavel, nem mais pratica que no tempo de Lessing. E' sempre certo que se a velha fé era absurda, modernisada como a da união protestante ou qualquer outra, fica duas e tres vezes mais absurda. A velha fé da Igreja está em contradicção com a razão; não estava em contradicção consigo mesmo. A nova contradiz-se a si mesma em todas as suas partes; como poderia harmonisar-se ella com a razão?

As pretendidas communhões livres, que, mantendo-se completamente fóra da tradição dogmatica, se collocam no dominio do raciocinio, das sciencias naturaes e da historia, ficam perfeitamente consequentes consigo mesmas. Sem duvida, eis ahi um terreno solido, mas não uma base para uma sociedade religiosa. Tenho assistido muitas vezes, em Berlin, ao serviço d'estas communhões livres, e achei-o horivelmente secco. Eu aspirava ordinariamente a alguma allusão á lenda biblica, a uma festa do calendario christão, para commover o meu coração ou a minha imaginação; mas isto não me era offerecido. Não, neste caminho não ha uada a fazer. Depois que se deitou por terra o edificio da Igreja, ir buscar sobre este logar aplanado um vislumbre de edificação, é triste até ao horror. Ou tudo, ou nada. A fundação d'estas communhões é, em geral, obra mais de ecclesiasticos que, depois de terem rompido com a Igreja dominante, desejariam bem conservar um certo circulo de acção espiritual, do que de laicos que, tendo abandonado o poulo de vista da sua Igreja, gostam mais de se libertarem simplesmente do seu culto. E quanto mais, nesta occurrencia, o Estado sonhou cumprir o seu papel, menos elles serão levados a sahir da sua continencia negativa.

Pela nossa parte, — e por nós entendo aquelles de



quem me tenho feito o órgão no decorrer d'este trabalho,— encontramos na situação que tomamos em face da Igreja, bem que sejamos ainda, como atraz o disse já, importunados pelas suas praticas lithurgicas, e principalmente que tenhamos ainda negocios com ella. Mas experimentamos tão pouco a necessidade de uma outra Igreja, inteiramente ou só metade fundada sobre a razão, que não entrariamos para ella, ainda que o Estado lhe assegurasse generosamente todas as prerogativas que pertenciam ás antigas.

88 — A nossa attitude a respeito da Igreja. — Compensações

Como se não fôsse possível reunirmo-nos senão numa Igreja, sermos instruidos senão por um sermão ! Numa epocha e num estado de civilização em que brotam tantas fontes de emoções intellectuaes e de levantamentos moraes, porque prendermo-nos com uma fórma usada e envelhecida ? No fim de contas, isto não é mais de que um habito. Não podemos imaginar um logar vazio, onde sempre existiu alguma coisa. E' preciso que o domingo seja domingo, e que nesse dia se vá á igreja. Como o lembrei no principio, não queremos discutir com ninguem; «cada um que proceda como entender»; queremos tão só indicar como procedemos, como temos procedido já ha muito tempo. Ao lado da nossa profissão, — porque nós pertencemos ás profissões mais diversas: não somos só sabios ou artistas, mas funcionarios, militares, industriaes, proprietarios; o proprio elemento feminino está em nós representado e, como se sabe já, não somos só um pequeno numero, somos milhares, e não os piores de todos os paizes, — ao lado da nossa profissão, dizia eu, e ao lado da vida na familia e no meio dos amigos, buscamos conservar o nosso espirito aberto a todos os mais altos interesses da humanidade. Temos tomado, nos ultimos annos, cada um na medida das nossas forças, uma parte activa na luta nacional e na constituição do Estado allemão, e

encontramo-nos, nós mesmos, elevados com a mudança inesperada e gloriosa que se produziu no destino da nossa nação, tantas vezes experimentada. Encontramos nesta guerra uma materia inexgotavel de meditação sobre as causas da salvação ou da perda dos povos ou dos indivíduos. Nenhum tempo é mais rico em ensinamentos moraes que o actual. Preparamo-nos a comprehender estas coisas pelo estudo da historia, estudo tornado egualmente accessivel aos que não são sabios, por uma serie attrahente de obras historicas populares; depois buscamos estender os nossos conhecimentos sobre a natureza, e ali ainda os meios de estudo não faltam. Finalmente, encontramos nos escriptos dos nossos grandes poetas, na audição das obras dos nossos grandes musicos, emoções para o nosso espirito, para o nosso coração e para a nossa imaginação, emoções que nada deixam a desejar. «Assim vivemos, favorecidos da fortuna».

Objectar-se-me-ha que isso é apenas fonte de emoções para os sabios, ou, pelo menos, para as pessoas cultas; que o homem simples do povo, não póde nem lêr muito nem estudar muito, visto que lhe faltam o tempo e os conhecimentos; que os nossos poetas principalmente são muito elevados para elle. Deve-se pois deixar-lhe a Biblia, porque a comprehende.

Elle comprehende a Biblia? Quantos theologos ha dos que queiram comprehendel-a que a comprehendam? Sim, imagina-se comprehender a Biblia, porque estamos habituados a não fazel-o. E depois, o leitor actual não lhe leva tantos maleriaes como os que d'ella tira? Para não fallar de livros como o Apocalypse de João e da maior parte dos livros dos prophetas, não devemos pensar em que o *Nathan* de Lessing ou o *Hermann e Dorothea* de Goethe são mais faceis de entender, e não encerram menos «verdades salutaes» e maximas fecundas que uma epistola de Paulo, ou um discurso do Evangelho de João? Não que queiramos tirar a Biblia da escola, ou das mãos dos que a julgam ainda uma fonte de edificação. A nossa opinião é sómente que essa edificação seria mais abundante, moralmente mais fecunda, se ella se misturasse pouco a pouco das melhores passagens da nossa litteratura nacional. E

quando no futuro os filhos dos nossos aldeãos fôrem um pouco menos torturados, nas escolas da aldeia, com a geographia da Palestina ou a historia dos Judeus, com artigos de fé incomprehensíveis ou maximas indigestas, ficar-lhes-ha muito mais tempo para participarem seriamente a vida intellectual de seu povo, para se desenvolverem ao contacto das suas fontes tão poderosas de civilisação.

Eu fallava, ha pouco, das obras dos nossos grandes poetas e dos nossos grandes musicos, do alimento que lhes poderiamos extrahir para o nosso espirito e para o nosso coração. Sem duvida, a arte, em todos os seus ramos tem por missão fazer-nos è contemplar ou pelo menos presentir, num quadro restricto, a harmonia universal que penetra todo o conjuncto dos phenomenos, que renasce sem cessar da lucta perpetua das forças, harmonia cuja immensidade se nos revela a travez o todo infinito. Tal é a causa da intima alliança que temos constatado, em todos os tempos e em todos os povos, entre a arte e a religião. As grandes producções da arte plastica, tambem ellas agem no sentido religioso; mas uma tal acção é mais immediatamente propria da poesia e da musica, e a esse respeito, tenho alguma coisa cá dentro. Não se trata aqui de indicar como se devem lêr os mestres uo primeiro caso, ouvil-os no segundo; não quero ensinar a ninguem una maneira de sentir; mas não-de talvez permittir-me que eu diga como os li e ouvi, o que nelles aprendi, senti e pensei. Talvez que eu seja mais prolixo do que a occasião possa comportar-o; então perdoe-m'o o leitor: o coração trahorda do que está cheio. E, antes de mais nada, esteja certo de que o que se vae seguir não é qualquer estudo antigo que eu aqui intercalasse. Não, isto foi escripto para o fim actual e para este logar.



PRIMEIRO APPENDICE

Os nossos grandes poetas

89 — A poesia estrangeira e a poesia nacional

Vislo que o dom da poesia é um ornamento da natureza humana tomada em geral, visto que pelo menos em todos os povos civilizados se encontra uma litteratura poetica, nasce, em face d'esta litteratura, uma dupla necessidade para cada membro de um d'estes povos tomados á parte. Com o fim de participar d'esta cultura poetica, é-lhe preciso primeiro attender os poemas da sua propria nação, depois tomar tanto mais conhecimento dos das outras nações quanto mais culto é.

Mas a differença dos idiomas levanta-se deante d'elle como uma barreira, barreira que cae para o sabio pela comprehensão das linguas, e para quem as ignora, pelo auxilio das traducções. A este ultimo respeito, o allemão possui uma vantagem notada sobre os membros dos outros povós. Da mesma maneira que o seu paiz está situado no eoração dos paizes mais civilizados, do mesmo modo a sua lingua occupa até certo ponto uma posição central. Ainda que num dominio restricto muitas linguas tenham sahido d'ella, ella não é como a latina, a lingua materna, por consequencia a chave de um vasto circulo de idiomas derivados; mas flica de algum modo typica e não ha nenhuma que seja capaz de se apropriar, tão puramente como ella, as fórmas poeticas das outras linguas. A lingua allemã é um Pantheon em que, para as obras esculpturaes que nasceram no seu proprio paiz, se tivesse empregado o marmore e o bronze, emquanto que as obras

principaes dos outros paizes se tivessem representado antes por copias moldados em gesso. Ella é a unica em todas as linguas falladas que possui a faculdade de dar a poesia de todos os outros povos, antigos ou modernos, no rythmo primitivo. Para os inglezes, Pope traduziu Homero em jambos rimados de cinco pés; para os francezes, Delille traduziu Virgilio no inevitavel alexandrino. Como este ultimo metro é tambem em França o da scena, é a elle que cabem Eschilo e Sophocles, para quem pelo menos a Inglaterra tem o recurso dos jambos de cinco pés não rimados. Para dar Pindaro, Horacio e os outros lyricos, quando se não faz como a Inglaterra, usando da prosa, não se possui senão o verso que serve igualmente para o cançãoeiro. Pelo contrario, depois que Boss para Homero, e A.-W. Schlegel para Shakspeare e Calderon, abriram o caminho, os allemães pódem lêr tudo quanto ha perto de tres mil annos se tem produzido no dominio poetico, do Ganges ao Tejo, em traducções que, não fallando da inspiração e do pensamento, tornam sensiveis mesmo as fórmas metricas, os gestos mais delicados do texto original. Com esta propriedade da nossa lingua e com a perfeição actual da arte de traduzir, os espiritos desejosos de cultura possuem um meio de estenderem além das fronteiras nacionaes o circulo das suas ideias e dos seus sentimentos, meio que não se poderá nunca considerar muito alto, e que exerce já uma influencia feliz sobre os nossos grandes poetas e sobre as suas producções. A lingua franceza tornou-se a lingua do mundo porque soube assimilar, para si e para o seu povo, as mais poderosas producções das litteraturas estrangeiras.

Qualquer que seja todavia o attractivo que nos liga ás grandes producções poeticas dos outros tempos e dos outros povos, cada um de nós não se sente em intimidade completa senão com os poetas da sua propria nação. Ahi, respiramos o ar da patria, das suas montanhas e das planicies; ahi nos cerca um espirito que é o nosso espirito; ahi encontramos o modo de pensamentos e de sensações no meio dos quaes nos desenvolvemos. E' possivel que Shakspeare seja maior que Goethe; é possivel tambem que Sirius seja maior que o nosso sol; mas não é elle que amadurece as nossas uvas.

A poesia allemã teve, como se sabe, dois periodos florescentes; o primeiro na idade-média, no tempo dos imperadores Suavos; o outro desde a segunda metade do seculo precedente até ao começo do seculo xix. Em faee das produções do primeiro, nós, os homens d'hoje, somos como estrangeiros. Aquelle que não fôr um espeeialista, preeisa de uma traducção para entendel-os (possuimol-as exeellentes); e, por outro lado, os costumes e as concepções d'estes tempos da eavallaria allemã são-nos quasi tão extranhos como os dos Romanos na epoeha de Augusto, ou os dos inglezes nos tempos de Izabel. D'onde se segue que estas velhas poesias allemães tem mais valor sob o ponto de vista da historia nacional que sob o ponto de vista das emoções tiradas pelo homem á poesia. Aquelle que se familiarisar com o poema dos *Nibelungen*, os proverbios de Walthar de Vogelweide e tambem um poneyo com *Tristão e Isolda*, dispensa o resto.

Nós não obtemos uma satisfação real e completa senão com os poetas do segundo periodo, os que fôram os immediatos antepassados da nossa maneira actual de pensar e de sentir, de quem não queriamos, eheios de reconhecimento e do desejo de aprender, ouvir cessar as maneiras nobres e graeiasas. Mas aqui, por eausa do espaço, de que dispomos, não ha outro conselho a seguir senão escolher entre os grandes, só os maiores, sem nos prendermos com os outros: e, ainda que houvesse muito a dizer d'estes ultimos, limitar-me-hei a Lessing, Goethe e Schiller.

90 — Lessing

Não se pôde pensar em apreciar a boa fortuna que o povo allemão teve, com o faeto de um homem como Lessing appareer no nascimento da sua litteratura elassica. E' pouco ainda que elle se tenha mostrado universal: critico e poeta, archeologo e philosopho, dramaturgo e theologo; é pouco que elle tenha encontrado em todos os dominios pontos de vista novos, que elle tenha sondado

camadas profundas; o que nelle é glorioso é a unidade do escriptor e do homem, do espirito e do coração. Os seus sentimentos andam a par dos seus pensamentos; as suas aspirações são, como o seu estylo, ardentes. E' o proprio amor da verdade que vela na sua pessoa, á entrada da nossa litteratura.

No conjuncto das suas obras, ha, realmente, muitas coisas que ou são muito sabias para o grande publico, ou que, escriptas sob a pressão das neecessidades quotidianas, envelheeram com os acontecimentos do dia a que eram consagradas; todavia não ha nada mais erroneo que esta opinião, ainda hoje espalhada, que de Lessing basta conhecer os seus dramas. Pelo contrario, exceptuando *Nathan*, ainda que os seus outros dois dramas principaes sejam modelos e tenham feito epocha, não possuímos o verdadeiro Lessing conhecendo-lhe só estes ultimos. E o proprio *Nathan* não é inteiramente comprehensivel, no seu fim e na sua significação, senão pelos escriptos de polemica theologia de que foi, por assim dizer, o desabrochamento final.

Mas quantas fontes vivas e limpidas brotam dos seus outros escriptos de critica e de polemica! Que balsamo e que estimulante para o collegial que, depois de ter começado a lêr Horacio com o seu professor, tomasse conhecimento do *Vade mecum* do pastor Lange de Laublingen! Como aprendemos a conhecer a verdadeira e a falsa erudição com as suas Cartas archeologicas escriptas contra Klotz! como os nossos olhos se abrem quando vemos os limites da arte traçados no *Laocoonte* com uma perspicacia e uma profundeza maravilhosas! Que luz se faz para nós, com a sua *Dramaturgia*, sobre a natureza da tragedia, sobre o falso classicismo do Theatro francez, sobre a gigantesca grandeza de Shakspeare! Como encontramos o bibliothecario entre os seus thesouros, ao mesmo tempo que o campeão da liberdade nos Dialogos com os nossos grandes antepassados, no *Berengarius Turonensis*, que nos leva insensivelmente do terreno da critica archeologica para o da critica theologica!

E' ahi tambem que penetramos nas profundezas mais intimas que Lessing soube attingir em todo o decurso da

sua carreira. Os supplementos aos *Fragments* de Reimarus annunciam impassivelmente, por detraz da ruina do texto biblico, uma religião do espirito que lhe será independente; os escriptos polemicos contra Goeze são modelos eternos do genero, sem salamaleques para o adversario, mas inspirados unicamente pelo amor da verdade, de que o polemista se constituiu o sacerdote, e não por um vão desejo de gloriola litteraria, como muitas vezes se vê nessa especie de trabalhos. E que perolas limpidas e brilhantes se accrescentam á cadeia d'estes trabalhos de combate com a *Educação da Humanidade* e o *Testamento de João*. O primeiro é uma dôce e tolerante luz sobre toda a historia religiosa; o outro, apesar do seu assumpto restricto, está, como valor, ao lado do *Nathan*, pela grande belleza da fórma e a maravilhosa profundéza do pensamento. Fallar mais particularmente d'este pareceria superfluo; com effeito, se toda a religião deve ter na sua origem os seus livros santos, o *Nathan* de Lessing seria o livro santo fundamental da religião de que nos declaramos adeptos, a religião da humanidade e da moralidade.

91 — Goethe

É difficil começar a fallar de Goethe, porque é difficil deixar de fallar d'elle. Elle só é um mundo tão rico e tão variado, que niuguem pôde esperar esgotal-o na apreciação que lhe fizer. Todavia, encontramos a seu respeito numa situação mais favoravel que a geração que nos precedeu, porque, em virtude do afastamento ser maior, podemos collocar-nos num ponto de vista mais proprio. Durante a sua vida e tambem durante os primeiros annos posteriores á sua morte, tal ou tal dos seus rivaes poderia parecer-nos tão grande ou, mesmo, maior que elle, assim como perto de um grupo de altas montanhas, ás vezes uma collina mais approximada de nós nos pôde parecer tão elevada ou mesmo mais que a montanha principal. Agora, a distancia entre nós e elle é bastante consideravel para nos permittir determinar com certeza, quanto mesmo

o cume mais grandioso, Schiller, apesar da altura que attinge, é inferior a Goethe. Elle apresenta-se-nos como o monte immenso que domina todo o nosso horizonte, e que espalha atravez as nossas planicies as fontes e as torrentes descendo aos seus flancos. As vozes da inveja e da ignorancia que, ha trinta annos, se esforçavam ainda por rebaixal-o e repellil-o, calaram-se ou não se ouvem já. Nós todos allemães, que vivemos hoje, mesmo os que nunca leram as obras de Goethe, se participamos, no resto, da civilisação do nosso tempo, nós todos somos devedores a este grande homem, mediata ou immediatamente, de uma grande parte do que sabemos, do que possuímos de melhor.

As suas obras fórman por si sós uma bibliotheca de tal modo completa, de tal modo cheia do alimento mais são e mais forte, que poderíamos dispensar toda e qualquer outra leitura, sem termos por isso lacunas no conjunto dos nossos conhecimentos. Nelle, como em Lessing, não se devem considerar só os escriptos puramente poeticos, os poemas, os dramas e os romances, mas tambem tudo o mais que produziu. Se as producções poeticas de Goethe constituem um circulo immenso, o seu poder intellectual principalmente estende-se a distancias infinitas. Conhecendo todas as prégas e todas as profundezas do coração, sonda ainda as profundezas e as camadas das montanhas; fino observador da vida e das relações humanas, busca ainda penetrar as leis da luz e das côres; creador de tantas poesias tão harmoniosas, d'um rythmo tão puro, sabe presentir a direcção que a natureza creadora seguiu, quando desenvolveu sobre a nova terra todo o edificio evolucionario da vida organica. E, por sua vez, este sentimento da natureza, da sua inexgotavel abundancia de vida, do seu desenvolvimêto que se produz no silencio e segundo leis fixas, esse sentimento influe sobre todo o eonjunto das obras de Goethe. Muito poderoso e nada violento; entre toda esta diversidade, nenhuma desordem; em toda esta profundeza, nenhuma obscuridade.



92 — Goethe lyrico

Em todos os generos poetieos, Goethe produziu grandes coisas. Como lyrico é talvez o maior poeta de todos os tempos. D'ahi resulta, por consequencia, como elle proprio o reconheceu, que as suas poesias e antes de todas as do genero lyrico, animam os acontecimentos que elle viven, com uma viva pintura, acontecimentos que elle sabe transportar para as alturas da vida geral da humanidade, do ideal, de modo que nada de terrestre subsista, e que os seus poemas se clevem aos nossos olhos como puros genios. Os cantos de amor da sua juventude são a expressão tão verdadeira d'este sentimento, que ao mesmo tempo que nelles se lê a historia da sua propria vida amante, se julga estar-se lendo a historia de todos os jovens amores, taes como elles são e devem sel-o. Por outro lado, entre as balladas, por exemplo, a do *Cantor* parece inteiramente sahida da concepção ideal dos tempos eavalheirescos, quando, na verdade, foi na situação pessoal do poeta que ella naseu. O cantor que repelle a cadeia de ouro que lhe offereee o rei, é o proprio Goethe a quem a confiança do seu duque impôz o eargo e as honras da chancelaria, funcções que realmente elle acciton por affeição ao principe e ao paiz, e que elle sabe fazer dispôr em beneficio da sua poesia, mas no meio das quaes aspira sempre á vida livre do poeta, a unia realmente conforme com a sua intima natureza.

Não me é possivel examinar aqui uma a uma as poesias lyricas de Goethe, mesmo as mais requintadas; nem as canções de sociedade eom as suas vistas serias e o seu encanto poderoso; nem as balladas que, desde a fugitiva imagem da natureza no *Pescador*, desde o *Rei dos Aulnos*, inspiração das brumas do Norte, se elevam até á grande arte grega na *Noiva de Corintho*, até ao brilho e magnificencia das eôres meridionaes no *Deus e a Bailarina*; nem os hymnos *A minha Deusa*, *Limites da Humanidade*, etc., que, ao lado dos pensamentos mais altos, testemunham o sentimento mais delicado do rythmo da lingua allemã; nem as sabias maximas, os cantos de amor do

Divan, que respiram todo o ardor oriental e que chegam á sublimidade no maravilhoso, sob mil fôrmas, etc., onde o poeta arrebatado transporta a bem-amada ao immeuso infinito; nem as estancias incomparaveis das duas dedicatorias dos poemas e de *Fausto*. Não posso fallar mais senão citando-os, o *Epigramma veneziano*, tão attractante e tão variado, as *Elegias*, tanto a terna e focaute *Euphrosina*, como a exuberante *Romana*, em que o poeta, inspirado-se da fôrma classica, disputou os loiros, a Propercio e a Tibullo, vencendo-os no seu proprio terreno.

93 — As obras dramaticas de Goethe

Costuma-se dizer o mesmo tanto da *Iphigenia* de Euripides como da de Goethe; o que é completamente verdadeiro, enquanto se ficar fóra do elemento dramático do poema. Como Schiller, Euripides foi um talento dramático real. Depois de muitos o terem tentado fazer-o, Gervinus é o primeiro a mostrar-nos que não se póde dizer o mesmo de Goethe. Entre as suas peças de theatro só *Clavigo*, e em parte *Egmont* tem uma real acção dramatica; a sua construcção irregular não permittiu primeiro a Goetz manter a scena, e nas modificações ulteriores, Goethe, que não lhe soube encontrar o destino primitivo, estragou-a deploravelmente: e estas peças diversas, comprehendendo a concepção de *Egmont*, pertencem á juventude do poeta. Em Weimar começaram, para se desenvolverem na Italia, as suas tendencias para o estylo classico ideal, tendencias que não teriam ajudado o seu successo como auctor dramático. Porque o que havia de empolgante nas suas primeiras peças desapareceu inteiramente; e, sem este elemento, não ha, em secua, nenhuma acção possível. Consideradas exclusivamente como poesias, *Iphigenia*, *Tasso*, a *Filha natural*, são obras de arte perfeitas, do mais alto valor, quanto á nobreza das ideias, pureza de sentimentos, conhecimento do homem, estructura e harmonia da lingua; mas sempre a observação calma, ou a effusão lyrica domiuam demais, para que ellas possam corresponder á ideia de verdadeiros dramas.

Quando *Goetz*, na primeira redacção, se intitulava *Historia de Godefrói de Berlichingen*, dramatisado, reconhecemos nelle a maneira caracteristica com que Goethe se servia da fórma dramatica. O dialogo, a representação e os discursos dos personagens serviam-lhe só para dar aos objectos mais vivacidade e realidade. Elle sabia que este fim se obtinha pelo drama, que se precipita para a conclusão numa acção apressada, e tentava realizar-lhe as condições. Mas não o conseguia por causa da sua natureza, e os seus poemas, de drama, só tinham a fórma externa.

Em parte alguma se vê isto tão bem como no *Fausto*, que não poderia ser julgado exactamente segundo as regras dramaticas. E' de uma poética muito alta para esta fórma; não separa sufficientemente para as condições do tempo, e é escripto num estylo muito diverso nas differentes partes (d'onde nascem dissonancias, não soffrendo, aliás, como nas ruinas do castello de Heidelberg, a harmonia do todo). Elle é o nosso poema allemão fundamental, sahido das propriedades intimas do espirito germanico, a tentativa mais grandiosa e mais feliz de dar pela poesia a chave do enigma do mundo e da vida; pela sua significação e abundancia das ideias, é um poema de tal ordem que nenhuma outra nação pôde apresentar semelhante. Escusado é dizer que apenas me refiro á primeira parte, áquella que começada nos mais bellos annos da mocidade do poeta, foi provisoriamente acabada durante os melhores annos da sua idade de homem. E' natural que o pensamento de completar a sua obra principal o tenha seguido em toda a sua vida, como é natural que, tentando completal-a quando já estava velho, não podia triumphar e não devia fazer mais que dar nascimento a uma allegoria phantasmagoria.

94 — Os romances de Goethe. — Werther. — Wilhelm Meister

Ao lado das faculdades lyricas, dominavam ainda, em Goethe, as das epopeia. A sua natureza sabia conceber e



exprimir o puro e calmo reflexo de um mundo de fôrmas variadas e bellas, da mesma maneira que sabia fazer-se o echo poderoso de um coração em todos os graus emotivos. Estes dois aspectos do temperamento de Goethe revelam-se-nos como intimamente confundidos, no seu *Werther*. A fôrma epistolar é inteiramente lyrica; os acontecimentos, as sensações do coração, á parte algumas passagens em que o contista falla, apparecem-nos traduzidos pela emoção dos heroes. Este romance correspondia ás preocupações do momento, e age quando da sua appareção, com uma violencia pathologica. Nós, mais livres pelo afastamento, sentimo-nos arrastados primeiro para a sympathia, depois para a admiração, pelo ardor e pela ternura dos sentimentos que nos revela, pela vivacidade e a frescura dos quadros que apresenta deante de nós, e pelo encanto de uma lingua ainda na sua aurora.

O romance principal de Goethe, aquelle que reflecte toda uma vida humana, é o *Wilhelm Meister*, em que o elemento lyrico e o elemento epico se separam, de sorte que os mais encantadores romances parecem pequenas barcas embandeiradas navegando na corrente que desce docemente na narração. *Wilhelm Meister* não é obra de um só jacto; começada no anno de 1777, vae lentamente de progresso em progresso, de modo que, ás vezes, num anno, junta-se um livro, muita vez deixado no meio das distracções e occupações da côrte, mas sempre retomado; enfim a obra, afastada para o ultimo plauo, pela viagem á Italia e pela confusão politica e guerreira dos annos seguintes, só foi acabada em 1796, quasi vinte annos depois do seu primeiro começo. Mas como o poeta depôz nella tudo o que viveu, observou e aprendeu durante um tão longo periodo, succede que este romance, como o diz o proprio Goethe, é uma das producções mais complexas, de tal modo que é difficil que elle mesmo lhe possua o segredo. Se sempre o desgostava que o interrogassem sobre a ideia, o effeito ou a moral de um poema, isso ser-lhe-hia particularmente desagradavel a proposito de *Wilhelm Meister*. «Busca-se um ponto central, diz elle em resposta a Eckermaan, o que é difficil, o que não é justo. Eu devia pensar que uma vida fecunda em acontecimentos



que se desenrolam aos nossos olhos, seria alguma coisa por si mesma, sem precisar de uma tendencia preeconcebida e seguida. Mas se se quer buscar aqui alguma coisa de analogo, ouçamos estas palavras de Frederico, que elle dirige para concluir ao nosso heroe: tu vens a mim como Saul, filho de Cis, que sahiu de sua casa para busear as jumentas de seu pae, e encontrou um reino. — Reparemos nisso; porque, no fundo, tudo quanto ali se encontra não parece querer dizer outra coisa que isto: o homeni, apesar de todas as suas tolices e de todos os seus erros, dirigido por uma mão superior, acaba por chegar a um resultado feliz».

Podemos, ainda, estar certos de que Goethe compôz a sua obra da materia da sua propria vida. Elle fôra a Weimar, com o espinho d'um amor de juventude no coração; lá, elle viu abrir-se deante dos olhos um mundo novo com condições novas; partilhando uma predilecção principesca, tomára espontaneamente o gosto ao theatro, e o poeta fizera-se muitas vezes dramaturgo. Todavia o homem de eôrte tornou-se em pouco tempo homem de Estado; ao lado das festas penetrou cada vez mais nos negocios publicos; aprendeu nas viagens para que as suas funcções o chamavam, a conhecer o paiz, a sua situação e as suas necessidades, esforçou-se por desenvolver a agricultura e a industria, tentou auxiliar a exploração das minas, e remediou ás necessidades publicas. Este caminho, que o poeta seguiu, encontra-se reflectido no seu romance. Apaixonado, Wilhelm, filho de um commerciante, foge para o theatro. Emquanto que as suas inelinações pouco solidas desaparecem, que o seu ideal e os seus projectos dramaticos se lhe revelam pouco a pouco como illuzões, eleva-se, pelos conhecimentos que adquire, e pela sociedade que frequenta, a uma alta cultura do espirito e do coração, acaba por se encontrar possuidor de propriedades, e, pelo amor da irmã, pela estima do irmão, é aceite por uma nobre familia que une aos costumes de um mundo delicado os mais vivos sentimentos de humanidade. Attingiu assim realmente o inteiro desenvolvimento harmonico das suas fauldades, ao mesmo tempo que a dignidade de uma actividade humana, de

que resulta a felicidade para elle e para outros, proseguida por caminhos muitas vezes difficeis, e encontrada em logar bem diverso do que elle buscava ao principio.

Neste ponto podia dar-se o romance por acabado; mas, passados mais de vinte annos, Goethe viu-se levado a fazer seguir pelos Annos de viagem, os Annos de aprendizagem do seu heroe. Por excellentes coisas que contenha esta continuação, sob o ponto de vista dos pensamentos e das intenções, por muito poderosamente que ella testemunhe a ardente participação do poeta nas questões sociaes da epocha, a fórma poetica não corresponde ao pensamento; o interesse nos personagens do romance e no seu destino não se mantem, e como se dá com a segunda parte do *Fausto*, encontramos cada vez mais transportados para um mundo symbolico de phantasmas. O sentimento poetico não se encontra de modo algum satisfeito senão pelas novellas que o poeta incorporou na sua obra, mas deixando, desgraçadamente, incompletas as melhores, e que o leitor aparta do resto, á maneira das creanças gulosas que, d'um pastel de massa grosseira, só comem as uvas ou as amendoas. Será sempre para lamentar que Goethe não tenha acabado narrações como o *Homem de cincoenta annos*, e, artes de tudo, o encantador *Muito longe, não*, em vez de continuar além da sua conclusão um romance já acabado.

95 — Os Parentescos electivos. — Hermann e Dorothea

Foi aos sessenta annos que Goethê, reproduzindo ainda uma impressão do seu coração, compoz, d'um só jacto, como succedera com o *Werther*, o seu ultimo romance os *Parentescos electivos*. Esta impressão, era, como se sabe, uma paixão por Minna Herzlieb, paixão que tinha nascido um anno depois d'elle ter prestado uma tardia consagração ecclesiastica á sua ligação com Christiana Vulpius, e que, ainda que valentemente combatida e subjugada por uma poderosa vontade moral, lhe tinha, deixado uma dôr



profunda. Da mesma maneira que exprimira a sua inclinação numa serie de sonetos bem conhecidos, durante o tempo em que se abandonava a ella, alegre e sem receio; assim, juntou, no ambito de um romanees, tudo quanto ella lhe fizera nascer de doloroso emquanto a combateu, libertando-se d'ella assim de um modo realmente artistico.

Os *Parentescos electivos* têm de commum com *Werther*, o facto de, contrariamente a *Meister*, um amor desgraçado formar todo o seu contendo; mas na fórma possuem o caracter objectivo e epico no mesmo grau em que *Werther* possuia o caracter subjectivo e lyrico. Se a estrutura de *Wilhelm Meister* tinha alguma coisa de um labyrintho, por causa não só da abundancia dos personagens e das situações, mas tambem por causa das transformações que tinha soffrido o plano durante um tão longo trabalho deixado hoje para ser retomado ámanhã, os *Parentescos electivos* são ao contrario a claridade e a simplicidade mesmas, com cada parte proporcionada exactamente ás outras. A exposição principahnente — como a primeira aragem do vento que se eleva na calma do ar, primeiro, zephyro benéfico, que depois cresce e se torna a tempestade violenta quebrando tudo quanto encontra — a exposição, principalmente, é feita por mão de mestre, de tal sorte que nem o proprio Goethe nos deixa outra igual. Unica tambem a linguagem dos *Parentescos electivos*. Os principaes personagens do romance attingiram o mais alto grau da paixão, e o poeta não dissimula a sua profunda emoção, ainda que a sua linguagem conserve a calma da epopeia, e tire d'esta contineneia, d'este ardor abafado, maravilhosos effeitos. Entre a primeira e a segunda parte do romance ha uma differença; é a introduccão nesta de um elemento novo que, nesses annos, enchia o ar que o poeta respirava, o elemento romantico. A figura do architecto foi sempre sãmente julgada e apoulada com razão como muito fina; mas introduz-nos ao mesmo tempo na região mystica das capellas gothicas, das aureolas e das pinturas que ornamentam os vitraes; e a conclusão do romanees — a indicação do futuro despertar dos dois amantes que repousam um ao lado do outro, — é inteiramente inspirada, por este lado, nas convicções do poeta e do leitor contemporaneo.



Não é muito facil a um poeta ser tão mal recompensado por uma gloriosa creação, como o nosso com o seu *Paren-tescos electivos*. O publico não comprehendeu o romance; os proprios amigos receberam-no friamente, e, entre si, saeudiam a eabeça; aquelles que estavam já mal dispostos, tiveram um novo pretexto para gritarem contra o poeta. Uma heroina deixa-se ir sem desconfiança e quasi sem ter a consciencia d'isso, numa paixão nobre no seu principio, mas que ameaça tornar-se invasora. Logo que reconhece a sua incompatibilidade com as regras moraes, ainda que as circustaneias exteriores estejam quasi promptas a deixar o logar livre a esta paixão inexoravel, condemna-se a si mesina, e arrasta consigo, para a morte, o seu amante, que na verdade não se mostrou, moralmente, tão forte. Eis a materia do romance e o que se qualifica como immoral!

Doze annos antes, Goethe tinha sido apreeiado melhor e oblivera um successo merecido com um poema sobre cujo sentido e valor era na verdade impossivel que alguem se enganasse: quero referir-me a *Hermann e Dorothea* onde, sob a fórma de epopeia homericã, elle nos apresenta um pedaço da vida burgueza da Allemanha, contrastando sobre o fundo dos grandes acontecimentos politicos da epocha. Platen chamou, com razão, a este poema, o orgulho da Allemanha, a perola da arte. Elle achava o hexametro desigual, o que deve desculpar-se ao *virtuose*. Se elle fôsse já um homem quando Goethe escreveu as suas *Elegias* e o seu *Hermann*, este que se lastimava muitas vezes do vago da metrica allemã, tel-o-hia interrogado assim como A.-W. Schlegel, e teria podido fazer o possivel para seguir os seus conselhos, mas não teria tido desejo algum de troear o seu «deixa-andar» tão feúndo pela secca correção do conde. Não admiramos menos Eckermann quando, a proposito dos ultimos annos do poeta, nos diz que *Hermann e Dorothea* é quasi o unico dos seus grandes poemas que lhe causa ainda prazer, e que não póde lê-lo sem o mais vivo interesse. O poema é tanto mais attrahente quanto mais simples são o character e a situação dos personagens, e quanto menos rebuscada é a expressão. Elle está inteiramente impregnado de sabedoria humana, de

senso burguez e de aptidão moral, e deve tornar querido o poeta mesmo áquelles que não pódem sempre seguir-lhe todos os passos. De resto, ha quem colloque essa obra á frente das suas producções principaes.

96 — Poesia e Verdade. — A Viagem á Italia

Dizia eu no principio que não sabemos como acabar de fallar em Goethe. Quando se lem passado vivamente sobre muitas coisas, encontram-se novas que não merecem menor attenção que aquellas de que se fallou. Vou consagrar algumas linhas á obra *Poesia e Verdade*, ás indicações biographicas que ella contém, e ao mesmo tempo ao que pouco a pouco appareceu da sua correspondencia.

Como se vê pelo titulo, o auctor não póde esquecer que era poeta, e ellê mesmo colloca esse trabalho a par de um romance, quando responde a Eckermann: na *Historia de Sesenheim* como nos *Parentescos electivos*, não ha um traço que não seja verdadeiro, mas não ha tambem nenhum que se tenha conservado tal como foi vivido. Elle deu ao seu livro este nome, porque se eleva, por tendencias superiores, acima das regiões de uma realidade vulgar, e não lembra os factos particulares senão para confirmarem verdades mais altas. Tambem, pelo que respeita a factos, o livro soffreu diversas rectificações por meio de cartas que o velho não tinha á sua disposição quando escrevia; mas como tal verificação falla totalmente para os primeiros annos da mocidade de Goethe, será mais difficil aqui restabelecer a verdade, enquanto os poemas que se seguirem, principalmente *Wilhelm Meister*, não derem esclarecimentos. As rectificações mencionadas referem-se em grande parte a fallas de memoria; mas um outro elemento ha que deve considerar-se. Goethe não possuia o cynismo peralta do auctor das *Confissões*, que consistia em despedir-se do que era baixo, para se vestir com o que era elevado; aquelle escondia o que se não deve vêr, para chamar a attenção sobre tudo quanto é importante sob o ponto de vista humano.



Como um individuo dotado de taes ou laes qualidades se desenvolveu numa dada posição social, num meio determinado, entre influencias favoraveis e influencias desfavoraveis; como dá um passo para a frente, depois é lançado para traz, sabe reparar o mal que lhe causaram, e fazel-o redundar em seu favor; o que são as condições possoaes d'este individuo, os seus paes, os seus irmãos e irmãs, os seus primeiros amores; o que são, em volta d'elle, o muudo, a terra natal, o corpo germanico, a litteratura no tempo da sua vinda ao muudo; fualmente a apparição das suas primeiras obras, a sua acção sobre o publico, e a reacção sobre o novo auctor; tudo isso Goethe nol-o piuta de tal maneira no *Poesia e Verdade*, que o livro adquire em todas as suas partes uma importancia capital, e fica, assim, muito acima de uma biographia vilgar. Quando vemos um individuo que, sob a protecção do seu genio, marcha de progresso em progresso, se torna senhor de todos os obstaculos, sac victorioso de todas as complicações e de todos os combates, unidos a elle por uma viva sympathia, sentimo-nos elevados acima de nós mesmos, sentimos em nós fortificadas, a fé no poder das nobres inspições, num mundo disposto para ellas, a coragem para a acção constante e alegre, foute de toda a virtude como de toda a felicidade. Póde hem lamentar-se que esta exposição se feche com a partida de Goethe para Weimar; mas concebe-se facilmente que elle não tenha tido desejo algum de nos representar, para thema de um tal estudo, o resto da sua existencia, que passa inteiramente nessa cidade; e a consideração de que elle nos pintou completamente a epocha da sua infancia e da sua mocidade, até aos principios da sua idade viril, isto é, d'entre todas a mais importante para o desenvolvimento do individuo, deve pôr fim ás uossas lamentações.

Emquanto que naquillo a que chamava os seus cader-nos de notas quotidianas, Goethe apenas nos esboçou, por assim dizer, a lapis, a sua vida em Weimar, principalmente na segunda metade, deixa-nos ao contrario, descrições mais detalhadas sobre diferentes circumstancias que elle encontra fóra d'essa cidade. Assim as diversas peripecias da viagem á Italia, de que a primeira



parte, principalmente, conservada numa serie de cartas, nos colloca deante dos seus esforços constantes, dos seus progressos poderosos e da felicidade que elle tira de sentimento d'estes progressos. Deixamo'-o com noções benéficas e uma profunda sympathia, sem que todavia possamos impedir-nós de nos espantarmos quando vemos um espirito tão clarividente deixar-se gastar tanto tempo pela inuidade da sua tentativa para se distinguir na arte plastica. A *Campanha da França*, em que Goethe reuniu as suas notas diárias sobre a expedição de 1792 em que acompanhou o seu príncipe, foi pouco apreciada, e mesmo calumniada. Elle teria escondido os graves erros do quartel-general, e attribuido falsamente o desastre a más condições meteorologicas. Para quem sabe entender, o poeta indicou sufficientemente que conhecia muito bem estes erros. Mas esses comprehenderão tambem que não devia convir ao confidente do duque dar á lingua como um collegial, e não terão difficuldade alguma em encontrar o ponto de vista sob que se deve entender esta pequena narração. Ella não é nem estrategia, nem historia politica: é, uma vez ainda, poesia. O papel do poeta é pintar não só a existencia como os sentimentos dos homens; por consequencia, quando lhe acontecer tomar parte numa campanha, buscará abrangel-a e fazer d'ella uma pintura viva, tanto dos sentimentos intimos dos homens durante as vicissitudes da lucta, como da sua conducta externa, tanto dos grupos que elles fórnam como das scenas em que entram; e isto, parece-me, Goethe fel-o com uma perfeição que será o desespero dos seus imitadores.

97 — A correspondencia de Goethe

D'entre as suas correspondencias, Goethe publicou a mais numerosa, a mais importante, a que teve com Schiller, com a consciencia de que «offerecia assim um presente consideravel aos allemães e á propria Humanidade»; e era preciso a baixa inveja de um Boerue, o odio de um

A.-W. Schlegel contra Schiller, para os impedir de aceitarem com alegria e reconhecimento tal juizo. A mais de um respeito, a correspondencia entre Goethe e Schiller é uma das mais preciosas joias do nosso thesouro nacional. Ella faz-nos penetrar no gabinete de dois grandes genios, que têm no mais alto grau a vocação poetica, que se communicam as suas ideias e os seus planos, se aconselham para os seus trabalhos, se aperfeiçoam pela sua intelligencia reciproca, e ás vezes se unem para uma empreza commum. Eleva-nos e torna-nos melhores, vêr estes dois homens occuparem-se sem cessar das mais altas questões, consagrarem toda a vida ao serviço da arte e da humanidade e tratarem com grandeza mesmo as mais pequenas coisas, e os detalhes profissionaes. E' para nós um salutar espectaculo o d'estes dois espiritos, tão essencialmente diferentes, de facultades tão oppostas sob muitos aspectos, e tendo consciencia perfeita d'este contraste, que, encontrando-se uma vez depois de terem vivido muito tempo uma vida indifferente, se ligam para sempre, sabem completar-se um ao outro pelo contraste da sua natureza, e mantêm durante dez longos annos a sua alliança viva e fecunda sem perturbacões, sem signaes de ciuime e de inveja, apesar das occasiões sem cessar renovadas pela situação de um, pelos successos do outro, até ao dia bem cedo vindo em que o mais novo falta ao seu amigo. Póde extranhar-se, e não é raro ouvir accusar-se de isso os nossos dois poetas, que, durante uma epocha politicamente tão perturbada, a questão publica não desempenhe papel algum na sua correspondencia, que só se faça nella menção, em particualar, da guerra funesta que provocou a ruina do imperio allemão, como obstaculo á livraria ou ás viagens, ou porque ella traga alterações aos seus parentes e amigos. A este respeito só os ultimos acontecimentos nos têm permitido apreciar quanto estes dois homens gloriosos tinham consciencia da sua missão. De que serviria que elles se tivessem deixado arrastar pelas preoccupações politicas da epocha? E' aqui que se póde dizer: deixa os mortos sepultarem os mortos, e tu caminha e annuncia o reino de Deus. A sua missão era, sem se deixarem distrahir



pelas ruínas políticas que se accumulavam irresistivelmente em volta d'elles, edificar para o espirito uma solida fortaleza, em que os allemães, ao mesmo tempo que se aperfeiçoassem como homens, pudessem aprender a sentirem-se como nação, até ao dia em que depois de se terem elevado até ao nivel do adversario, fôsses capazes de proceder á constituição de um Estado allemão.

As cartas de Goethe á mulher, cuja poderosa influencia não pouco contribuiu para o levar ao grau de perfeição em que se encontrou mais tarde com Schiller, essas cartas a Madame de Stein servem-nos e ligam-nos a outro titulo differente do da sua correspondencia com o seu emulo. Ellas permitem-nos lançarmos um olhar extremamente instructivo a esse coração de poeta de sentimentos tão ternos e tão vivos que, para repousar da sua immensa actividade no dominio da poesia e da sciencia, da sociedade e dos negocios do Estado, teve a necessidade constante do doce lar de um nobre amor. As suas cartas a Kestner e a Lotte, que o filho d'este ultimo nos transmittin com o titulo — *Goethe e Werther* — são um complemento inestimavel do *Poesia e Verdade*. Ellas fazem a luz sobre um capitulo da vida do poeta que, até ali, nos apparecia apenas no vago de um esboço confuso provocando longinquas recordações. A sua importancia é dupla: por um lado, fazem-nos vêr o fundamento real de *Werther* e fornecem-nos tambem um exemplo precioso do processo artistico de Goethe; por outro lado, mostram-nos o homem mettido num conflito entre a inclinação e o dever. E nós gosamos a dupla satisfação de vêr tão estimavel o homem, quanto admiravel era o poeta.

As cartas de Goethe a Herder e a sua correspondencia com Jacobi têm de common que começando com todo o calor de uma amizade de juventude, acabam pela frieza, pela separação de temperamentos incompativeis. A correspondencia com Knebel, ao contrario, por muito leviano que este seja, algumas vezes mesmo indisposto com Goethe, affirma uma cordealidade constante; muu, uma piedade indestructivel, nos dois uma affeição fiel, isto até á idade mais avançada em que o mais novo devia ainda sobreviver ao outro. A mesma cordealidade se



nota na correspondência com o duque Carlos-Augusto, d'onde nunca desapareceu o ardor e a franqueza de uma antiga amizade, ainda que, do lado de Goethe, ella se torne, com os annos, mais cerimoniosa, e, em conformidade com os assumptos tratados, se sinta o formalismo dos negocios da chancelaria. Nos seis volumes da correspondencia com Zelter, este ultimo, na verdade, occupa muito espaço com a sua rude loquacidade; todavia, esta collecção, com as conversas de Eckermann, são um repositório indispensavel em que se encontrará conservadas, por um discipulo, com uma fidelidade que nunca teve egual, as maximas do mestre sobre as suas diversas situações, as suas disposições, as suas occupações e os seus juizos. Mas d'entre as outras collecções das cartas de Goethe, cujo numero continua a augmentar quasi com cada anno, ou sejam as pequenas cartas a Augusto Stolberg, que elle nunca viu, ou os bilhetes á bella Branconi, que elle viu immenso, não ha nenhuma que não accrescente a esta figura um traço novo, ainda que pouco apparente, e — coisa rara e maravilhosa — para os que sabem comprehendel-a inteiramente, nenhuma que não se volva em sua honra. Estas collecções, em particular, approximadas da obra *Poesia e Verdade*, têm cada vez mais produzido sobre nós o resultado de tornar Goethe, que já era querido como poeta, querido como homem, e de fazer com que não nos cançemos nunca de considerar, admirar e tornar proveitoso para nós, ao lado das suas producções de arte litteraria, est'outra obra de arte — a sua vida, tão digna, tão activa e tão fecunda, de que todas as partes se fundem numa harmoniosa unidade.

98 — Schiller e Coethe. — Schiller lyric

Goethe e Schiller completam-se mutuamente, tendo um a sua força onde o outro tem a sua fraqueza, e reciprocamente. A força de Schiller está no drama, onde Goethe não consegue egualal-o; mas no genero lyrico, pelo contrario, onde este é unico, vemos Schiller ser fraco, no que



se refere ao coração do genero, a canção, e não vemos que tenha mais que fugitivas tentativas na epopeia ou no descriptivo.

Quando Schiller, na sua primeira admiração pela canção de Mignon, do oitavo livro do *Wilhelm Meister*, escrevia a Koerner: «Deante de Goethe não serei mais que um raseunho poetico», o seu amigo tinha toda a razão em o acautellear contra o exagero da modestia, e em lhe lembrar que neste genero em que Goethe podia ter sobre elle vantagem, não se continha toda a esphera da arte poetica. Nesse genero, isto é na poesia lyrica, no verdadeiro sentido da palavra, de que esta canção da *Mignon* é uma das mais enternecedoras paginas, Goethe não sobrepujava sómente Schiller; este não podia mesmo comparar-se com aquelle, e é este sentimento exacto que o nobre espirito exagera nessas palavras dictadas pelo seu desinteresse. Quando, ao contrario, declara, a esse mesmo amigo, que com respeito ao drama elle se não mede com Goethe, ainda mesmo que attendesse a todas as suas faculdades, e que nunca chegaria certamente ao seu nivel se não tivesse trazido para esse genero alguns talentos e alguma habilidade que lhe são extranhos, neste caso, procedeu realmente mal, e precisamos de nos lembrarmos que esta declaração data do tempo d'essa longa pausa entre *D. Carlos* e *Wallenstein*, em que Schiller se deixou levar para fóra da sua vocação real por trabalhos historicos e philosophicos. Porque aqui, no dominio dramatico, a relação altera-se de tal modo que Goethe, mesmo consagrando-lhe todo o seu poder, não póde medir-se com Schiller. Mais tarde, aliás, este reconheceu-o bem e determinou-o exactamente quando emittiu a sua opinião sobre a *Iphigenia* de Goethe, a que falta a sensualidade, a vida, o movimento, e tudo o que caracteriza uma obra verdadeiramente dramatica, mas que possui, independentemente de toda a fórma dramatica, tão altas propriedades poeticas, que é uma producção moral tão elevada que, considerada exclusivamente como uma obra de poesia, fica inapreciavel para todos os tempos.

As composições lyricas de Schiller não devem a sua grande reputação, bem merecida aliás, ao puro elemento

lyrico, mas ao elemento didactico, epigrammatico, como na fórma intermedia da ballada. Entre as suas canções de amor, as da sua mocidade são emphaticas, as que se seguiram, em pequeno numero, são pallidas e sem grande significação; as suas canções de sociedade, encontram em parte, nos pensamentos muito condensados, um obstaculo a um movimento rapido e ligeiro. A peça *Aos meus Amigos* appareceu-lhe mais tarde fallha a elle mesmo, tanto que não quiz comprehendel-a no conjuncto das suas obras. Basta comparal-a com o canto de Goethe aos seus amigos, quero dizer: — Sinto-me arrebatado, não sei como, etc. — para se vêr o que lhe falta. Os *Deuses da Grecia* é uma elegia grandiosa que se apoia na historia religiosa, um discurso ousado e retumbante contra o christianismo, em nome do humanismo; mas como Goethe animou o mesmo thema de uma poesia mais viva na sua *Noiva de Corinto!*

Os nossos dois poetas tiveram de commum, que depois de terem entrado na carreira com brilho, pararam e recolheram-se durante um tempo em que pouco satisfeitos do que tinham precedentemente produzido, se esforçaram por conquistar uma fórma mais pura. Mas quando Goethe, para chegar ahi, se dedicava á arte classica, Schiller preparara-se para isso com a leitura dos poetas gregos, com o estudo da philosophia, particularmente da de Kant, e perfilhára a escola. Devemos a estas occupações alguns dos seus melhores trabalhos em prosa; se a sua propria poesia perdeu a rudeza e violencia primitivas, perdeu tambem alguma coisa da sua frescura e da sua naturalidade; e se ao sahir d'esta situação, elle não tivesse a felicidade de encontrar Goethe, que o reconduziu para o dominio da poesia, da mais elevada mesmo, a cura poderia muito bem não reverter em seu favor.

No dominio lyrico, ella produziu certos fructos que o poeta avaliava segundo a medida dos esforços que lhe tinham custado; avaliação que o leitor tem o costume de aferir pelo trabalho que deve gastar em comprehender uma poesia. Quando não se impoz Sciller em volta do poema *Os Artistas!* E todavia nós gostamos mais de buscar os pensamentos que se encontram nas suas dissertações sobre a esthetica; emquanto que no que



se refere. poema em si, somos inteiramente da opinião de Wieland, que se incomodava com essa mistura de coisas poeticamente verdadeiras confundidas com outras de uma verdade real, que se cegava com a successão incessante das alegrias, e declarava, enfim, não reconhecer o todo como um poema propriamente dito. opinião a que o proprio Schiller deu razão, hesitando em collocar no conjuncto das suas obras este poema laborioso. O poeta queria que o *Imperio das sombras* a que mais tarde chamou o *Ideal da vida*, fôsse lido pelos seus amigos no recolhimento do silencio, e considerava-o como a sua melhor obra lyrica; mas quando queremos encontrar em Schiller o lyrico, quando queremos, principalmente, assegurar-nos do seu talento poetico, pegamos mais depressa num trecho como a *Divisão da terra*, a que elle chamava uma farça; como a *Lamento mortal de Nadowess*, a que Koerner, com todo o seu juizo perspicaz, não queria conceder o seu applauso senão com grande rigor; como o *Ideal*, de que, á parte o proprio poeta, só Goethe reconheceu o valor; como o *Desejo*, cujo character verdadeiramente lyrico se revela pela prefereneia que lhe tem sempre dado a musica.

Como corramento de todas as produções lyricas de Schiller, falta-nos considerar o *Sino*, imagem sabia da vida humana nas suas diversas condições, poema cuja leitura provocava tanto o riso de bando romantico que frequentava os chás de Carolina de Schlegel, que corria o risco de cahir das cadeiras; mas que ainda hoje abala e commove os homens serios e sãos, emquanto não nos damos mesmo já ao trabalho de nos rirmos d'esses graçejadores, nem de encolhermos os hombros deante das suas loucuras ou das suas maldades. Ao mesmo tempo, este poema, como nenhum outro talvez, traz a marca do genio de Schiller. Goethe não poderia ter composto o *Sino*, assim como Schiller não teria feito nunca o *Hermann e Dorothea*. Uma abundancia de pensamentos e de verdades moraes distingue tambem os poemas de rythmo elegiaco, assinalados em grande parte por maximas inapagaveis, *O Passeio* e diferentes epigrammas; e a proposito dos *Xenios*, em que ambos collaboraram, o proprio

Goethe reconheceu que, neste ultimo genero, Schiller lhe era superior em manejar a aguillada.

99 — O Sino. — As balladas

As balladas de Schiller são cheias de brilho e de poder. E' um genero em que ha noventa annos que a lueta está travada entre os dois poetas amigos. Ha o costume de designar a ballada como um poema epico e lyrico; mas nella, a epopeia não é mais que uma novidade; um acontecimento extraordinario mas unico, cujo descriptivo precisa de ser energico, dando, por consequencia, aso ao talento dramatico. E' o que explica a predilecção de Schiller pela ballada, e os successos que obteve, e ao mesmo tempo, por causa da sua maneira pathetica e dramatica de tratar taes assumptos, a ausencia de simplicidade epica que distingue a maior parte das suas balladas das de Goethe. O poeta foi grande principalmente naquellas em que tratou de recordações do antigo, como o *Annel de Polyrates*, inspirado de Herodoto; como os *Grous d'Ibycos*, em que elle misturou uma notavel paraphrase de um côro de Eschylo; como a esplendida *Festa da Victoria*, composta sob a fórma de uma canção mundana, para a qual, segundo elle dizia a Goethe, deseera á abundante seara da *Iliada*; como *Hero e Leandro*, que só nos pareceu um pouco carregada de phraseologia mythologica. Entre os assumptos romauicos, o *Mergulhador* distingue-se pelas suas pinturas grândiosas da natureza; elle, por causa da sua vivacidade de exposição, tornou-se um trecho favorito de declamação. O *Cavalleiro Toggenburg* é contado com encanto e simplicidade; respira-se ali ternura que talvez vá ás vezes até á molleza. A *Canção* e a *Marcha do martello de ferro* têm um effeito dramatico; sómente, neste ultimo, como no *Conde de Habsbourg*, a descripção da piedade catholica do heroe, em Schifler, tem alguma coisa de fadicio. A *Luva* é um brilhante trecho de pintura pela linguagem e pelo rythmo; mas nem só os maus romauicos experimentaram um sentimento de tedio com o *Combate*

com o dragão, sobrecarregado das vinte e cinco estrophes de doze versos.

No dominio da descripção em prosa, o *Visionario* é o fragmento de um romance por acabar; o *Criminoso por ter perdido a honra*, o *Jogo da sorte* são acontecimentos reaes, dispostos em novellas. No fragmento do romance tudo é parente do drama, e as scenas com o *Armenio* são tratadas do modo mais attrahente; mas faltam-lhes a calma e a amplidão epicas. Este assumpto tinha, no fim de contas, o character d'uma novella, e não ha duvida de que se Schiller o tivesse mais tarde concluido, o teria feito brilhantemente. Porque as duas menores narrações já citadas, e que não são geralmente apreciadas no seu valor, testemunham uma grande aptidão para a novella. Muitos poucos leitores sabem tambem que não só aquelles, mas até o *Visionario* tratam de factos tirados á historia do Wurtemberg, com que a imaginação do poeta longos annos se alimentou, até ao tempo da sua estada em Dresde e mesmo em Weimar. Assim, o *Estalajadeiro* é um bandido que ainda hoje vive nas recordações populares do Wurtemberg; assim no *Jogo da sorte*, Aloisio de G. e Martinengo são os dois rivaes do favor do duque Carlos, o coronel Riger e o conde Montmartin, e, segundo o seu esboço, a fabula do *Visionario* não é mais que a historia da conversão ao catholicismo do príncipe do Wurtemberg, mais tarde o duque Carlos-Alexandre (o pae do duque Carlos). Sem duvida os motivos intimos estavam longe de ser tão delicados como o poeta nol-os representou; não se tratava, de modo algum, de escrupulos philosophicos e religiosos; havia em jogo tão sómente uma somma de dinheiro que os Estados Wurtemberguezes recusavam ao príncipe magramente dotado, e que, pelo que se disse, lhe foi garantida pelos jesuitas de Vienna como premio da sua conversão. Mas quando uma tarde, em Schiller, o mysterioso armenio vêm murmurar aos ouvidos do príncipe, na praça de S. Marcos, em Veneza que — elle morreu ás nove horas — allude-se ao facto historico de que tendo o príncipe herdeiro presumptivo do Wurtemberg morrido antes de seu pae (23 de novembro de 1771), era o príncipe Carlos-Alexandre, descendente de uma das li-

nhas collateraes, que ficava o futuro possuidor da soberania ducal.

100 — Os dramas de Schiller

Entre os dramas de Schiller, colloco em primeiro lugar *Wallenstein*, *Tell*, *Cabala e Amor*, e assim por esta ordem.

Wallenstein pertence, como o *Fausto*, os *Parentes escollidos*, *Hermann e Dorothea*, aos poemas que seria bom relêr todos os annos. De todas as peças de Schiller é a mais poderosa, a mais rica e a mais madura. Não desmente o seu inspirador: penso que ella deve ter sido composta durante a mais real influencia de Goethe sobre Schiller. O idealismo do ultimo parece ter-se compenetrado, em todas as partes, do realismo do primeiro. Sente-se tambem a influencia de Shakspeare na amplidão da execução, como na concepção do principal caracter: *Wallenstein* é, ao mesmo tempo, um *Maebeth* e um *Hamlet*. Tem-se discutido muito sobre as imperfeições do detalhe, mas ellas nada pôdem enfra o effeito produzido pelo todo. O preludeio, o *Campo de Wallenstein*, desgraçadamente a ultima coisa que a verve comica tão generosa de Schiller produziu, ella que se tinha já exercitado nos *Bandidos e Cabala e Amor*, este preludeio está escripto com uma ligeireza e um bom humor nunca ultrapassados. A maneira como elle soube empregar materiaes que lhe eram tão extranhos, no sermão do capuchinho, como os sermões do padre Abrahão a *Santa Clara*, a maneira como elle soube introduzir na tragedia o elemento astrologico, ou no poema lyrico, o *Lamento mortal de Nadowess*, affirmam o talento extraordinario de Schiller para dar fórma poetica a uma materia completamente objectiva, sempre que elle queira dar-se ao trabalho de se submeter a uma tal imposição.

A frescura, a eôr local, o sentimento popular animam *Guilherme Tell*. Desde o principio, a scena da margem do lago pertence ás maiores produções poeticas que tenham apparecido. Em nenhuma parte mais, Schiller depôz mais claramente as suas opiniões politicas. A conspiração

sobre o Rütli é um extraordinario traço de genio. A scena em que Tell deve collier a maçã, põe-nos fóra de nós. Comparada ao resto, a intriga amorosa inevitavel é cheia de seccura; lambem ella fica no segundo plano. De tempos a tempos, a harmonia do todo altera-se por uma dissonancia entre a rude eôr local, que é sempre procurada e attingida muitas vezes, e o classicismo hellenico, que começa a tornar-se affectado. E sob este ponto de vista o grande estylo da scena entre Stauffachier e sua mulher, succedendo immediatamente á scena popular do principio, produz no theatro uma impressão desagradavel.

Cabala e Amor, apesar das inverosimilhaucas e de tudo quando a razão possa objectar, é uma peça de uma força tragica pungente, (mas é preciso vê-la em scena). Em parte alguma mellhor que nesta obra de mocidade, em que a theoria faz sentir pouco ainda a sua influencia, se reconhece quanto o talento dramatico está no temperamento de Schiller. Depois ha nelle um acontecimento de historia allemã tão importante em si e tão bem pintado como no *Wallenstein*. Considerando os personagens á parte, o musico Miller é uma creação inapreciavel no mellhor espirito allemão, ou, mellhor, suave, como o poeta nunca conseguiu simillhante, e mesmo como nunca mais tentou pinlal-o.

Entre os outros dramas de Schiller, *Fiesque* é fraco, o *Bandidos* ousado; mas ainda de um caracter juvenil. A gente espaula-se como conseguiu, o poeta, amadurecer tão rapidamente nos tres annos que separam esse drama do *Cabala e Amor*.

Tive sempre o *D. Carlos* na mais alta consideração, essa peça de um periodo de transformação no seu principio. Se satisfaz pouco como conjuncto, é tão nobre e tão tocante nos seus detalhes! Posa é, como se diz com razão, precursor da assembleia constituinte franceza; e se Schiller lhe poz na bôcca as suas aspirações de liberdade politica, retraçou em Carlos a sua sêde de amizade e as suas tendencias para o amor idealista.

Com os trechos do periodo classico, que se abre com *Wallenstein*, o poeta, fatigado com a trilogia, manifestamente abandonou o longo e penoso trabalho que ella lhe ti-

nha custado. *Maria Stuart* não esgola o elemento tragico da situação historica. Devemos lamentar com effeito que um poeta dolado do senso historico e politico, como era Schiller, fenna comprehendido tão pouco um caracter politico como Izabel, um homem de Estado como Burleigh. E a sua Maria é uma Magdalena, — mas os Durers devem deixar aos Corregios o cuidado de pintarem Magdalenas. De resto, quem ao lado d'isto, se não commoverá com a scena lyrica do jardim? e tomo sob a minha protecção a discussão das duas rainhas contra a possivel acussação de muila aspereza.

Schiller não era feliz em descrever mulheres senão excepcionalmente e só nos papeis secundarios; foi da sua parte um erro grande tentar fazer de um sêr feminino a figura principal de um drama. A sua *Virgem de Orleans*, por quem todos nós nos apaixonamos na mocidade, não salisfaz a um goslo aperfeiçoado. Ingenuidade a menos e rethorica a mais. A figura historica de Joanna é bem mais interessante, mais poetica que a do drama. O papel, pela sua emphase declamatoria, tornou-se uma verdadeira cilada para as nossas actrizes. A ideia de prender o esforço e o destino da natureza feminina na nossa heroína, pela fraqueza mais feminina, de fazer cahir o amor celeste no laço do amor terrestre, é excellente *in abstracto*; mas a execução é de tal modo falha que cahe sob o epigramma de Plalen, quando elle falla d'esta «virgem que se apaixonou pelo lord inglez com uma rapidez extraordinaria». O desenlaçe da tragedia afasta-se da verdade historica, fóra dos limites do permittido. Quando a horrivel realidade é tão notoria, a scena da transfiguração no theatro apparece como uma brincadeira. Mas, objectar-se-ha, ninguem se podia servir nem do processo nem da fogueira. Muilo bem, assim como ninguem se servia do cadafalso no *Egmont* ou da roda no *Estalajadeiro*. Nesles dois casos, tanto Schiller como Goelhe souberam resolver a difficuldade. Quem de resto poderia ser bastante lólo para deseonhecer a riqueza d'esta peça em bellezas de toda a ordem, em scenas do mais poderoso effeito tragico, em inspirações do mais nobre patriotismo?

A *Noiva de Messina* é, da parte do poeta, uma tentativa

para reformar a tragedia moderna, restabelecendo-lhe o côro no sentido do idealismo grego. Para que tivesse uma acção propria, tirou aos *Phenicios* de Enripides, que elle tinha burilado antes, o par dos irmãos inimigos com a vã advertencia do oraculo; enquanto que transformou o horror de um incesto inconsciente entre a mãe e o filho, num horror egualmente inconsciente entre a irmã e o irmão. Mas estes funestos jogos do destino não se deixam suppôr assim; personagens inventados *ad hoc*, isto é imaginados e dispostos de modo a servirem para um conflicto previsto, não pôdem conquistar o nosso interesse, que não concedemos senão a seres fundamentalmente vivos. Quanto á tentativa dos côros, se estes, bem interpretados na representação, não ficam sem effeito, graças ao valor dos pensamentos e da linguagem, como já se devia esperar, em nada contribuem para o desenvolvimento do drama moderno.

Neste sentido, *Demetrius* foi, sem duvida, de muito maior importancia. O assumpto eslava completamente no temperamento de Schiller, tanto sob o ponto de vista politico, como sob o ponto de vista psychologico, e o que foi executado estava prenhe de promessas; mas não nos foi permittido gosar essa obra.

101 — Trabalhos historicos e philosophicos de Schiller

O interesse que resulta para nós das narrações historicas de Schiller consiste, em primeiro lugar, no brilho da exposiçào, no valor dos pensamentos que ali apparecem, e, sob outro aspecto, como para a *Historia da guerra dos trinta annos*, no olhar que nos permittem lançar sobre os estudos que serviram de preparação para as suas produções historicas. Os seus tratados de philosophia esthetica conservam, ao contrario, uma importancia duradoira. Nas *Cartas philosophicas entre Julio e Raphael*, se bem que ellas se mantenham ainda no terreno da concepção do mundo devida a Leibniz, vê-se já apparecer o idealismo pantheista da philosophia ulterior da Allemanha; o tratado sobre a Poesia ingenua e sentimental tornou-se o fundamento de uma nova esthetica, enquanto que as *Cartas*



sobre a *educação esthetica do homem* marcam as grandes linhas de uma historia da Civilisação.

Tratamos já das cartas de Schiller a Goethe; as cartas de Goethe a Madame de Stein correspondem ás cartas de Schiller a Kœrner, — aqui o amigo, alli a amiga tem uma influencia constante sobre o desenvolvimento dos poetas; — e as respostas fleis, sensatas e sinceras de Kœrner são indispensaveis para a intelligencia das ideias intimas de Schiller, da sua natureza e das suas aspirações. Quanto mais importantes são as discussões que encontramos na correspondencia entre Schiller e Guilherme de Humboldt, mais devemos lamentar que, por causa de desgraçadas conjecturas, ella nos tenha chegado apenas fragmentada. As cartas de Schiller aos seus paes, aos seus irmãos e irmãs mostram-nos a familia a que pertencia, como filho e como irmão, infinitamente respeitavel; as a Fichte e a A. W. Schlegel representam-nol-o na sua franqueza e austeridade indo, quando o julgava necessario, até á tenacidade, e tambem na sua notavel aptidão para os negocios. Pelas cartas do joven Boss, que viveu perto d'elle durante os seus ultimos annos, apparece extremamente amavel na sua vida de todos os dias; e Streicher, traçando-nos na velhice, com toda a fidelidade de um amigo de infancia, a fuga de Schiller de Stuttgart e a sua estada em Mannheim, transmittiu-nos um enternecedor idyllio.

«Você é, escrevia de Roma, a Schiller, em 1803, Guilherme de Humboldt, você é o mais feliz dos homens. Attingiu o sublime e possui o poder para ahi se manter. Elle tornou-se o seu dominio; e não só o lado commum da existencia não chega a distrahir-o, mas até você tira d'ahi uma bondade, uma doçura, uma claridade e um ardor que trahem a sua origem. Esse aspecto elevou-se ao mesmo tempo que você possuía mais firmeza nas suas opiniões e mais segurança nas produções. Para você não é preciso pedir á fortuna mais que a vida: pois que por si mesmo, possui a força e a juventude». A vida abandonou esta nobre natureza logo um anno e meio depois do seu amigo lhe ter escripto estas palavras; mas a força e a mocidade ficaram-lhe fleis e, pelas suas poesias, agem ainda hoje, como o farão em todos os tempos.



SEGUNDO APPENDICE

Os nossos grandes musicos

102 — A Allemanha e a musica. — Bach e Haendel

Não ha arte que exerça tão poderosa influencia sobre a vida interior do homem como, com a poesia, a musica. E sob este aspecto podemos regosijar-nos com uma vantagem real. No campo da poesia, a vantagem estava na facilidade da nossa lingua se appropriar, por traducções que conservassem toda a fidelidade da fórma, as producções poeticas de todos os povos e de todos os paizes, e assim, possui-as como nossas. A musica é uma lingua universal, que não precisa de traducção. Todavia, é um producto nacional, e que se mantém em relações particularmente estreitas com a nação allemã.

Todos os povos avançados em civilisação, no mundo antigo como no mundo novo, participaram da arte poetica. A Inglaterra pôde lutar com a Grecia, e a Hespanha com a Allemanha. Como os Gregos fôram o povo da arte plastica, ouve-se ás vezes dizer que os italianos modernos são o povo da musica. O seu berço foi certamente a Italia, mas só na Allemanha recebeu o seu completo desenvolvimento. Pôde discutir-se e discute-se se Goethe egualou Homero, Sophocles, Shakspeare; mas todos os homens intelligentes concordarão que Mozart não teve, em parte alguma, quem o egualasse.

Os nossos visinhos de além dos Alpes são a nação da harmonia, e tudo quanto era possivel fazer neste sentido, elles o fizeram. Mas a harmonia e tudo o que ella contém



não é mais que a fôrma da musica. O que esta fôrma cobre é a alma, o sentimento do homem. D'entre os povos, pois, que possuem disposições naturaes para a harmonia e a quem não falta imaginação, tem mais poderosa vocação para a musica o que possuir mais riqueza de sentimento. Ora este não é o povo da Italia. Não devemos procural-o mais entre as nações romanas. Será o povo da Allemanha? Perguntemol-o á historia da musica.

Tanto Bach como Haendel se formaram na musica italiana, este na Italia mesmo, aquelle por constantes estudos; mas o que elles nos deram era bem differente do que receberam. Deve notar-se que esses dois patriarchas da musica allemã pertencem á Allemanha do Norte e ao protestantismo. Os seus continuadores fôram, no conjuncto, catholicos. Enquanto que a Allemanha é devotora exclusivamente á Refôrma da sua litteratura classica, a sua musica classica é um presente que lhe fizeram os seus paizes catholicos. Por causa do elemento musical que penetra o seu culto, a Egreja catholica foi, sempre, a patria d'esta arte. A este respeito, sempre os paizes protestantes se submeteram. E todavia, para medrar na Allemanha, a musica precisava do protestantismo. Por muito extranhos que possamos ser, nós outros vivos, á devoção que inspirava uma *Paixão* de Bach, concordemos em que elle exprime numa fôrma severa e quasi chocante não só o sentimento da Egreja, mas o de uma personalidade piedosa, que ainda hoje corresponde ao character proprio do temperamento allemão. Se podemos chamar a Bach o nosso Durer da musica, sob muitos aspectos Haendel lembra-nos d'Holbein. Elle fez entrar na nossa musica a abundancia da vida individual, além de um jogo forte e poderoso. Taes precursores deviam fornecer aos grandes artistas do futuro o meio de tornar a musica allemã independente da italiana.

De resto, nada mais quero dizer sobre estes velhos mestres, ainda que elles possuam, mesmo hoje, um grande logar no affecto popular, graças principalmente ás sociedades de amadores que os interpretam muitas vezes. Elles pertencem, pela sua maneira de conceber e de sentir, a um tempo que não é precisamente o nosso, embora nos



seja possível transportarmo-nos para elle ás vezes. Quero fallar sómente dos que, do mesmo modo que os nossos classicos desde Lessing, contribuíram para formar o espirito da nossa epocha.

103 — Gluck. — Sua reforma da opera

Visto que fallei em Lessing, direi que o nosso Lessing da musica é Gluck. A sua obra, que fez epocha, foi o resultado de meditações criticas. Como Lessing voltára a sua critica para o theatro francez, Gluck dirigiu á sua contra a opera italiana. Elle tinha já escripto uma serie de operas no estylo italiano em voga que satisfizera o publico, mas que não o satisfizera a elle. Elle sentia que faltava a verdade em toda esta affectação. A opera não devia só ser um concerto vestido, mas sim realmente um drama musical. A musica devia seguir a acção, exprimir os caracteres e as situações. Ainda que fóra da scena, Haendel tinha já, nos seus oratorios, feito grandes coisas neste sentido. Gluck tinha quarenta e oito annos quando fez em Vienna, com *Orpheo e Euridice*, a sua primeira tentativa de reforma, e cincoenta e cinco, a quando da segunda, egualmente em Vienna, com *Alceste*. O successo correspondeu tão pouco á sua expectativa que, durante um certo tempo, elle sentiu-se tentado a voltar á antiga maneira italiana.

E' então que se apresenta um momento que mostra bem que uma nação nunca deve suppôr que póde passar sem outra. Nós somos muito inclinados a lembrar-nos do que temos soffrido pelos nossos vizinhos, e a esquecermos o que d'elles temos recebido. Reconhecemos dever mais á Inglaterra que á França; mas, no caso presente, eis os factos: Se a Inglaterra offereceu toda a latitude ao nosso Haendel para os seus oratorios, Gluck viu-se na necessidade de ir a Paris para fazer a sua reforma da opera. Porisso mesmo que são um povo menos musical que os italianos, e que já possuíam mais gosto natural que os allemães, ainda dominados inteiramente pela mu-

sica italiana, os francezes mostraram-se favoraveis ás ideias de Gluck. Nas suas operas, a acção era a parte principal; a musica não vinha senão em segundo lugar, e o canto deixava muito a desejar. Gluck pôde reunir tudo, ficando severamente ligado á acção, e dando todo o seu desenvolvimento ao elemento musical. Em 1774 fez representar em Paris a sua *Iphigenia em Aulida*, e cinco annos mais tarde, tendo sessenta e cinco de idade, obtem na capital franceza o seu ultimo triumpho com a *Iphigenia em Taurida*.

Gluck lembra ainda Lessing porque, quanto á riqueza e abundancia do genio musical, está tão longe de Haydn, como aquelle estava longe de Goethe e Schiller. Mas elle compensa esta imperfeição com a grandeza do seu fim e a intensidade do seu esforço. A materia da mythologia e da tragedia gregas, já se usava na opera italiana; Gluck sentia-se ainda levado a empregal-as por um intimo parentesco de espirito. Elle queria no seu assumpto alguma coisa de nobre e ellas prestavam-se a uma grande profundez de sentimento. No meio d'ellas, o contemporaneo e admirador de Klopslock não se desmentia. Ao lado da elevação, as suas operas contém alguma coisa de elegiaco que vae, por vczes, até á sentimentalidade. Orphco com a sua lyra nos braços desce aos infernos para pedir a sua esposa ás sombras poderosas que lh'a tinham arrebatado; Alceste que, em vez do seu esposo, chama para si a morte que lhe era destinada; Iphigenia que obedecendo a uma ordem superior, renunciando a um nobre amor, se deixa conduzir á ara do sacrificio; esta mesma Iphigenia que mais tarde, isolada numa praia deshumana, salva como sacerdotiza a vida de seu irmão, e levanta a maldição que pesa sobre os Atridas; depois ainda Armida, que abandonada do seu Rinaldo, sustenta um doloroso combate entre a allivez que quer vingiar-se e o amor que não quer extinguir-se; taes são as lendas sobre que Gluck depóz toda a nobreza do seu espirito, toda a delicadeza dos seus sentimentos. Depois mostra na escolha dos seus meios uma simplicidade, um comedimento, que não só fazem sobressahir o effeito, mas estender sobre todas as suas produções uma especie de consagração. Schiller, depois de

ouvir no inverno de 1800-1801 representar *Iphigenia em Taurida*, escreveu a Koerner: «Nunca musica alguma mais puramente e mais verdadeiramente me commoveu que esta; é um mundo de harmonia que penetra até á alma e a mergulha numa doce e profunda melancholia». Titillam-se encontrado dois genios similliantes.

104 — Haydn. — Seus oratorios

Se não podemos conhecer Gluck sem o venerar, não podemos conhecer Haydn sem amal-o. Elle tem alguma coisa de Wieland; só é incomparavelmente mais poderoso na sua arte que este ultimo na sua. Não é só mais fecundo que Wieland, que tanto escreven: é principalmente muito mais original.

Se Gluck compôz quasi exclusivamente operas, o campo favorito de Haydn foi o da musica de orchestra e de piano, para que foi buscar a primeira impulsão e a direcção nas composições de Carlos Philippe Manoel Bach, filho do grande Sebastião. São 118 as symphonias, 84 os quartetos, que elle escreveu e dos quaes só um quarto nos é apresentado nos nossos concertos, e nas nossas *soirées* musicaes. Elles são, aliás, de valores muito diversos; porque Haydn tinha primeiro adoptado a fórma do quarteto e da symphonia, que aperfeiçou principalmente no tempo de todo o seu desenvolvimento artistico e que elle conservou sem cessar até á velhice; e, apesar d'isso, cada vez que se nos apresenta qualquer coisa d'elle, esquecida até ahí, temos occasião de a considerar como uma excellente acquisição. Cada um d'estes trechos diferentes é dotado de propriedades especiaes, e todavia todos tem de uma maneira evidente a marca do genio de Haydn. O caracter commum é, antes de mais nada, a sande, a frescura, a serenidade. Brota d'esta musica como uma agua calmante para os nervos sobrexcitados da nossa epocha, que ostenta as suas doencas mesmo nos seus gostos musicaes. E nem só os ouvintes devem ir a esta musica; tambem devem fazel-o todos os composi-

lores. Não devem ter attentos apenas os ouvidos; é preciso que o seu coração e os seus sentidos se purifiquem na escola d'este excellente mestre, que nada sabia dos vãos effeitos que visam o espirito. Isso na verdade não lhe era necessario, pois que os pensamentos lhe acudiam como em torrentes. Muitas vezes se abandona a uma ideia, mas sem nunca se afastar do caminho principal. Sob os jogos incessantes de uma superficie movediça, percebemos sempre uma direcção fundamental. As suas phantasias nunca vão até ao capricho; pôde surpreender-nos, mas não nos deseneaminha. Como brotam cheios de vida e de poder os seus allegros! Como são ternos, sem chegar á piegnice, os seus adagios e os seus andantes! e ninguém o attingiu ainda na viva graça, no alegre sentimento de bem estar que o minuete respira. Sempre que se vê um cartaz annunciando uma symphonia de Haydn, podemos entrar sem receio; não seremos illudidos, a não ser pela execução. E aconlecerá então que são as melhores orquestras quem peor o interpretam. Ellas empregam á vontade os seus meios de effeito, as suas bruscas mudanças de intensidade e de medida, que são todo o segredo de tantas composições modernas, numa musica que se distingue precisamente pela mais simples exposição.

Já o mestre passára os sessenta annos, quando, occupado até ahí principalmente da musica instrumental, se voltou para o oratorio, e publicou o que o tornou popular entre nós. Quem ouviu a sua *Creação*, as suas *Estações*, sem que se sentisse alegre e reanimado? O nosso Schiller, como parece pelo que escrevia a Koerner: «Na tarde do 1.º de Janeiro (de 1801) executou-se a *Creação* de Haydn; mas encontrei-lhe pouca alegria, porque é uma confusão sem caracter». Quando se é da grandeza de Schiller, tem-se o direito de se ser exclusivo; elle escrevera isto na mesma carta que continha a bella passagem sobre a *Iphigenia* de Gluck. Uma passagem explica assim a outra. Elle não podia apreciar mais que um dos dois mestres; nós queremos admirar os dois e com elles ainda o glorioso rigorista Schiller. O que elle tinha em vista na sua opinião desfavoravel, eram sem duvida os quadros da na-

tureza contidos no oratorio de Haydn. Devemos todavia acreditar que elle applaudiu os que possuem um tão alto grau de grandeza como o nascimento da luz, o caminhar orgulhoso do sol, a mareia tranquilla da lua, o rugido do mar, e os transbordamentos da torrente. Mas ao poderoso espirito de Schiller não podia agradar, depois d'isto, ora o arrulhar das pombas, ora o canto do rouxinol, ora o rugido do leão; nem a imitação do tigre que salta, do veado levantando as pontas, do verme rastejando o solo, esse resumo da arca de Noé com que nós outros, creanças, tanto nos divertimos. Sabe-se que Beethoven gostava de se divertir, tambem, com estes quadros, com effeito incompatíveis com o espirito d'estes dois grandes homens. E todavia Schiller teria hesitado em classificar a obra inteira de confusão, se a livesse ouvido mais de uma vez. A abundante diversidade dos detalhes mantem-se solidamente na unidade do assumpto. Este assumpto, que se prosegue sem cessar, que domina o caracter da musica, é a alegria piedosa em face da natureza e da vida que se volta, por um lado, para a variedade das creaturas, por outro, para o creador, e, além d'isso, estes quadros particulares que se desenvolvem no recilativo estão eontidos no quadro dos côros que exprimem este pensamento.

Se compararmos a *Creação* de Haydn com os oratorios de Haendel, a escolha da materia e o modo da factura não nos revelam sómente as differenças entre as faculdades proprias de cada um d'estes mestres, mas ainda a differença dos tempos em que viviam. Além, o Messias, isto é, a redempção; aqui a *Creação*; além, a pretendida segunda pessoa da divindade; aqui, a primeira. Graun escolhera ainda a morte de Jesus como motivo de um oratorio; o proprio Haydn compôz para a instituição de um eonego hespanhol *As sete palavras sobre a cruz*; mas foi o genio da epocha como o seu próprio que lhe inspiraram a *Creação*. A cruz e a morte expiatoria com todos os seus soffrimentos e todas as suas angustias são esquecidas; o homem dirige o seu olhar para o mundo e para a natureza, em que se vê nascido com o primeiro casal humano, bem vivo e não corrompido, para se elevar á humanidade e não para fazer peniteneia. E se, por causa

do seu talento e do seu proprio assumpto, Haydn não attingiu o seu grande precursor em profundeza e nobreza, encanta-nos tanto mais pela abundancia e pela graça, a que aliás não faltam nem o poder nem o esforço.

105 — Mozart

Quando Ulibischeff, esse entusiasta cheio de espirito, na sua obra bem conhecida, considera Mozart como um genio que a Providencia nos enviou para trazer para a terra a sublime revelação musical, para quem tinha tudo preparado em conformidade com este fim, escolhendo-lhe uns apoz outros, os librettos das suas obras, concebidos de modo a serem cada vez occasião de desenvolvimento do seu glorioso talento — era na verdade bem excessivo, mas está tambem muito longe de ser tão insensato como poderá parecer á primeira vista. Otto Jahn, que pôz em segundo plano o livro do amador inspirado, por meio de uma obra muito sabia, elle que não é certamente um entusiasta, mas que é do Schleswig-Holstein, diz-nos quasi o mesmo. Mozart e a musica tornam-se synonymos, de tal modo que não se vê similhante exemplo em nenhum outro dominio da arte.

Mozart não é, como os seus dois predecessores immediatos, como Bach ou Haendel, ou entre os poetas, como Sophocles e Goethe, um d'esses patriarchas da arte que entram no repouso, velhos, depois de uma longa vida de trabalho e de fecundidade.

E' antes, como Raphael, uma d'estas maravilhosas imagens de mancebo, que apparecem na historia de arte, e que, depois de terem durante poucos annos enchido a humanidade de uma abundancia de dons magnificos, lhe são arrebatados no começo da virilidade, como consumidos pela chamma do genio, ou como muito ternos para o nosso mundo tão rude. Pelo menos com Raphael, Mozart tem além d'isso de commum até a natureza das suas faculdades, e, em toda a riqueza e extensão dos seus talentos, ambos reconhecem como sua propria patria o dominio da belleza pura e harmoniosa.



Sabe-se que, sob o ponto de vista musical, Mozart foi, desde creança, um prodígio; havia motivo realmente para a concepção de Ulibisheff. O acaso tinha dado a esta creança um pae tão excellente que outro mais excellente seria impossível exigir, tanto para a formação do seu talento, como para o desenvolvimento do seu coração. Leopoldo Mozart era um musicó habil e instruído, um professor methodico e um homem tão honesto quão intelligente. Tinha o filho seis annos, fel-o ir, primeira viagem de *virtuose*, a Vienna; aos oito, levou-o a Paris e a Londres; aos quatorze á Italia onde, em Milão, se representou a sua primeira opera. Por toda a parte este joven genio, apanhando avidamente todos os elementos de estudo, emquanto manifestava o seu poder, desenvolvia-se com uma espantosa rapidez, por uma serie de composições de toda a natureza, destinadas á egreja, ao theatro, ao piano e á orchestra.

Com o anno de 1781, aos vinte e cinco de idade, começa a grande decada — morreu em 1791 — durante a qual creou muma successão rapida, as obras immortaes que o disputam a tudo quanto o espirito humano produziu de maior e de mais glorioso em qualquer ramo da arte. A serie d'essas produções abre com *Idomenea*, e fecha com a *Flauta encantada* e o *Requiem*. Mas entre ellas, encontram-se, como operas, o *Rapto no serralho*, as *Nupcias de Figaro*, *Don Juan*, *Così fan tutte* e *Tito*, depois sete symphonias, differentes quartetos e uma multidão de pequenas composições importantes e cheias de valor, cada uma no seu genero.

106 — O Figaro. — D. Juan. — A Flauta encantada

Vou dizer apenas algumas palavras sobre as suas trez maiores operas: *Figaro*, *Don Juan* e a *Flauta encantada*.

E' com razão que Ulibisheff considera a primeira, ainda que já *Idomenea* e muito mais o *Rapto* fôsem obras primas, como a opera que fez realmente de Mozart um mestre. Porque ali todas as difficuldades do assum-



plo fôram pleuamente vencidas. A intriga franceza de Beaumarchais, inteiramente calculada pela razão e para a razão, inteiramente impregnada de animosidade social e dominada por uma tendencia politica, essa intriga, apesar das coplas semeadas pelo meio, estava tão longe quanto possivel de ser musica. Os personagens não despertavam, propriamente fallando, nenhum interesse verdadeiro, e a virtude mesma do casal burguez destinado a elevar-se sobre as classes superiores, era bem desmaiada. Como Ponte era certamente um librettista habil, fez tudo o que pôde, para dar á peça situações musicaes. Todavia os personagens não sahiam muito do vulgar. Mas Mozart não podia mexer em texto alguma sem que o ennobrecesse, caracter algum sem lhe transmitir uma alma melhor. Os interpretes não se deviam limitar a cantar os seus papeis segundo a notação, deviam desempenhal-os; mas estes papeis são geralmente desempenhados segundo as indicações do texto e ficam então muito abaixo das intenções de Mozart. Se percorrermos o *Figaro* pagina a pagina, encontramos-as egualmente perfectas; e se experimentamos mais attracção por uma que por outra, a admiração em relação ao mestre não se desmente nunca. A abertura é egualmente perfeita. Não encontramos ali o echo de nenhuma medida de opera, e todavia ella annuncia-nos exactamente o que devemos esperar; a alegria do seu jogo, que se inclina e se levanta caprichosamente, annuncia-nos o comico da intriga.

O thema de *D. Juan* era incomparavelmente mais favoravel á musica; mas se offerece á arte menos difficuldades a vencer. submettia, ao contrario, o genio a uma prova decisiva. Não é sem razão que se tem apontado o *D. Juan* como o *Fausto* da musica. Aqui, o eu, que, movido por uma nobre aspiração, quer passar os limites do conhecimento humano e que passa os limites da moral causando terriveis desgraças; além, o individuo que, seguindo sem medida os instinctos melhores em si, zomba primeiro dos costumes humanos, depois da consciencia e da ordem moral do mundo; assumptos esses que atacam os limites da humanidade, do infinito, que não podiam, por consequencia, ser executados senão por um genio cujas facul-

dades tocassem esses limites. Foi o que se deu, por um lado, com Mozart, por outro com Goethe; e é um triumpho para a arte moderna e para a arte allemã terem esses dois themas sido ambos desenvolvidos numa epocha recente e ambos por dois allemães de grandeza igual. Mas tem-se escripto tantas coisas, e algumas excellentes, sobre o *D. Juan* de Mozart, que não quero prolongar-me mais.

Segundo a opinião corrente, do *D. Juan á Flauta encantada*, descem-se muitos graus; e que outra coisa se poderia fazer depois de uma tal obra, que não pôde ser ultrapassada? Segundo a minha convieção, desde *Figaro á Flauta encantada* (abstrahindo aqui a *Così fan tutte* e *Tito*), não ha que subir nem descer, mas ficar na mesma allura. Quanto á symetria do trabalho, á egual perfeição das partes, á graça espalhada por toda a obra, nada está acima do *Figaro*. Quanto á abundancia de vida, á variedade das sensações, ao poder da paixão, ás nobrezas da ideia, *D. Juan* não pôde ser vencido. Ai! que fica pois para a desgraçada *Flauta encantada*? Ignora-se acaso que Mozart a compôz para agradar ao seu gracioso irmão Schikaneder, o auctor do libretto de que tantos se têm rido? e não divide o proprio Ulibischeffe a sua admiração de tal modo, que distingue as scenas em que se eneontra inteiramente Mozart e as que escreveu segundo a orientação de seu irmão? Mas o seu fio providencial não se rompeu com isso; e Ulibischeff vê na maneira de sêr deste libretto uma acção especial da Providencia. Esta apresentou d'esta vez ao seu eleito um texto tão miseravel, uma intriga tão falha de sentido, de que não é mesmo possivel extrahir uma symphonia, para obrigar-o á produção de uma que, unica no seu genero, repousa sobre si mesma por meio de um thema de fugas. Mas, coisa espantosa, onde foi busear esta symphonia os seus tres toques de trombeta, senão aos tres padres da opera? E o que é este jogo saltitante de notas crystallinas nessas fugas, senão a dança dos genios que se nos apresentam a seguir na opera com cantos celestes? Tudo quanto se diz dos defeitos do libretto da *Flauta encantada* é uma patacoada repetida, que todos seguem uns atraz dos outros. E foi Hegel, nem mais nem menos, que mostrou, ha muito

tempo já, que ella era um bellissimo libretto de opera. O duro vienez da linguagem não perturbou Mozart e a introdução do elemento mourisco commoveu-lhe as fibras mais profundas. De resto, o texto colloca-nos no terreno do conto; não, é verdade, fornecido pela tradição, mas composto de todas as peças e lembrando sempre o dito do poeta, que sob jogos infantis se esconde um sentido elevado. O imperio da rainha da noite faz claramente pensar no da superstição, contra o qual Sarastro com os seus padres representa o imperio da razão. Entre os dois move-se a humanidade vulgar, calma, mas simples, illudida por um lado, mas destinada, pelo outro, a encontrar a verdade e a felicidade. Cada um d'estes tres imperios tem a sua expressão musical correspondente, expressões que se realçam uma pela outra. O jogo infantil e ligeiro do mundo de Pan contrasta com a sombria paixão do imperio da noite, tão poderosamente como com a nobre sabedoria dos iniciados, ao lado da qual fórma a indispensavel loucura. Mas d'este imperio de luz radia nos côros dos seus padres, nos cantos dos seus genios, nas narrações de Sarastro, nos seus duetos e tercetos, uma dôce claridade tranquillã que nos abre, effectivamente, o céu. Não ha nenhuma outra obra de Mozart de que se possa tirar uma felicidade igual á que provoca uma boa representação da *Flauta encantada*; e, a meu vêr, está ahí a superioridade que a distingue das suas concorrentes.

107 — A symphonia de Mozart

Se Mozart recebeu de Gluck a opera, recebeu de Haydn a musica de orchestra e de sala, elevando esta, como o fizera para aquella, á altura do seu genio. Naquelle, acrescentára á precisão um pouco magra do seu predecessor, a abundancia musical; nesta, vemos sahir da alegria de jogo, da verve e da sentimentalidade de Haydn, um sentimento mais profundo, uma mais viva emoção.

Elle liga-se immediatamente a este predecessor, com os seus quartetos de que lhe dedicou a primeira colleção,



collecção de que voltaremos a falar ainda. Mas difficilmente veremos mais claramente que extraordinario homem era Mozart, de que poder de producção era dotado, em qualquer parte que não seja a das suas tres ultimas symphonias. Compôl-as em seis semanas do estio de 1788; a em mi bemol maior, a em sol menor e a em dó maior. Sabemos que estas symphonias são, no genero, a personificação da perfeição; que se tem querido, depois, ultrapassal-as, mas que se não tem feito. Mais ainda, sabemos que cada uma differe totalmente das outras, quer como assumpto, quer como execução, que são mesmo oppostas umas ás outras. Na em mi bemol maior, a fortuna, o brilho, a mais luxuriante harmonia como expressão da saude e da força; na em sol menor, a paixão dolorosa que se precipita, durante todo o curso do trecho, em tentativas de pacificação sempre novas e sempre vãs; na em dó maior, finalmente, desde os primeiros compassos, o esforço para as puras regiões ethereas, em que a dôr se resolve no seu ultimo elemento, e já sustenta apenas a violencia do combate numa calma harmonica. E ainda mais uma vez se reproduzem as condições das tres operas: nenhuma é a mais bella e cada uma o é, porque o é noutro sentido.

108 — Beethoven e Mozart

Nada é mais proprio para activar o desenvolvimento de uma arte ou de uma sciencia, que o apparecimento, no mesmo dominio, ao mesmo tempo ou em tempos pouco distantes, de dois genios, ambos altamente dotados, mas com faculdades differentes. Era o que acontecia para a philosophia, quando um Aristoteles se educava na escola de um Platão; para a pintura, quando um Miguel-Angelo juntava a sua acção á acção de Raphael; para a poesia allemã, quando um Schiller apparecia dez annos depois de Goethe; assim, para a musica, Beethoven nasceu quatorze annos depois de Mozart.

Raras vezes a natureza e o acaso formaram dois ho-

mens dotados de aptidões semelhantes e ao mesmo tempo apresentando tal contraste. Já, pelo que respeita á sua ascendencia e á sua familia, do lado de Mozart, condições limitadas, mas, todavia, coordenadas: um pae modelo, uma mãe graciosa e boa, uma irmã com faculdades musicas: em Beethoven, um pae ebrio, uma mãe opprimida e soffredora, irmãos sem cultura, na desordem domestica. Depois os proprios temperamentos: Mozart terno, inconstante, sangue ligeiro e vida facil; Beethoven, duro, melancolico, pesado e intratavel, bem cedo tornado ainda mais sombrio por causa da terrivel surdez que o separava cada vez mais dos homens, e, no fim, lhe prohibia a percepção pelos sentidos, das suas proprias obras. Podia pois prevêr-se logo, supposta a egualdade de talento, que o segundo tomaria um caminho completamente differente do primeiro.

Mas a isso juntava-se ainda uma profunda differença nas aptidões artisticas. Enquanto que Mozart applicava as suas faculdades musicas quer á musica vocal quer á musica instrumental, Beethoven pendia mais para esta ultima. Ao lado de um numero immenso de composições para o piano e orchestra, só tem uma opera, algumas canções e outros trechos compostos para canto. As fórmias plasticas dos caracteres, a marcha medida de uma acção dramatica, a limitação de uma canção a um só órgão, eram menos para Beethoven que as ondas deseneadeadas e a confusão das sensações e dos pensamentos. E com laes disposições, o seu órgão favorito, em vez da voz humana, simples e limitada, devia ser a orchestra ou o piano, graças á sua extensão e á sua variedade nos sons. Com Beethoven conhecemos os limites da musica instrumental, vimos tudo quanto ella podia e tudo o que não podia.

Porque nem só ideias musicas queria Beethoven exprimir pelos seus meios musicas. De Mozart póde dizer-se que todas as suas ideias eram musicas; pensava musicalmente, como diz o poeta. Beethoven tinha tambem pensamentos, mas que queriam ser traduzidos em musica. Eis a razão porque Mozart nunca deveria pedir á musica mais do que ella poderia dar, o que sempre se dá com Beethoven e cada vez mais, segundo os annos passam.



Accrescentemos ainda que se houve algum genio artistico favorito das graças, esse foi Mozart. Nunca o deixaram. Mova-se elle no socego da zombaria ligeira, ou eleve-se até ás alturas eheias de abysmos d'um terrível vigor, que ellas sempre fleam fleis ao seu lado. Acompanham tambem Beethoven alguns momentos, mas bem cedo elle as perde de vista; ellas não querem ter nada de commum com elle, principalmente quando faz as suas violentas tentativas para obrigar a musiea a dizer o que ella não pôde, pelo menos como pura musica. Isto é um defeito; mas poderíamos crêr que appareesse tambem como vantagem? Quando sei que o mesmo fardo é levantado por um faeilmente e como brincando, e pelo outro, ao contrario, com difficuldades e com custo, julgo então que a força do primeiro é a maior. Se, pelo contrario, ignoro a relação dos pesos que ambos manejam, posso então imaginar que aquelle a quem vejo fazer grandes esforços, tem um fardo mais pesado, e possui por conseguinte mais força que aquelle que parece brincar com o seu trabalho. Quem determinará agora o peso de' uma ideia musical? O que parece manejar-a quebrado de fadiga, e sem folego, é julgado tambem o mais poderoso.

E' uma desgraça devermos, em Beethoven, estragar com taes restricções o prazer que experimentamos admirando-o; mas a culpa pertence aos seus falsos admiradores, que tem, principalmente, elogiado e proposto como modelo, precisamente o que era menos digno d'isso. Ouviremos muito mais ainda.

109 — As symphonias de Beethoven

Sabe-se que o numero das symphonias de Beethoven é egual ao das musas. Classificando-as segundo a sua ordem de apparecimento, é curioso que deseubramos uma lei de progresso. E mesmo para duas symphonias a seguir, se se eneontra na segunda um aperfeçoamento sobre a primeira, o caracter geral fica, todavia, identico, e assim



sempre de duas em duas. Mas á terceira, Beethoven sente-se levado a romper o circulo e a tentar uma aventura. As duas primeiras, em dó maior e em ré maior, unem, nas propriedades do joven mestre que se desenvolve, a medida e a graça do seu predecessor; mas a terceira é a *Heroica*. Com a quarta, em si bemol maior, volta aos corregos batidos; e continua na quinta essa magnifica symphonia em dó menor. Mas, vem em seguida, como sexta, a *Pastoral*. E da mesma maneira ainda depois da setima, esta poderosa symphonia em lá maior, depois da oitava em fá maior, vem a nona, a formosa symphonia com córos.

A *Heroica* e mais ainda a *Pastoral*, são conhecidas pelo nome de symphonias-programmas, e, se quizermos dar credito aos novos theóricos, entre outros o biographo de Beethoven, Marx, o progresso que elle trouxe para o desenvolvimento da musica consistiria antes de mais nada em que é o creador da symphonia programma. Na verdade, se Beethoven não tivesse prestado outros serviços á musica, teria bem pouco merecido d'ella; porque elle deu com isso um mau exemplo. Um compositor que para uma symphonia; principalmente para um trecho de musica instrumental que não se apoia immediatamente sobre um texto, como a abertura de uma opera ou de um drama, um compositor que tomar por base um objecto determinado, priva-se da vantagem d'este genero de musica, sem poder encontrar-lhe compensação. A musica vocal conta com numeros concretos, a musica instrumental com numeros abstractos, sem objecto preciso, mas que podem applicar-se a todos os objectos. O facto de ella se não apoiar sobre palavras, esta indeterminação é a causa do seu infinito. Ella abre-nos uma perspectiva immensa, e quem lhe impuzer um programma cobre esta grande vista com um panno grosseiramente pintado.

Na *Heroica*, Beethoven quer pintar a vida de um heroe, e na *Pastoral*, um passeio ao campo. Mas para fazer nascer a ideia precisa de uma vida heroica, são precisas palavras, uma acção, por conseguinte a opera, ou, pelo menos, o oratorio; e o mesmo acontece com a vida rustica. Indubilavelmente, uma symphonia póde, sem palavras,

representar sensações ou disposições heroicas; mas ha sempre a indeterminação, e ignora-se se se trata de heroismo exterior ou interior, de combates na liça ou nas profundidades do coração humano. O proprio Beethoven collocou no final da sua symphonia em dó menor um grilo de victoria como o seu *Heroica* não contém nenhum, e que produz tanto mais effeito quanto mais livremente o podermos interpretar. Os pastores wurtemberguezes tinham, no meu tempo, para passarem do sermão ao *Pater noster*, esta formula: «Que cada um junte o que tem no coração e na consciencia, e reze em nome de Jesus». Vem-me esta formula á idcia, sempre que se trata da musica instrumental, e, particularmente, da symphonia.

Beethoven divertia-se com as pinturas da *Creação* de Haydn, e, na sua *Pastoral*, tentou fazel-as tambem. Na verdade, elle chamou-lhes no programma, para tranquillidade da sua consciencia, «mais expressão do sentimento que pintura»; todavia, ouvimos as imitações do ronzinol, da codorniz e do enco; e quanto estão longe das do papá Haydn! Quando este ultimo se permite passar uma boa tarde com o seu joven povo, não é attingida a sua dignidade se um peliz folgazão o agarrar pelo topete; mas como fica mal, tal brincadeira de creança, ao sério e triste Beethoven! E a tempestade!—Quem desencadeia a tempestade como uma paixão? pergunta o poeta.—Seria preciso dizer da symphonia em particular que nella a tempestade deve desencadear-se como uma paixão, isto é que deve deixar-nos indecisos sobre se estamos deante de uma tempestade exterior ou interior. Na *Pastoral*, pelo contrario, a tempestade nada tem com a paixão; sómente interrompe... uma dansa de aldeãos, o que é muito mesquinho para uma tempestade tão excellentemente sollada; e por este veio lançado sobre a perspectiva, por esta subordinação a um assumpto voluntariamente trivial, esta *Pastoral*, apesar de toda a abundancia de harmonia, de todas as bellezas particulares, é (para me exprimir com a reserva que convém) entre as symphonias de Beethoven a menos espiritual.

A nona symphonia é, justamente, a favorita do gosto de uma epocha que na arte, principalmente na musica,

julga o que é bizarro como um traço de genio, e o que não tem fôrma como uma prova de grandeza. Mas um severo critico, Gervinus (no seu trabalho sobre Haendel e Shakspeare) tambem lhe chama a bemvinda; não, certamente, como sendo uma bôa obra de arte, mas como sendo a propria confissão da musica instrumental que não é nada por si mesma e que tem necessidade da palavra e da voz humana; o que, para Gervinus, confirma a sua doutrina de que pô-la á parte como um ramo de arte independente, foi um erro. Expuz, noutro logar, que a musica instrumental pôde muito bem desempenhar só a função que lhe incumbe, e que se achamos preciso auxiliar-a, na symphonia, com a voz humana, é porque se quer exigir muito d'ella.

Longe por consequencia de procurar o merito de Beethoven, para a symphonia, nessas produções enigmaticas, encontral-o-hemos mais depressa nas symphonias em que (fortificandô a orchestra, tornando independentes os grupos de instrumentos, prolongando ós membros de phrases, desenvolvendo a dialectica dos pensamentos e vivificando as sensações) elle, é certo, augmentou a fôrma e o modo de composição até ahí empregados, mas sem os quebrar e destruir. E' principalmente na em dó menor e na em lá maior que reconhecemos todo o poder titanico de Beethoven. E como entre as tres symphonias de Mozart, entre estas ultimas, ao lado das quaes devemos ainda collocar a musica de *Egmont* de Goethe, não sabemos decidir a qual daremos a nossa preferencia. Se na symphonia em dó menor, o final triumphante é unico no seu genero, na em lá maior o mysterioso allegreto, o segundo mótivo não o sahê menor; enquanto que na musica de *Egmont* o amor de Beethoven á liberdade politica encontra uma irresistivel expressão.

110 -- A nona symphonia

Beethoven declarou que nunca comporia nada que se parecesse com o *Fíguro* ou com o *D. Juan*. A vida não



lhe sorrira o bastante para que lhe permittisse que elle a olhasse tão alegremente, e tão facilmente se servisse das fraquezas do homem. O seu dominio era o lado sombrio, não tanto da natureza humana, como da sorte e dos destinos do homem. «Toda a miseria da humanidade me empolga», diz-se, quando se ouve o côro dos cantores do seu *Fidelio*. E' um effeito de noite como nem Mozart nem Gluck nos teriam podido representar, e em que temos uma das joias da nossa musica de opera. Passaram-se nove annos antes de esta opera ser transportada da primeira fôrma para a fôrma actual, e não fôram compostas para ella menos de quatro aberturas. E como elle ficou só nesta unica opera, reconheeemos suffeientemente, por estas circumstancias, que Beethoven não trabalhou aqui no campo proprio do seu talento. Mas que obra esplendida nos deixou! Em que oceano de harmonias se nada, como numa opera de Mozart! mas como sentimos em volta de nós reboar o tumulto das correntes! E abandonamos o edificio agitado até aos seus fundamentos; em opera alguma o effeito ethico se liga tão intimamente ao effeito musical.

Em nenhuma parte além dos seus quartetos se aproxima mais a comparação entre os tres compositores de que vimos tratando, Haydn, Mozart e Beethoven. Não se pôde, sem inconveniente, executar num concerto mais de uma symphonia; os trechos de piano vêm isolados no meio de outras coisas; pelo contrario, tres quartetos são a verdadeira medida para a composição de uma *soirée*, e se nos apresentarem, então, esses tres mestres, um apoz o outro, experimentamos então um dos mais delicados gozos possiveis no dominio da arte. Porque temos na nossa frente tres graus de uma evolução normal, tres mestres que se apoiam sobre os hombros, eada um dos do seu predecessor; vemos ao mesmo tempo desenvolver-se o botão, a flôr e o fructo. O que não quer dizer que em eada particuliar o successor tenha ido além do predecessor; mas se o ultimo a chegar progride, se elle augmenta o que já se tinha adquirido, o primeiro conserva sempre uma parte que não pôde ser comprehendida melhor, porque ella é e ficará sendo a melhor. Assim a sua

clareza, a sua graciosa sentimentalidade, o seu humor pertencem ao nosso antigo mas eternamente novo Haydn; sob esse aspecto, Mozart, que trazia uma inspiração mais viva, mais fineza e abundancia musicas, não o excedeu, assim como Beethoven, com a violencia da sua paixão, os seus requintes, os seus effeitos espantosos, não fez esquecer a graça suave de Mozart. E' lamentavel que nas nossas *soirées* de quartetos, este programma seja tão raramente adoptado e que, particularmente, seja logo Haydn a base, a pedra angular do quarteto, tão á vontade desamparado. Depois começa-se com Mozart ou mesmo com Beethoven, como se se começasse um jantar pelo champagne e a sobremeza, em vez da respeitavel sopa. Deve dar-se logar aos novos, e seria um grande mal querer excluir d'essas *soirées* um Schubert, um Mendelsshon, etc. Mas o programma normal deve ser sempre aquelle, e se um dos tres deve dar o logar a um novo, que seja algumas vezes Beethoven, quasi nunca Mozart, e nunca Haydn.

111 — Conclusão

Detive-me com os nossos poetas e com os nossos musicos, mais tempo do que o que agradaria ao meu benevolo leitor, e talvez que não fique mais satisfeito se eu lhe prometter ser tão breve no que me falta a dizer. Porque mesmo sentindo-se em geral estimulado a collocar-se no nosso ponto de vista, muitas coisas pódem ainda ficar-lhe no coração; póde ainda alimentar alguns escrúpulos com os quaes continua a ler relações e que não lhe desagradaria encontrar occasião de se vêr livre d'elles.

Sim, nas altas regiões para onde os nossos grandes poetas nos levam, nas ondas de harmonia que os nossos grandes musicos espalham á nossa volta, toda a dôr terrestre foge e desaparece, e nós vemos, como por encanto, destruirem-se todas as manchas que, apesar dos nossos esforços, não linhamos conseguido apagar. Mas isto dura pouco, e esta acção não sahe do imperio da imaginação; logo que voltamos á amarga realidade e á vida restricta,



voltam também as antigas necessidades. Contra as tristezas que o conhecimento d'estas maculas e as acúsações da nossa consciencia nos causam, offerece o christianismo uma morte harmonisadora; ao sentimento doloroso de ser entregue no mundo a todas as durezas do acaso, elle abre os braços protectores d'uma fé na Providencia, enquanto illumina esta sombria noite terrestre com a perspectiva de uma vida ceeste immortal. Todas essas consolações cahem sem remedio deante da nossa maneira de vêr, sabemol-o, e tel-o-ha comprehendido quem mesmo nos tiver seguido de longe; mas perguntará o que, pela nossa parte, nós podemos offerecer.

Mas que? Então depois de tudo quanto se disse, não deveria elle saber já responder por si mesmo a essa pergunta?

O thaumaturgo e o chartatão-tiram todos os males do corpo de repente e sem dôr, e é uma desgraça que fiquem depois o que eram antes; o medico busca afastal-os com curas longas, ora incommodas, ora dolorosas, e na maior parte dos casos, tira incompletos resultados; todavia houve uma acção real. Quem sonber, de uma vez para sempre, que na verdade não ha formula magica no dominio moral, esse, nas penas moraes, contentar-se-ha com a consolação que resulta da consciencia de esforços sérios e incessantes, e, pelo que houver de incompleto nesta consolação, sentir-se-ha estimulado a um redobramento de esforços.

O abandono da fé na Providencia é com effeito um dos mais penosos sacrificios que se ligam á renuncia da doutrina da Igreja christã. Nesta monstruosa machina do mundo, com as suas rodas de dentes de aço que giram rugindo, com os seus martellos e os seus pilões que cahem ruidosamente, nestas roldagens atemorizadoras, o homem vê-se sem defeza e sem soccorro; não está livre um momento de ser apanhado e triturado por uma d'essas rodas num movimento imprevisito, de não ser esmagado por um d'esses pesados martellos. O sentimento d'este abandono é na verdade, primeiramente, horroroso. Mas para que illudirmo-nos? O nosso desejo não transformará o mundo, e a nossa razão mostra-nos que este mundo é bem essa machina. Todavia ella não é totalmente como aca-

hamos de vê-la; não ha só rodas movendo-se impiedosamente, tambem n'ellas se lança um oleo dôce. O nosso Deus não nos toma do exterior nos seus braços, mas abre dentro de nós fontes de consolação. Mostra-nos que na verdade o acaso seria um soberano inintelligente; mas que a necessidade, isto é o encadeamento das causas no mundo é a propria intelligencia. Ensina-nos que pedir uma só revogação de uma unica lei da natureza, seria pedir a destruição do todo. Leva-nos pelo dôce poder do habito, a contentar-mo-nos com uma situação menos perfeita, se tal nos cabe em partilha, e a convencer-mo-nos emfim de que o nosso estado real recebe do exterior apenas a fórmula, enquanto que pelo que toca á felicidade ou desgraça, isso resulta inteiramente das nossas proprias disposições internas.

Esperar-se-ha talvez de mim longos desenvolvimentos sobre a compensação que a nossa concepção do mundo offerece em troca da fé na immortalidade; mas será preciso contentarem-se com uma grande brevidade. Quem aqui não é capaz de auxiliar, não tem necessidade de ser soccorrido; não está ainda preparado para a nossa maneira de vêr. Quem não está ainda satisfeito por personificar em si mesmo as eternas ideias do Universo, da marcha evolucionaria, e do destino da humanidade; quem não sabe dar aos mortos queridos e venerados, no seu proprio intimo, a mais bella das eternidades; quem não adquire a convicção de que só momentaneamente pôde ser chamado á actividade para os seus, ao trabalho na sua vocação, á cooperação na prosperidade do seu povo, como nos bens dos seus semelhantes, e finalmente, aos gozos do bello na natureza e na arte; quem não pôde aceitar, e mesmo com agradecimento, o ter temporariamente a sua parte de acção, a sua parte de prazeres, e a sua parte de soffrimentos; e tambem o ter de se separar com serenidade d'esle papel fatigante com o tempo, de se separar da vida; ah! esse devemos reenvial-o para Moysés e os prophetas, que, de resto, nunca souberam nada de immortalidade, sendo todavia Moysés e os prophetas.



Vou despedir-me dos meus leitores, mas não sem ter affirmado a minha gratidão aos que até aqui me acompanharam. Porque, para isto, era preciso perseverança; fizeram comigo — não fallando das ultimas estações no gracioso dominio da nossa arte poetica e musical — uma longa e penosa viagem. Não é agradável marchar nem sobre uma estrada já construida ha muito, a que podemos comparar a fé da Igreja, nem sobre uma outra recentemente aberta, como a da moderna concepção scientifica do mundo. Naquelle, a cada passo cahimos nos profundos buracos, sentimo-nos embaraçados pelas aberturas escancaradas, cavadas pelas chuvas e pelas rapidas torrentes; muitas vezes acontece encontrarmos logares ouli'ora perigosos, agora restaurados; mas tudo isso não é senão arremendado e é impossivel remediar a pouca solidez do solo e a viciosa direcção da estrada. No estabelecimento da nova, tentou-se evitar estes defeitos; mas ha ainda muito espaço hoje não esboçado ou mal construido: tal silio exige ainda terra, tal outro uma valla, e em todo o seu percurso sentimo-nos opprimidos pelas pedras espalhadas ainda de fresco, e a que um alizamento geral não arredondou os angulos. Não pretendo de modo algum que o carro a que os meus dignos leitores quizeram enlregar-se na minha companhia, satisfaça todas as exigencias. Todavia, se a nossa descripção, fiel á verdade, attrahe sempre mais viandantes para a nossa estrada, se augmenta a convieção de que só ella é a estrada do futuro, estrada completamente prompla só em estes logares, e que precisa principalmente de uma frequencia geral para se tornar commoda e agradável. — enquanto que todos os trabalhos e todas as despezas para restaurar a antiga, pôdem dizer-se desperdiçados e inuteis —, se são essas as consequencias da nossa empreza, então, parece-me, não deveremos lamentar a extensão e os incommodos do caminho que juntos percorremos.

FIM

INDICE

	Pag.
Esclarecendo	v
Prefacio de Littré	vii
Prefacio do Auctor	xxi
1, 2, 3, Introduçao	1

I. SOMOS AINDA CHRISTÃOS?

4. A Trindade	8
5. A creação	9
6. A quoda	11
7. O diabo	12
8. O peccado original	14
9. O Christo	15
10. A redempção	16
11. O resgate pela morto	17
12. A Igreja e a palavra do Deus.— Fé e satisfação	19
13. A vida e a condemnação eternas	21
14. Confissões — Deistas e livre-pensadores	22
15. O racionalismo	24
16. A critica biblica	25
17. Schloiermacher. A sua Christologia	27
18. Schleiermacher e os evangelhos	29
19. A vida de Jesus	30
20. O Jesus do quarto e dos tros primeiros evangelhos	32
21. O judaismo christão o o paulinismo	34
22. Tendencias dos evangelhos.	36
23. O budhismo e o christianismo	37
24. O dualismo no christianisme	39
25. O christianismo e a civilisação	41
26. O imperio do Messias	43
27. Origem da creença na resurreição de Jesus	44
28. A esperança na volta de Jesus	47



	Pag.
29. Insufficiencia de documentos sobre Jesus	48
30. Jesus visionario.—A Edade Média e a Reforma	51
31. O christianismo e a humanidade	53
32. O culto christão e a concepção actual do mundo.—A cruz	55

II. TEREMOS AINDA UMA RELIGIÃO ?

33. O homem e a natureza	61
34. Primeiro desenvolvimento da religião	63
35. O polytheismo e o menotheismo	65
36. A ideia religiosa e a ideia philosophica de Deus	69
37. A oração. — Kant e a oração	71
38. Provas da existencia de Deus	74
39. A ideia de Deus na philosophia moderna	77
40. A crença na immortalidade.—Provas da immortalidade	80
41. Goethe e a crença na immortalidade	83
42. A essencia da religião segundo Schleiermacher	87
43. Verdade e não-verdade da religião.— A religião e a ovi- lisação	89
44. O homem e o universo.—Resposta á questão	92

III. COMO CONCEBER O MUNDO ?

45. O Todo	97
46. A cosmogonia de Kant	100
47. Kant e Laplace	102
48. Origem dos planetas.—Formação do systema planetario	104
49. A via lactea.—As nebulosas.—As estrellas duplas	107
50. Os presumidos habitantes dos planetas	108
51. Os periodos da formação terrestre	111
52. O nascimento da vida sobre a terra.—O organico e o in- organico	112
53. Perpetuidade e transformação.	115
54. A theoria de Darwin.	117
55. Goethe precursor de Darwin	119
56. Kant predecessor de Darwin	121
57. Formação da theoria darwiniana	123
58, 59. A selecção natural e a concorrência vital	124
60. A lei das migrações	127
61. Os periodos terrestres	129
62. Origem simiana do homem.	131
63. Passos pequenos e grandes periodos	133

	Pag.
64. A humanisação.—Diferenças entre o animal e o homem	135
65. A alma	138
66. O materialismo e o idealismo.—A historia natural e a philosophia	140
67. Reimarus e a "Philosophia do inconsciente,"	143
68. Darwin e a finalidade	145
69, 70. O fim da natureza e do mundo	147

IV. COMO DIRIGIR A NOSSA VIDA?

71. Desenvolvimento das faculdades moraes	152
72. A regra moral superior de Jesus	155
73. O principio moral dos stoicos e de Kant.—Deveres para consigo mesmo e para com os outros	157
74. Fundamento da moral.—A moral e a religião	159
75. O homem e a natureza.—Estudo e dominação da natureza	162
76. O homem e a sensualidade	165
77. A sensualidade sob o ponto de vista dos sexes.—O casamento e o divorcio	167
78. Raças e povos.—A guerra e a liga da paz	171
79. O principio das nacionalidades	175
80. Os Internacionalistas e os Ultramontanos	178
81. Monarchia e Republica	181
82. A nebreza e a burguezia	184
83. O quarto estado	187
84. A demecracia social e a desigualdade	190
85. O suffragio universal	193
86. A pena de morte	196
87. O Estado e a Igreja	199
88. A nossa attitudo a respeito da Igreja.—Compensações.	201

Primeiro appendice : OS NOSSOS GRANDES POETAS

89. A poesia estrangeira e a poesia nacional	204
90. Lessing	206
91. Goethe	208
92. Goethe lyrico	210
93. As obras dramaticas de Goethe	211
94. Os romances de Goethe.—Werther.—Wilhelm Meister	212
95. Os Parantoscos olectivos.—Hermann e Dorothea.	215
96. Poesia e Verdade.—A Viagem á Italia	218

	Pag.
97. A correspondencia de Goethe.	220
98. Schillor e Gœtho.—Schiller lyrico	223
99. O Sino.—As balladas	227
100. Os dramas de Schillor	229
101. Trabalhos historicos e philosophicos de Schiller	232

Segundo appendice: OS NOSSOS GRANDES MUSICOS

102. A Allemanha e a musica.—Bach e Haendel	234
103. Gluck.—Sua reforma da opera	236
104. Haydn.—Sous oratorios	238
105. Mozart	241
106. O Figaro.—D. Juan.—A Flauta encantada	242
107. As symphonias de Mozart	245
108. Beethoven e Mozart	246
109. As symphonias do Beethoven	248
110. A nona symphonia	251
111. Conclusão.	253



ERRATA

A pag. 174, nota 2.^a, onde se lê, *in fine*, "hegemonia da Rússia,,
deve lêr-se "hegemonia da Prússia,,.



